SERMÕES

DE

JOSEPH GREGORIO LOPES DA CAMARA SINVAL

COM

UMA INTRODUCÇÃO

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

PORTO
EM CASA DA VIUVA MORÉ—EDITORA
PRAÇA DE D. PEDRO
A mesma casa em Coimbra, rua da Calçada. | Casa de Commissões em Paris, 2bis, rua d'Arcole.

1864

SERMÕES

DE

JOSEPH GREGORIO LOPES DA CAMARA SINVAL

SERMÕES

DE

JOSEPH GREGORIO LOPES DA CAMARA SINVAL

COM

UMA INTRODUCÇÃO

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

PORTO
EM CASA DA VIUVA MORÉ — EDITORA
PRAÇA DE D. PEDRO
A mesma casa em Coimbra, rua da Calçada. | Casa de Commissões em Paris, 2bis, rua d'Arcole.

1864

INTRODUCÇÃO

Camara Sinval teria cêrca de cincoenta annos, quan-
subiu ao pulpito.

O templo estava cheio de mocidade, attrahida pe-
nomeada do eloquente professor. A curiosidade esti-
ulára a gente de annos avançados, farta e descrida
engenho do clero novo. As damas, em grande nu-
ero, sobredouravam e lustravam o auditorio.

Appareceu o minorista Sinval á anciedade de to-
s na tribuna religiosa.

Magnifico momento aquelle! Silencioso, era-lhe já
plauso a nobreza, a solemnidade da figura. Brilhavam-
e ainda os olhos, de cuja luz se lhe esclarecia a es-
mpada fronte. Pela postura, altiva sem immodestia,
nunciava-se para logo um discipulo da oratoria monas-

tica aos que ainda alcançaram os raros, que dignamente a exercitaram. Antevia-se qual devia ser a locução de Sinval em conformidade com o porte magestoso: estylo de imagens epicas, phrases cadenciosas e rythmadas, vehemencia e transportes.

Eis a primeira impressão:

Sinval declamava sonoramente: feria cada syllaba da palavra com musical accentuação; correcto, sem demasiar-se no toque das desinencias — excesso que orça pelo defeito — exprimia a palavra com graciosa e portugueza limpidez. Era já prazer ouvil-o, ainda antes de lhe entender bem no amago a profundeza, por vezes ennublada, do pensamento.

Por que vem este homem encanecido ao pulpito? — perguntaria algum ouvinte mais desprendido do panegyrico de S. Philippe Neri, que o professor da escóla medico-cirurgica prégava.

Desejo de gloria, conquistada no mais ingreme da montanha, onde a vaidade a persegue? Vaidade de alliar á nomeada obtida no magisterio das sciencias positivas o renome de abalizado theologo?

Conversão no declinar da vida para os declives escuros que levam aos penetraes da eternidade?

Ascetismo? exaltação religiosa? ardor de missionario? intento de ganhar almas com o extraordinario arro-

jo de entrar na ganancia d'ellas, pela mais angustiada sahida dos gozos mundanos?

A estas perguntas, envenenadas talvez com o sorriso da incredulidade, respondeu Sinval assim do pulpito:

« Aos quatorze annos de minha idade, e no dia em que a santa igreja celebra a Conceição da Virgem Mãe; acabando de me ser lançadas as vestes do sagrado instituto neriense; ao vêr-me proclamado e reconhecido filho vosso [1] (ambição de todos os meus dias desde o uso da razão), senti-me tão feliz (e o era!), cheio de tantos e tão grandes beneficios n'este só beneficio, que, para desafogo dos sentimentos de gratidão, que me não cabiam no peito, e occorrendo-me aquillo do Exodo: « consagra-me o teu primogenito » prometti ser o vosso panegyrico o primeiro sermão que prégasse. Imperiosas razões de familia, segundo as leis do sangue, me violentaram a deixar a vossa casa.

« Vós bem sabeis que eu não falto á verdade quando affirmo que de bom grado preferiria que me arrancassem as entranhas, a ser arrancado dos braços de meus superiores, de meus mestres, que tão dignamente

1 O orador apostrophava o patriarcha S. Philippe Neri.

vos representavam! Outra carreira, outro destino mui diverso me aguardava [1]....»

O orador, interrogado pelo silencio dos almotacés do fôro intimo, respondêra com aquella simplicidade affectuosa e compungida. Era a verdade, a verdade estreme, que eu lhe tinha ouvido em conversações intimas, em communicativas expansões de duas almas, que haviam provado o travor de muitas das maiores angustias d'este desterro.

Sinval fallava-me com saudade do seu convento, dos seus padres, dos seus mestres, da sua infancia, dourada de piedade e esperanças. Como a saudade era pura e digna de consolação, o céo dava-lhe lagrimas para allivio; e, chorando, aquelle gentil e gracioso velho espelhava nos olhos um coração novo, que ainda, cheio de vida, e resgatado das prisões em que desfallecêra, se offerecia a Deus.

Matriculou-se, um dia, Camara Sinval nas aulas theologicas de moral e dogma. Isto foi materia de riso para um publico especialmente... risonho. Os professores d'aquellas cadeiras temeram-se de algum disfarçado philosopho, que ia acintemente desauthorar os compendios e os mestres. Em honra do proposito do alumno,

1 Sermão de *S. Philippe Neri*: o primeiro d'esta collecção.

sahiu a desfazer as suspeitas o bispo D. Jeronymo Rebello, particular amigo de Sinval [1]. Passados mezes, o lente da escóla medico-cirurgica do Porto obteve licença de prégar, e do pulpito explicou, assim como eu a trasladei do seu sermão, a causa piedosa da sua investidura.

Eu abstenho-me, por duas graves razões, de firmar a minha opinião sobre o merecimento das orações posthumas — exceptuada uma — que se deram á estampa, com o beneplacito dos leaes amigos de Sinval, e mórmente do snr. doutor Velloso da Cruz, depositario dos manuscriptos do seu collega, e amigo muito do coração. Uma das graves razões é a incompetencia; porque requer muito saber o direitamente aquilatar obra, que não se pauta pelo molde d'uns escriptos, nos quaes a fórma é o essencial, e a idéa um accidente desnecessario ás decisões da critica. A outra razão é que estas orações, se fossem estampadas em vida do seu author, necessariamente haviam de ser com muito esmero ajoeiradas de superfluidades, imperceptiveis na declamação, e sensiveis na leitura. O snr. Camara Sinval nunca me manifestou o minimo desejo de imprimir os seus sermões; e,

1 Era intento do illustre professor dedicar as suas orações, quando ellas fossem estampadas, ao prelado portuense. A estreita amizade, que os ligou, foi honra para ambos.

se eu, por vezes o incitava a publical-os, recusava-se dizendo que lhe seria menos custoso fazel-os que refazel-os. Era modestia a razão da recusa; mas isto importa para bem avaliarmos a muita lima, que elle daria aos seus escriptos, antes de imprimil-os.

No entanto, a opinião corrente dos entendidos em materia de eloquencia sagrada foi sempre favoravel ao snr. Sinval, se bem que os theologos o tivessem em conta de menos abastado que o desejavel em citações dos santos padres. Estes theologos, sedentos de latim, ignoravam que o snr. Sinval sabia mais latim, e mais trechos dos santos padres que uma Sorbonna. Em controversias religiosas, era um manancial de textos, com que a minha pobre philosophia se ia vencida de evasiva em evasiva pelas veredas da razão, em quanto elle, furtando-me as voltas, me sahia com os santos padres, e com o latim de todos elles.

Em oratoria sacra, o meu amigo sacrificára ao tempo alguns preceitos e exemplos de seus mestres, e dos famigerados oradores da sua mocidade. Não sacrificára os atavios excessivos da linguagem, porque não podia: nenhum homem do maior e mais flexivel engenho póde roubar-se de todo em todo ás formulas em que lhe vasaram o espirito nos annos da educação litteraria. Sinval compunha lentamente, declamava cada periodo, repetia

e corrigia a phrase destoante, gostava da oração larga e sonora, sahia-se mal e acanhado na dicção concisa, derramava-se em lyrismos como a pesada lyra dos árcades os exprimia: era em fim o que ha cincoenta annos foram os talentos de primeira plana.

Se, todavia, isto era um *se-não*, que ardentes transportes, que enthusiasmos a sua, um tanto diffusa linguagem, lhe enfeitava!

A onomatopeia, na palavra e no simile, era a sua rhetorica predilecta. Póde ser que a sobejidão dos termos comparativos destoasse na audição d'um publico estranho ás fórmas esplendidas; porém, quantas translações lhe ouvi eu com dissabor, que me parecem agora formosissimas na estampa! O poeta revê n'estas prosas, não sempre o poeta biblico; mas, assim mesmo, não ha ahi termo, que deva acoimar-se de profanidade intrusa e desajustado ao quadro religioso.

Alguma vez me pareceram nublosas e abstractas por de mais as orações do meu amigo. Uma ahi está, proferida no templo de S. Francisco, do Porto, em 15 de Dezembro de 1851. O assumpto era a immaculada Conceição. N'um periodico religioso d'aquelle tempo, escrevi uma breve analyse ao magnifico sermão, e lembrei ao orador, assim erudito que despresumpçoso, a obrigação que lhe corria de se descer até ao povo inculto, atten-

dendo menos á minoria das intelligencias. Lembrei-lh'o com as palavras de Luiz Muratori, o author do precioso livrinho, intitulado *Eloquencia popular* [1].

Para ajuizar-se de uma das excellencias de Camara Sinval — a modestia, não enroupada nas transparentes humildades do orgulho — vem a ponto aqui trasladar um periodo da carta que, alludindo á minha analyse, o eminente orador me escreveu:

« . . . .

« Tem V. muita e muita razão. Clareza é a primeira virtude de todo o discurso oratorio. Mas que quer o meu amigo? Ser claro, para todas as intelligencias, em um sermão de Mysterio, de proposição, senão nova entre os theologos, de certo menos commum nos auditorios, e isto no improrogavel praso (como insinua-

1 Cito as palavras do singelo e profundo escriptor: são conselhos que vão sempre bem deparados: « Dous generos ha de eloquencia: um, a sublime; outro, a popular. Com a *sublime*, formam-se discursos ricos de idéas grandiosos, engenhosos argumentos, brilhantes expressões, e arredondados periodos. Com a *popular*, expõe-se chãmente as verdades eternas, e ensinam-se ao povo cousas do alcance d'elle, em estylo simples e familiar, de modo que o ouvinte possa comprehender o que lhe foi enunciado. Não é sómente a sabios que fallaes da cadeira da verdade: fallaes tambem a ignorantes, os quaes, pelo ordinario, são a maior parte do vosso auditorio. Assim é que muito importa fallar sempre de modo chão e popular... Tão caras são a Deus as almas dos doutos como as dos indoutos, e o orador tem de obrigação ser prestativo a todos, sem estremal-os, conforme o dizer do apostolo: *Sapientibus et insapientibus debitor sum.*

ções de toda a parte me recommendavam) de meia hora... oh! difficuldade é esta inteiramente superior ás minhas fracas forças. Tal a reputei desde o esboço do papel a que me refiro, e por isso nem sequer me propuz luctar por vencel-a... » [1].

D'este incidente, que mais nos aproximou, colhi eu a satisfação de ser honrado com a leitura dos sermões do meu amigo, consoante elle os ia compondo. Á leitura seguiam-se muitas, mas fugitivas horas de seductora palestra litteraria. Não eram já assumptos religiosos: eram bellos relanços da idade de ouro latina: Horacio e Virgilio que elle recitava como o abecedario; Seneca e Terencio; Tacito e Cicero; os poetas portuguezes de D. João 3.°; os proloquios rythmados de Sá de Miranda; os chistes peregrinos de Gil Vicente; o Camões, nos mil casos em que vem a talho as maximas que lhe douram o bronze da sua perpetuidade, *a honra incorruptivel de Portugal*, como Sinval denominava os Lusiadas.

E de permeio, n'estas incansaveis tiradas de variadissima erudição, com que engenho e opportunidade o dizerto professor matizava os discursos de facecias delicadas, nobres, sem laivos de plebeismo, nem intenção amphibologica de má toada em ouvidos discretos! A proposito de qualquer magua que vos annuviava o sem-

1 *O Christianismo*, n.° 2, de 10 de Janeiro de 1852.

blante de tristeza, referia-vos elle anecdotas analogas á vossa situação, umas para vos dar alma com exemplos de infortunios maiores; outras para vos obrigar a rir dos proprios infortunios, com tanto que tivesseis a felicidade de saber a latinidade dos chronistas da vida anecdotica de Roma ou Grecia — que Sinval estudava os homens e as paixões nas sociedades antigas. Os homens d'este seculo dizia elle que eram formigas para se estudarem com o microscopio; ao passo que o vasto coração da humanidade velha pulsava em peitos de elephantes, e os estos d'aquelles enormes vultos abalavam o mundo, quando o peito lhes arquejava.

Um homem assim, como predestinado a fallar permanentemente em congregação de sabios, devia de parecer semsabor e inutil em um salão, onde a bagatella, e a futilidade reinam e conquistam ouvidos e olhos quando o coração não vai tambem desnorteado por esse magnetismo fatalmente absurdo.

Pois não vi ainda homem que prendesse com tão fidalgas maneiras, e narrativas graciosas, as pessoas que se temem dos sabios, como de importunos, que entram nos salões com sombria catadura, e o mau ar de quem vai chamar a juizo a ignorancia publica! Se Camara Sinval encontrava, ao par de uma senhora de meão entendimento, um caturra, explicando a Ursa menor, salvava a

dama da fereza d'aquelle urso maior, contando uma historieta ridentissima a proposito da astronomia. Se uma creancinha se achegava d'elle, tomava-a nos joelhos, e fallava á creancinha a sua linguagem.

Era o homem querido de toda a gente, menos d'alguns discipulos com quem o severo lente andou sempre mal avindo.

Camara Sinval não podia conformar-se com a insciencia litteraria dos seus alumnos. Não os punia por ignorarem a materia da aula; reprovava-os por terem chegado ao fim da carreira medico-cirurgica sem saberem traduzir correntemente um aphorismo de Hippocrates, vertido em latim de missal.

A imprensa, uma ou outra vez, foi o respiradouro do estudante ferido nos seus creditos litterarios. Sinval não respondia, nem se acautelava dos avisos e ameaças. Ás minhas reflexões, que elle indulgentemente escutava, respondia : « Era obrigação minha reprovar um ignorante. Se este me matar, não hei de ser eu a unica victima, assim que lhe derem cartas de medico. »

Sinval tinha horas de cerrada tristeza. Empallidecia como se a aza da morte lhe congelasse o sangue d'aquelle rosto ainda ha pouco aberto e alegre. Então era o dorido recordar-se dos seus amigos extinctos, dos seus mestres queridos, das alegrias da sua mocidade mortas

com elles. Nunca lhe esqueceu, n'essas horas, Lima Leitão, o traductor de Virgilio, e Milton, e Lucrecio, o lente da escóla medica de Lisboa, que morrêra desamparado após mui longos paroxismos de fome. Chorava, e vociferava contra a ingratidão da patria, que deixava perecer entre mãos de ignobeis inimigos o mais culto, e laborioso, e desajudado escriptor. Póde ser que a muita amizade de Sinval ao seu mestre lhe falseasse as côres do prisma por onde Lima Leitão devia ser examinado. Como quer que fosse, Camara Sinval desvariava imprecando, e fazia-se respeitar, chorando sobre o infausto fim do sabio, que o leitor, a esta hora, esqueceu já.

« . . . . *Meus tristes olhos*
« *Por invencivel suffusão tapados!*

Exclamava, uma vez, o meu amigo, com doloroso enlevo, após o recolhimento d'alguns minutos.

— Que é? — perguntei.

— É um verso de Milton, no cantico *Ao sol*, traduzido pelo meu chorado mestre Lima Leitão. Ouça!

E repetiu tres vezes o hemistichio, e o verso, com a face lavada em lagrimas. Que bello coração! que seio tão de ouro para guardar a memoria santa dos amigos infelizes!

Os mais occupados e jubilosos dias dos seus ultimos seis annos foram certamente os que empregou na composição dos seus sermões. Trabalhava com amor, compulsava os livros das suas incessantes saudades, imaginava-se entre os seus congregados de S. Philippe Neri, remoçava, repovoava o seu mundo dos dezoito annos, sentia-se reviver no ambiente puro dos parcimoniosos gozos de quem suspirava pelo cubiculo conventual, com uma estante fradesca, e a paz, e o desprendimento do mundo, e o silencio dos dormitorios, e a fonte da claustra, e a pratica illustradora dos anciãos, que o haviam bem-fadado para as glorias da cadeira evangelica. No ultimo andar do hotel-inglez da rua do Calvario, residencia de Camara Sinval, presenciei eu muitas d'essas horas jubilosas, e muitas tambem das tristes. Alli foi que elle compoz os seus sermões, e na sonora sala, que lhe servia de ante-camara, os declamava, intermeando a recitação de memorias jocosas ou instructivas que lhe confluiam a proposito da palavra impropria, da figura desconveniente, da obscuridade metaphysica. Era prazer e lição, de fóra parte a honra que o versado orador me dava, admittindo-me ao concurso das raras pessoas a quem elle, com infantil docilidade, submettia os seus discursos.

Observei que Sinval, proferido o sermão, e reco-

lhido do pulpito á sachristia, sentia uma especie de sobreexcitação de jubilo. Apertava estremecidamente ao peito os seus amigos, ria-se-lhe o semblante, a dicacidade em torrentes de magnificas imagens não o extenuava por largo espaço. Via-se luz n'aquella brunida fronte, e á roda d'elle uma atmosphera iriada como a sentem e respiram as pessoas felizes da felicidade da intelligencia, sem mistura dos sobresaltos que seguem a felicidade transitoria. Fazia-me então mais pena; por que para homens assim os áditos dos conventos nunca deveram fechar-se; que a boa fortuna de espiritos d'aquella tempera ficou esmagada no limiar do frontal do templo. A vocação d'alma, o pendor, a inclinação de Camara Sinval era o pulpito. O magisterio das sciencias medicas fôra a necessidade, a violencia. Se nem ahi os creditos e a gloria lhe foram esquivos é por que o seu talento era para tudo; em todas as emprezas havia de sahir-se com honra; porém, de coração e vontade ía tão sómente para os estudos saudosos de sua mocidade: nutrira então esperanças que já não podia consummir com a realidade de outras.

Aqui vinha de molde a biographia de Joseph Gregorio Lopes da Camara Sinval. Não sei senão os relêvos principaes de sua vida. Ouvi dizer que da casa de S. Philippe Neri passára para bordo de uma nau, onde encetára a carreira da Marinha como aspirante, e d'aqui, rea-

gindo á violencia que lhe faziam, optára pela carreira de cirurgia na escóla antiga de Lisboa. Com a reforma das escólas, foi despachado Sinval para a do Porto, e desde logo se equiparou, como lente, aos mais distinctos, e, como lettrado, avantajou-se aos principaes. Adquiriu certa importancia politica nas agitações eleitoraes da primeira década da restauração da liberdade. Foi coronel do batalhão academico. Os irmãos Passos respeitavam-no, e ponderavam os seus conselhos, tanto mais de receber quanto o desinteresse e desapêgo de vantagens em melhorias de vida lhe authorisavam a rectidão do juizo.

Desde 1846, Camara Sinval alheou-se inteiramente da politica, e reconcentrou-se n'aquella triste introversão de homem enganado e desenganado pelos homens. Foi então, por ventura, que renasceram já tardiamente as aspirações oratorias dos seus annos verdes.

No penultimo anno de sua vida, Camara Sinval disse-me que ia a Lisboa a despedir-se das suas antigas amizades, se alguma existisse ainda com vida ou com memoria. Não sei que toque de morte lhe amarellecia o aspeito n'aquelle dia! Como que haviam rodado quinze annos pesados de dôres sobre o pescoço alquebrado do homem, que se inclinava á sepultura! Perguntei-lhe de que soffria: disse-me que era o coração o receptaculo do veneno que o havia de matar.

*

Voltou de Lisboa, após breve ausencia. Perguntei-lhe se encontrára os amigos da mocidade.

— Uns mortos, outros velhos de inspirarem maior compaixão que os mortos, outros desgraçados para fazerem maior dôr que os mortos e que os velhos. Não me pude vêr em Lisboa. Aquellas ruinas é que me abriram os olhos. Eu nunca devia ter lá ido!... Morreria cedo se não fugisse.

E, com os olhos marejados de lagrimas, fallou-me de homens, de mulheres, de gente que elle deixára vinte annos antes, nos jardins olorosos da vida, e encontrára, vinte annos depois, sentada no portico glacial da eternidade, a tiritar de frio e medo com os olhos cravados na escuridade d'além-tumulo.

Quando o animo se entra de semelhantes melancolias, a ave negra dos agouros da morte avoejou por sobre os tectos do homem que soffre. A vida está no fim. Os amigos, que n'ol-a douraram, já tem passado. As imagens memorativas da nossa infancia são corpos acurvados, olhos sem luz, labios sem risos, linguas sem calor do coração, cabeças desmemoriadas, velhos que balanceam á espera da ultima nortada que os tombe. Em redor d'estes simulacros, que nos apontam muda e acerbamente o passado, ondêa um ar acre e nauseativo de cadaveres. Ai d'aquelles que a essa hora, ainda tem co-

ração para se lembrarem do moço jovial que viveu n'aquelle velho que está chorando! Ai d'aquelles que não se esqueceram, por que os supremos desgraçados são esses!

E Camara Sinval, desde a sua volta de Lisboa, transfigurou-se. As intercadencias de contentamento nunca mais volveram. O amor ás glorias do pulpito já lhe não achou coração para o alvoroço. As musicas sagradas, e convidativas das almas enthusiastas, compungiam-no. Revelou o perigo de sua doença, e o presagio do breve termo com o mutismo extraordinario. Apertava a mão do amigo, e dizia: « Isto vai acabar ». A mim me disse poucos dias antes de sua morte: « Já mal sinto o bater do coração. »

Camara Sinval viu amigos fieis em volta do seu leito de agonia. Morreu pobre: se morresse rico, seria ociosidade dizer eu que os amigos lhe receberam o ultimo alento. Todas as demonstrações de sincero christão solemnisaram as suas derradeiras horas. Fez disposições de quem póde apenas dispor do que é immortal, e fica sempre memorando aos legatarios o coração do amigo. Deixou alguns manuscriptos, e muitos rasgaria ao avisinhar-se a morte. Esses seriam a meu vêr, os mais preciosos para a sua historia, que a tivera complicada de dissabores, os quaes não podem ser relem-

brados n'esta pagina, nem já agora o serão jámais. Fechou-se com a memoria d'elles no seu vallo de terra sem nome, sem data, sem cobertura que lhe tolha coar-se á mortalha humida um raio do calor d'este mundo.

Dorme o teu somno infinito, urna quebráda, d'onde se vaporou o aroma, que querias, toda a vida, consagrar ao Senhor. Debaixo dos olhos do Summo Bem, deves ter encontrado as almas queridas que te bafejaram o coração na infancia, os mestres que amavas tanto, e que para as alegrias santas do serviço de Deus te ganharam o grande alento! Passaste, homem de bem, alma esclarecida, coração ardente do divino amor. Nem todos os teus vestigios se apagaram. Aqui deixaste um livro, que te será testemunho da benção com que a liberalidade do Omnipotente multiplicou os teus talentos.

Porto, Outubro de 1864.

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

SERMÕES

I

SERMÃO

DE

S. PHILIPPE NERI

Que observo!... Já o levita sagrado annunciou findos
s divinos mysterios, e a congregação dos fieis, que assistia
elles, permanece ainda no templo em religioso silencio,
fim de escutar a palavra do Senhor; não obstante vêr subi-
lo á cadeira evangelica — no ministerio ecclesiastico a um
imples minorista — na sciencia theologica, a despeito dos
diantados annos, a um novel escholar!... Esta lição, sim
ue instrue — este exemplo, sim que persuade; prégando
nuda, mas eloquentemente, quanto a Deus, piedade, ou
ffecto ás praticas do culto que lhe é devido; quanto ao pro-
imo, caridade ou fraterna benevolencia ainda para com o
ninimo, qual eu o sou, dos homens!

Prevenidas, antecipadas assim por vós (e tão vantajosa-
nente) as funcções do orador, que me resta já agora?...
)escer, e ir, inclinando-me a vossas plantas, felicitar-vos...
Mas ser-me-ha por ventura licito estorvar se realisem as san-

tas intenções que manifestaes?... Deverei como arrebatar da mão a cada um de vós esta preciosa occasião de edificar seus irmãos, e dar gloria a Deus? Não por certo. Orarei pois... não disse bem, recitarei, pronunciarei: serão minhas as vozes, e vosso o espirito que as vivifique, como primeiro fructo da lição e exemplo que me estaes dando.

Perguntar se ao homem, individualmente considerado, incumbe ter uma religião, seria o mesmo que perguntar se elle é ente racional; porque, a sel-o, forçosamente a razão lhe dictará que ame Aquelle que é infinitamente amavel —que reverenceie Aquelle cujo poder não tem limites— que adore Aquelle cuja magestade é suprema—que obedeça Áquelle cujo é o dominio absoluto sobre todas as cousas— que seja grato Áquelle de cuja munificencia recebeu quanto possue.

Perguntar se o homem collectivamente considerado, ou se as sociedades humanas hão mister de religião, seria o mesmo que perguntar se para a manutenção da ordem publica importa que as paixões tenham na consciencia um freio —as obrigações moraes sancção—virtude e vicio distincção real!

Quem sustentará firme o nosso coração, nos duros combates entre desejo e dever, para que se não avilte ao crime, quando certos da impunidade da parte dos homens? A religião; dizendo-nos: —Tu não praticarias tal na presença do rei da terra de quem és subdito: pois vê-te o celeste Rei dos reis de quem és filho.

Quem suspenderá o braço dos poderosos do mundo para que não opprimam os mesmos que devem proteger? A religião; dizendo-lhes: Darás conta ao juiz do seculo futuro, á

quem se não illude nem compra, de cada gotta de sangue, de cada lagrima que não poupares.

Quem illustrará a razão, para que comparando a prosperidade dos maus com a adversidade dos bons; a perseguição da virtude com a impunidade do crime, não tresvarie no corollario do impio — não ha Deus? A religião; provando-lhe com infallivel certeza que não é aqui que se ha-de equilibrar a balança, e dar completamente a cada um segundo as suas obras.

Quem alentará o infeliz a braços com as ondas da tribulação, para que não naufrague no desespero? A religião; mostrando-lhe o seguro porto de salvamento onde o espera uma felicidade interminavel em premio de sua resignação de momentos.

Quem poderá manter com efficacia governantes e governados, nos limites, aquelles de justa authoridade, estes de devida obediencia? A religião; recordando a uns e outros seus mutuos juramentos, feitos no santo nome de Deus.

Quem dará a mão ao espirito humano para progredir sempre, mais e mais na ascendente escala do aperfeiçoamento? A religião; mostrando-lhe que é elle uma emanação da mesma perfeição por essencia, a cujo seio é destinado a voltar.

Quem reunirá os homens em perfeita communhão de interesses e sentimentos como membros de uma só familia? A religião; chamando a todos, soberanos e subditos, ricos e pobres, sabios e ignorantes, perante os mesmos altares e intimando-lhes ahi em nome do Eterno — que todos são iguaes por natureza — filhos do mesmo pae — sujeitos ás mesmas miserias e destinados ao mesmo fim.

Quem finalmente poderá proporcionar ao homem a ma-

*

xima felicidade presente, e assegurar-lhe o penhor da futura? A religião e só a religião, porque por ella e só por ella póde o homem tornar-se participante de Deus e só Deus é o summo bem.

Mas, senhores, a razão reduzida ás suas proprias luzes é insufficiente para nos ensinar, como cumpre sejam tecidos os anneis d'essa mysteriosa cadêa (*religio*) que deve prender o homem a Deus. Consultando-a desapaixonadamente a semelhante respeito, responderá — que é indispensavel recorrer a intelligencia mais alta.

E se para provar esta insufficiencia não basta o testemunho do senso intimo, invoque-se o testemunho dos factos. Façamos retrogradar os seculos, e com o facho da historia em punho visitemos essa metropole do universo, a antiga Roma, nos dias da sua mais illustrada civilisação. Entremos o Pantheon, e ahi contaremos acima de trinta mil deuses. O sol, a lua e as estrellas; o mar e os rios; os homens e as diversas necessidades da vida; as paixões e os vicios; os animaes e as plantas; tudo deificado. Serão por ventura aquelles idolos ou imagens de personagens historicas ou symbolos d'attributos do grande numen, a quem o proprio senhor do raio, Jupiter, Optimo, Maximo, é sujeito? Talvez. Mas esse grande numen, que por maior respeito ahi não tem estatua, é um numen cego que rege as cousas por inevitavel necessidade; é o Fado, é o Destino. Que delirio! Que absurdo! Objectar-se-ha que os sabios da antiguidade consideravam todas essas divindades como chimeras e seu culto como superstições. Assim é; e a liberdade com que as proclamou por taes bem cara custou a esse virtuosissimo homem, que se um simples mortal podesse merecer adorações, muito mais as merecia que todas as divindades do paganismo — Socrates.

Todavia, além de que o sentir dos philosophos, superior ás preoccupações da educação, não era o sentir da massa geral do povo d'esses mesmos, ainda os mais illustrados, nenhum acertava com propor melhor systema de crença. Ouçamol-os nos pontos mais cardeaes. Platão põe na bocca de Socrates estas palavras: — É preciso esperar que alguem venha instruir-nos ácerca do modo porque devemos comportar-nos para com os deuses. Até então vale mais differir o offerecimento dos sacrificios do que não saber, offerecendo-os, se lhes serão ou não agradaveis.

Cicero — nas Tusculanas — depois de ter referido tudo o que os antigos disseram pró e contra a immortalidade da alma, acrescenta: Só um Deus poderá decidir qual d'estas opiniões é verdadeira. Quanto a mim não me sinto nem ainda em estado de determinar qual seja a mais provavel. E assim Pluthárco, Aristoteles e outros.

Era pois absolutamente impossivel que tão vital necessidade do homem, e a que elle não podia por suas proprias forças prover, qual a de uma religião verdadeira, deixasse de ser providenciada por quem o tinha criado para o fazer feliz.

Effectivamente, senhores, em consequencia da prevista queda de Adão, Deus tinha concebido desde toda a eternidade o plano de uma religião digna de sua sabedoria infinita. A primeira revelação d'este plano, tão antigo como o mundo, sobe á época da promessa feita a nosso primeiro pae logo após a sua desobediencia. Tradito por elle, como em esboço, aos patriarchas; escripto mais desenvolvidamente por Moysés aos Israelitas, aquelle plano não devia ser revelado em toda a sua plenitude e a todo o mundo senão passados 4,000 annos d'existencia do mesmo mundo; por motivos, os ver-

dadeiros sabe-os Deus; plausiveis, depara-os a razão, alumiada pela fé.

Os tempos preparados pelos grandes acontecimentos politicos, annunciados pelos prophetas, figurados pelos symbolos do povo escolhido chegaram finalmente. A terra germinou o Justo, as nuvens choveram o Salvador; o Verbo se fez carne e habitou entre nós; Jesus Christo estabeleceu a lei nova, fundou a nova Igreja. Ora como Jesus Christo não fundou a sua igreja para um limitado tempo, mas para sempre, cumpria que a missão que este summo sacerdote, segundo a ordem de Melchisedech, recebera de seu Eterno Pae e transmittiu aos apostolos, passasse de successores em successores até á consummação dos seculos: cumpria que até á consummação dos seculos houvessem anjos visiveis e com quem os homens podessem tratar, que revestidos por caracter dos mesmos titulos e direitos de Jesus Christo, continuamente subissem e descessem a mystica escada de Jacob; descessem, para tomar sobre seus hombros os votos e necessidades dos povos; subissem, para apresental-os aos pés do throno de Deus e abrir o seio das divinas misericordias sobre as miserias de seus irmãos: cumpria que até á consummação dos seculos houvessem sacrificadores da nova alliança que renovassem todos os dias sobre o altar a oblação unica, o grande sacrificio: cumpria que até á consummação dos seculos houvessem cooperadores de Deus na administração dos sacramentos, prédica da palavra; em todas as funcções, emfim, tendentes á salvação do proximo.

É de um d'estes operarios na cultura da grande messe, é de um d'estes sacrificadores da victima divina, é de um d'estes anjos humanos, que foi lampada da casa do Senhor que se não deixou extinguir; que foi columna do santuario

que se não deixou derribar; que foi sal da terra, que se não deixou corromper; que finalmente foi um perfeito sacerdote — segundo Jesus Christo... é, bem o sabeis já, do grande Patriarcha S. Philippe Neri, que eu, collocado pela primeira vez n'este lugar tremendo, vos venho hoje fallar.

Sim, meu dileċtissimo Pae, eis vinda a hora de solver a antiga divida.

Aos quatorze annos de minha idade, e no dia em que a Santa Igreja celebra a Conceição da Virgem Mãe; acabando de me ser lançadas as vestes do sagrado Instituto Neriense; ao vêr-me proclamado e reconhecido filho vosso (ambição de todos os meus dias desde o uso da razão) senti-me tão feliz (e o era) cheio de tantos e tão grandes beneficios n'este só beneficio, que para desafogo dos sentimentos de gratidão que me não cabiam no peito e occorrendo-me aquillo do Exodo — Consagra-me o teu primogenito — prometti ser o vosso panegyrico o primeiro sermão que prégasse. Imperiosas razões de familia, segundo as leis do sangue, me violentaram a deixar a vossa casa.

Vós bem sabeis que eu não falto á verdade quando affirmo que de bom grado preferiria que me arrancassem as entranhas, a ser arrancado dos braços de meus superiores, de meus mestres, que tão dignamente vos representavam. Outra carreira, outro destino mui diverso me aguardava. Mas eu nunca perdi a esperança de que não morreria sem desempenhar-me. Graças á Providencia — graças ao vosso patrocinio — e graças tambem á paternal cooperação do supremo pastor d'esta Diocese, a quem posso, sem nota de adulador, applicar a sentença de S. Paulo escrevendo a Timotheo: Os que na Igreja governam sabiamente são merecedores de

honra duplicada. Aqui estou finalmente prompto a cumprir a palavra. Prompto—disse eu. Do espirito a vontade está prompta; é energica: as outras faculdades não recusam, mas são fracas. Eu não temo que da piedosa assembléa que me escuta alguem me pergunte:—Onde está o teu heroe, o teu santo, que te não inspira?—mas temo e temo muito que as minhas culpas ponham impedimento ao vosso patrocinio e me queiraes castigar, negando-m'o... Oh meu amorissimo Pae, castigai-me como e quando muito vos aprouver; mas agora não. E não seja por mim; que eu bem sei que nada mereço; mas por Vós, pela vossa gloria. Havendo na casa do Pae Celeste diversas mansões, não aconteça que a inferioridade do meu discurso dê lugar a presumir que occupaes alguma das inferiores; sendo Vós, aliás, entre os grandes santos um dos maiores. Intercedei pois por mim.

Principio sem principio, fim sem fim dos seres todos a quem os cherubins formam com seus corpos um throno a que servem de docel as azas dos seraphins; Senhor, que sois quem sois, permitti vos falle o vil barro damasceno. *Infans sum:* clamo a Vós com Moyses. Para annunciar a vossa divina palavra sou como aquelles que não tem ainda falla. Mas Vós dissestes que da bocca d'estes mesmos tirastes o perfeito louvor: mas Vós mandastes que vos louvassem não só os anjos e as Virtudes; mas ainda os montes e os outeiros, os dragões e os abysmos—que vos bemdissessem não só os céos e os astros que adornam o firmamento e illuminam a terra, mas ainda as trevas da noite. Eu desejo louvar-vos e bemdizer-vos na pessoa do vosso servo—bom e fiel—do vosso predilecto amigo, Philippe Neri; porque Vós coroando os seus merecimentos coroastes os vossos proprios dons. Re-

peti, Senhor, vôl-o rogo, hoje commigo um dos primeiros milagres da vossa omnipotencia. Dizei ás trevas da ignorancia, que pesam sobre a face do abysmo do meu nada: Faça-se luz.

Senhores, ninguem pede aquillo mesmo que está recebendo e se lhe afiança continuará a receber. Eu não tenho pois a pedir a vossa christã piedade attenção benevola; tenho sim a agradecer a com que até aqui vos tendes dignado ouvir-me e a que essa mesma piedade garante me continuareis a prestar.

Longe de mim a orgulhosa temeridade de pretender levantar com mão atrevida nem sequer uma ponta do véo que encobre os mysterios da essencia de um Deus — dissipar nem levemente as luminosas trevas que cercam sua habitação inaccessivel. Mas guiado pela fé, cujo obsequio, aliás, é racionavel, chegarei, senão ao santuario, aos muros da Jerusalem triumphante.

Deus conhece-se necessariamente, e não cessa jámais de contemplar-se. Este conhecimento de si proprio é o seu pensamento, sem o qual Elle não póde existir, inherente á sua natureza e inseparavel da divindade. Ora este pensamento que Deus não cessa jámais de produzir no seio de si mesmo, é o verbo — é seu filho — filho unico — gerado, não feito, antes de todos os seculos; consubstancial ao pae; caracter da sua substancia — immenso, eterno, omnipotente como Elle; emfim, no rigor dos termos, um outro Elle, mas sem se confundir com o seu modêlo, nem formarem dous deuses distinctos — Não esperemos remontar o vôo mais alto, nem fitar o sol de mais perto do que o fez a Aguia dos Evangelistas — No principio existia o Verbo, o Verbo existia no seio de Deus e o Verbo era Deus. É este divino Ver-

bo que nascido no seio do Pae desde toda a Eternidade, encarnando nasce em tempo das entranhas de uma Virgem: e a hypostatica união das duas naturezas divina e humana fórma o ineffavel composto da Pessoa de Jesus Christo — verdadeiro Deus e verdadeiro Homem.

A distincção ou analyse das perfeições divinas — justiça, bondade, sabedoria, poder, é uma pura abstracção filha da fraqueza do espirito humano, que, não podendo abraçar muitos objectos ao mesmo tempo, é obrigado a percorrel-os por uma longa serie de pensamentos, e vêl-os por partes. Não assim Deus. Simples e unico em natureza e attributos, é este unico attributo que n'elle pensa, quer, executa, cria, conserva, destroe, pune, perdôa, recompensa. Vê tudo com um só pensamento; opéra tudo com um acto só. Na pessoa, porém, do Verbo humanado, feito sacerdote e hostia para resgate do mundo; uma perfeição, uma virtude parece reluzir sobre todas. A caridade ou amor do proximo, esta a base em que particularmente assenta a portentosa fabrica de sua doutrina, o sello que especialmente caracterisa a moral de seus exemplos. S. Paulo, interprete fiel d'aquella doutrina e exemplos, expressamente declara, na sua carta aos romanos, que o amor do proximo é a unica divida dos christãos — *Nemini quidquam debeatis, nisi ul invicem diligates.* —

E se é tal relativamente a todos os seus discipulos e seguidores o espirito da doutrina e o sentido dos exemplos de Jesus Christo, com quanto maior particularidade o será respectivamente aos sacerdotes que são os seus delegados e representantes? Lembra pois naturalmente, ao projectar o panegyrico do Sacerdote S. Philippe Neri, considerar ao Supremo Sacerdote Jesus Christo pela sua caridade, exemplar

dos sacerdotes de S. Philippe Neri, por esta mesma virtude sacerdote perfeito imitador de Jesus Christo.

Esta é a materia do discurso e sua divisão.

É certo que o humano orgulho pretende sobreviver a si mesmo na posthuma duração do marmore e bronze dos tumulos; mas, além de que o quasi sempre mentiroso encomio, gravado na face d'essas urnas, começa por um — *aqui jaz* — e termina por um *falleceu*, e no epitaphio do tumulo de Jesus Christo se lê — *resuscitou, não está aqui* — que são antes de nascer os decantados heroes do mundo? Menos ainda do que depois da morte. Depois da morte, serão pó e cinza; antes do nascimento, nada. Jesus Christo pelo contrario é conhecido antes de vir ao mundo. Os prophetas o annunciam, os justos o representam. Mas sob que emblemas e sob quaes feições é promettido e retratado o futuro Messias?

Fatidico Isaias, é d'elle e da sua vinda que prophetavas quando assim dizias: O Deus terrivel abalará a terra até aos seus fundamentos, e ella sahirá do seu eixo por causa da indignação do Deus dos exercitos. Os homens fugirão para o centro das cavernas e para o fundo dos rochedos — o inferno abrirá seus espantosos abysmos e lançar-se-ha sobre Israel com gritos semelhantes ao estampido dos mares: os filhos serão despedaçados á vista de suas mães e as mães não conhecerão que elles ainda existem senão pelo exhalar de horriveis soluços — Não, christãos! o pincel que serviu para pintar a colera de um Deus vingador, cahiu das mãos do propheta e debaixo de seus dedos só se vêem nascer emblemas de brandura e paz quando delinêa a cópia do Salvador — Um filho nos é dado (diz elle) e se chamará Emanuel — filho do Altissimo — principe da paz — e então vêr-se-ha o leão

viver pacificamente com a ovelha — o leopardo deitar-se com o cabrito — o menino brincar na cova do aspide e metter a sua mão sem horror na caverna do dragão. Chegará esse Justo por excellencia e virá enxugar as lagrimas dos olhos de todos — extinguir o opprobrio do seu povo, dar finalmente a paz, uma eterna paz a todas as nações. Elle fortificará os braços languidos, sustentará os joelhos tremulos; dirá aos que tem o coração abatido — animai-vos porque vem o Senhor, e elle vos salvará. Sobe, Sião, sobre uma alta montanha para annunciar a feliz nova. Levanta com força a voz, ó Jerusalem, e dirás ás cidades de Judá — Eis-aqui o Senhor cheio de bondade que traz comsigo as suas recompensas. Elle conduzirá o seu rebanho aos melhores pastos e levará os cordeirinhos no seu seio.

Até aqui o Propheta.

Por formosa que seja a cópia, quanto a excede em belleza o original! Encarregando-se de libertar o homem, o Filho de Deus precipita-se do seio do Eterno Pae e entra sem horror no seio da Virgem.

Assim Deus amou o mundo que lhe deu seu Unigenito: seja-me licito acrescentar, evangelista amado — e para morrer pelo mesmo mundo. Ninguem dá maior prova d'amor do que o que dá a vida pelos seus amigos; e este cordeiro innocente vem derramar o seu sangue por amigos e inimigos.

Um Deus feito homem e morto n'uma cruz por amor dos homens!

Senhor, sois grande, admiravel — infinitamente perfeito, finalmente Deus em todas as vossas obras: mas nem creando o universo com uma palavra, nem submergindo-o com outra, nem por entre os relampagos do Sinai, nem aos resplendores do Thabor, eu vejo tão claramente quem sois,

como na lapa de Belem e na cruz do Calvario — a cruz que com seus braços cinge em amoroso amplexo todas as nações da terra — que com sua cabeça eleva-se até ao céo e o abre —com seu pé penetra até ao inferno e o aferrolha. — Mas, senhores, n'estes dous pontos extremos da vida de Jesus Christo sobre a terra, que vozes se escutam para retumbar por todo o mundo! Em Belem — Paz aos homens de boa vontade! — no Calvario — Pae, perdoai-lhes porque elles não sabem o que fazem!

Ao lêr na primeira e na ultima baliza da peregrinação de Jesus Christo entre os filhos dos homens aquellas sublimes inscripções, já a ninguem é licito deixar de reconhecer no Salvador um Deus de infinita caridade. Não pois para confirmal-a (que não o precisa) só sim como para saborear em novos lances esta consoladora verdade, percorramos, bem que rapidamente, a carreira que se distende entre aquellas duas balizas. Aqui a historia simples, singela e sem enfeites me servirá superiormente a todos os recursos da eloquencia — dado, mas não concedido que os eu tivera. *Discite a me.* Fallai Divino Mestre, e abaixo as cadeiras dos doutores da lei — *Discite a me.* Que será? Será por ventura a revelação dos segredos da segunda iniciação de Pythagoras — a intelligencia das obscuridades do Lyceu — a descoberta da triplice perfeição da escóla do Portico? Longe, oh longe todas essas miseraveis fabulas! *Narraverunt mihi fabulationes; sed non ut lex tua.* Aprendei de mim, diz o Senhor, a ser como eu manso e humilde de coração — amai aos vossos inimigos — fazei bem aos que vos tem odio e orai pelos que vos perseguem e calumniam, para serdes filhos de vosso Pae que está nos céos, o qual faz nascer o sol sobre bons e maus e vir a chuva sobre justos e injustos. — Que respondeis a isto, ó de-

nominados sabios que ensinaveis ser a vingança o prazer dos deuses? Que respondes a isto, tu mesmo, ó Synagoga, que ensinavas ser permittido aborrecer os inimigos? *Discite:* Eu quero, continúa o Senhor, a misericordia e não o sacrificio: — os são não tem necessidade de medico, senão os que estão enfermos; e eu não vim chamar os justos, mas sim os peccadores. Todo o que se irar contra seu irmão será réo no juizo e o que disser a seu irmão — racca — será réo no conselho. *Discite:* Se estás fazendo a tua offerta diante do altar e te lembrar ahi que teu irmão tem contra ti alguma cousa, deixa alli a tua offerta diante do altar, vai-te reconciliar com teu irmão, e depois virás fazer a tua offerta. *Discite:* Não basta perdoar até á primeira vez, é preciso fazel-o até 77 vezes, isto é illimitadamente. Se o peccador, qual outro prodigo, tiver abandonado a pessoa e casa de seu Pae celeste e dissipado o patrimonio de suas divinas graças, arrependa-se; mas não tema, não se acobarde — não busque nem escusas nem empenhos; levante-se, venha e diga: Pae, pequei; já não sou digno de ser chamado teu filho; que o grande Pae de familias dirá logo aos seus servos — trazei depressa o seu primeiro vestido e vesti-lh'o, mettei-lhe um annel no dedo e os sapatos nos pés. Faça-se banquete e festim; porque este meu filho era morto e reviveu; tinha-se perdido, e achou-se. Isto é, o Senhor restituirá sua amizade ao peccador; e haverá jubilo entre os anjos de Deus, maior por um que se converte do que por 99 que não necessitam de penitencia. Ah Senhor! quem é o homem para que assim vos interesseis por elle? É muita caridade, christãos, de certo. Pois ainda mais. Venha o peccador e venha a qualquer hora que até á ultima é tempo e será justificado como os que vieram primeiros; visto que o senhor da vinha a quem ninguem póde pedir

contas de como reparte aquillo que é seu, tanto mandou dar aos trabalhores que vieram á undecima hora, como aos que vieram ao romper da manhã. Inda mais.

Se o pae de familias e o senhor da vinha, aquelle não despreza o filho arrependido e humilhado, e este espera até á ultima hora os operarios, e, a qualquer que tenham vindo, a todos remunera por igual; o bom pastor, igualmente figura de Jesus Christo, vai buscar e reconduz ao aprisco sobre seus hombros a ovelha desgarrada. Oh doutrina bebida nos céos! meditando-te exclamou o author do espirito das leis, cujo testemunho não passará por suspeito: — que o Evangelho é o dom mais precioso que Deus tem conferido aos homens!

Sigamos agora ao divino Mestre exemplificando com suas obras tão bellas maximas. Se os discipulos Thiago e João querem com mal entendido zelo fazer descer fogo do céo sobre a cidade dos Samaritanos que recusa receber a Jesus, este para logo os reprehende dizendo-lhes — vós não sabeis qual é o espirito da vossa vocação. O Filho do homem não veio a perder as almas, veio a salval-as. Come com os publicanos e peccadores; e se lhe dizem que Zacheo é um homem de má vida, nem por isso deixa de visital-o. Fatiga-se para ir instruir a samaritana; e quando lhe conduzem a adultera, diz aos seus accusadores — o que de vós está sem peccado pegue da pedra e atire. De tantos milagres que opéra nenhum é para castigar. Commove-se até ás lagrimas pela morte de Lazaro, e pela ruina de Jerusalem. Não nega a face ao osculo do discipulo traidor, e corresponde-lhe com o terno nome d'amigo. Para os discipulos que o abandonam — para Pedro que o nega — para os juizes que o condemnam — para os algozes que o insultam, atormentam e crucifi-

cam barbaramente — nem uma palavra de vingança — nem uma maldição: caridade em tudo e para todos. Philantropia dos Titos — Trajanos e Antoninos, que és tu em frente á caridade de Jesus Christo? És — se é licito ou mesmo possivel a comparação, és em nosso mesquinho e grosseiro modo de fallar humano, qual o chumbo ao pé da prata, qual o cobre ao pé do ouro.

D'est'arte se descreve a si proprio (e que outrem ousaria descrevel-o?) de palavra e obra o supremo archetypo.

É tempo já que vejamos a humana cópia d'este exemplar divino.

Pois que?! Poderá alguma hora o verme aspirar a lançar-se após o vôo da aguia? o homem imitar a Deus?! A hédera sem arrimo anda de rastos; mas encostada ao carvalho tenta com elle os aereos campos. Assim um fraco mortal librado na graça excede a esphera da humanidade e como que parece querer attingir a divina. Vejamol-o em Philippe.

Na moderna constituição das sociedades, em quanto existirem pobres, forçosamente hão-de existir hospitaes, porque só nos hospitaes podem ser tratadas com alguma esperança de feliz exito as doenças graves d'aquelles miseraveis — Aos hospitaes com muito acerto lhes chama um celebre escriptor contemporaneo — palacios da Divindade; e com igual fundamento de piedade os edificam os musulmanos contiguos aos templos, querendo dar a entender que a caridade para com o proximo é uma das partes essenciaes do culto devido a Deus. Ha porém um estado da vida, que sem ser de doença, tambem não é de saude; estado de languidez e fraqueza, que não cede o campo ao perfeito restabelecimento, senão seguindo ordinariamente uma progressão lenta e graduada —

é o da convalescença. Então o permanecer nos hospitaes propriamente ditos, ainda quando as dotações d'estes o permittissem (dil-o a razão medica, e mostra-o a experiencia) é por extremo inconveniente; porque protrahe, sem limite, o completo regresso á saude, e o sahir então dos hospitaes para viver fóra das adequadas condições hygienicas a que o pobre não póde chegar, não menos arriscado se torna porque expõe a recahidas muitas vezes mais perigosas do que a doença primeira — A illustração de S. Philippe conhece a crise.

Ha uma situação na vida das mais afflictivas e penosas: é a do indigente em terra estranha. Sem meios, sem recursos, sem conhecimento nem dos lugares, nem das pessoas, nem da lingua, vaga na mais populosa cidade como por um ermo. Tal era em Roma a situação de muitos centenares de pessoas, por occasião da visitação das igrejas d'aquella capital do orbe catholico, a que ia ser extraordinariamente concorrida em consequencia da proxima vinda do jubileu do anno santo de 1550. É aos desvalidos d'estas duas classes — peregrinos e convalescentes — de que ninguem até alli se lembrára, que a caridade de S. Philippe se dá pressa em acudir. Mas como propor-se a empreza de tanto dispendio, se advertido pela sentença evangelica de que um rico difficultosamente entrará no reino dos céos, rejeitou a riquissima fortuna de seu tio Romulo Neri, que o quizera herdar, e não tem hoje de seu mais que o vestido e um pobre leito; e isso só será, em quanto não depare quem precise d'estas mesquinhas alfaias! Ah! bem ouço resoar em meus ouvidos a sua expressão favorita: Não duvides: não duvides — Não duvido, meu glorioso santo; nem que o quizesse poderia, porque a historia e o testemunho dos viajantes ahi estão para me mostrarem em Roma o sumptuoso e magnifico hospital — *Trindade de Ponte Sixto,*

que fundastes para peregrinos e convalescentes. Oh! que bem podieis dizer: Sem ter nada, possuo tudo. Tinheis o reino e a justiça d'aquelle Senhor que sustenta as aves do céo, que não semeam nem segam; que veste de purpura mais rica que a de Salomão os lilios do campo; que não trabalham nem fiam; e tudo o mais vos viria por acrescimo! Alli, no hospital— Trindade de Ponte Sixto — era vêl-o, o caritativo Philippe não se contentando, como Abrahão á porta da sua tenda no valle de Mambre, de esperar os hospedes que o Senhor lhe enviasse, sahindo a encontral-os, á frente de seus discipulos pelas praças, pelas ruas, e conduzindo nos braços aquelles que mais não podiam. Alli era vêl-o lavar-lhes os pés, preparar-lhes a comida, servil-os á mesa, fazer-lhes o leito, instruir os que o careciam nos mysterios e preceitos da fé e inflammar a todos na virtude e perfeição christã. Assim pois aquelle Senhor que expressamente declarou que quem recebe aos necessitados a elle proprio recebe, e que quem lhes der um copo d'agua fria não perderá a sua recompensa, não demora por muito tempo ao seu servo as primeiras manifestações da que um dia lhe destina. Em breve tudo que Roma tem de mais illustre — doutores — fidalgos — prelados, o proprio pontifice Clemente VIII acodem a servir os hospedes de Philippe no hospital Trindade de Ponte Sixto; e o seu illustre fundador tem o prazer de ainda em seus dias vêr reproduzida esta frondosa arvore de protecção aos infelizes, em Florença, Napoles, S. Severino, Lucca, Palermo e Ferrara.

O erro, senhores, é tambem uma especie d'enfermidade, e enfermidade contagiosa; tanto mais grave quanto a alma é superior ao corpo, e ainda tanto mais grave, se o erro versa em facto de religião, quanto a saude d'este é inferior á

salvação d'aquella. O erro é tambem um certo discorrer errante por paizes estranhos á verdade — As centurias de Magdeburgo, corpo de historia ecclesiastica composto por quatro lutheranos; obra, não o nego, de um trabalho e erudição grandes, abrem em 1560 n'aquella cidade, e para correr o mundo inteiro, um foco d'infecção e extravio contra a prerogativa da Igreja, santidade dos Padres e authoridade dos theologos catholicos. Estremece a caridade de Philippe—não menos zeloso pela integridade da tunica inconsutil do Salvador, do que compassivo pela cegueira dos que tentam dilaceral-a. Um novo edificio vai erguer-se; mais duradouro que o bronze, e que as pyramides; não material, mas intellectual; não sustentado em columnas, mas em argumentos; d'onde saia a medicina ao contagio, a guia ao extravio. Manda Philippe a seu discipulo Cesar Baronio que escreva e publique os Annaes da Igreja. Debalde Baronio se escusa uma e muitas vezes, allegando a immensidade da obra, desproporcionada, a todas as vistas, ás forças de um homem só. Philippe, dotado por caracter d'aquella urbana mansidão, e affavel brandura que na sentença de S. Francisco de Salles é a perfeição e flôr da caridade—Philippe que nunca soube mandar em outros termos que estes não fossem —estimaria bem que fizesses isto—farei isto em teu lugar se te parecer pesado—quizera que te désses a este trabalho: que dizes a isto?—agora prescreve, ordena sem condição, inexoravel, não admitte dispensa. Tal e tanta era a importancia da empreza! Nem se explique esta inflexibilidade pela necessidade de commetter a hombros alheios peso a que os seus fossem desiguaes. O humanista eruditissimo — o philosopho eminente—o theologo profundo—o canonista consummado—o sabio, a cuja censura o doutissimo prelado que

partilha (seja dito para gloria do nome portuguez) com o nosso dominicano — Fr. Francisco Ferreira — theologo do Concilio de Trento, por parte do rei de Portugal, a honra de ser o author do famoso Cathecismo dos parochos; obra que o mesmo Concilio encarregára ao proprio Papa — o sabio, digo, a cuja censura o doutissimo S. Carlos Borromeu submetteu o codigo do governo de sua Congregação dos Oblatos — o oraculo consultado nos pontos mais arduos das sciencias pelos mestres do seu tempo na Italia, França e Hespanha, e de quem são contestes os biographos em declarar que attento o sublime talento de que era dotado e a immensa instrucção que possuia, a causa das verdades da religião desde longo tempo se não achava em melhores mãos — não foi incapacidade que o constrangeu — foi humildade que o dirigiu; humildade não menos meritoria, posto que não attingisse o seu alvo; por quanto Baronio publicou em o prologo do 8.º volume dos Annaes Ecclesiasticos, que não obstante a obra sahir em seu nome, o verdadeiro author d'ella era S. Philippe: e mandou gravar-lhe na sepultura esta inscripção: — De Cesar Baronio — Cardeal Presbytero do Titulo dos SS. Martyres Nereo e Achilleo e Bibliothecario da Santa Sé — pelos Annaes Ecclesiasticos — ao Bemaventurado Padre Philippe Neri fundador da Congregação do Oratorio — acção de graças.

Para se manifestar a firmeza do rochedo é mister que seja combatido pelo insulto das ondas; que se resistir inabalavel, ficará depois coberto de perolas — é pensamento de S. João Chrysostomo. *Procellae divitem fecerunt* — disse ao mesmo intento outro escriptor. Para se lhe avaliar o quilate, cumpre que o ouro da virtude passe pelo fogo da perseguição. A inveja, esse tributo que os indignos pagam sempre

aos benemeritos, esse sentimento maldito que move a serpente contra Eva — Caim contra Abel — contra Joseph a seus irmãos — contra David a Saul, não poupou ao nosso santo. Em um tempo a venenosa lingua d'aquelle monstro começa d'espalhar por entre o povo as falsas vozes de que as conferencias, lições e praticas espirituaes, as visitas ás sete Basilicas de Roma e demais piedosos exercicios de Philippe com seus discipulos, já em numero de oitocentos, não eram se não um estratagema de sua soberba para ganhar sequito e distinguir-se — uma traça de sua ambição para empolgar dignidades ecclesiasticas. Que falsos testemunhos! Soberbo! Philippe, que ainda na juventude rasgou, sorrindo de desprezo, a arvore de sua illustre geração — Soberbo! Philippe que levou a humildade ao ponto de aniquilar-se ante o conceito do proprio demonio, usando dizer aos seus confessados: Se o espirito maligno teimar em te perseguir com essa tentação, dize-lhe — olha que te vou accusar áquelle miseravel e estupido de Philippe! Ambicioso! Philippe que, se subiu á dignidade de sacerdote, foi por obediencia; e que jámais deixou de ser aquelle mesmo coração desapegado de todas as honras; que rejeitou não uma, porém muitas vezes as abbadias, os canonicatos, as mitras e os barretes cardinalicios... Senhor, os inimigos de Philippe são vossos inimigos; prostrai-os — confundi-os...

Não se faz mister que o meu zelo, indiscreto, se interponha. Philippe vai requerer vingança. Senhor, diz elle, no sacrificio da missa, em extasi para o crucificado; Senhor, provendo ao bem pessoal, sim vos pedira que multiplicasseis os perseguidores; porém eu mais desejára preferil-os a mim proprio. Negai-me a occasião de soffrer por vosso amor para lhes dardes a elles a occasião de serem caritativos. Pros-

trai-os; mas pela penitencia: confundi-os; mas pela humildade! Oh vingança generosa! Oh cumprimento do—orai pelos que vos perseguem e calumniam, levado á ultima perfeição!

Entretanto o boato avulta e as calumnias chegam em fórma de queixa aos ouvidos do Vigario Geral de Roma. Este, precipitadamente sem exame nem conselho, manda chamar Philippe á sua presença—reprehende-o nos mais asperos e severos termos—suspende-o de confessar e prégar e prohibe-o de reter por mais um dia o collegio de seus discipulos espirituaes—ameaçando-o com carceres e desterros, em caso de contravenção. Eu, responde Philippe, assim como institui os exercicios do Oratorio unicamente para gloria de Deus, tambem pela gloria do mesmo Senhor de muito boa vontade os deixarei. Mentes, lhe replica o illudido prelado: és um ambicioso, que fazes essas cousas, não para gloria de Deus, mas para promover alguma seita. Ó meu innocente Pae, onde está aquelle poder com que identificado pelo perfeito amor com Deus, não fazieis milagres como os outros santos, pedindo; mas, como o proprio Deus, dizendo —quero. Operai agora um prodigio—dai vista a esse cego. Não é preciso tanto, Senhor, a innocencia de Philippe é tão clara que basta a justiça dos homens para desaggraval-o. Dentro em pouco, mas depois de rigoroso processo, para de uma vez açaimar a bocca á inveja, o Soberano Pontifice Paulo IV, então reinante, investe a Philippe de plenissima authoridade para continuar como d'antes em seus piedosos exercicios; acrescentando, em signal de benevolencia, o presente de duas velas douradas, das que ardem na capella Pontificia no dia da Purificação, e uma cedula laudatoria, em que certifica pesar-lhe muito que as occupações do Pontificado

lhe não permittam ir em pessoa tomar parte em tão santos exercicios. Parabens, meu Pae! Viva a vossa inclita virtude que triumphou! E esse injusto ministro que se vos atreveu... Eu emmudeço, eu emmudeço já; pois bem me lembro que tapastes a bocca a um dos vossos discipulos que ia a fallar contra elle.

Para a caridade de Philippe é Roma recinto pequeno, pequeno sacrificio tudo que não seja dar a vida pelos seus semelhantes. Assim que premedita e resolve passar ás Indias com vinte de seus discipulos, no qual numero se contavam os mui distinctos medicos romanos João Baptista Modeo, e Antonio Fuccio, a fim de illuminar com o sol da Fé aquellas infelizes regiões jacentes nas trevas do gentilismo; e authenticar com seu sangue o apostolico pregão das verdades evangelicas. Mas aquelle Senhor a quem Philippe segue como o planeta ao astro de que é satellite, e que disse de si não viera ao mundo para fazer sua propria vontade; se não a de seu Eterno Pae, demove-o do intento por bocca de um varão santo a quem Philippe de novo consultára, o qual lhe aconselha que busque achar em Roma as suas Indias. Obedece, e não parte. Mas nem por isso lhe deve pertencer menos o direito a ser laureado martyr, pois o martyrio mais está em conservar por obediencia a vida do que em perdel-a voluntario.

Quaes fossem em Roma suas apostolicas fadigas, diga-o o fructo d'ellas; e qual esse fructo haja sido dil-o o oraculo Vaticano n'estas palavras da Bulla da sua canonisação: — Produziu para Christo um numero quasi sem numero de filhos.

A caridade de Philippe não soffre limites. Affrontam-a os limites do espaço, e quer passar ás Indias: affrontam-a os limites do tempo, e funda a Congregação, a fim de que revivendo em seus filhos, nem a morte, esta inevitavel barreira

de tudo, ponha termo ao seu ardente zelo pelo bem do proximo. Aqui agora, senhores, chegado ao ponto de fallar da Congregação do Oratorio de S. Philippe Neri, reconheço que sou incompetente. Filho e extremoso amante d'ella até ao enthusiasmo (sabem-no todos) o meu testemunho é suspeito. Fallará pois por mim um unico testemunho que escolhi entre milhares e milhares (não ha hyperbole) dos que podéra produzir; porque não haverá em parte alguma do mundo civilisado quem se atreva a recusal-o. O homem que reuniu em mais eminente grau os dotes do historiador—(o seu nome é superior a toda a recommendação) o grande Bossuet fallando, não da Congregação do Oratorio de S. Philippe Neri; mas da que em França fundára o Cardeal de Berulle sob o titulo de Congregação do Oratorio de Nosso Senhor Jesus Christo, diz assim: Esta Congregação não tem outro espirito se não o proprio espirito da Igreja—outras regras se não os seus canones—outros superiores se não os seus Bispos—outros votos se não os do baptismo, e os do sacerdocio. Alli uma santa liberdade fabríca uma prisão santa—obedece-se sem depender—governa-se sem mandar—toda a authoridade consiste na doçura—guarda-se o respeito sem o auxilio do temor, e é a caridade quem opéra estes grandes milagres. Agora reclamo eu o exhibido testemunho, todo e inteiro em credito da Congregação do Oratorio de S. Philippe Neri; por quanto o Cardeal de Berulle não fez mais do que dar á sua Congregação os mesmissimos estatutos da de S. Philippe e transplantar para França o Italiano Instituto Neriense.

Longe vai já a derrota: insta colher as velas. *Ex digito gigas*—Do pouco que dito fica facilmente podemos concluir com o que a Santa Igreja canta da caridade de Philippe.

N'este céo de virtudes brilhou a caridade como o sol entre os mais astros — *caritate in proximos singulariter enituit* — E sendo a caridade a alma, o coração, a vida da missão do Pontifice Eterno Jesus Christo, o Sacerdote S. Philippe Neri em verdade podia dizer-lhe com o chefe temporal dos sacerdotes, o apostolo S. Pedro — *secuti sumus te.* Oh cópia fiel de Jesus Christo! sêde o nosso modêlo de nós todos, sacerdotes e seculares; que a toda a christandade chama o mesmo apostolo — *regale sacerdotium;* pois todo o christão, podendo com culto interno offerecer a Deus a victima de sua propria vontade, é em certa maneira sacerdote. Mas, senhores, seria grosseira usurpação que eu, o mais indigno e o menos qualificado dos filhos de Philippe, me adiantasse a fazer subir á sua presença a supplica dos fieis. É a Vós, ó sacerdotes, dignos filhos de Philippe, que pertence a honrosa mensagem; em particular a Vós os que vindes de testemunhar-lhe vosso filial amor com estes solemnes cultos que a sinceridade realça; maximamente a Vós, ó venerando celebrante, antigo dignitario n'esta casa, e hoje capellão da benemerita irmandade do titular e dono d'ella, o meu glorioso patricio, Santo Antonio de Lisboa; a vós, cujas notorias virtudes... basta; não devo rasgar insolente o véo da modestia com que diligenciaes encobril-as. Sómente peço, rogo, depreco a Vossa Reverencia que na supplica que em espirito vai dirigir ao nosso dilectissimo pae, depois de attendidas as necessidades publicas e particulares que por mais urgente tiver, se não esqueça de mim que se sou quem menos o mereço, sou quem mais o necessita. E oxalá que obtido por tão efficaz oração o patrocinio de Philippe e por elle a graça d'aquelle Senhor que é só quem manda as saudes a Jacob, possamos todos conseguir a recompensa da caridade que é a fruição de Deus.

II

SERMÃO

DE

NOSSA SENHORA DO PARTO

Ecce concipies in utero, et paries filium, et vocabis nomen ejus Jesum.
S. Lucas. Cap. 1.º

Justiça e misericordia são em Deus dous attributos igualmente essenciaes e igualmente infinitos. (O' Tu só Santo — Tu só Senhor — Tu só Altissimo, eu Te adoro n'esse admiravel Sacramento, em que todos os dias nasces para ser immolado — *Quotidie nascitur; vere immolatur.*) Justiça e misericordia são em Deus dous attributos igualmente essenciaes e igualmente infinitos. Mas ao exercicio de sua justiça punitiva constrangemol-o nós por nossos crimes; e ao exercicio da misericordia se inclina o Senhor por sua propria bondade, cuja natureza é communicar-se. Sendo, como é, certo que para desaggravar a magestade de um Deus offendido pela desobediencia do primeiro homem, só uma victima expiatoria de preço infinito seria bastante, não é menos indubitavel que a primeira lagrima chorada na lapa de Belem pelo recem-nascido Verbo humanado superabundaria a remir milhões e milhões de mundos. Se porém o caracter de

Redemptor satisfazia ás exigencias da Rectidão Divina, não contentava ainda os votos da Divina Clemencia; e por isso áquella soberana qualidade de Libertador do mundo quiz o Salvador juntar mais as de — luz — esperança — guia — mestre — exemplar — pae e constante amigo do homem. Doutrina, milagres, sacramentos, o modêlo de todas as virtudes, os tormentos da mais dolorosa paixão... ah Senhor! quando pendente na cruz, prestes a exhalar o ultimo suspiro, havendo-nos já n'esse adoravel Sacramento assegurado o nupcial banquete de vosso corpo e sangue até á consummação dos seculos, e promettido já a proxima vinda do Espirito Consolador, que bem podieis prorompper na exclamação que pozestes na bocca de Isaias! — *Quod est quod debui ultra facere vineæ meæ, et non feci ei!* Meu povo, que mais te podia Eu dar que te não désse!... Mas oh! ineffavel caridade do nosso Deus! Entregue se havia já todo por nosso amor; e quer ainda antes de morrer deixar-nos por Mãe — *Ecce mater tua* — e portanto por Protectora, aquella singular creatura, que só cede ao creador — Maria — a Rainha dos Anjos — Gloria de Jerusalem — Alegria d'Israel — e Honra do seu povo — essa Alma feliz que encerra mais graças do que o céo estrellas, o mar arêas, e a terra plantas — mais intacta que o lirio matutino — mais pura que o crystal immaculado — mais suave que o zephyro benigno — mais fragrante que a flôr no verde prado — Torre de David — Casa d'ouro — Arca da Alliança — Porta do Céo — a Filha de Deus Padre — a Mãe de Deus Filho — a Esposa de Deus Espirito Santo!... Senhora, deixai-me dizer com S. Dionisio Areopagita, quando tendo partido de Athenas a Jerusalem para vêr-vos, entrou á vossa soberana presença: — Se a fé me não obrigára a crêr que ha um só Deus, eu por Deus vos

adorára — Quanto me consolo, quanto me alegro de que possuaes tão singulares excellencias! em primeiro lugar por estarem em Vós tão bem empregadas e serem o justo premio de vossos meritos; e logo depois, por serem a firme base das nossas esperanças.

Não só por natural instincto, mas ainda por acertado conselho, aquelle que pretende attrahir a benevolencia de um protector o invoca e appellida com os titulos mais proprios a penhoral-o. Muitos e diversos são os titulos, com que a piedade dos fieis invoca a intercessão da Virgem; uns respectivos a mysterios da sua vida santissima; outros a prodigios de seu efficaz valimento; estes allusivos a algum especial beneficio, de sua mão recebido ou esperado; relativos aquelles ás nossas necessidades, já espirituaes, já corporaes. Mas atrevo-me a affirmar que nenhum ha mais proprio a agradar á Virgem do que o titulo de *Senhora do Parto*, sob o qual a devota piedade d'esta Confraria hoje lhe rende cultos — 1.° ponto: e que nenhum lugar mais proprio existe para a oblação dos cultos á Virgem devidos do que este de Paranhos; 2.° ponto. Eis os dous polos, em que vai girar toda a fabrica do meu discurso.

Senhor! Vós bem sabeis que eu de mim nada posso; mas eu creio firmemente que Vós podeis fazer que eu possa tudo, confortando me com a vossa graça. Humildemente a imploro por intercessão da minha propria heroina, que é a dispensadora de todas as graças; e tanto mais confiadamente a espero, quanto é certo que quem magnifica a mãe, glorifica o filho. Senhor! não attenteis no orador, que é o mais indigno dos peccadores; attentai no objecto da oração que é Vossa Mãe, a mais santa das creaturas.

Christãos, emprehendo pregoar louvores á Virgem Mãe...

Não é preciso allegar mais para prometter-me a benevola attenção de uma assemblea tão piedosa.

Príncipío.

Que o mar venha respeitoso quebrar suas furias contra as arêas onde o dedo de Deus lhe escreveu — Até aqui, e não mais — e não se atreva a submergir a terra; que a terra se mova constante em seu diurno e annual giro, succedendo-se d'est'arte a luz ás trevas e as trevas á luz, umas ás outras estações sem confusão nem desvio; que emfim todas as creaturas não voluntarias cumpram rigorosamente o destino que lhes foi imposto no momento da creação — glorificam assim ao Senhor, acclamando-o de Poderoso; mas nada com sua sujeição merecem porque não são livres. Importava pois que existissem creaturas dotadas de liberdade a fim de que ellas praticando o bem por independente escolha e eleição propria, merecessem premio; e Deus, distribuindo-lh'o, exercesse o attributo de Remunerador. São os homens estas privilegiadas creaturas. Podemos ser coroados na patria, mas havemos de combater no desterro; podemos obter o céo, mas havemos de conquistal-o. Sabia o amorosissimo Senhor quão fraco era de si o homem para tal conquista e quantos inimigos lh'a disputavam; e quiz dar-nos por auxiliar aquella Mulher forte, destinada a pisar a cabeça da antiga serpente. Sabia que da mesma liberdade que tão liberalmente nos havia dado para o amar, abusariamos para offendel-o, incorrendo por tal no reato de suas justas vinganças; e quiz dar-nos em Maria uma protectora, um refugio, como lhe chama a Santa Igreja — *Refugium peccatorum* — digno da grandeza de quem o dava e adequado á condição de quem o recebia.

A dignidade de Maria Santissima, em quanto Mãe de Deus, remonta-se a tão alta esphera, que não direi já o entendimento dos Seraphins, mas (abalanço-me a asseveral-o sem temor de errar) nem ainda o entendimento da propria Senhora a póde attingir e comprehender; porque podendo só Deus comprehender-se a si mesmo, só Deus póde comprehender o que seja ser Mãe de Deus; e é por tal modo portentosa esta dignidade, que não podendo haver cousas maiores e melhores que a qual não possa Deus fazer outras, maior e melhor Mãe que a sua não a póde Deus fazer.

E se toda a excellencia da humanidade sacrosanta de Christo lhe provem de ser filho natural de Deus, tambem toda a excellencia da pessoa de Maria Santissima lhe nasce de ser Mãe natural de Deus. É n'esta altissima dignidade de Mãe do Altissimo que assentam os direitos, que as letras santas na Senhora reconhecem, de authoridade e mando sobre o Omnipotente Senhor de todas as cousas—*Erat subditus illis*—Postos estes certissimos principios, prosegui commigo no discurso.

Na ordem da natureza, o funccionalismo da maternidade só o facto do nascimento dos filhos verdadeiramente o desempenha: por quanto só aquelle facto completa o grande fim da natureza em substituir por novos entes os entes que a morte extinguiu. Igualmente na ordem social os direitos dos filhos, em quanto filhos de taes ou taes paes, se começam com a geração, só effectivamente se realisam com o nascimento; e consequentemente a influencia social que lh'os transmitte, ou o caracter paterno, só o nascimento definitivamente o imprime. E na ordem da Graça tambem assim; por isso o Celeste Embaixador, quando annunciou a Maria que havia de ser mãe, não se limitou a dizer-lhe que con-

ceberia; mas acrescentou que daria á luz —*paries*— ; conformemente ao que o Senhor fallára pelo Propheta, dizendo —Eis uma Virgem conceberá e parirá um filho.—Sahir á luz, ou o nascimento é relativamente aos filhos a mesma cousa que o parto relativamente ás mães; são estes dous phenomenos necessariamente conjunctos e essencialmente simultaneos. Quem falla de um não póde esquecer o outro. Recordar pois a Maria o seu divino Parto é recordar-lhe o nascimento de seu divino Filho—recordar-lhe o nascimento de seu divino Filho é recordar-lhe o complemento de sua virginal maternidade: ora uma vez provado, como fica, que da sua virginal maternidade é que provem toda a excellencia da Senhora, segue-se, por irresistivel inducção no raciocinio e ordem necessaria no argumento, que o invocal-a sob o titulo de Senhora do Parto é invocal-a sob o titulo mais honroso e magnifico, existente ou possivel; e portanto o mais proprio que exista ou possa existir para lhe comprazer e agradar-lhe.

Portentoso Parto! effectuado sem violencia nem estrago, *sine vi et sine labe*, como a sarça de Moyses ardendo sem se queimar, e qual te decantou o egregio Vate que te escolheu para assumpto de sua sublime Epopêa:

Haud aliter quam quum purum specularia solem
Admittunt: lux ipsa pertransit et omnes
Irrumpens laxat tenebras et discutit umbras.
Illa manent illaesa haud ulli pervia vento,
Non hiemi, radiis sed tantum obnoxia Phoebi.

Como quando o crystal ao sol recebe,
A luz passa e as trevas afugenta;
Mas elle fica illeso—impermeavel
A toda a chuva, a todo o vento; e franco
Tão sómente do Astro aos puros raios.

Parto, mil e mil vezes ditoso! Já o Sol da divina Justiça teve em ti o seu oriente. *Ex te enim ortus est sol.* Já o Anjo, annunciando-te, diz aos pastores que vem annunciar-lhes um grande gosto, que o será para todo o povo. Já uma multidão numerosa da Milicia Celeste louva por ti ao Senhor, entoando — Gloria a Deus no mais alto dos céos e paz na terra aos homens a quem Elle quer bem. Oh! quem me dera ser digno, minha Senhora, de tambem vos dar os parabens pelo vosso divino Parto. Mas faltam-me as festivas galas das virtudes para decentemente apparecer na vossa Presença. Reparo comtudo que a Santa Igreja diz de vós, com mysterio, que ligastes os braços ao Menino Deus recem-nascido. *Membra pannis involuta, Virgo Mater alligat.* E porque ligar-lh'os? se não para significar que lhe embargarieis os movimentos quando quizessem punir. Animo-me pois; e peço-vos licença para vos dirigir muitos e muitos emboras, innumeraveis felicitações, que respeitosamente deponho aos pés d'esse altar; que pela situação do Templo, em que está erigido, é o lugar mais acommodado para n'elle vos rendermos o acatamento devido: — o que sem demora, senhores, passo a mostrar.

Descendentes da Monarchia dos Godos herdamos d'ella Direito e Costumes; por isso, desde a desmembração do nosso reino da corôa de Castella, apparecem logo entre nós, quanto ao Direito, e como naturaes emanações d'esse principio, que é a alma e essencia do governo monarchico, isto é, a honra ou desejo das preferencias e distincções entre todos os membros que compõe o Estado; apparecem, digo, relativamente a pessoas, as diversas jerarchias dos Duques, Condes, Gardingos, Tyuphados e Palatinos, e mais ao diante,

as dos Fidalgos, Ricos-homens, Infanções e Cavalleiros; e relativamente a territorio, a instituição ou continuação das Honras, Coutos e Behetrias: quanto aos Costumes (entre outros) o de procurar o povo a maior protecção dos Grandes e Senhores; porque n'aquella primeira idade elle era mais ou menos escravo; e á proporção que o Senhor gozava de privilegios e isenções, das mesmas mais ou menos participavam os seus servos. Das prerogativas ou privilegios concernentes a territorio, saibamos em que consistiam as que fazem para o nosso intento. Couto, na significação mais generica que esta palavra teve, era o lugar defeso d'algum Senhor, em cujas terras não entravam as justiças d'El-Rei; e que livrava os delinquentes, que n'elle se acolhiam, dos castigos devidos aos seus crimes.—Honras eram certos lugares ou districtos onde alguns Senhores tinham os seus solares, isentos de tributos ao Rei e governados por juizes nomeados por elles. As Honras eram ordinariamente tambem Coutos. Brandão, escriptor dos mais versados nas antiguidades portuguezas, explicando as formalidades da instituição das Honras diz assim:—E os lavradores que queriam alcançar isenção (quer dizer ficarem livres dos direitos reaes) pediam, *exempli gratia*, ao Senhor de qualquer Honra um filho para criar em sua casa; e era um modo de ficar elle isento, seus filhos legitimos e netos.—E nas Inquirições d'El-Rei D. Diniz se lê o seguinte:—Alguns fazem Honras alli onde criam os filhos d'Algo em esta guisa: emparam o Amo (o que criou o menino fidalgo) em quanto é vivo; e desde que os Amos são mortos, emparam o lugar pondo-lhe o nome—Paranho—isto é emparado ou defendido por honra. No Codigo Affonsino em lugar de Paranho, lê-se—Pâramo—que quer dizer—amparo ao amo. E Viter-

bo no seu Elucidario, glossando a palavra — Paranho — acrescenta: Alguns lugares conservam entre nós o nome de Paranhos, que sem duvida lhes veio d'este uso — (refere-se ao uso que consta das Inquirições de D. Diniz e já citamos.)

Dados estes previos indispensaveis esclarecimentos, dizei-me agora: — poderá haver lugar mais proprio do que este de Paranhos, que por tal nome recorda os seus antigos gloriosos fóros de Couto e Honra, mais proprio, digo, para solar, casa, ou templo e altar de uma Senhora, de quem temos a honra de ser vassallos e a cuja protecção tanto necessitamos de nos acoutar? Não precisa demonstrar-se; é de primeira intuição evidente a resposta: — Não o ha nem póde haver. — Que resta pois? Resta convencer de menos exacta a opinião d'aquelles que julgam, que dos lances e tribulações da vida, o perigoso trabalho em que versam as mulheres na occasião de darem á luz seus filhos é a crise que exclusivamente indica o invocar a Senhora debaixo do titulo do Parto. Nas paginas santas, quando se quer encarecer uma grande dôr, physica ou moral, compara-se com a dôr de parto — David: *Ibi dolores ut parturientis*. Isaias: *Quasi parturiens dolebunt*. Jeremias: *Dolores ut parturientem*. Considerada pois a dôr do parto como a grande dôr, a que todas as demais são inferiores; na expressão — do Parto — toma-se, por synedoche, a especie pelo genero; e exprimindo-se — parto — sub-entende-se toda a sorte de dôres ou penalidades, quer lastimem o corpo, quer afflijam o espirito. Bem andou portanto em seu voto a piedade do parochiano d'esta freguezia, instituidor do altar que temos presente, quando regressando em 1816 do Rio de Janeiro, onde tinha observado a devoção, com que n'aquella cidade era venerada uma Imagem da Senhora do Parto, famosa

por muitos milagres; e assaltada a embarcação, que o conduzia, de furibunda tormenta, clamou pelo nome da Senhora, promettendo, se surgisse a salvamento, erigir-lhe um altar. Ao nome d'esta Estrella do mar, o mar depoz a furia; ao nome d'esta Nuncia de bonança, a bonança succedeu á tempestade. Bemdita seja no céo e na terra a triumphante protecção da Senhora do Parto! Igualmente sem a minima impropriedade, antes com muita congruencia procederemos nós hoje, consternados como estamos ás melancolicas noticias do atroz flagello que desola o Imperio do Brazil, invocando em sua defensão o patrocinio da Senhora do Parto.

O amor do proximo, christãos, é tão supremo preceito, que o Divino Legislador não duvidou assemelhal-o áquelle em que nos mandou amal-o a Elle proprio. Todas as virtudes são preciosas, é verdade; mas no ultimo dia a sentença da salvação dos escolhidos e a da condemnação dos reprobos, ha-de ser fundada, a primeira no exercicio, a segunda na omissão das obras de misericordia. E o Evangelista amado repetia continuamente a seus discipulos aquella sentença: *Filioli, diligite alterutrum:* Filhinhos, amai-vos uns aos outros. E perguntando-lhe estes, porque razão dizia sempre o mesmo? respondeu: Porque é preceito do Senhor, e se se cumprir, basta. Por outro lado, este capital preceito da caridade é tão extensivo, que não fecha ella a porta do coração não só aos que nunca vimos ou conhecemos e com quem nenhumas relações entretivemos, mas nem ainda aos proprios inimigos. Com quanta força apertará logo quando se tratar dos nossos amigos?! O Brazil, ha pouco irmão nosso pela patria commum, o Reino Unido, conserva ainda comnosco os estreitos vinculos da mesma religião, os mesmos

costumes, a mesma lingua. Descobrimol-o — povoamol-o — civilisamol-o — e, como em compensação, de lá nos veio o Codigo das modernas liberdades portuguezas; e suas regiões acolhem hospitaleiras não pequena porção dos filhos da antiga Mãe-Patria. É pois da mais rigorosa caridade que nos interessemos pela sorte d'aquelles nossos intimos, a braços com uma tão espantosa calamidade, que de per si mesma está desafiando a compaixão de todo o homem sensivel. — Vêde o retrato de um d'aquelles infelizes acommettido da pestilencial febre. Dôres atrocissimas lhe retalham o ventre e lombos — não póde encarar a luz — um sangue denegrido lhe sahe, escorrendo, da lingua, paredes da bocca, e nariz, — intensa amarellidão lhe tinge toda a pelle, da qual se erguem aqui e alli bolhas gangrenosas — o estomago, sem nada conservar, revolve-se em continuos vomitos de uma materia preta — as feições do rosto estão decompostas — a prostração é extrema, a respiração lenta e com ronquido — o ar que sahe do peito vem frio — movimentos convulsivos lhe agitam os membros — um cheiro infecto se exhala de todo o corpo — sobrevem um soluço — um desmaio, e expira. Que espectaculo! Repeti-o agora na imaginação por centenares e centenares de pessoas de todas as idades, sexos e condições; e tereis o horroroso quadro da epidemia.

Fieis, façamos aos nossos irmãos o mesmo que em iguaes circumstancias quereriamos que elles nos fizessem. Temos um Deus tão bom que já antes de descarregar o golpe nos tem ensinado a desarmar-lhe o braço. *Si pestilentiam misero et populus meus deprecatus me fuerit et poenitentiam egerit a viis suis malis, ego propitius ero et sanabo terram*

eorum. Se Eu mandar a peste, diz o Senhor, e o meu povo me dirigir preces e fizer penitencia dos seus peccados, Eu lhe serei propicio e sararei a sua terra. A Igreja, nossa Mãe e Mestra, nos ensina, e por tanto é de fé, que os fieis, como membros do mesmo corpo mystico, participam uns das boas obras dos outros, em quanto propiciatorias, ou tendentes a aplacar a Divina Justiça. Oremos pois, fieis, e façamos penitencias a bem dos nossos irmãos do Brazil. E como o bom despacho ha-de vir-nos pelas mãos de Maria — *Omnia per manus Mariæ* — justo é que a supplica suba pelas reaes mãos d'esta Senhora, acompanhada do seu valiosissimo empenho.

Porém, christãos, a singular propriedade d'este titulo de Senhora do Parto, a especial congruencia d'este lugar de Paranhos para invocarmos o patrocinio da Virgem, tudo será perdido se continuarmos por nossos peccados a crucificar o seu querido Jesus — *Rursus crucifigentes* — Ferir o coração de uma tão carinhosa Mãe e excellente Senhora — que feia ingratidão! que barbaro proceder! Peccar e incorrer no odio de Deus e na repulsa da Virgem... ai! que desgraça acima de todas as desgraças! E colher-nos-ha ella, irmãos meus? Oh! tal não acontecerá; que aquella Senhora ha-de mostrar que é Mãe, e pedir por nós ao Pae cujo Filho é Parto seu. Quando o inimigo commum vier com a tentação, repliquemos-lhe, cheios de santa confiança: — Tu tentas-me porque sabes que eu sou filho de Eva; mas tu não podes rasgar o testamento do Calvario, pelo qual eu tambem sou filho de Maria; e um filho d'esta segunda e melhor Mãe não será novo Caim, que tire a vida a seu irmão, o segundo e melhor Abel. Vai-te, não consinto. Senhora! refugiamo-nos para debaixo do vosso presidio — tomai-nos á vossa

›nta em quanto peregrinarmos por este valle de lagrimas; lá n'essa hora tremenda do passamento, quando muitas ›zes nem alento resta para chamar pelo vosso nome; ó Mãe ıntissima! não vos esqueça então, que somos os vossos de›tos, os vossos vassallos, os vossos servos do antigo Couto Honra de Paranhos; e alcançando-nos uma morte preciosa vai-nos em vossa companhia a gozar da beatifica visão do ıe de quem sois Filha, do Filho de quem sois Mãe, do Esrito Santo de quem sois Esposa, por todos os seculos dos culos. Assim seja.

III

SERMÃO

DE

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Ave, gratia plena.
S. L. Cap. 1.º

Principe da Igreja! Meu Venerando Prelado! a vossa paternal indulgencia.

Senhores, fraterna benevolencia ao novel orador.

Deus te salve, cheia de graça! Assim saudou a Maria o Embaixador do Empyreo quando veio annunciar-lhe a Encarnação do Verbo. Representa-se-me, que da mesma sorte a saudaria não unicamente um archanjo, mas toda a milicia celeste no feliz instante de sua ineffavel Conceição. Admirados os Cortezãos do céo de que para formar esta nova filha de Adão empenhasse (ao nosso modo de fallar) a Trindade Beatissima muito e muito maior esmero do que quando lhe ouviram proferir não já um simples—faça-se—mas—façamos o homem á nossa imagem e semelhança—; maravilhados da complacencia com que observam estar Deus como revendo-se n'ella, muito, e muito mais intima, muito e muito

mais satisfactoria complacencia do que quando lhe ouviram louvar de boas as obras da creação; assombrados da omnigena affluencia de dons com que é produzida tão privilegiada creatura, e não conhecendo ainda o mysterio de sua divina maternidade, porque não é crivel que este alto arcano fosse revelado aos anjos primeiro do que á Rainha dos mesmos anjos, dirigindo-se uns aos outros por tal ou semelhante modo se interrogariam: Quem é esta que sobe do deserto do nada, affluindo em delicias, encostada ao seu amado?! E logo, dobrando-lhe reverentes o joelho, recolhendo as azas, e erguendo os thuribulos até quasi á altura d'onde incensam o throno da divindade, em harmoniosa canção, ao som de empyreas harpas, assim diriam — Deus te salve, cheia de graça!

Senhores, bem o notareis, eu não duvidei pôr na bocca dos anjos no momento da Conceição de Maria, a acclamação de absoluta plenitude de graças, sem excepção da original. É que eu tenho a honra de fallar a naturaes de um reino, do qual, se me contentára com testemunhos de probabilidade, bem que numerosos e graves, não duvidaria affirmar ser n'elle innata, ou coeva a seu berço a piedosa crença no mysterio da pura e incontaminada formação da Virgem, e do qual resolvidamente assevero, á face de documentos de irrefragavel certeza historica, que n'elle já desde o começo do seculo decimo quarto se achava muito diffundido, não digo apenas a crença, o solemne culto do mesmo augusto mysterio; um reino que por voto nacional expresso nas Côrtes de Lisboa de 1646 é feudatario da Senhora sob a prerogativa (formaes palavras) da Immaculada Conceição. É que eu tenho a honra de fallar em uma cidade que se appellida da Virgem, e como tal interessada em sua maxima gloria; de

fallar em um templo da Religiosa Familia do Seraphim de Assis, apostada sempre, e primeiro que ninguem, em seguir ainda a preço do sangue de seus filhos o glorioso estandarte da defeza da Conceição Immaculada, nunca tão alto hasteado como pelos famosos Franciscanos, os Doutores, por antonomasia, Subtil e Ameno; um templo entre cujos sumptuosos altares se patentêa o dedicado á esclarecida Heroina, brazão illustre da mesma Religiosa Familia e esmalte do Lusitano solio, modêlo das mães, das esposas, e das rainhas, Isabel Santa, de quem consta que fizera collocar a primeira Imagem que em Portugal se inaugurou á Senhora da Conceição, na tambem primeira capella que sob esta invocação a Virgem teve privativamente sua em o nosso reino, erecta no Convento dos Trinitarios em Lisboa, e a adornava no dia da respectiva festividade com suas proprias reaes mãos. É que eu estou intimamente convencido, que se agora, aqui, por impossivel, surgisse uma voz, que quebrando o silencio imposto por muitos Pontifices á negativa da Pureza original de Maria, dissesse—A Mãe, a Filha primogenita, a Esposa do Deus vivo que adoraes sobre aquelle altar, foi primeiro escrava do... eu não tenho valor para acabar a expressão... Vós, Supremo Prelado, erguendo a apostolica voz de doutor na lei, com ternura de pae, sim, mas com zelo de pastor; Vós, Venerando Celebrante, meu amabilissimo Mestre, fazendo brilhar os oraculos da mais profunda doutrina theologica; nós todos, erguendo-nos como um só homem, refutariamos até á aniquilação uma proposição, não digo heretica, mas tão offensiva á piedade do culto que hoje aqui nos reune.

Sim Soberana Princeza dos céos e da terra, Imperatriz dos anjos, e dos homens, Cidade de grande Rei, Porta oriental de Sião, que o Senhor amou sobre todos os taberna-

culos de Jacob; Refulgente arco iris entre as nevoas, Flôr das roseiras nos dias da primavera, Estrella dà manhã, que annunciastes ao mundo o dia da Redempção, Immaculada Aurora do Sol divino, Templo, Throno, Céo da Divindade... Maria, e disse tudo, que o vosso Nome tem mais de illustre e engraçado que todo o titulo em que se tente traduzil-o; nós todos crêmos com firme consentimento do nosso juizo, que, no meio do geral incendio da culpa original, fostes a verdadeira arvore da vida que guardou illesas verduras e flôres a fim de produzir o fructo da salvação; e é para tecer o panegyrico d'este singular privilegio vosso, que eu ousei de resolver-me a sahir do meu legitimo centro que deve ser ás plantas da mais infima creatura, e subir a este lugar eminente. Porém eu disse então e repito agora á minha alma: porque te turbas? porque a empreza é grande e tu mais que pequenissima? Maior, infinitamente maior é a graça do teu Deus, e poderosissima é Maria para alcançar-t'a.

Ó Virgem Santissima, pois que dizendo uma palavra — *fiat* — a pró dos homens, ainda então não mais do que irmãos vossos por natureza, fizestes nascer em vosso castissimo seio a palavra da Sabedoria Increada, o Verbo por excellencia; fallai agora a meu pró, que sou vosso filho por adopção misericordiosa: ó minha Mãe, de pulchra dilecção e santa esperança, fallai agora a meu pró; e a palavra do Senhor nascerá em minha alma e d'ella affluirá aos meus labios para gloria vossa, e piedosa satisfação dos que me escutam. —*Dignare me laudare Te, Virgo sacrata.*

É natural ao amor folgar de vêr o objecto amado no mais alto fastigio da ventura e gloria. Quanto é bello pois e deleitoso aos affectuosos devotos de Maria contemplar — que

quando um tyranno de horrorosa catadura, sentado, ás portas do abysmo, em ferreo throno que sustentam furias, empunhando na esquerda facho d'infernaes chammas (o peccado) na direita lança d'envenenado ferro (a morte) fere de lá com o facho e com a lança a alma de todo o filho de varão ao despontar no seio materno; só uma mulher, trajando o sol por vestido, e coroada de doze estrellas, derruba o monstro, e, sem se offender o mimoso pé, calca-lhe a perfida cabeça erriçada de serpes: e esta mulher forte é MARIA! Quanto é bello e deleitoso vêr que quando á invasão do peccado primevo se rendem os mais fortes castellos de futura santidade (os Jeremias, e os Baptistas) só uma torre resiste inexpugnavel; e esta é a mystica Torre de David — MARIA! vêr que no diluvio da culpa original em que todos os concebidos (excepto Christo) ficam submersos, só uma arca sobrenada; e esta é a Arca da nova alliança — MARIA! vêr que no meio da tenebrosa cerração que cerca a entrada para o valle das lagrimas avulta uma pyramide, que, ferida a prumo pelo Sol da justiça, por todos os lados reflecte luz, de nenhum projecta sombra; e esta refulgente pyramide é MARIA! Quanto é bello e deleitoso meditar depois que tão aprazíveis quadros, bem longe de serem vãos partos de chimerica phantasia, são orthodoxos symbolos de uma crença apoiada na tradição dos Apostolos, intenção da Igreja, authoridade dos Padres, adhesão das Universidades e das Ordens religiosas, assentimento dos reis e dos povos, dedicação de templos e altares, instituição de lithurgias e estabelecimento de Confrarias e Ordens nacionaes; grata crença pela qual anticipando-se o obsequio ao dever, a fineza á obrigação, professamos que Maria foi preservada do labéo de linhagem que infama a especie humana. — Mas, senhores, com quanto esta idéa, inda depois

de milhares de vezes repetida offereça sempre interesse novo, não será todavia agora o meu intento reproduzil-a. Que Maria não incorreu no peccado original—até aqui a nossa unanime crença: permitta-se á minha devoção ir hoje mais além e dizer: nem teve obrigação de incorrel-o. Este o assumpto.

Assim como, se Adão tivesse permanecido fiel ao pacto que o Senhor Deus se dignára de celebrar com elle no paraiso, era de justiça devida a seus descendentes moralmente incluidos n'aquelle primeiro pae a innocencia primitiva; da mesma sorte pela desobediencia do chefe e cabeça dos humanos ficaram estes rectamente sujeitos á privação d'essa mesma innocencia, ou, por outra, sujeitos a contrahirem o peccado de origem. Ora é a esta necessaria sujeição que os theologos chamam obrigação ou divida do peccado original. —Assente a definição, edifiquemos o argumento.

Ás palavras da saudação angelica, que tomei por thema —Deus te salve, cheia de graça—acrescentou o Paranympho celeste, continuando a dirigir-se a Maria:—O Senhor é comtigo—Mas que cousa de singular e muito menos de louvor involvem estas palavras?! visto que Deus em razão da sua immensidade existe e é com todos. *In ipso enim vivemus, moremur et sumus*, diz S. Paulo. Essas palavras, responde a Aguia Africana, o grande Agostinho, comprehendem um incomparavel louvor; porque por ellas quiz o Anjo dizer a Maria:—O Senhor é comtigo mais do que commigo omnimodamente—Omnimodamente!! Oh! perdoai que eu duvide, Santo Doutor! Pois como assim?! Ainda que Maria, segundo eu firmemente creio, haja sido concebida sem peccado, sem peccado tambem foram creados os anjos: logo de que modo, ao menos a este respeito, é o Senhor mais com

Maria do que com o Anjo? É porque os anjos, e eis na sentença dos Expositores, aunica resolução possivel da difficuldade, foram sim creados em graça; mas ficaram expostos á culpa: podiam peccar; e peccou Lucifer e seus sequazes: porém Maria jámais, nunca, em tempo algum esteve exposta, quanto mais sujeita a contrahir peccado—nem o actual no decurso de sua vida santissima, nem o original no primeiro instante de sua privilegiada animação.

Mais—No capitulo vinte e seis do Livro de Job diz o Espirito Santo pela bocca do propheta—As mesmas estrellas não são limpas na presença de Deus—*Stellae non sunt mundae in conspectu ejus*—Por estrellas ensina S. Jeronymo que se devem entender aqui, não as do firmamento, porque essas sem macula as achou o seu proprio creador—*Vidit Deus lucem quod esset bona*—mas sim os anjos. . . Acaso tambem aquelles que firmes ao lado de Miguel bradaram ao archi-rebelde: Quem como Deus?. . . Em que peccaram estes?! «Não peccaram, explicar-me vem officiosamente o mesmo Santo Padre, antes pela sua fidelidade se tornaram mais benemeritos do Rei da Gloria; mas ainda o Senhor lhes encontra manchas, porque em razão da sua natureza de creaturas são capazes de peccado.» Mil graças, Maximo Doutor, á vossa explicação. Agora fundamentando-me em tão solida interpretação, argumentarei eu: o Espirito Santo que é Deus com o Padre e com o Filho, contemplando a Maria não lhe encontrou mancha alguma: *Tota pulchra es, amica mea, et macula non est in te:* logo em Maria nem ha peccado, de nenhuma especie, nem ainda divida d'elle; quanto mais d'aquella grande obra do demonio, d'aquelle grande peccado, como lhe chama S. João Chrysostomo, o original; porque esta só divida seria já de per si, segundo é obvio, uma gran-

de mancha. Ainda mais. Pertencendo indubitavelmente a Maria o caracter de Co-redemptora, já pelo germen ou elemento de geração, e pelo sangue e pelo leite com que influia para a formação do Redemptor, já pelo haver offerecido tão espontaneamente á cruz e á morte, que, se faltassem algozes, esta generosa Filha de Abrahão, abrasada na sêde da salvação dos homens, immolaria com suas proprias mãos ao seu querido e innocente Isaac; e sendo, como é, certo que o só caracter de Redemptor bastaria a eximir a Christo de toda a sujeição, não só actual mas ainda potencial á culpa, porque tal isenção necessariamente convinha á missão do Pontifice Santo, Impolluto, mais Excelso que os céos — segue-se que partilhando Maria com Christo o ministerio de Redemptor, deve gozar com elle da prerogativa a esse ministerio inherente, istó é, que foi isenta de toda a obrigação ou divida de peccado, e conseguintemente da obrigação ou divida, do peccado original... Senhor! que a minha lingua se paralyse, primeiro que eu articule em honra de uma creatura, posto que seja Mãe Vossa, a minima palavra d'aquelle louvor que unicamente a Vós pertence. Só Vós, Senhor, sois santo por natureza, só Vós impeccavel por essencia; Maria por privilegio da vossa graça.

Se vos apraz que robusteça com provas da authoridade os argumentos da razão que hei adduzido para demonstrar a proposição do discurso, de muito bom grado passo a fazel-o.

S. Cypriano — Martyr e Doutor da Igreja — do terceiro seculo, diz escrevendo de Maria: « Não permittia a justiça que aquelle vaso de eleição fosse ferido pelas communs injurias; pois que muito differente dos demais humanos, participava com elles da natureza e não da culpa » — Portanto, concluo eu, se a Virgem tivesse parte comnosco pela divida

lo peccado original, não a teria sómente pelas relações da natureza, como affirma o Santo Padre, mas tambem pela da culpa; o que elle nega. Santo Ildefonso, Arcebispo de Toledo, Padre do setimo seculo, no Livro da perpetua virgindade da Santa e Gloriosa Mãe de Deus, expressa-se n'estes termos: «Para que é procurar em Maria a lei da natureza se tudo o que n'ella houve possuiu-o o Espirito Santo.»

S. Anselmo, Arcebispo de Cantuaria, geralmente numerado entre os doutores da Igreja, em uma passagem das suas obras que vem no Officio da Conceição, approvado por Sixto IV exclama: «Quando, ó Virgem Maria, considero em Ti a eminencia da graça de Deus, assim como Te vejo por modo ineffavel, não dentro, mas acima de todas as cousas que foram feitas, assim tambem opino que em tua Conceição te não ligou á lei da alheia natureza.»

Repare-se agora que ambos os Santos Padres ultimamente citados se exprimem pela mesma phrase — lei da natureza. — E que outra cousa é a lei da natureza no ponto em questão, se não o risco aos peccados actuaes e a sujeição ou divida do original?

O sagrado Concilio de Trento, na Sessão quinta, depois de promulgar o decreto a respeito do peccado original, declara que não é da sua mente comprehender n'este decreto a bemaventurada e Immaculada Virgem Maria, Mãe de Deus. Ora no decreto alludido não se falla tão sómente do peccado original como contrahido em Adão pela sua posteridade, mas tambem da sujeição ou divida d'esse mesmo peccado; tanto assim que duas vezes refere o Concilio as palavras do Apostolo: «*In quo omnes peccaverunt*» palavras que claramente se entendem tanto d'aquelle peccado como d'aquella divida: logo não foi a mente do sacrosanto Concilio comprehender a Ma-

ria nem no peccado de origem nem na divida d'elle. Aqui talvez se possa objectar-se-me: Em que dialectica se recebeu jámais por affirmativa de uma proposição o silencio ou abstenção do julgamento da mesma proposição?!

Responderei com o devido respeito. Em que dialectica?! n'aquella a que se offerecer esse silencio traduzido pelas regras de sã hermeneutica em evidente asserção. Vejamos se tal é o nosso caso. O motivo que assignam os expositores ao não julgamento ou antes não formal sentença do Concilio sobre a materia da sua Sessão quinta, com respeito á Conceição de Maria, é, além de outros, desejar aquella assembléa universal dos Pastores da Igreja que pelo adiamento de objecto fossem de dia em dia os theologos, as academias e os prégadores publicando pela voz e pela penna novas razões de fundamento ao que era já sentença individual de todos os Padres da mesma sagrada assembléa a pró da immunidade da Virgem: ora sendo a materia da Sessão predicta o peccado original, não só como contrahido, mas outro sim como divida, conforme fica provado, segue-se que o motivo do silencio do Concilio torna-o eloquentemente assertorio da isenção da Senhora, relativamente a carecer não só do peccado original, mas outro sim da obrigação de incorrel-o.

Senhores, a generosa attenção que vós tendes dignado prestar-me, agradecel-a-hei, já que melhor não posso, não abusando d'ella. Mais alguns momentos e vou concluir.

A palavra — nascimento — não significa só sahir á luz; mas igualmente origem ou começo de existencia, e isto já na linguagem vulgar, já na phrase da Escriptura. Assim dizemos vulgarmente que os pensamentos nascem no entendimento, os affectos no coração, os rios no seio da terra, etc. E a Escriptura refere que quando o Anjo revelou a S. Joseph

a geração humana de Jesus Christo no seio da Virgem sempre pura, disse ao Santo Patriarcha: O que n'ella nasceu é obra do Espirito Santo — *Quod in ea natum est de Spiritu Sancto est*. Antes digo que na conceição consiste o verdadeiro nascimento, por quanto no que commummente se chama tal não ha mais que o transito para o exterior do que já interiormente existia; e na conceição dá-se o transito do não ser para a existencia. Sem pois violentar as idéas, antes com muita propriedade póde dizer-se que celebramos hoje o verdadeiro anniversario natalicio da Virgem. Oh! se eu terei sido tão feliz que, ungindo a graça os meus pensamentos e bafejando as minhas palavras, haja conseguido rendamos hoje a Maria um obsequio novo na solemnidade dos seus annos! *Congratulamini mihi* — me parece estar ouvindo dizer a Senhora — felicitai-me vós todos que amaes a Deus porque desde a minha primeira origem ou verdadeiro nascimento agradei ao Altissimo. *Congratulamini mihi, qui diligitis dominum quoniam quum essem parvula plucui Altissimo*. Sim, ó Virgem Santissima, muitos louvores a Deus e muitos parabens a Vossa vice-divina Magestade pelo feliz instante de Sua Immaculada Conceição! Oh! grão prodigio da omnipotencia de Deus! Obra prima de sua dextra excelsa! Basta, milagrosa creatura, que merecestes ser preservada do peccado universal, e no meio de elevação tamanha a attribuieis, como essa attitude indica, a haver o Senhor attendido á humildade da sua serva — *Quia respexit humilitatem ancilae suae: ecce enim ex hoc beatam me dicent omnes generationes*. Todas as geraçõesvos acclamem não só por ditosa, mas por muito e muito digna de o ser. Todo o genero humano vos ame e louve e sirva e adore e magnifique, pois todo o genero humano vos é devedor não menos que de um Deus

húmanado. Exaltada sejaes como o cedro no Lybano e como o cypreste na montanha de Sião! Bemdito sejá quem vos encheu de graça! Bemdito quem vos criou para tanta gloria sua!

Como tributo natalicio, pobre, qual eu sou, mas mui sincero, reitero e ratifico o juramento que, ha 31 annos em o vosso dia proprio, com tanto aprazimento proferi ao serem-me lançadas as vestes do sagrado Instituto Neriense, de publica e particularmente defender a Vossa Conceição Immaculada. Senhora, que eu não sou digno de tanta honra, é cousa clara; mas se Vossa Magestade, por sua muita munificencia, leva gosto de que eu dê a vida em testemunho de que é mais certa que o mesmo que os olhos veem e os dedos palpam, a verdade da sua pureza original, pêza-me não ter mil vidas para as dar todas. E peço licença, se isto fôr do vosso agrado, para á antiga clausula de que não incorrestes no peccado original acrescentar que nem tivestes obrigação d'incorrel-o. Hoje alvoreceu para nós o dia da redempção nova, da reparação antiga, da felicidade eterna—hoje, pela união da igreja militante com a triumphante, é um dia de jubilo e graças na terra, e no céo—hoje o Vosso Santissimo Filho com mais especial deferencia vos dirá o que outr'ora Salomão a Bethesabé: Pedi, minha mãe, o que quizerdes; pois não é justo que eu vos refuse cousa alguma. Ó Mãe Clementissima, pedi-lhe, logo depois da graça do seu divino amor, que nos confirme cada vez mais na graça da Vossa devoção, porque seria cousa indignissima não amar extremosamente o servo a sua Senhora, o vassallo a sua Rainha, o peccador a sua Advogada, a creatura a Mãe do seu Creador; e librados nas azas d'aquelles dous affectos, voaremos, após o desterro n'este mundo, a gozar na Patria em vossa compa-

nhia da Beatifica Visão do Pae, de quem sois filha—do Filho, de quem sois Mãe — do Espirito Santo, de quem sois Esposa—por todos os seculos dos seculos. Assim seja! assim seja!

IV

SERMÃO

DE

S. GONÇALO D'AMARANTE

Quanto são magnificas, Santa Igreja, as tuas solemnidades! Quão esplendida, em particular, se ostenta a solemnidade presente!... Por objecto do culto — Deus, na pessoa de um dos seus mais esclarecidos Santos; por ministros — da tribu de Levi distinctos Proceres; conspicua a assembléa dos Crentes; preciosa e bella a decoração do Templo; profuso e esmerado o concerto das vozes e musicos instrumentos... Que sómente a pequenez do orador discrepe de tanto apparato!! Mas tambem na pintura ha sombras, e nem por isso offuscam, antes realçam ellas a belleza do quadro. Além de que, no essencial, serei apenas um mero relator da divina palavra; e esta não precisa de pedir grandeza emprestada á eloquencia humana. Revestido pois com a armadura da Fé, o signal da Cruz, e invocado o patrocinio de Maria, fallarei.

Pelo signal, etc. Ave Maria.

Tem-se comparado o mundo a um vasto sertão povoado de tantas feras quantos os homens maus que o habitam; ou a um pelago immenso, a que o choque de nossos oppostos genios e interesses não permitte jámais bonança. Prefiro comparal-o, com a Escriptura, a um dilatado prado, em que todo o homem, á guisa de flôr, sahe da terra e é pisado — *Qui, quasi flos, egreditur et conteritur* — Ora se a universalidade dos homens, pela curteza da vida, semelha, no sentimento de Job, a ephemera gala da flôr, que o mesmo instante apenas viu gentil balanceando a corolla ao sopro das brizas, in continenti abatida pelo pé do rustico, já sêcca pelos raios do sol, e para logo sepultada no sulco do arado; aos Santos frisa a mesma comparação em mais vantajoso sentido. São elles flôres, cujo formoso colorido e attractivo perfume, as virtudes, dão gloria a Deus, alegria aos anjos, e exemplo aos homens. Todavia, se geralmente fallando cada Santo vem a este mundo como flôr de mais bello aspecto e grato aroma por alguma virtude particular que fórma o caracter ou feição da graça especial que o author de toda a graça se dignou distribuir-lhe, um existiu, que foi qual jardim inteiro, e a quem o Senhor podia dizer aquellas palavras de Isaac a Jacob: Eis aqui o odor de meu filho que é como a fragrancia de um campo bem cheio. Pastor, apostolo, solitario, peregrino, sacerdote secular, religioso professo, todas as vocações o chamam e todas preenche; caritativo, humilde, penitente, todas as virtudes possue e em todas prima; espirito de conselho e fortaleza, de piedade e temor de Deus, propheta, thaumaturgo, todos os dons o enriquecem, todos os talentos recebe, nenhum esconde e com todos negocêa os mais amplos lucros na propria e alheia santificação. Ainda que não o vissemos offerecido á veneração dos fieis, já todos e cada um

de vós estaria dizendo: Esse é o bemaventurado S. Gonçalo d'Amarante. Assim como do Nilo as cheias, quando nimias, produzem fome qual a produz a sêcca; assim como a luz, quando excessiva deslumbra e deixa em trevas, e o ar que da existencia é um principio, quando excede a pressão, o é da morte; esterilisado por tanta abundancia, offuscado por tão intenso clarão, opprimido por tal grandeza, receio transviar-me e errar, sinto-me desfallecer e succumbir. Para onde me voltarei?... Para Vós, meu Deus, que sois o caminho, a verdade e a vida. Senhor, que sabeis, quando vos apraz, pôr o perfeito louvor na bocca dos que ainda não fallam; Senhor, que tantos prodigios operastes para glorificardes o vosso amigo predilecto, Gonçalo d'Amarante, operai agora, vol-o rogo em seu obsequio, uma nova maravilha, fazendo de mim, tão inepto, um panegyrista digno de tão grande heroe.

Meu Santo, eu bem conheci a difficuldade da empreza; mas antes quiz correr o perigo de não vencel-a do que deixar de fazer o que podesse em vossa honra. Por esta affectuosa intenção vos peço que me alcanceis do Senhor a graça que venho de supplicar-lhe.

Principe da Igreja, meu honorabilissimo Prelado! Tenção de bem fazer é a letra que a voz publica dicta, e a posteridade confirmará para divisa do vosso brazão. É bem fazer permittir que se não suffoquem no peito sentimentos de gratidão, amor, e reverencia; é bem fazer permittir que se tribute á verdade publico e solemne testemunho. Eu leio em um lugar das paginas santas, que depois de termos praticado tudo o que nos foi ordenado, devemos dizer — somos uns servos inuteis — mas não leio em parte alguma d'ellas que nos seja vedado aceitar a dôce approvação da consciencia, esse

paraiso da terra, como lhe chama Santo Agostinho. É esta approvação que as minhas palavras se esperançam de ir em Vós suscitar ao descreverem no meu heroe o modêlo dos parochos, pastores de segunda ordem; porque tereis inevitavelmente de reconhecer ahi a regra do vosso termo de proceder quando gerindo por cerca trinta annos igual ministerio; habilitação importantissima, com que a Providencia vos preparava para mais e mais altas funcções até á plenitude do sacerdocio, á preeminencia de successor dos apostolos, o Episcopado. Do desempenho d'este não é mister que fallem as linguas, quando fallam as pedras. A restauração da Cathedral não importa sómente a reparação das vestes da Esposa, symbolisa tambem o melhoramento de seus costumes; a restauração da Cathedral não significa apenas que vos devora o zelo pela parte material, ou physica da Casa do Senhor, significa outro sim a reformação da moral da diocese, que tão gloriosamente emprehendestes, e ides adiantando. Se n'esta reformação tiver por ventura de entrar o aperfeiçoamento do ministerio do pulpito, a carencia de luzes e virtudes, da qual o presente discurso irá fazer nova prova, não cessa de indigitar-me á primeira e mais severa correcção pastoral. Não pedirei então, nem peço agora a Vossa Grandeza que me poupe aos golpes do baculo; que seria isso trahir os sentimentos de sincero interesse que nutro pela gloria de Quem tão dignamente o empunha; antes desde já protesto filial docilidade.

Dignissimo Cabido! Contando muitos e ponderosos graus de probabilidade a opinião de que o Glorioso S. Gonçalo de Amarante, quando parocho fôra conjunctamente Conego na Insigne Collegiada de Guimarães, o justo e plausivel espirito de classe, que é amor, produzirá o natural effeito d'este affecto,

Embevecidos nas perfeições pessoaes do vosso Collega, não reprehendereis com demasiado rigor, ou relevareis as imperfeições do seu retrato. Assim o espero.

Senhores! Fallar a portuguezes de um heroe portuguez; fallar a habitantes das margens do Douro de um Varão Illustre que o Douro oppõe com virtuosa ufania ao Tejo; fallar aos seus nacionaes de um Santo, que no paiz disputa popularidade e sympathia ao proprio Precursor, e áquelle grande trophéo de Portugal, Santo Antonio de Lisboa, é ter d'antemão segura docilidade, attenção e benevolencia. N'este presupposto — principío.

Nascido em opulento palacio, da nobilissima familia dos Pereiras e Sás, de Guimarães, o joven Gonçalo podia com fundamento aspirar á brilhante carreira das armas, que por aquelles tempos o convidava a subir ao templo da fama coroado de louros. Porém este não é simplesmente o servo fiel, que o Senhor achará vigilante quando vier na segunda, e terceira vigilia; é o servo fidelissimo, que já na primeira não só está álerta, mas em combate. A todos os estados pois prefere logo em mancebo, o ecclesiastico; não porque lhe fosse impossivel santificar-se em qualquer outro, sim porque do jugo do Senhor, sempre suave, quer desde os verdes annos levar a porção mais onerosa. É d'esta sorte que só as aguias enristam desde o ninho seus primeiros vôos ao sol. Instruido sob o tecto paterno em as materias do ensino primario pelas lições de um douto ecclesiastico, prosegue a frequentar o curso de humanidades, no convento de Pombeiro, da sapientissima congregação do *Patriarcha do Sublaco*. E foi por ventura d'este facto que se originou a opinião que em tempos ainda não mui remotos tomou grande vulto, de que o nosso

Santo fôra Monge de S. Bento, contra a antiga tradição que o pregoava Frade de S. Domingos. Pleiteou-se energicamente entre uma e outra das respectivas Corporações. A sentença de Roma não favoreceu a Benedictina; mas o Inclito Personagem que louvo recolheu a gloria de que uma Familia tão fecunda em Varões illustres disputasse a honra de o ter por filho. O sacerdote, senhores, vós o sabeis, não deve ser somente o sal da terra, incumbe-lhe, mais, que seja a luz do mundo. Não basta que edifique com as acções, é preciso que encaminhe com a doutrina. E aquelle que não a tiver será como um cego conduzindo a outros cegos. Ora pretender ser sabio sem estudar, é presumir merecer o privilegio do estado da innocencia primitiva, ou o milagre das linguas de fogo no Cenaculo. O homem peccador não foi menos condemnado a cultivar a terra para a tornar fecunda do que a cultivar a razão para a tornar recta. Gonçalo reconhece esta verdade, e troveja-lhe nos ouvidos o anathema do Senhor, proferido pela bocca de Oseas contra o indouto que aspira ao sacerdocio — *Quia scientiam repulisti, abjeci te, ne sacerdotio fungaris mihi* — Solicíta portanto e consegue ser admittido no Paço archiepiscopal de Braga, optimo seminario dos ordinandos, onde se liam todos os estudos que contribuem a formar um perfeito padre. Terminado o tirocinio, ordena-se; e, á primeira abbadia que n'aquella Metropole vaga, as vistas do Primaz fixam-se para a escolha do novo parocho em as muitas letras e virtudes de Gonçalo; e eil-o para logo sentado senão no solio pontificio de uma diocese, na cadeira abbacial de uma parochia. Foi a de S. Payo de Riba-Vizella, junto a Tagilde.

Alta dignidade, senhores, é a do parocho; porém de responsabilidade altissima; tanta que o Concilio de Trento,

declarando o espirito e disciplina da Igreja desde os tempos apostolicos, ao passo que reconhece a superioridade dos Snrs. Bispos sobre todos os presbyteros, impõe-lhes a estes, quando curas d'almas, a respeito das suas freguezias, as mesmas obrigações d'aquelles a respeito das suas dioceses — *Eadem omnino de curatis inferioribus Sacro-sancta Synodus declarat et decernit.*

Sigamos por um momento a Gonçalo no exercicio de suas elevadas, mas arduas funcções parochiaes. Vêde-o, ao celebrar os divinos mysterios, imitando no sacrificio da Missa o Supremo Pastor no sacrificio do Golgotha, presentar sua cabeça para anteparar os golpes da divina justiça; offerecer-se a unir seu sangue ao de Jesus Christo para que se não perca uma só ovelha do rebanho, que lhe foi confiado. Vêde-o, revolvendo as aguas da piscina melhor da nova lei, o tribunal da penitencia. Ó vós dos parochianos de Gonçalo, a quem opprima o peso dos remorsos; cujo segredo quanto mais se tenta esconder no intimo do peito, mais elle ancêa; anhelaes respirar, declarando-o: mas a quem o revelareis? Aos céos? Temeis seus raios. A Jesus Christo, presente no sacramento do altar? É um Deus clementissimo, é certo; mas é o proprio offendido. Aos anjos? Afastaram os olhos em pranto quando vos viram peccar. Ireis clamar ás florestas: Eu sou peccador? Responder-vos-hão os echos — dôr. Ireis desafogar com um amigo verdadeiro? Onde está elle? Olhai — lá está sentado no confessionario o vosso pastor. Gonçalo não tem os vossos peccados, mas a sua muita humildade faz-lhe temer vir a tel-os. Chegai sem susto: alli encontrareis o pae carinhoso, o conselheiro prudente, o juiz benevolo: dizei-lhe, accusando as vossas culpas, contritos e humilhados: Padre, pequei: e ouvireis descer de seus labios a consoladora sen-

tença — Eu vos absolvo — ide em paz; e as abobadas do céo repercutirão — paz. Vêde-o, junto do leito da dôr, offertando em viatico ao que se parte para a eternidade o pão dos anjos. Oh! como lhe influe e communica, mais com lagrimas do que com vozes, a sua propria humiliação, a sua propria fé, maiores que a do Centurião, ensinando-lhe a dizer com este: Senhor, eu não sou digno de que entreis em meu peito; mas dizei uma unica palavra, e a minha alma será salva. Vêde-o, repartindo pelos pequeninos o pão da doutrina christã. Com que amor esparge n'aquella terra virgem o germen das virtudes! Com que carinho imprime n'aquelles tenros corações a inclinação para o bem! Vêde-o, aqui no seio d'esta familia, compondo as desallianças domesticas; o veneno peor da sociedade: alli, salvando á perdição, pela esmola, o infeliz a quem a miseria ia arrastar ao crime; porque virtude e extrema precisão collidem: acolá, reprehendendo o vicio arrogante: além animando a innocencia que vacilla: apoio dos fracos, guia dos fortes, defensor da viuva, pae do orphão, é a montanha de Oreb, cujas aguas fluentes extinguem a sêde de Israel. O seu povo só conhece necessidades em quanto elle as ignora, e os ultimos limites das suas rendas são as unicas extremas das suas liberalidades: podendo em uma palavra dizer-se de Gonçalo, com a devida proporção, o que o Evangelista affirma de Christo — Passava, fazendo bem a todos.

Por celeste impulso, e delegando com permissão do respectivo Prelado o curato da parochia na pessoa de um sobrinho seu, a quem creára; sujeito, ao que parecia, digno de tal commissão; depois de ter visitado em Roma o sepulchro dos Santos Apostolos — parte Gonçalo para a Palestina a re-

gar com suas lagrimas aquella terra abendiçoada, que o Salvador regou com seu sangue, a imprimir seus labios nos vestigios das plantas do Homem-Deus. Os transportes de devoção e ternura, os extasis de amor e compuncção que arrebatavam o coração de Gonçalo ao visitar Belem, o Horto, o Cenaculo, o Calvario, o Santo Sepulchro... lances são esses que só poderá descrevel-os quem como elle os souber sentir. Não eu; não eu.

Após larga assistencia nos lugares santos, regressa á patria e ao seu amado aprisco. A extenuação do corpo, o crestado da tez, as cãs, os andrajos permittem-lhe de annunciar-se á porta da residencia abbacial por um titulo aos seus olhos mais valioso do que o proprio que lhe pertence de dono d'ella. Annuncia-se por mendigo (mendigando viera) e pede por amor de Deus uma esmola: e alli, n'aquella casa que no seu tempo fôra sempre a hospedagem e a arca dos pobres, em vez de beneficencia encontra brutal repulsa. Mal podendo acreditar o que presencêa, julga-o rude procedimento d'algum mau servo, que assim desvirtua e malquista as intenções de seu amo, e roga-lhe consintam dirigir-se a este. Eil-o que assoma. Seu ar, seus modos, seu exterior, sobremaneira inconvenientes, dão rebate ao animo de Gonçalo, e começam de fazer-lhe temer que o pastor benemerito, qual se empenhára por deixar substituindo-o, houvesse degenerado em mercenario dissipador, em lobo voraz. E não se enganava. Pois que, lhe diz o Santo, a voz dos verdadeiros senhores d'esta casa, os pobres, aqui não é attendida, talvez o seja a do legitimo despenseiro do patrimonio d'elles. — Sou Gonçalo, o abbade d'esta parochia — Perdão, perdão! cuidaes vós que exclamaria aqui lançando-se aos pés de seu venerando tio e legitimo pastor aquelle intruso, que com falsos docu-

mentos de que este era morto, se fizera prover no beneficio. Nada menos. O perdão que lhe implora é mandar açular-lhe a matilha dos seus cães de caça; a benção que lhe pede é descarregar-lhe umas sobre outras punhadas; o acolhimento que lhe faz é pôl-o aos empuxões fóra do limiar. Ai de ti! homem... a quem não quero dar epitheto; porque apesar de tudo respeito o caracter sacerdotal que te reveste: ai de ti! Gonçalo invocará em seu justo desaggravo a espada da justiça do throno, os raios da Igreja... Porém não, não temas. O lidimo successor dos 72 discipulos do Principe dos Pastores aprendeu no proprio lugar do successo a heroica paciencia, com que o Senhor dos céos e da terra respondeu ao sacrilego assistente do Pontifice, que ousou descarregar uma bofetada sobre a sua divina face: — Se disse mal, dize-me em que; se bem, porque me feres? — Corações faceis para a injuria, difficeis para o perdão, vinde e vêde. Gonçalo retira-se, não para ir accusar ou pedir vingança perante os poderes da terra; mas para interceder com o Pae das misericordias pelo seu inimigo e perseguidor. E sem nada lhe querer dos proventos da abbadia, desde alli se propõe ajudal-o, ou antes suppril-o, no mais penoso encargo d'ella, a distribuição do pão da palavra, a prégação.

« *Euntes docete omnes gentes... Sicut misit me Pater, et ego mitto vos.* » Esta a missão apostolica, de que Jesus Christo investiu o sagrado Collegio. Apenas confirmada ella pela descida do Espirito Santo; eu os vejo reunidos em conselho, ao redor de Pedro, esses primitivos compatricios do Crucificado, substituido por Mathias o lugar do trabalhador. Que deliberarão entre si? Trata-se de converter o Universo. Doze homens sós de uma parte... o mundo inteiro da outra! Não importa. Encarrega-se cada um de nada menos, que da

conversão de muitos imperios; dão-se o osculo da paz, e partem a commetter a conquista universal. Era agora que eu me não admirára de que a Synagoga os tratasse por insensatos. E todavia a conquista realisou-se. É que o homem, que de per si nada póde, póde tudo quando o fortalece a graça. Não bastava porém que a vinha fosse plantada á voz dos primeiros missionarios do Evangelho, era indispensavel que sem descontinuar se succedessem operarios que jámais cessassem do seu cultivo; porquanto, como raciocina o Apostolo, para crêr é preciso ouvir, e para ouvir o que havemos de crêr é preciso que nos sejam annunciadas as palavras de Christo — *Fides ex auditu; auditus autem per verbum Christi* — Um d'esses incansaveis operarios, que o Senhor nas enchentes da sua misericordia se dignou enviar á messe da Igreja Lusitana, foi o nosso bemaventurado compatricio.

Depois do incidente ultimamente referido interna-se Gonçalo nas então deshabitadas terras d'Amarante, onde edifica em honra da Mãe de Deus, de quem sempre foi devotissimo, um pequeno oratorio ou capellinha; e contigua — estreita cella em que fica habitando. Solitario retiro, conta-nos o fervor da oração, o rigor dos jejuns, a austeridade da penitencia, com que este novo Baptista se prepara no deserto antes de vir ensinar aos povoados.

Por insinuação da Virgem toma o habito da Ordem dos Prégadores ou dominicano, o qual, segundo a melhor opinião, lhe foi lançado pelas mãos de S. Pedro Telmo, em Guimarães; e d'alli regressa á ermidinha de Amarante, para n'ella estabelecer o centro de suas apostolicas excursões. Já este novo anjo de mediação entre o céo e a terra, emboca a tuba evangelica; e a sua voz é tocha que illumina as mentes obscurecidas, iman, que attrahe os co-

rações indoceis, raio que prostra os espiritos contumazes? Que digo! Antes de desferir a palavra, já tem conquistada a persuasão. Se os conselhos que vai dar-nos não fossem os mais salutares, se a doutrina que vai expender não fosse verdadeira, este sabio e santo homem não nol-a viria prégar. Assim discorriam os auditorios que se dispunham a escutal-o. Para colherem mais abundantes fructos das lições e exemplos do homem de Deus, uns o seguem nas missões, outros mudam seus domicilios para junto ao d'elle. O expediente d'estes é imitado por muitos, e dentro em breve o que ha pouco era intratavel deserto, habitação de feras, manifesta-se já basta e avultada população sobre ambas as margens do Tamega. Tal foi a origem do restabelecimento da antiga Amarante, originariamente Araduca; e por isso com justo fundamento a agradecida voz do povo deu por appellido ao Santo o nome da terra de que o reconhecia e confessava restaurador. Incendido na caridade de Jesus Christo pelo bem — temporal e eterno — de um povo que trazia no seio, como a aguia aos filhos sobre as azas, doía-lhe muito n'alma a Gonçalo vêr que os que viviam d'além do rio quando vinham, já ao pasto espiritual da palavra de Deus, já aos mesteres dos trafegos da vida, ou lhes tolhia a passagem a corrente impetuosa das aguas, ou arrebatava os que temerariamente commettiam o vau, e perdiam muitos a vida. Que fará? Recorre ao seu costumado e sempre indefectivel thesouro. Ora; e surge da oração annunciando a todos que vai fazer assentar uma ponte de pedra sobre o Tamega. Que copioso pasto da lingua dos criticos! Como! exclama um; pois um pobre frade que não tem de seu mais que o breviario, e que mendiga o pão quotidiano emprehende machina difficil ao pulso de um potentado! É de-

mencia da muita idade. Ainda que venha a obter, acrescenta outro, alguns materiaes e braços para o lavor, onde tem elle a necessaria intelligencia para o risco, escolha do sitio, esgoto das aguas, assentamento dos alicerces, etc.? Parará tudo em ridiculo embryão, vergonhoso monumento da incapacidade do seu author. Deus, insiste aquelle, ajuda os animosos; porém não os temerarios: o rio com os seus perigos patentes é uma advertencia viva aos arrojados, mas com uma ponte de apparente solidez será um laço ainda aos cautelosos. Tendes razão, muita razão, sensatos discursadores. Mas permitti-me que vos diga: não tendes fé, nenhuma fé: com fé quanto um grão de mostarda, não duvidareis admittir possivel o que dentro em pouco tereis de reconhecer realisado, vendo-o, palpando-o. A ponte fez-se (e talvez fôra aqui o lugar de observar de passagem que não foi esta a primeira nem a ultima vez que um pobre frade fez alguma cousa de grandemente util para o bem commum, para a causa publica). A ponte fez-se commoda, regular e tão solida, que o insigne historiador Frei Luiz de Sousa, descrevendo-a pelos annos de 1678, diz assim: A firmeza que mostra, havendo quasi quatrocentos annos que é fundada, nos dá bons indicios das maravilhas da sua fabrica, porque em tamanha antiguidade não se vê n'ella cousa que ameace ruina nem mostre velhice. E que muito, se Deus, que inspirou o projecto, favoreceu a execução! Effeitos superiores ás forças naturaes do homem; milagres!...

Senhores, eu sei a quem tenho a honra de fallar. Fallo a uma assemblea illustrada e orthodoxa, que nem negará no Omnipotente o poder de fazer milagres, nem aos seus validos o poder de impetral-os. Mas parece-me perceber ao longe uma voz que me brada — Não vale a consequencia — Quer

dizer: Uma cousa é reconhecer que Deus póde fazer milagres e os Santos obtel-os, outra acreditar que milagres foram feitos e obtidos em tal ou tal conjunctura; em tal ou tal hypothese. E visto que o oraculo do Vaticano não pronunciou sobre cada um em particular dos milagres a que se allude, é licito, sem offensa da piedade christã duvidar d'este ou d'aquelle que menos verosimil pareça. Senhores, permitti-me que eu responda a esta objecção. Dado, mas não concedido, que o raciocinio colha, *quid inde?* Quererá por ventura argumentar-se assim? Duvido — logo é falso. Esta dialectica é inadmissivel. Duvido — logo estudarei para convencer-me, isto sim que procede; por quanto a duvida philosophica, não o scepticismo, é fonte de sciencia. Quereis que vos patenteie toda a minha alma? Tambem a duvida me tentou. Estudei e convenci-me. Fazei vós o mesmo. Em quanto pois com plausivel resolução estuda quem sinceramente deseja passar da duvida á certeza — *discant indocti* — recreemo-nos em recordar o que já sabemos por certo — *ament meminisse periti.*

Senhores, eu não posso referir aqui todos os milagres que Deus por intercessão de S. Gonçalo operou a fim de levar-se a effeito a construcção da ponte de Amarante. Mencionarei apenas um ou outro; sempre porém dos que menos verosimeis pareçam; e seja ainda a bella linguagem de Frei Luiz de Sousa (ousaria eu substituir-lhe o meu tosco estylo?) quem nol-os conte. «Era necessario para segurar os alicerces lançar-lhes lageas como meios montes. Excedia isto nas forças. Começou a gente a desconfiar e ir largando o trabalho. Estava cortado um penedo de desmesurada grandeza, acudiu uma quadrilha dos mais esforçados moços, membrudos, fortes e agigantados, quaes aquella idade os

criava; puzeram-lhe as mãos e a boa vontade; tal era que nem abalal-o poderam e havia quem julgasse que nem quatro singeis de bois o moveriam. Viu o Santo o que passava; e tinha notado o desgosto que ia entrando em seus obreiros; chamou por Deus em seu coração; chegou-se á pedra; pôz-lhe as mãos, dizendo alegremente: Para esta um velho basta; e foi-a rodando com facilidade e levou-a, só, a tombos ao logar onde havia de servir. — Um dia chegou-se o Santo a certo homem que lhe apontaram pelo mais nobre e abastado d'aquelles sitios, e pediu-lhe com humildade uma esmola para comprar algum remedio, com que consolar a seus trabalhadores. Era o tal d'aquelles que se finavam de riso todas as vezes que se lhes fallava na edificação da ponte. Armou-se porém de fingimento e respondeu com cortezia — que por não ter alli dinheiro comsigo lhe daria um escripto para sua mulher partir com elle do que houvesse em casa. Aceitou-o e agradeceu-o o Santo e foi presental-o á mulher. Abrindo-o ella, Padre, disse, não é boa letra de cambio a que trazeis — lêde-a, vereis o que vos manda dar; folgára eu que fóra muito. Lido o escripto eram as palavras: — Dareis a este Frade innocente para a sua ponte tanto dinheiro quanto pesar este papel. Não seja essa a duvida, tornou o Santo, se determinaes cumprir o mandado. Venham balanças e dinheiro, que eu me dou por satisfeito com o que a letra diz. Parecia pura simplicidade. Mas foi Deus servido dar tal virtude áquelle papel que lançando-se muita prata na balança contraria assim a levava pelos ares, como se o papel fôra chumbo e o dinheiro papel. — Outro dia foi-se a casa de uma rica dona e pediu-lhe por esmola uma junta de bois para servirem alguns dias na obra. Respondeu a senhora por motejar d'elle e da ponte — que muitos trazia no

monte—se d'esses quizesse mandasse por elles. Era o caso que trazia grande criação na serra do Marão, porém todo gado bravo e não domado. Não quiz o Santo usar d'outro ministro. Sobe á serra, busca o gado, dá com touros bravos e ferozes; chama por dous; assi vieram a elle como se foram cordeiros, assi tomaram o jugo e serviram no trabalho como se toda a vida o tivessem em costume. Basta; o tempo urge. Que venha agora o descrente. Que diz no ponto? São cousas contra as leis da natureza—É claro. Mas ainda o é mais, que a mão que exarou as leis podia exarar as excepções.—Não creio porque não vi? N'esse caso tem de aceitar o testemunho do cego de nascimento que deponha contra a existencia das côres, porque tambem nunca as viu. Que condições exige pois para crêr? Que esses factos fossem praticados em campo aberto, ao pino de dia claro e na presença de uma Academia de sciencias? Pouco exige. Mais, muito mais do que isso lhe daremos. Dar-lhe-hemos o depoimento uniforme e constante de centenares e centenares de testemunhas de vista em tão perfeito uso de seus orgãos visuaes e razão natural, que é quanto para o caso se requer, como o mais completo naturalista—nenhuma d'estas testemunhas interessada em admittir os factos, muitas em recusal-os; dar-lhe-hemos o depoimento de nunca desmentida tradição estendendo-se com estrepito por vastas provincias; dar-lhe-hemos o successo memoravel que d'aquelles factos resultou e só por elles explicavel; dar-lhe-hemos em uma palavra todos os criterios da certeza moral. Se os rejeita, transtorna toda a ordem social; que sobre ella assenta; é um pyrrhonico que nem se quer tem direito a acreditar cujo filho é.

Poucos annos depois de concluida a ponte foi o Senhor

servido chamar a si o seu servo a fim de o proclamar grande no reino dos céos, por quanto tinha elle feito e ensinado o bem — *Qui fecerit et docuerit, hic magnus vocabitur in regnó cœlorum* — Apenas divulgada a noticia do transito de Gonçalo, não houve por todas estas comarcas mais do que uma voz formada de milhares de vozes — a voz geral da nação que com piedosa hyperbole o appellidára — o Deus d'entre o Douro e Minho. — Morreu o Santo, morreu o nosso amigo, o nosso bemfeitor, o nosso pae. Consolai-vos, boa gente. Gonçalo ao despedir-se, esperançado nas promessas de um Deus remunerador, prometteu que se não esqueceria no céo dos seus devotos. E cumpriu a palavra. O reino coberto de igrejas e altares da sua invocação; entre os quaes o d'este é de tempo que vence toda alembrança; a annual romaria ao seu sepulchro, outr'ora só inferior em concurrencia, entre as da peninsula, á de S. Thiago de Compostella; os muitos privilegios com que os senhores reis d'este reino desde o Infante D. Pedro Regente na menoridade de D. Affonso V até ao Cardeal-rei ennobreceram a villa d'Amarante, declarando expressamente em seus alvarás que por respeito e agradecimento a S. Gonçalo lh'os concediam, são manifestos signaes da especial protecção com que tem assistido ao seu Portugal. Meu Santo, meu amado Santo, nossos paes obtiveram exhuberantes demonstrações do vosso patrocinio; nós talvez merecemos menos; mas por isso mesmo precisamos mais. Por todos os favores só um vos peço. Alcançai-nos do Senhor que sejamos santos como Vós fostes; porque então embora aqui tenhamos fome e sêde; embora aqui choremos e padeçamos perseguição; embora aqui nos injuriem e digam todo o mal contra nós, mentindo — exultaremos e folgaremos porque o nosso galardão será, como o vosso, copioso no céo.

V

SERMÃO

DA

ASCENSÃO DO SENHOR

A purpura, o ouro, as flôres decorando o templo, copiosos lumes esclarecendo-o á competencia com o fulgor do dia, deliciosas consonancias revoando por suas abobadas, fraterna congratulação transparecendo no aspecto da assembléa dos crentes;... verdadeiramente dignas e justas são estas festivas demonstrações, Igreja santa: quem esperaria menos do teu terno amor, ó casta esposa, na hora da exaltação do teu amado?! Acompanhaste-o, fiel, no combate, até ao ultimo sangue sobre o Golgotha: publicaste sua victoria resurgido do sepulchro; mal podias deixar de tomar parte em seu triumpho victoriando-lhe a gloriosa ascensão. Penalisa que o interprete de tanto jubilo tão pouco valha para exprimil-o: consola-me porém o pensamento de que os objectos da primeira grandeza são ineffaveis; que o maior silencio é o seu melhor elogio, e que quando indispensavelmente cumpre fallar d'elles, mais acertadamente falla quem falla

menos. Assim o testemunhou hoje em si proprio, a respeito do mysterio que celebramos, todo o sagrado collegio dos apostolos, que o presenceou; viram e emmudeceram; e posteriormente, dos quatro evangelistas, S. Matheus e S. João não proromperam em uma só palavra; S. Lucas e S. Marcos, em duas ou tres apenas. *Ferebatur in cœlum*, diz o primeiro; *assumptus est in cœlum*, o segundo. Fallaram sim n'esta hora um pouco mais largamente os anjos; mas como attonitos, abstractos, e quasi alheados de si. Relevai-me o encarecimento, em vista do fundamento que lhe presta a letra do sagrado texto. Vêde. Os numerosos esquadrões de espiritos angelicos que formavam o prestito da ascensão de Jesus Christo, bradam a grandes vozes aos celestes paranymphos que o esperam nos atrios do empyreo: Franqueai, ó principes, as portas eternaes para que entre o rei da gloria! — *Attollite portas, principes, vestras, et elevamini portæ æternales, et introibit rex gloriæ* — Quem é este rei da gloria? lhes perguntam — *quis est iste rex gloriæ?* — Como! celestiaes cortezãos! Pois não conheceis o vosso rei? não conheceis aquelle, cujo nascimento acclamastes em Belem, e a quem no deserto ministrastes, de joelhos, o alimento?... Bem que costumados ás maravilhas do céo, o esplendor d'esta nova maravilha como que os deslumbra, e faz desatinar — Mais para admirar do que discorrer é pois o presente mysterio. A santa igreja assim o reconhece chamando-lhe por antonomasia — admiravel — Quando esta affectuosa mãe nos ensina a interpor por medianeiros em favor de nós, seus filhos, os meritos do Salvador, diz: Senhor, rogamos-te; ouvi-nos pela vossa encarnação, pelo vosso baptismo e jejum, pela vossa morte e sepultura, e assim nos demais. Mas chega ao presente mysterio, amplifica os termos e diz: pela vossa admi-

ravel ascensão — *per admirabilem ascensionem tuam.* Como pois achar apropriadas palavras bastantes para formar um discurso sobre objecto que tira a palavra aos apostolos, encurta-a na penna dos evangelistas e a desconcerta na bocca dos anjos lançando-os a todos nos extasis da admiração? Todavia a vossa piedosa expectação exige de mim que eu ore. Obedecerei. E por quanto não podemos directamente formar uma idéa ou imagem da pompa triumphal, que revestiu a Ascensão do Senhor, porque nem as letras santas, nem a tradição nol-a referem, deduzamol-a dos seus fundamentos, ou motivos, na revelação explicitos, visto como todo o effeito é sempre proporcional á sua causa. Assim pois — tropheos de Jesus Christo da Ascensão no triumpho, apreciados por seus combates e victorias — eis o argumento que desenvolver me proponho.

Senhor! mudos de assombro ficaram hoje no Olivete os apostolos ao vêr-vos subir ao céo. Mas logo que o Santo Espirito desceu no Cenaculo sobre elles, em fórma de linguas de fogo, eil-os eloquentes pregoeiros dos mysterios da Fé. Queiraes, movido de minhas preces, enviar-me uma d'aquellas divinas chammas, que illuminando o meu tenebroso entendimento e incendiando o meu frigido coração, me torne idoneo para acclamar a vossa Ascensão gloriosa.

Pastor sagrado, sois mestre (e quão douto!) sois juiz (e quão recto!) mas tambem sois pae; e quem jámais temeu rigores de coração paterno? É nos ramos do alteroso carvalho que a hédera humilde encontra esteio e abrigo; é nos braços da sabedoria, sempre bemfazeja, que a ignorancia docil depara com protecção e defeza.

Tenho um alto jus, um titulo irrecusavel á vossa indul-

gencia: aquelle divino modêlo que jámais perdeis de vista, o Principe dos pastores, nunca repelliu a rudeza dos incultos discipulos; a seu exemplo portanto, graça, mercê.

Quanto a vós, honoravel corporação, scientes da notoria insufficiencia do orador que convidaveis, aggravada ainda pela estreiteza do tempo que vos foi compativel pôr á minha disposição, não haverei mister pedir indulto, mas sim a continuação da obsequiosa benevolencia que claramente presidiu á escolha que de mim fizestes. Além de que, quanto falta de efficacia ás minhas vozes, suppril-o-ha sobradamente o fervor da vossa piedade tão energicamente revelado na magnifica pompa, com que solemnisaes um dos mais augustos mysterios da religião.

Religiosa assemblea, a pedra preciosa nada perde do seu intrinseco valor pelo infimo preço do annel em que se acha engastada: semelhantemente, honrareis, eu o espero, a palavra evangelica, não obstante a indignidade dos labios que vão proferil-a.

As grandes victorias presuppõe grandes combates, e aquellas são sempre tanto mais gloriosas quanto estes tem sido mais violentos e disputados. Os louros, de que a historia nos transmitte adornados os triumphadores, foram ceifados entre mil fadigas, e os epinicios que lhes consagra comprados a preço do sangue e da vida. Que batalha viram ou verão jámais os seculos, nem de longe assemelhavel á travada entre o leão da tribu de Judá e a infernal serpente? O anjo réprobo não podendo morder vingativo a dextra que o precipitára no abysmo, lacera a mais bella obra da mesma dextra; não podendo attingir o creador, colhe nas garras a mais nobre das creaturas; á semelhança do tigre, que perdi-

da a esperança de aferrar o caçador que em lugar inaccessivel zomba de suas impotentes iras, investe-lhe a sombra. O Dragão levára no eden de vencida a nossos primeiros paes; e havendo-lhes, traidor, promettido que seriam deuses se comessem do pomo prohibido, suggere depois aos filhos, pelo attractivo da impunidade, que não ha Deus. Esta doutrina porém é tão absurda que não faz proselytos. O archi-inimigo, mudando de rumo, imagina que para aniquilar a divindade bastaria multiplical-a; e arrastando os homens a erguer templos e altares ás plantas e aos animaes, aos astros e aos elementos, reina em quasi todo o universo, pois que quasi todo o universo era idolatra. Tudo era Deus, menos Deus. Não te desvaneças, tyranno, de tua ephemera victoria. A promessa ha-de cumprir-se; as nuvens choverão o Justo, a terra brotará o Salvador, e então desarmado, vencido, sentirás passar-te por sobre a orgulhosa cabeça o seu carro de triumpho.

Sob que ingentes imagens haviam os prophetas preconisado este pasmoso combate! Ora o Messias está armado de uma espada terrivel para exterminar o monstro que habita nas aguas do abysmo; ora é o inimigo dos deuses de Babylonia que deve exercer sobre Bel os seus inauditos castigos e suspender a multidão dos povos, que vão adorar o idolo: aqui é um vencedor glorioso que deve arrancar ao enorme gigante a presa de que se apossára, e libertar os que elle pozera em escravidão; alli é um pastor incomparavel que expulsará todas as feras a que o seu rebanho estava exposto, para o fazer dormir tranquillamente nas florestas; além o Espirito Santo falla de Lucifer, sob o nome de leviathan, como de um monstro tão horrivel, que nada existe na terra assás medonho que possa comparar-se-lhe; tão voraz, que en-

gole, sem esforço, o grande rio formado pelas gerações successivas de todas as nações, (e que espera attrahir ainda a suas fauces o povo privilegiado que habita as margens do Jordão;) tão duro, e impenetravel que cospe todos os golpes, resiste a todas as forças. Este o desmedido colosso, o forte armado, a quem o Eterno permitte sahir a campo contra o seu unigenito. O poder das trevas é grande, o inimigo possante, feroz, implacavel, e tanto, que antevista por Jesus Christo no jardim das oliveiras a crueza dos combates que d'elle vai receber, cobre-se de mortal tristeza, súa sangue até correr pela terra e pede a seu pae o dispense de beber tão amargoso calix. Mas quem como Deus? Aquelle mais forte Goliath cahiu aos golpes de outro mais valente David, e com uivos de desespero, ao sentir-se vencido, realça hoje por contraste a melodia dos hymnos na Ascensão do seu immortal vencedor. Desgraçado! és o unico ente excluido da caridade com que o meu Deus a todos ama; não posso, não devo tambem amar-te; antes folgo da tua derrota, porque por ella meço a grandeza do triumpho que o Salvador gozou. Esquadrões de Israel insultados pelo Philisteu, applaudi o vosso libertador no dia da sua preclara ovação.

Outro não menos bello florão vem entretecer a corôa com que o Eterno Pae hoje cinge a cabeça de seu filho. É a victoria sobre o mundo. Levante-se embora contra o Senhor o erro do idolatra, a incredulidade do Judeu, a supposta sciencia dos philosophos; rompido será este triplicado cordão, esta triplicada muralha será abatida. Abatido ficou o erro do idolatra, porque os milagres de Jesus Christo, todos de clemencia e amor, tem um caracter de verdade, um cunho divino, que não apparece nas obras, as mais extraordinarias, dos seus heroes, ou semideuses; porque este homem a quem

toda a natureza obedece sustenta a grandeza dos seus prodigios pela santidade de sua vida, pela integridade de seus costumes e por uma moral e doutrina infinitamente mais pura e sublime, que a dos mais sabios e probos doutores do Portico e do Lyceu. Abatida a incredulidade do Judeu; que jámais conseguirá responder aos argumentos de que não podendo negar a existencia das maravilhas, que presenciára, menos póde attribuil-as, como fingiu, ao poder do demonio; porque se Lucifer armasse contra si mesmo a Jesus, arruinava a expensas suas o seu proprio reino; e de que um ministro do genio da mentira e do vicio jámais teria vindo prégar a verdade e a virtude. Abatida a pseudo-sciencia dos philosophos; porque está demonstrado que esse mysterioso laço que deve, ligando a todos os homens, unil-os com Deus; e cuja formação confessavam requerer a intervenção de uma intelligencia superior á esphera humana, formou-o Jesus Christo, dictando a sua religião; pois que os systemas de moral e crença até alli por elles dictados nem enfreavam as paixões pela consciencia, nem davam ás obrigações moraes sancção, nem punham distincção real entre virtude e vicio, nem ensinavam ao homem de que origem procedia, que fim devia propor-se e por qual caminho attingil-o: em uma palavra, nada diziam ou diziam fabulas ácerca de Deus e do culto, da igualdade e fraternidade do genero humano, da immortalidade da alma e da existencia da vida futura. Finalmente o Messias chega; entra em combate, e a estatua da idolatria recebe o golpe da mysteriosa pedra expedida, sem mãos, da montanha, que deve em pouco fazel-a baquear — A synagoga tem de abdicar aos pés da nova archa da alliança o racional, a lamina d'ouro, e o ramo de amendoeira, symbolos do sacerdocio hebreu, cuja missão terminára; e as orgulhosas escólas

dos philosophos emmudecem á voz da nova philosophia do amor de Deus e dos homens, do perdão das injurias e da caridade universal — Que portentosa victoria esta! e portanto qual glorioso triumpho corresponder-lhe devia!

Mais uma palma a empunhar, porque mais um inimigo a vencer. É a morte. Abrira-lhe Satan as portas do mundo, e o mundo era um campo immenso de despojos todos seus. Já ella se applaudia de haver sobre o calvario feito morrer Aquelle que é a vida, de ter envolto nas trevas de sua interminavel noite Aquelle que é a luz, imposto eterno silencio ao Verbo de Deus Padre... Não leves, ó louca, mais por diante a tua insolente vangloria: vem vêr a tua victima, vivo, impassivel, subindo aos céos triumphante. D'ora ávante, nem já mesmo sobre nós terás absoluto imperio. Ferirás ainda cabeças que o crime do primeiro homem submettera a uma das tuas espadas; mas ess'outra espada que fazia morrer a alma, foi-te partida. Passou o funesto tempo em que a morte do corpo era a entrada para a morte eterna. Agora quem quizer participar da victoria de Jesus Christo, ás fauces salvará da assassina a parte melhor de si mesmo, deixando-lhe nas garras apenas um mesquinho cadaver, e ainda esse não como dominio, mas só como deposito, porque no ultimo dia surgirá da terra. Se este, ó morte, é o poder que conservas, quanto as tuas armas são fracas, quanto é frivola a tua victoria! A vossa, ó meu Salvador, mudou a miseravel condição dos homens. O termo da mortal jornada não é já um medonho golpho para o que se lhe commette na barca de Pedro, com a fé por norte, a esperança por ancora, e a caridade por leme. Ao verdadeiro christão que impressão nova lhe póde causar a morte? Morto está elle já no coração para o mundo. Deixa prazeres, honras, riquezas? fossem, que não o são,

bens verdadeiros, que parallelo tem com os bens eternos? Deixa familia e amigos? amava-os em Deus, deixa-os por ir para Deus; e lá amal-os-ha inda com mais effectivo amor, intercedendo, a fim de que vão para sempre unir-se-lhe pelos laços de caridade tão intima, que a felicidade de cada um é a felicidade de todos, e a de todos e cada um a posse da mesma bemaventurança, que faz bemaventurado ao proprio Deus. Para homens d'esta tempera, onde está, ó morte, a tua victoria? Foi absorvida na victoria de Christo; e a fouce, teu sceptro, enriquece, como despojo, o seu glorioso triumpho.

Vencimento do peccado, victoria de Jesus Christo, novo trophéo da Ascensão. Pelas victorias sobre o demonio, o mundo e a morte, reformou Jesus Christo o homem; pela victoria sobre o peccado, redimiu-o; e a redempção do homem só podia conquistar-se pela paixão do Redemptor. Para conseguir aquellas bastava lhe empregar as armas da sua sabedoria e poder; para alcançar esta cumpriu lhe empenhar os lances do mais fino e extremoso amor; e lances de extremoso e fino amor não podem reconhecer-se em al que não seja padecer a bem do objecto querido. Dizei o vós, ó corações maternos, mais que nenhuns outros entendidos em pontos de querer bem. Oh! e de quantos e quão arduos combates se teceu a campanha da paixão de Jesus Christo! Fome, frio, nudez, desamparo, accusado de rei fingido, de hypocrita, malfeitor e amotinador do povo, cuspido, flagellado, morto!

Estes bem mostram ser golpes maiores do que os dos outros adversarios. Estes são os golpes do braço do omnipotente, que exige a paga do insulto que o peccado lhe fizera. Aqui havia a luctar contra a propria justiça divina, e a propria justiça divina foi desarmada; por quanto ficou satisfeita. Por isso, tambem os trophéos que á tal victoria cabem são coróa

e palma superiormente gloriosas; é a corôa d'espinhos, é a palma da cruz.

Vencidos estão os inimigos: que resta? cantar o triumpho; tanto mais que este triumpho não é redundante ostentação, é indispensavel complemento das victorias. O inferno fôra sim aferrolhado pela morte de Jesus Christo, mas se o Redemptor não subisse ao céo a fim de por nós e para nós tomar d'este posse, quem subiria lá? Se o novo Adão não entrasse primeiro no paraiso, qual dos filhos do Adão antigo ousaria alli penetrar? Se o novo Josué não conquistasse a terra promettida á frente do seu povo, quem do seu povo a conquistaria? Se Jesus Christo nos não restituisse á patria, que desterrado filho de Eva teria jus de demandal-a? Ficaramos sim sem temor da parte do demonio, mas sem esperança da parte de Deus; felizes por salvos a tormentos eternos, mas desditosos por privados do summo bem. E quanto a vós, Senhor! depois de ter sido sobre o calvario a victima publica do peccado, contentar-vos-hieis de uma victoria obscura? Presenciára o universo o espectaculo da vossa morte e descida á sepultura, não presenciaria o da vossa subida ao céo, gloriosamente resuscitado? Não; vós não podieis consentir n'esta mancha á vossa gloria. Por vossa gloria pois e nosso bem, subi, Senhor; não attrahido por força alheia, mas elevando-vos por virtude propria; subi, não ao ultimo céo, mas acima de todos os céos; subi, não para o primeiro dos celestes coros, mas para a direita do Eterno Pae.

Senhora, eu não sou digno de entrar na triumphal acclamação do vosso filho, porque a purpura do seu sangue que sobre mim correu, deixei-a obscurecer pelo peccado. Concedei-me, ó mãe piedosa, n'este dia de mercês, em que as alegrias do gethsemani vos compensaram amplamente das la-

as do calvario, concedei-me o manto da vossa protecção,
que á sombra d'elle exclamar possa: Salve, Immortal
edor de Lucifer, do mundo, da morte, e do peccado!
em todas as victorias, caiam todas as corôas, prostrem-
das as palmas; e viva por todos os seculos a triumphan-
scensão de Jesus!

VI

SERMÃO

DO

TRIUMPHO DA SANTA CRUZ

Vexilla Regis prodeunt;
Fulget Crucis mysterium,
Quo, carne, carnis Conditor
Suspensus est patibulo.
O Crux, ave!
(De um hymno da S. Ig.)

Do Rei eis sahe o cortejo;
Brilha da cruz o mysterio;
Oh! céos! que vejo!
No patibulo adorado,
Lenho outr'ora d'improperio,
Lá pende um Deus humanado.
Salve, ó Cruz
Do meu Jesus!

Endeusados heroes da antiga Roma, tambem por um *salve* começa a acclamação, com que no transito para o Capitolio vos victoría o povo rei; tambem por um *salve* começa a felicitação, com que á porta do Trapeio templo vos sauda o Senado. Que não vos inebrieis ao mago som d'essas fraudulentas lisonjas! Escutai ess'outra voz que de mais perto vos lembra que sois homens e não deuses.

Triumphadores do seculo, não me cega o brilho da preciosa pedraria que vos recama a purpura. Os louros, que cin-

gis, ficam delidos no mar de sangue que derramastes de vossos irmãos; o sceptro, que empunhaes, quebra-se contra os grilhões, com que algemastes homens livres como vós por dom de Deus; esperai um pouco e essas columnas que a adulação vos levanta, pregoando em pomposa inscripção falsos louvores, serão substituidas por uma lapide que de mais legitimo direito vos pertença, onde possa lêr-se: Aqui jaz o pó do que foi pó e a pó voltou. Triumphadores do seculo, ahi vos dou rivaes dignos de vós; o africano leão talvez mais generoso, o indico tigre de certo mais forte. Quando mesmo as vossas victorias cedam em pró da religião, ainda assim vos direi o que á noticia da triumphal entrada de D. João de Castro, em Gôa, após a victoria de Dio, disse a piedosa rainha D. Catharina: Se vencestes como christãos, triumphastes como gentios. Por ventura entre os inclitos guerreiros da Igreja militante eu ache um triumphador... Mas que tem que vêr as settas de um Sebastião, a aspa de um André, a roda de navalhas de uma Catharina; o equuleo de um, as grelhas d'outro, as tenazes d'este, a fogueira d'aquelle, os instrumentos do supplicio, e da victoria, de todo o candidato exercito dos martyres, com a Cruz de Jesus Christo?—a Cruz de Jesus Christo pela qual, unicamente, os santos são santos e gloriosa a corôa dos campeões da Fé; a Cruz de Jesus Christo, arvore divina, a cuja seiva, tão sómente, as palmas dos heroes do Christianismo devem a florescencia. É assim que debalde a roda políra e facetára o diamente, elle não scintillaria se a luz lhe não prestasse os seus resplendores. Só vós Senhor, sois grande e nunca maior que pela vossa Cruz. E é d'este Estandarte Real que eu tenho a celebrar as victorias. Deus vivo e verdadeiro, tão realmente n'esse luminoso throno como nos altos céos sobre as azas dos seraphins, di-

nai-vos attender á voz da minha oração. Costumam os mi-
istros da palavra evangelica, na invocação do discurso,
upplicar-vos, que ao sopro do vosso divino Espirito, sem o
ual nada ha de bom no homem, inflammeis as suas linguas
ara que possam fallar dignamente de Vós, e das cousas do
osso reino; e eu hoje, paralytica a minha lingua pelas ma-
avilhas da Cruz, quizera pedir-vos, que confirmasseis com
sello do mesmo divino Espirito o meu silencio, porque o
ilencio do assombro, a mudez do espanto é o panegyrico
nais eloquente que um rasteiro verme da terra póde tecer
quelle tão alto objecto. Mas, Senhor, a expectação da pie-
losa assemblea que assiste aos presentes cultos, a da religio-
sa Corporação que vol-os dedica, demandam de mim pala-
ras, desejando que eu seja o orgão de quanto seus cora-
ões, com rendida adoração, se gloriam na Cruz. Nada me-
os pois que um milagre da vossa omnipotencia eu neces-
ito. Dizei á minha lingua, como á do surdo e mudo do Evan-
gelho — *Ephpheta* — solta-te! para que ella preconise a
aurea do mais glorioso certame e sobre o trophéo da Cruz
lecante um nobre triumpho.

Senhores, não vos peço attenção nem indulgencia. Não
os peço attenção, porque a vossa religiosidade e até a vossa
urbana delicadeza m'a está promettendo; não vos peço indul-
gencia, porque, apenas levastes a bem que eu fosse o inter-
prete dos vossos christãos sentimentos, implicitamente vos
compromettestes a liberalisar-m'a. Cumpre-me sim agrade-
cer uma e outra mercê; desde já gostoso o faço; e principio.

É impossivel compulsar o antigo Testamento sem que a
cada pagina se nos depare uma figura, uma imagem e n'ella
uma promessa da Cruz reparadora. A corrupção dos mor-

taes tinha chegado ao seu cumulo e passado além; o Senhor se indigna e jura exterminar esta raça perfida. Vão abrir-se as catadupas do céo e vomitarem por 40 dias e 40 noites torrentes sobre torrentes; os rios trasbordando de seus leitos vão derramar-se pelos campos e povoados e arrebatar comsigo arvores, rebanhos, gentes, choupanas e palacios; e se algum escapar ao encontrão medonho, em breve as aguas lhe cobrirão os tectos: toda a terra será mar e mar sem praias. Não valerá ao cervo para fugir a ligeireza dos pés, nem á aguia a valentia das azas. Quem salvará o homem da colera de um Deus vingador? A arca, ella fluctuará immune no meio das ondas do diluvio. E que symbolisava a arca? a Cruz. O ramo verde de oliveira que a pomba trouxe a Noé para indicar-lhe que as aguas já se haviam retirado de sobre a terra, que symbolisava? a Cruz. O conductor do povo hebreu, Moysés, fere o Egypto com pragas, aterra Pharaó sobre o seu throno, divide o mar vermelho para dar passagem a pé enxuto á nação israelita, tira d'arido rochedo abundante fonte de aguas vivas; operando todos estes prodigios com a mysteriosa vara que empunha. E que symbolisava esta vara? a Cruz. A escada que Jacob viu em sonhos e que tornava communicativos o céo e a terra; o escudo de Josué que arrasava as cidades inimigas; o estandarte de que falla Isaias que o Senhor devia levantar no meio das nações para reunir os povos da terra e juntar os espalhados restos de Israel e Judá; essa chave da casa de David que havia d'abrir o céo sem que mais se podesse fechar, e fechar o inferno sem que mais se podesse abrir; esse *Tau* mysterioso que imprimido na fronte dos que gemiam no meio de Jerusalem os resguardou da espada do anjo exterminador; essa tenra vergontea que o Senhor devia plantar em uma das mais altas montanhas d'Israel para ahi germi-

ir, dar fructos e attrahir á sua vasta copa todas as aves do mundo; estas e outras muitas imagens, que symbolisavam a Cruz.

Salve, ó Cruz divina, feliz realidade de tão magnificas imagens e esperançosas promessas!

O homem tinha dito — eu não obedecerei — e para logo fica estabelecida esta alternativa: ou a reprovação eterna do genero humano, ou cumpria que um Deus dissesse: — E eu, independente como sou, obedecerei até á morte e morte de cruz. O homem tinha dito — serei semelhante a Deus: ou a condemnação do mundo seria irreparavel, ou cumpria que um Deus dissesse: E eu tomarei a fórma de escravo. Cumpria que, para offerecer á divina Justiça uma satisfação digna da sua gloria, a profundidade do abysmo em que o Verbo se precipitasse correspondesse á altura do exaltamento a que o pó desvanecido tinha temerariamente aspirado; cumpria que um excesso de humiliação reparasse um excesso de audacia; e por quanto nada póde haver de mais elevado em relação ao homem do que o monte do Testamento ou throno de Deus, e nada de mais abatido em relação a Deus do que uma cruz, cumpria que um Deus descesse até á cruz, desde que o homem pretendera subir até ao throno de Deus. Em uma palavra, se a cruz não tivesse existido, Christo não teria vivido na terra e o Verbo revestido-se da humanidade. Não sou eu, homem ignorante e sem o espirito de Deus, que o digo; é o grande sabio e grande justo, Santo André, Arcebispo de Creta — *Si crux non esset, Christus in terris non fuisset; non humanitatem induisset Christus.*

Salve, ó Cruz divina, instrumento unico da Redempção!

Recorramos, senhores, ao fiel deposito do viver dos po-

vos que já foram — a historia; e procuremos ahi a imagem do estado moral do universo antes da morte de Jesus-Christo. Que descobrimos? O paganismo reinando do norte ao sul e do meio dia ao septentrião — a philosophia oppondo com suas maximas, todas de interesse material, quasi invencivel barreira á crença dos novos mysterios, e a propria nação escolhida, carnal e degenerada, desconhecendo já o verdadeiro sentido das promessas e esperando no Messias um general, um conquistador que quebrasse á espada os ferros de Israel. É n'estas circumstancias que apparece um homem, ao principio obscuro, depois celebre por sua doutrina, virtudes e prodigios, que ousa dizer aos idolatras: Os vossos deuses não são mais do que um pouco de pau, metal ou pedra — ha um só Deus, immaterial, invisivel; — á synagoga: Hypocritas, bem prophetisou de vós Isaias quando disse — este povo honra-me com os labios, mas o seu coração está longe de mim. Cessai pois de honrar-me ensinando doutrinas e mandamentos que vem dos homens; — e aos philosophos: Reprovo a vossa sabedoria; toda a lei se encerra em dous preceitos — amarás a Deus sobre todas as cousas e ao proximo como a ti mesmo. Uma morte infame de cruz é o resultado da entranhada missão. Pois eis aqui, fieis, a época, a origem, a causa da mais assombrosa e importante revolução que viram os seculos. A Cruz que no calvário era assumpto de irrisão, e objecto de opprobrio, apresentada ás nações nos debeis braços de doze pobres pescadores, submette-as á fé, arrasa os templos dos idolos, torna desertas as escólas dos philosophos, e aniquila todas as resistencias da synagoga. Pedis milagres, bradam os primeiros pregoeiros do evangelho á nação deicida, quereis um Messias glorioso e nós não temos a prégar-vos se não a Cruz; — aos philosophos:

dirigis-nos persuasivos discursos de uma sabedoria puramente humana e nós não temos a oppor-vos senão a Cruz; — aos tyrannos: armai cadafalsos, accendei fogueiras, preparai equuleos, encarcerai-nos em tenebrosas masmorras, lançai-nos ás feras; debalde: não incensaremos vossos idolos, antes vos provocaremos a mais atroz martyrio e até ao ultimo suspiro daremos testemunho da divindade da Cruz. E ao só imperio da palavra, sem armas, sem ouro, sem arte, sem sciencia, a Cruz passa do lugar do supplicio para sobre a corôa dos Cesares, para sobre a thiara dos Pontifices, para sobre o peito dos Bispos, para sobre os altares. Que muito! se a graça tem força sobrenatural, e é de fé que toda a graça vem da Cruz.

Salve, ó Cruz divina, crystallino espelho do poder infinito!

Cidadãos generosos tem havido, que sacrificaram a vida no altar da salvação da patria; mães extremosas tem havido que para defender a existencia de um filho hão renunciado á sua propria existencia. Mas que o Deus do céo e da terra soffra em uma cruz a morte dos faccinorosos para resgatar peccadores indignos da sua compaixão, oh! lance de caridade é este que fôra perpetuamente o assombro dos homens e dos anjos. E porque não fomos nós reprovados como os anjos rebeldes; e porque não foram os anjos rebeldes salvos como nós? Lucifer disse: serei semelhante ao Altissimo: nossos primeiros paes accederam á tentação da serpente que lhes promettia que seriam iguaes a Deus. O crime era identico. Mas que differença na dignidade dos dous seres! O anjo era um espirito sublime, um raio primeiro da luz creadora, um cortezão do céo da primeira jerarchia; e o homem, ainda antes do peccado original, não era mais que um pouco de bar-

ro animado. Quem não esperaria que o anjo fosse remido com preferencia ao reptil da terra? Eu não julgo, diz o Senhor, segundo o intuito dos homens. Eu terei piedade de quem eu tiver piedade. Dominador absoluto das suas graças e da sua misericordia, precipita o anjo nos abysmos e resolve em seus insondaveis designios que, se de uma arvore, a da sciencia do bem e do mal, nascera para Adão e sua descendencia a morte, d'outra arvore, a da Cruz, lhes resurgisse a vida.

Salve, ó Cruz divina, testemunho irrefragavel da predilecção de um Deus para com os homens!

Do alto da Cruz erguida entre o céo e a terra é que Jesus Christo nos dicta seus paternaes documentos com a efficacia do exemplo. Filhos, nos clama d'alli o Senhor, sêde humildes de coração, porque eu me humilhei ao ponto de lavar os pés ao traidor que me vendeu — perdoai aos vossos inimigos, porque eu perdoei aos meus algozes — valei ao infeliz, porque para valer-vos desci do céo, nasci em um presepe, e morri em um patibulo — acudi ao pobre porque para enriquecer-vos, sendo eu o senhor do universo, não tive de meu um lençol em que me amortalhassem — amai-me sobre todas as cousas, porque eu vos amei sem limites — tomai a vossa cruz e segui me, porque eu marcho adiante de vós para esforçar-vos. Filhos, dai-me o vosso coração, porque eu deixei abrir o meu com uma lança para vos dar o proprio sangue d'elle. Almas sensiveis, corações ternos, que instrucções mais persuasivas, que eloquencia mais victoriosa do que a da Cruz!

Salve, ó Cruz divina, cadeira de sabedoria d'onde o divino Mestre nos está ensinando a sciencia dos santos, a doutrina da salvação!

Porque desmaias, peccador? Por vêr-te cheio de pecca-

dos, cercado de miserias e perseguido de inimigos? Impossivel é seres tão peccador, tão miseravel e tão fraco, quanto Deus é santo, misericordioso e omnipotente. Já Deus não tem poder, nem graça, nem clemencia? Elle te fez de barro, esperavas ser de diamante? Foge arrependido para os braços da Cruz. Áquelle altar ainda tinto com o sangue da victima não chegam os raios da vingança celeste. Arvora a Cruz do Filho entre ti e o braço do Eterno Pae; e cheio de santa confiança clama: Valha-me a Cruz de Christo! e serás salvo.

Salve, ó Cruz divina, asylo inviolavel do peccador contricto!

Referem alguns naturalistas, que a onça não podendo colher entre as garras o caçador que a ferira e conseguiu refugiar-se em inaccessivel lugar, arremette lhe á sombra e ahi desafoga seu furor: assim o demonio, não podendo vingar-se de Deus que o puniu, accommette o homem, que é imagem sua. Aqui lhe presenta em dourada taça o venenoso nectar dos prazeres sensuaes; alli lhe insinua, em seductora linguagem, que a vingança é justo desaggravo da honra offendida; umas vezes descreve-lhe a sequiosa ambição como heroico sentimento de um peito fidalgo; outras a mesquinhez da avareza como previdente calculo de sensata economia; agora as vorazes dentadas da invejosa murmuração como rectos dictames de salutar censura; logo a arrogancia da soberba como exigencia da jerarchia social: por todas as frentes o investe, por todos os flancos o carrega. Soldado de Christo, não fraqueies; Soldado de Christo, não te rendas; olha que tè estão vendo pelejar, animando te, o teu anjo da guarda, Maria Santissima, toda a Côrte celeste; abroquela a fronte, a bocca e o peito com o signal da Cruz, e brada ao inimigo: Se

Deus por mim, quem contra mim? Assenta quantos arrai
quizeres, não te temo; que a Cruz é a minha muralha. Fo
insidiosa serpente; porque está escripto que eu só ao r
Deus e meu Senhor hei-de adorar e servir. Foge e vai coi
aos teus desgraçados companheiros, da Cruz este novo tri
pho.

Salve, ó Cruz divina, escudo impenetravel contra as t
tações do inimigo commum!

O supplicio da cruz era a maneira de justiçar mais p
se temer pela affronta, pela delonga, e pela fereza. Pela
fronta — lia-se na lei: Maldito de Deus é o homem
morre pendente de um lenho. Era o supplicio dos mais p
versos malfeitores e esses escravos. Pela delonga; não f
immediatamente nenhuma das entranhas nobilissimas
compõe o triumvirato da vida, e só depois de secundar
tardia lesão d'estas podia chegar a produzir a morte e
ella a cessação dos padecimentos. Pela fereza; se a vic
para obter algum allivio procurava apoiar-se nos pés ou
pender-se nas mãos mais rasgava a perfuração dos cra
acrescendo na victima divina o singular martyrio de que
tentava reclinar a cabeça contra o capitel da Cruz, mais se
cravavam os espinhos da corôa. Foi este genero de pena
o Senhor permittiu lhe fosse destinado para que nenhum
seus discipulos e seguidores voltasse o rosto ou retroced
ainda onde mais houvesse razão de temer.

Salve, ó Cruz divina, calix dos mais amargos torme
que o Homem-Deus quiz esgotar para nosso conforto!

Penetrando com os olhos da Fé as densas nevoas do
turo, presenceemos a pavorosa scena do Juizo final. Est
o mundo meio alagado em suas cinzas, e meio ardendo
violentas labaredas na madrugada d'aquelle dia, dia de

de calamidade e miseria, dia grande e grandemente amargoso, de repente ouvir-se-ha uma voz espantosa á maneira de trovão, sonora á maneira de trombeta, a qual como que batendo á porta de todas as sepulturas do universo, dirá imperiosamente: — Levantai-vos mortos e vinde a juizo — e no mesmo instante separadas por cada anjo as cinzas da creatura que antigamente lhe fôra encommendada, o espirito de Deus entrando n'ellas as organisará em corpos perfeitos e lhes unirá as suas proprias almas, que alli moraram n'outros tempos, quando peregrinavam por este seculo. E comparecerá incontinenti (oh! Grande Deus!) o novo Jonas do genero humano, desde o ventre da terra, como do da baleia, arremessado nas praias da Immortalidade. Congregados os filhos de Adão no valle de Josaphat, esta vastissima abobada do firmamento se abrirá de par em par, como os batentes de um portico, e assomarão n'essas alturas os esquadrões da celestial milicia armados de admiravel fortaleza. A todos capitaneará o archanjo S. Miguel, trazendo em seus braços arvorado o proprio madeiro da Cruz em que o Redemptor pendurou com sua sagrada humanidade a salvação do mundo. E no remate d'aquella procissão solemnissima patentear-se-ha sentado, sobre uma nuvem candida, o Soberano Juiz de vivos e mortos, Jesus Christo, de cujo rosto manarão tão caudalosos rios de luz e magestade que os resuscitados tornariam a expirar, se a virtude divina os não confortasse para sustentarem a vista de tão admiravel espectaculo. Com este poder e magnificencia descerá o Senhor ao monte Olivete; áquelle mesmo lugar d'onde subira ao Céo; e alli, reconhecendo-o por seu Deus, todos os anjos e homens o adorarão com profundissimo acatamento. Aos lados do Real Throno de Jesus Christo estarão diversos thronos para os Varões de santida-

de eminente, que serão como os assessores d'aquelle Juizo. Em outro Solio mais elevado e immediato a Christo estará Sua Mãe Santissima; Aquella que até então foi a Advogada dos peccadores, mas que já não poderá sel-o agora. Formado o tremendo Tribunal, abrir-se hão dous livros, um o da consciencia, pondo Deus nos entendimentos clara noticia de todas as obras proprias e alheias, e outro, o da vida ou decreto da predestinação dos escolhidos e exclusão dos precitos. Ai! dilectissimos, em qual das duas columnas d'este ultimo estarão escriptos os nossos nomes? na dos réprobos? ou na dos predestinados? A quem tomaremos então por padrinho? A quem encommendaremos a nossa causa? Aos Santos? Se houvermos fallecido em peccado mortal, responder-nos-hão — Morre eternamente. A Maria Santissima? Não pronunciará a Senhora aquella aspera palavra, que não cabe ella em seus dôces labios; mas dirá: Justos são, verdadeiros e justificados em si mesmos os decretos de meu Filho. Cumpram-se. Fugiremos para o pé da Cruz? mas ah! que de uma face d'ella é que partem os raios luminosos que attrahem os justos para a mão direita do Senhor, e da outra as trevas palpaveis que arrojam os condemnados para a esquerda. Já não é tempo nem de merito nem de intercessão.

Com respeitoso temor saudamos-te, ó Cruz divina, Vara do Supremo Juiz, que no ultimo dia separará o trigo para os celleiros do céo e a palha para o fogo do abysmo!

Então dirá o Rei para os que estiverem á sua Mão direita: Vinde, bemditos de meu Pae a tomar posse do Reino que vos estava apparelhado desde a constituição do mundo: e para os que estiverem á Mão esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno que estava apparelhado para o demonio e seus anjos. Oh! que ventura a da primeira sen-

tença! oh! que desgraça a da segunda! Voar para os deleitosos jardins do Empyreo; para o templo da suprema felicidade a gozar da perpetua visão de Deus, e isto em companhia de um S. Pedro e na de todos os apostolos; em companhia do meu Patriarcha, S. Philippe Neri e na de todos os Confessores; em companhia de uma Santa Marinha, nossa Illustre Compatricia, e Gloriosa Padroeira d'esta Matriz, e na de todos esses anjos humanos que souberam guardar illesa a candida bonina da Virgindade, e na de todos os martyres; em companhia de Maria Santissima e na de todos os Santos, dos quaes é rainha: ou ser em companhia dos demonios afundido no lago de fogo onde o pranto e ranger de dentes da desesperação hão-de durar para sempre, para sempre, para sempre, e nunca findar, nunca, nunca, nunca! Dilectissimos, para que evitemos tal catastrophe superior a todas as catastrophes ha ainda um meio, certo, certissimo, infallivel (pelo santo nome de Deus vol-o juro) ha ainda um meio, uma taboa de salvação; é a Cruz. Este é o caminho, meus irmãos; não temos que buscar outro. É abraçar desde já, pela imitação, com a Cruz. É fazer conforme o exemplar que se nos patenteia no Calvario e vamos certos de que resuscitaremos gloriosos. É embarcar desde já n'aquelle sagrado baixel, levando a Fé por norte, a Esperança por ancora, e a Caridade por leme; e não naufragaremos; antes na maior refrega das tempestades da vida, resignados e contentes, gloriando-nos na Cruz de Christo, surgiremos um dia no porto da salvação eterna, cantando em jubilosos hymnos: Quem reina, quem vive, quem triumpha? Reina a Cruz, vive a Cruz, triumpha a Cruz!

VII

SERMÃO

DE

NOSSA SENHORA DA BOA NOVA

No principio creou Deus o céo e a terra. A terra porém estava vasia e núa e as trevas cobriam a face do abysmo. Que incommoda e triste habitação, se habitação podia ser. Escutemos; Deus vai dizer uma palavra, a primeira, e ao imperio d'esta palavra aquelle cahos começará a perder o seu horror e a ordenar-se. Disse Deus: Faça-se a luz, e fez-se a luz — fonte de vida, alma do mundo. Quem não deseja a luz? Quem d'ella se não alegra? Quem não abençoará a Deus pela ter feito? Mas o que é em si a luz? Após trinta e cinco seculos os sabios procuram ainda resposta a esta pergunta: O que é a luz? De tantos que a vêem, ninguem a conhece. A propria claridade é um escuro mysterio. Disse tambem Deus: Faça-se (segundo o texto original) uma extensão ou expansão no meio das aguas e separe as superiores das inferiores. E assim foi e assim é. Esta extensão ou expansão, que envolve por toda a parte a terra, é a atmosphera — é o ar. Sem ar não

poderiamos respirar e portanto não poderiamos viver, ainda isoladamente; sem ar não poderiamos fallar e portanto não poderiamos viver em sociedade culta. Mensageiro fiel de tantas linguas diversas, o ar o é igualmente de uma lingua universal que com sete palavras ou notas musicaes exprime todos os humanos affectos. Mas como e porque é o ar o pabulo da vida? Disputa-se ainda — ainda é mysterio. Os sons articulados na palavra fallada e modulados no canto — são o resultado da acção de um instrumento de corda ou de vento? Tambem se disputa ainda — ainda é mysterio. Disse mais Deus: as aguas que estão debaixo do céo ajuntem-se n'um mesmo lugar e o elemento arido appareça. E assim se fez, e chamou Deus ao elemento arido terra e ao aggregado das aguas — mares. Estas massas d'agua que o Senhor fecha na cavidade da mão occupam os dous terços do nosso globo. Enfreadas por barreiras onde o dedo de Deus lhes escreveu *até aqui e não mais*, deviam naturalmente corromper-se. Deus providenciou. O fluxo e refluxo, os ventos, as tempestades, — e particularmente o sal que as satura, mantem a salubridade das aguas do mar. Mas como e porque apparece ella salgada? — É mysterio.

Disse tambem Deus: produza a terra herva verde que dê a sua semente e produza arvores fructiferas, que dêem fructo segundo a sua especie e que contenham a sua semente em si mesmas para a reproduzirem sobre a terra. E assim se fez. A terra até então núa reveste-se de um manto de verdura; os prados cobrem-se de relva, os campos de searas, as montanhas de florestas. As hervas, as plantas, as arvores, de grandeza, aspecto, e folhagem diversa, formam um panorama encantador, uma harmonica variedade. As flôres — sem numero — matizam com seu colorido, perfumam com

seus aromas. Estas, quando murcham e cahem, deixam o fructo e n'elle a semente, que contém no seio a nova geração. A semente confiada ao humo brota de si o germen, o qual projectando para o centro a raiz, para o alto a tige, attrahe da terra e do ar os elementos que escolhe e os muda em seiva, a seiva em filamentos, em caules, em ramos, em folhas, em flôres, em fructo; e outra vez em semente, penhor da conservação da especie. Mas que força presidiu a esta passmosa transformação? É mysterio. Com todas as suas analyses physica e chimica — os sabios com os seus saes, com os seus acidos e alcalis não sabem ainda compor nem mesmo recompor um unico filamento d'herva.

Disse tambem Deus: Façam-se uns luzeiros no Firmamento do céo, que dividam o dia e a noite e sirvam de signalar os tempos, as estações, os dias e os annos, que luzam no Firmamento do céo e alumiem a terra. E assim se fez. Calculam os astronomos que a luz do sol, gastando oito minutos e um quarto em chegar d'aquelle astro ao nosso planeta, caminha mais de quatro milhões de leguas por minuto. Como se explica velocidade tal? É mysterio. Por que mechanismo com as mesmas sete côres dos raios do sol, o ebano se tinge de negro, o lilio de branco, a rosa de purpura, a violeta de roxo, e a abobada celeste do seu bello azul? É mysterio.

Á voz de Deus a terra se ataviára com um manto de verdura semeado de flôres como estrellas; o céo se ataviou de um manto de anil semeado d'estrellas como flôres. Só o mar ficará esteril? Escutemos — Deus diz: Produzam as aguas animaes viventes que nadem nas aguas e aves que voem sobre a terra e debaixo do firmamento. E assim se fez. Desde os infusorios, dos quaes mil milhões não são mais volumosos do que um grão d'areia, até ao gigante dos mares — a

balêa, que, de duzentos pés de comprimento e pouco menos de largo, e, coberta de conchas e plantas, figura uma ilha fluctuante — desde o enorme condor, que se remonta acima da região das nuvens, até ao colibri que sobre uma pequenina folha se banha todo n'uma camarinha do orvalho da manhã, que diversidade de forças, d'industria, de sentimentos, de costumes? — Quem ensinou ao espadão a esgrimir sua espada dentada como serra — ao golfinho a lançar aos olhos do seu adversario, para cegal-o, um violento jorro d'agua, — á tremelga a paralysar com uma violenta descarga electrica a mão que a toca? Quem ensina ás aves de emigração que ha em outras regiões climas mais dôces — que geographo lhes ensina a derrota — que astronomo lhes disse que o sol, que se afasta de nós no outomno, se aproximará na primavera? — Quem ensinou á abelha a fabricar suas colmeias e a manter a policia d'ellas? — Quem dictou á pomba os castos sentimentos da mais fiel consorte — e á rola a constante saudade da viuva que se vota em perpetua solidão? É instincto? Mas o que é o instincto? Mysterio.

Disse tambem Deus: Produza a terra animaes viventes, cada um segundo a sua especie, animaes domesticos, reptis e selvagens, segundo as suas especies. E assim se fez. Desde a invisivel carcoma até ao collossal elephante, montanha ambulante, que nova variedade de forças, de industrias, de costumes, de sentimento! Por todos, attentem em um só exemplo — o cão. Por um parco sobejo da mesa dedicar-se-ha, como nenhum dos outros servos, a seu amo. Ronda infatigavel, sentinella sempre alerta, velar-lhe-ha a casa, afflige-se da sua ausencia, exulta de seu regresso, acompanha-o em suas arriscadas jornadas e o defende com perigo de vida. Vê-o assassinado? Mais de uma vez tem o

cão denunciado á justiça o assassino de seu dono; vê-o sem luz nos olhos e reduzido á mendicidade? conduzil-o-ha de porta em porta, solicitando pela humildade de sua attitude e olhar, esmola para o pobre cego. Quem inspira áquelle animal tão grande affecto ao homem? O instincto. Mas ainda outra vez; e o que é o instincto? Mysterio. Eis-ahi preparado o palacio, mobilado e servido: falta aquelle para quem é destinado.

Disse Deus: Façamos (é mais do que Faça-se, como dissera até aqui) façamos o homem á nossa imagem e semelhança—o qual domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céo, sobre os animaes, sobre toda a terra e sobre tudo que sobre ella se move—E Deus creou o homem á sua imagem. Formou pois o Senhor Deus ao homem do limo da terra e soprou sobre o seu rosto um sopro de vida, e recebeu o homem alma e vida. Quanto ás maravilhas do corpo humano, basta dizer-se que desde todos os tempos, em todos os paizes, poetas, philosophos, medicos, Padres da Igreja — os apostolos mesmos tem celebrado, como á porfia, aquellas maravilhas. Quanto á alma, basta dizer-se que é um sôpro da bocca de Deus e feita á sua imagem. Porém esta união do corpo e da alma, do material e o espiritual, como se opéra—que laço os prende? É o segredo do Creador. É mysterio. Ora se taes são as obras de Deus na ordem da natureza, em que o homem feito de terra recebeu dons da mesma origem, quaes serão as suas obras na ordem sobrenatural da graça, em que Deus eleva o homem até si com dom emanado da sua propria essencia divina?

Oh! quão grande é Deus em tudo, mas quão maximo nas maravilhas da sua graça! Se premeia, dá-se a si mesmo; se ama, offerece seu peito a uma lança e dá a beber seu san-

gue e a comer seu corpo. Com o madeiro da cruz escala o inferno, mata a morte e resgata o genero humano. Tanta grandeza, tanto mysterio — cousas tão inopinadas e sempre mais e mais! O entendimento perturba-se e se quer levantar vôo, cahe deslumbrado. E é da maior obra de Deus na ordem da natureza — de uma das suas maiores obras na ordem da graça — de uma Virgem que, sem deixar de o ser, foi mãe — de uma creatura, mãe do seu proprio creador — de uma filha de Adão, que não participou da culpa original — de Maria, que eu devo fallar hoje! Senhora, a vossos pés me lanço, protestando que deslumbrado de tanta grandeza, quanta reflecte de Vós, não sei dizer senão isto: Quem, como Deus, que tão bella — tão santa — tão divina vos creou? Mas se louvar-vos condignamente é impossivel ás forças da natureza, não — não o é ao poder da graça. E se nas bodas de Chanaan, movida de compaixão, para que não ficasse incompleta a satisfação dos convivas, alcançaste do vosso Filho o seu primeiro milagre, impetrai hoje para o festim da nova lei, equivalente prodigio do mesmo Senhor, com que se transforme a frigida agua da minha palavra em fervente licôr das suas.

Senhor, se nas nupcias que vos aprouve presencialmente santificar, ao dizer-vos vossa Mãe — que faltava o vinho — pareceste querer recusar-vos a operar o invocado milagre, dizendo-lhe: Que me vai a mim e a ti n'isso? ainda não é vinda a minha hora — não procede agora a mesma razão, porque, além de que já veio a vossa hora — isto é, o tempo de serdes glorificado, eu proponho-me, a expensas de vossa palavra, que é o pão dos escolhidos, compor o espiritual banquete da glorificação de vossa mãe, que é a vossa propria glorificação, como o entendeu a mulher das turbas em seu applaudente brado, que vos dignastes aceitar.

Que por honra pois do nome de Jesus, seja protegido o anegyrista de Maria.

Duas novas decidiram do destino da humanidade, cada ual annunciada a uma mulher, e cada qual por um anjo. primeira, annunciada por um anjo de trevas, foi a oriem da maior catastrophe, a culpa original; a segunda, anunciada por um anjo de luz, foi a origem da maior felicidae, a redempção do mundo. Em resultado da primeira, anunciada a Eva, torna-se esta depois dos anjos rebeldes a prieira peccadora: para realisação da segunda, annunciada Maria, é esta constituida, depois de Deus, a unica sem pecado. Desenvolvamos os factos.

Havia Deus creado o homem; mas se o homem ficasse só, em esperança de posteridade, não haveria genero humano. eus providenciou. Disse mais o Senhor Deus: Não é bom ue o homem esteja só; façamos-lhe uma ajudanta semelhane a elle. Mandou pois o Senhor Deus um profundo somno a dão, e quando elle estava dormindo, tirou Deus uma das suas ostellas e poz carne em seu lugar e da costella que tinha tiado de Adão formou o Senhor Deus uma mulher, que elle he apresentou. Nova ordem de mysterios! não procede a rimeira mulher nem da cabeça nem dos pés de Adão, mas lo lado; não da cabeça, porque não devia imperar-lhe; ão dos pés, porque não devia ser sua escrava; mas do lado, orque devia ser sua inseparavel companheira. Ora o Senhor eus tendo collocado o homem n'um paraiso ou jardim delioso, dissera-lhe: Come de todos os fructos das arvores do araiso. Mas não comas do fructo da arvore da sciencia do em e do mal, porque em qualquer tempo que comeres d'elle, certissimamente morrerás. Rei da creação, cumpria

comtudo que o homem reconhecesse que não o era por natural direito, sim por communicada graça — Rei da creação, cumpria que o homem reconhecesse que era vassallo do Supremo Senhor do céo e da terra. Mas que leve feudo! Dispõe de tudo, menos d'aquelle fructo.

É de saber que a serpente era o mais astuto de todos os animaes da terra que Deus tinha feito; e ella disse á mulher: Porque vos prohibiu Deus que não comesseis do fructo de todas as arvores do paraiso? Respondeu-lhe a mulher: Nós comemos dos fructos das arvores que ha no paraiso; mas do fructo da arvore que está no meio do paraiso, Deus nos prohibiu que não comessemos nem a tocassemos, com a comminação de que correriamos perigo de morrer. Mas a serpente disse á mulher: Bem podeis estar seguros que não haveis de morrer. Porque Deus sabe que tanto que vós comerdes d'esse fructo, se abrirão vossos olhos e vós sereis como uns deuses pelo conhecimento que tereis do bem e do mal.

A mulher pois vendo que o fructo d'aquella arvore era bom para se comer e era formoso e agradavel á vista, tomou d'elle e comeu e deu a seu marido, que comeu do mesmo fructo como ella. Tal é a historia simples e breve que a Escriptura nos traça da grande catastrophe.

Commentemos. Que nós outros nos não admiremos do fallar, e fallar tão astucioso da serpente, animal irracional: sabemos que n'elle havia encarnado o demonio para tentar a mulher. Mas que esta, ignorando-o, não fique surprehendida e não recue assustada!... Quem não vê aqui já um principio d'aquella temeraria curiosidade que a ella e a suas herdeiras tão fatal seria?

Deus tinha dito: Tu comerás de todas as arvores, excepto de uma só: a mulher omitte a palavra — todas. Deus

nha dito — não tocareis na arvore da sciencia do bem do mal: a mulher attenua esta clausula. Deus tinha dito iorrerás certissimamente; a mulher altera e diz: para que ilvez — por ventura não venhaes a morrer — *ne forte moiaris*.

Deus affirma, diz S. Bernardo, a mulher duvída; o emonio nega. Não morrereis, disse o demonio, antes, go que comerdes d'aquelle pomo, sereis como deuses, onhecendo o bem e o mal. Aqui está a fatal nova que, acreitada pela mulher, foi a origem de todo mal — Não morreeis. Mentes, pae da mentira! morrerão, se comerem do omo vedado, os primeiros homens e com elles todos os seus escendentes. Vossos olhos se abrirão, conhecendo o bem e mal!... Que malvadez que assim junta á illusão o escarneo, ue sob palavra lisongeira promette o inferno! Como a ti, e lhes abrirão os olhos; como tu, conhecerá por expeiencia a felicidade que perderam e a desgraça em que cahiam.

E que desventura! para elles e seus descendentes, a rivação da graça santificante e do direito á bemaventuranca eterna: para elles e para seus descendentes, a inclinação o mal, a sujeição aos padecimentos e á morte.

A arvore da sciencia do bem e do mal, que até aqui não nerecera particular attenção á mulher, agora, porque lhe aviaram a idéa de que o seu fructo era vedado, enleva-a, eneitiça-a. A palavra divina *morrerás*, esvaece-se nas somras da duvida; a palavra diabolica *sereis como deuses*, reine-lhe agradavelmente nos ouvidos: a serpente com seu ibyllo interior reforça o encanto — eil-a enamorada. Lá core á arvore e ergue o braço ao fatal pomo. Desgraçada! susende e foge para o lado de teu esposo, d'onde nunca te devê-

ras ter retirado. Vide delicada, encosta-te ao carvalho, para que o tufão te não prostre.

Tinha-se já deixado arrebatar á grimpa da vaidade; era muito difficil evitar as vertigens e não se despenhar. Colheu o pomo, comeu d'elle e logo a serpente desappareceu.

A mulher seduzida e culpada, acabára o que elle principiou. Observo que a vossa piedade se afflige do quadro de uma madrasta incredula, e por incredula soberba, e por soberba desobediente, que nos desgraçou a todos. Refujamo-nos para a contemplação de uma mãe crente, e por crente humilde, e por humilde obediente, que a todos nos bemaventurou. Filha de Reis, de patriarchas, de summos sacerdotes, descendente de David, Maria era pobre em consequencia do captiveiro de Babylonia, que tinha transtornado todas as fortunas na Judéa. Habitava na pequena cidade da Galiléa, chamada Nazareth, em o humilde domicilio de Joseph, simples artista, que desposára para guarda e defensor de sua virgindade. Votada ao templo desde a sua mais tenra infancia, meditava continuamente as verdades reveladas, a queda dos anjos, a de nossos primeiros paes, e essa grande promessa feita a Abrahão, de que todas as nações seriam benditas em um filho da sua raça. Ella via essa promessa transmittida de Isaac a Jacob, de Jacob a Judá, de Judá a David, e como o sceptro alienado de Judá estava então nas mãos de um principe idumeo, Maria cria vindo, segundo a prophecia de Jacob, o tempo do Messias. De repente, o anjo que tinha fallado a Daniel e a Zacharias, apparece diante d'ella, em fórma humana, e lhe diz: Deus te salve, cheia de graça — o Senhor é comtigo — bemdita és tu entre as mulheres. A Virgem prudentissima, como o ouviu, turvou-se do seu fallar, e discorria pensativa que saudação seria esta. Então o anjo

lisse: Não temas, Maria; pois achaste graça diante de
s. Eis conceberás no teu ventre e parirás um filho e pôr-
has o nome de Jesus, Este será grande e será chamado
do Altissimo e o Senhor Deus lhe dará o throno de seu
David e reinará eternamente na casa de Jacob e o seu
o não terá fim. — Disse Maria ao anjo: Como se fará isso?
eu não conheço varão. — E respondendo o anjo lhe disse:
spirito Santo descerá sobre ti e a virtude do Altissimo te
irá de sua sombra, e por isso mesmo o Santo que ha-de
er de ti será chamado Filho de Deus. — Comparemos a
ação e portamento de Eva, e de Maria. Eva em um jar-
risonho onde tudo respira delicias, riqueza, brilhantis-
gloria; Maria em um ignoto aposento onde tudo respi-
umildade, pobreza, abatimento! Eva não se sobresalta
uvir fallar a serpente, porque lhe dirige um discurso li-
jeiro; a sua vaidade deleita-se, a sua leviandade torna-a
az. Maria turba-se da saudação do anjo, porque a exalta
sua humildade vexa-se. A ambas se annuncia uma nova:
va — serás uma deusa! e Eva aspira a ser deusa, ainda a
ensas de um crime — desobedecer ao Senhor. A Maria:
ás mãe de Deus! e Maria retrahe-se ao ser Mãe de Deus,
que teme perder uma virtude, a virgindade que sacrificou
Senhor. Virgem santa, o anjo já serenou os vossos receios.
a maternidade que se vos offerece tornará ainda mais pri-
rosa, mais excellente, se é possivel — a vossa pureza.
vos dignaes decidir? Maria espera a inspiração do céo.
gem santa, o anjo aguarda uma resposta de gloria, para
acclamar sua rainha; nós uma palavra de piedade para
lamar-vos nossa libertadora. Offerece-se-nos o preço do
gate — seremos immediatamente resgatados se Vós o con-
tirdes. Creados á imagem de Deus perderamos nossos pri-

meiros paes. Vós podieis contribuir a restaurar-nos, para muito melhor condição que a primitiva, com uma só palavra que digaes, e é esta palavra que vos imploram prostrados a vossos pés todos os patriarchas, vossos gloriosos ascendentes, desde Abrahão até Jacob; todos os prophetas que tão de longe vos chamaram; toda a humanidade de quem sois a esperança... Ó Céos! ó terra! parabens. A boa nova foi aceita; venceu em Maria a virtude opposta ao vicio que triumpha em Eva; a cabeça da serpente será esmagada, terá a humanidade um Redemptor! *Faça-se,* respondeu a Virgem — não porque vou ser coroada d'estrellas, vestida de sol — não porque vou ser a Filha de Deus, a Mãe de Deus Filho, a Esposa de Deus Espirito Santo — mas porque eu não sou mais que a escrava do Senhor, que deve obedecer a suas vontades — Faça-se, não porque todas as gerações me acclamarão feliz — mas porque o Senhor poz os olhos na humildade da sua serva. Que prudente! — *turbata est* — Que pura! — *Quomodo fiet istud si virum non agnosco* — Que humilde! — *Ecce ancilla domini* — Que fiel! — que obediente! — *Fiat mihi secundum verbum tuum* — Quanto lilio! Quanta rosa! Como recendem! Dai-vos pressa, cordeiro de Deus, e vinde apascentar-vos n'este jardim fechado.

Realisou-se a encarnação do Verbo nas purissimas entranhas de Maria — logo Maria é verdadeira Mãe do Homem Deus. Jesus Christo, o Homem-Deus, é nosso irmão, como diz S. Paulo — logo Maria é nossa verdadeira Mãe. Que boa nova pois, fieis, se nos annuncia na maternidade da Virgem! De todos os sentimentos da humanidade sobre a terra, o amor materno é o mais puro e o mais energico. Que outro sentimento existe mais profundamente gravado em nos-

sos peitos do que a affeição a nossas mães? Qual é o filho que não sente enternecer-se-lhe o coração ao pensar em sua mãe? E porque? porque a vida de sua mãe foi constantemente uma vida de desinteressada dedicação, de sacrificio por elle. A saude, a molestia, a tribulação, a alegria, tudo lhe é indifferente a uma mãe, quando se trata do bem-estar de seu filho. Precisa elle de soccorro? a calma, os frios, as distancias, os perigos, o supplicio mesmo, nada a suspendem — irá valer-lhe. Uma mãe, diz Jesus Christo aos judeus, póde jámais esquecer-se de seu filho? E quando se esquecesse, eu não me esquecerei jámais. E quando tal mãe houvesse, afoutamente acrescentarei eu, nunca Maria fôra tal mãe.

Além de que, como que faltaria alguma cousa á gloria do filho e á dignidade da Mãe, se a graça, se os beneficios de Jesus não fossem concedidos á supplice omnipotencia de Maria. Eu creio ouvir o verdadeiro Salomão dirigir a sua mãe aquellas ternas palavras dirigidas outr'ora a Bethsebé — Pedi, minha mãe; porque eu julgo indigno de mim e de vós recusar-se-te cousa alguma. *Peti, mater mea, neque enim fas est ut evertam facem tuam.*—Ó tu, a quem o barbaro verdugo da doença tortura com algum de seus tormentos — boa nova! Maria, é a saude dos enfermos. Filho prodigo, que dissipaste os bens da graça eterna, comparece sósinho na presença de teu pae: boa nova! Maria é o refugio dos peccadores; acompanha-te de tua mãe e serás perdoado. Ó tu que emprehendes uma obra santa, para que te fallecem as forças, não descoroçoes — boa nova! Maria é o auxilio do christão. Ó vós todos a quem afflige alguma das tantas tribulações d'este valle de lagrimas, nada de desesperar, porque Maria é a consoladora dos afflictos. Ó tu que estás passando o formidavel transe da morte e temes não obter a perseverança final, a gra-

ça decisiva da eternidade, nada de desesperar! Embora o herege recalcitre, o libertino mofe, o falso devoto se escandalise, — foste servo de Maria? Eu digo-te — boa nova! S. Bernardo — Santo Anselmo — Santo Antonio te asseguram — que um servo de Maria jámais perecerá.

Consultai os annaes da Religião, escriptos nas paginas da historia, no bronze e no marmore; consultai a voz da tradição por toda a parte, testemunhos authenticos da protecção de Maria, e do reconhecimento dos povos. Aqui é um populoso imperio que mortifero contagio ia convertendo em horrido deserto; invocou Maria e ao flagello assolador cahiu da mão o açoute. Alli um céo de bronze nega seus providos orvalhos, e a terra empedernida não produz, as fontes não correm — aquella cidade, ha pouco cheia de povo, jaz agora solitaria; só a cruzam esqualidos espectros, de encovados olhos, erriçada grenha, chupadas faces, beiços denegridos em volta de descarnados, putridos dentes — A lingua do menino de peito fica-lhe pegada ao paladar por causa do ardor da sêde, e os pequenos perguntam ás mães: onde está o pão e o vinho? — e não o ha para lhes dar. Invoca-se Maria e a abundancia renasce! Além a guerra, e a peor de todas, a guerra civil, arma irmãos contra irmãos, paes contra filhos e dilacera as entranhas da mãe-patria — Invoca-se Maria e a paz baixa do céo. Que gloria! que honra! que consolação! podermos dizer a nós mesmo: Maria é nossa Mãe; somos filhos de Maria.

Que vozes são estas que harmoniosamente rompem os ares? D'alegres bandos de innocentes aldeãsinhas que com a candura dos anjos pintada no rosto e trajando nas ruas as suas aceadas roupas domingueiras, entram a cidade da Virgem bemdizendo e louvando a encarnação do Verbo no San-

tissimo Sacramento da Eucharistia e no ventre sagrado da Virgem purissima Santa Maria.

Que outro identico hymno, porém de mais graves vozes, oscula no ar o primeiro? É de maritima equipagem, que conduz aos pés do altar da Virgem enflorada véla. Referinos, boa gente, o perigo que correstes e quem vos salvou. O capitão conta assim: Sahidos barra fóra com vento de feição e monção boa, navegavamos já no alto mar, promettendo tudo segura derrota, prospera viagem: eis de repente espessa cerração escurece o dia; desencadeiam-se os ventos furiosos; moles immensas de pardacentas nuvens desatam-se em torrentes de chuva — é um mar cahindo em diluvio sobre outro mar. Retumbam dos trovões as bombardadas; a chamma dos relampagos e o fogo dos raios incendiando os ares, semelha vulcões desabando dos polos; serras de vagalhões encavalgados ora guindam o navio acima das nuvens, ora o despenham nas entranhas do profundo. Já reina a confusão nos mareantes — Ao mar! ao mar! grita um — Arribemos! replica outro — Amaina! amaina! diz este — Orçar e não amainar! contradiz aquelle. Ao sopro dos tufões as vélas rasgam-se; a mastreação desarvora; ao peso d'agua o leme indocil recusa de obedecer ao timão, e, forçado, parte-se. Uma guinada emprôa o lenho ás voragens do mar, para ahi o afundir; outra aos rochedos da costa, para ahi o despedaçar: debalde as bombas laboram — o mar entra a seu sabor por todas as partes. Repetem-se os tiros de peça, pedindo soccorro... Mas quem nos ha-de valer? Perdidas estão as esperanças nos meios humanos, o espirito sente a necessidade de bater ás portas do céo e clamamos todos misericordia: Estrella do mar, consoladora dos afflictos, Mãe, acode-nos que perecemos! D'improviso appa-

rece o sol, cessam os ventos, amansam as ondas e avistamos amigo porto onde gente e carga tudo é posto a salvamento. Viva a nossa salvadora! viva Maria!

Fieis, o mundo é o procelloso pélago que o fragil baixel da vida humana vai lavrando, em demanda do porto da Eternidade; a tormenta a imagem dos mil perigos do corpo e da alma que ameaçam de naufragio n'esta navegação os tristes filhos de Eva; Maria a estrella do mar que nos ha-de conduzir ás suspiradas praias da bemaventurança. Invoquemol-a pois agora e sempre com a poetica saudação que a Santa Igreja lhe dirige.

Ave, estrella do mar,
Sempre virgem Mãe de Deus
E feliz porta por onde
Nos céos havemos de entrar.

Da bôca de Gabriel
A boa nova aceitando,
Sêde mãe, no de Maria
O nome d'Eva mudando.

VIII

SERMÃO

DE

S. NICOLAU

Senhor, ainda uma vez a vossa benção.

A religião é a mysteriosa cadêa, que liga intimamente —*religo*—o céo á terra, e cujos visiveis anneis são offerenda, templo e ministro. O barro damasceno configurado todo em circuito pelas mãos do Factor supremo recebeu com o sopro divino, que o animou, o sentimento da religião.

Oh! e quão preciosa foi a offerenda, quão magnifico o templo, quão benemerito o ministro nos primeiros cultos religiosos do homem recem-creado! O eden, um jardim de delicias, plantado pelo proprio Deus é seu lustre o sol; transparentes nuvens, esmaltadas de purpura, ouro e anil, lhe tecem o pavilhão; verde, odorifera relva, qual tela, em que está bordada de realce a violeta, a bonina, a rosa, ainda sem espinhos, mil e mil viçosas flôres de diversificado matiz, tapeta o pavimento, cortado de caudaloso rio, cujas crystallinas aguas prorompem em quatro torrentes, a do Fison, Ge-

hon, Tigre e Euphrates; alas de altas palmeiras e elevadas faias, entre cujas cimas pendem, ao theor de elegantes bambolinas, festões de pampanos, formam a columnata; ao centro avultam, quaes dous soberbos obeliscos, a arvore da vida, e a arvore da sciencia do bem e do mal; innumeros bandos de formosas avesinhas, concertando seus gorgeios com o ceciar do zephyro, que se deslisa por entre a ramagem, solfejam um hymno de gloria ao creador universal... Este foi o templo primeiro do mundo.

Adão, o mais perfeito dos homens, Eva, typo da belleza feminil, velados com o mystico véo da pureza, estes os ministros; seus innocentes corações unidos em mutuo amplexo da mais ardente caridade, esta a offerenda nos primitivos cultos do paraiso.

Contra o unico preceito, tão facil de cumprir-se, e ainda dictado pelo amor, para que, vendo-se reis da creação, se não olvidassem de que eram subditos do creador; contra este unico preceito: — Não comereis do fructo da arvore da sciencia do bem e do mal — rebellam-se os progenitores da especie humana. A temeraria Eva colhe o vedado pomo, saborea-o e seductora o offerece ao esposo, que, condescendente em criminosa demasia, lá vai gostal-o. Insensato! que fazes? suspende. Ponderou tarde. Eis sibila o raio da comminada pena: — Morrereis! e prostra os desgraçados da soberania de quasi deuses, filhos do Altissimo, na servidão de escravos de satan, réos de uma injuria feita á Magestade infinita e que, como tal, só uma satisfação de valor infinito a poderia reparar.

Cumpria pois que o plano da religião fosse alterado. Não bastava já a offerenda eucharistica ou de acção de graças, era indispensavel a oblação de uma victima expiatoria,

ue, valiosa apenas como symbolo na lei escripta, só en-
ontraria todo o seu complemento e realidade na lei da
raça.

Não bastava já para altar a pedra do deserto em que não
ivesse entrado cinzel, nem para templo o tabernaculo do
estemunho; era indispensavel para templo o Golgotha, para
ltar a Cruz: não bastava já para a investidura no ministerio
racional, a lamina d'ouro e o oleo da sagração de Aarão e
eus filhos; era indispensavel a insufflacção do Espirito Santo.

O elogio da santidade de um ministro da nóva alliança
—Nicolau de Tolentino, Padroeiro d'este templo, basean-
lo-o na excellencia das ecclesiasticas funcções de que foi
nódêlo; a congratulação á louvavel piedade que restaurou
com grande melhoria este mesmo bello santuario, basean-
do-a na excellencia do templo christão: tal é o assumpto,
em cujo desenvolvimento me proponho distribuir-vos, na
presente solemnidade, o pão da palavra e doutrina evange-
lica.

Senhor, ante a adoravel Presença de Vossa Divina Ma-
gestade me reconheço; confesso e proclamo indigno de en-
rar sequer os umbraes do templo, quanto mais de subir á
cadeira da prégação; todavia tambem Caiphás era indigno, e
permittistes prégasse da cadeira pontificia aquella grande
verdade, que cumpria que Vós morresseis para salvação de
todos.

É certo que nem ao orgão que o annunciou, nem ao con-
gresso a que foi annunciado resultou proveito d'aquelle salu-
tar oraculo. Porém, Senhor, triumphe mais uma vez a vos-
sa igreja sobre a synagoga, manifeste-se mais uma vez quan-
to acima da cadeira de Moysés se levanta a cadeira dos apos-
tolos, fazendo que as vossas palavras, que são fogo purifi-

cador, ao passarem por meus labios, justifiquem o indigno ministro e mais e mais santifiquem a assembléa dos crentes que me escutam.

Senhores, tambem em vossa presença reconheço que por muito honorificado me déra concedendo-se-me o infimo lugar entre vós; porém já que mui espontaneamente quizestes que em tão principal solemnidade prégasse o minimo dos oradores, sustentai por generosa benevolencia a honra que me prodigalisastes por livre escolha.

Nada mais pernicioso á sociedade e ao individuo do que a desharmonia entre as vocações e os estados.

Quanto á sociedade, corpo politico, tal dissonancia tende a induzir-lhe identica anarchia á que dissolvera o corpo natural, se os olhos emprehendessem ouvir, os ouvidos vêr, o coração respirar, e os pés capitanear a cabeça. Quanto ao individuo, que Jonas embarcou jámais com rumo avesso ás ordens do Senhor que não padecesse naufragio? Mas, por fim, que importa que a má escolha de estado traga após si amarguras ou prazeres, infelicidade ou ventura, esta vã scena do mundo passa tão rapida que é quasi indifferente ser n'elle venturoso ou desgraçado: o que infinitamente convem é não errar a porta do templo da bemaventurança eterna, e com ella difficilmente acertará quem aberrar do caminho que a cada um de nós está prescripto nos conselhos da Providencia Divina, quem adoptar estado contra o proposito de Deus.

Ora se contrariar a vocação, ainda respectivamente ás condições e estados civis, é calamidade grande, quanto subirá ella de ponto com relação ao estado ecclesiastico! Se fosse permittido suppor — eu não o supponho — que houvesse entre os ungidos do Senhor algum profano sem vocação,

como entre os apostolos houve um traidor, que fataes consequencias se deveriam temer? Que seria da honra do sacerdocio se o thuribulo fosse usurpado por mãos sacrilegas, se o ministerio terrivel fosse cedido ás ambiciosas requestas dos Corés e dos Abirons? Que estragos faria na vinha do Senhor o trabalhador mercenario que sómente a fabricasse para lhe arrebatar os fructos? Que perturbação levaria ao rebanho o pastor infiel que não tivesse entrado pela porta? Não, meu Deus, Vós que promettestes que as portas do inferno jámais prevaleceriam contra a igreja que fundastes, não a entregareis nunca a inimigos domesticos, continuando sempre a liberalisar-lhe em quantiosa maioria ministros da vossa mão, não usurpadores nem intrusos, mas legitimos e chamados como Nicolau de Tolentino. Sim, senhores, Nicolau não se consagra aos altares porque se veja, como Esaú, excluido das bençãos temporaes e prerogativas da primogenitura; não penetra no santuario, como Heliodoro para ahi deparar com thesouros materiaes; não entra na arca para ahi ao abrigo das tempestades do seculo viver só para si deixando seus irmãos a braços com as ondas; não sobe ao cume de Sião para de lá attrahir as vistas dos homens e obter seus applausos de fumo, mas para maior gloria de Deus e espiritual proveito do proximo; não se ordena, em uma palavra, por suggestão do anjo das trevas, mas por inspiração celeste, em que o Summo Sacerdote, segundo a ordem de Melchisedech, lhe diz ao coração, como outr'ora dissera a Pedro, André, Thiago e João: Vem após mim.

Em idade mui juvenil é por seus extraordinarios meritos, que são já os de um varão consummado, ennobrecido com a dignidade de conego. Assiduo ao côro, a que assiste, não para exercer alli authomaticas ceremonias e fazer jus aos

proventos, que não partilha o que deixa de comparecer; mas para cantar os louvores de Deus com a modestia, e ao mesmo tempo, fervor, de um anjo.

Asseado em seus habitos, que guardam a decencia devida á graduação da jerarchia, mas não semelham o fausto do cortezão; considerando-se não possuidor, economo apenas de seu pingue beneficio que tem na conta de patrimonio dos pobres, Nicolau mostrava já bem ser um dom do céo, concedido ás orações de seus paes por intercessão do santo arcebispo de quem tinha o nome. Mas, dilectissimos, na trabalhosa navegação para o porto da patria celeste não se lança ancora; no estadio da perfeição christã quem pára, retrograda; importa, como S. Paulo, seguir sempre ávante para ganhar o premio que a vocação de Deus nos propõe: *Ad destinatum persequor, ad bravium supernae vocationis dei in Christo.* Esta evangelica verdade embebeu-a no coração de Nicolau a eloquente predica, a que assistíra, de um venerando religioso dos eremitas calçados de Santo Agostinho. Que quadro digno de estampar-se em laminas d'ouro! Ao descer do pulpito o encanecido solitario vê cahir a seus pés o joven prebendado, protestando entre lagrimas os mais vehementes desejos de trocar a murça pelo capello, a sêda pela estamenha, a rica abbatina e manto de conego pela pobre cogula de monge, seguindo-o á clausura. Tão heroico intento é pelo apostolico varão approvado, e Nicolau professa n'aquelle sagrado instituto. Aqui me diria talvez algum espirito menos piedoso que os vossos: — eis ahi mais um homem enterrado vivo, mais um membro perdido para a sociedade. Isto não é exacto. Antes o tumulto, as distracções do seculo é que são inteiramente incompativeis com o profundo recolhimento que requer a escóla de sciencia e de virtude na qual deve for-

mar-se o bom padre, a fim de que possa vir a ser a luzerna posta não debaixo do alqueire, mas sobre o candieiro destinado a illuminar toda a casa. Enterra-se vivo o novo cenobita, mas como a fecunda semente, para depois offerecer em elevada hastea sazonados fructos; foge da sociedade, mas para poder tornar-se o cidadão mais prestativo á mesma sociedade.

E com effeito, senhores, se aos Estados Pontificios, sua patria, sobrevem tempos difficeis, de afflicção e calamidades publicas, a aguia sahe do seu escondido ninho e vem pousar sobre os tectos do povoado. Nicolau sahe do seu eremiterio e vem nos atrios das igrejas, nas praças e nas ruas das cidades, nas aldêas de sobre a crista dos montes, de sobre o tope das arvores, ás multidões que por toda a parte o seguem, missionar, não em nome de algum classico de economia politica, mas em nome da Verdade Eterna: —que bemaventurados os que choram porque elles serão consolados; e que sem penitencia não ha misericordia. Invoca a authoridade de David, que considerava como instrumento da clemencia divina a vara com que Deus o tinha ferido. Cita o exemplo de Job, que se julgava mais seguro da sua salvação sobre o esterquilinio do que sob a purpura. Faz vêr que os rigores da justiça de Deus são muitas vezes lances de sua paternal bondade, a qual reserva aos que mais ama castigos passageiros, que os poupam a penas eternas, se são recebidos com submissão. Estas divinas palavras, inspiradas pelo Espirito Santo, verificadas pela graça, como balsamo de consolação e refrigerio, filtram nos corações lacerados pela adversidade a resignação e o conforto. Resuscitai, ó meu Santo, e vinde presentar ao vosso indigno panegyrista, sem sciencia, sem virtude, sem uncção, o mo-

dêlo do verdadeiro orador sagrado; que não menos que do vosso exemplo necessita a minha dureza e rudeza.

Porém, até mesmo sem sahir do retiro do seu mosteiro, é ainda Nicolau um prestantissimo cidadão na qualidade de bom religioso. Apenas anteve que o Senhor Deus se prepara a dobrar ao peso de castigos a dura cerviz de um povo rebelde, preferindo o bem de seus irmãos ao seu proprio bem, de joelhos, com a face em terra, entre o vestibulo e o altar, ora, qual outro Moysés, dizendo: Senhor, perdoai a estes ingratos ou apagai o meu nome do livro da vida — *Aut dimitte eis hanc noxam, ant dele me de libro tuo.* A prece do servo fiel sobe em perfume de suavidade ao throno do Altissimo; a misericordia vence a justiça; os filhos rebeldes são desculpados em attenção ao filho obediente; a espada da vingança cahe e o povo é salvo.

Dizei-me agora se este espirito de prece, o dever mais essencial, o centro de todas as funcções do ministro do altar, e que présuppõe uma alma pura, um coração tranquillo, se póde bem nutrir e conservar no meio das intrigas, do choque de interesses, dos perigos e tentações de que o mundo é uma vasta e confusa Babel? se aqui póde dar-se o encerro moral que o divino Mestre aconselha ao que ora: *Cum oraveris, intra in cubiculum tuum et clauso ostio ora patrem tuum in abscondito.*

Eu não pretendo, senhores, pôr limites á graça de Deus, que póde tudo: só digo com grandes mestres ser mui difficil conservar o homem espiritual, e interior, como diz S. Paulo, no meio das exterioridades da carne e do sangue.

Ainda por outro modo, lá do fundo da sua solidão, é Nicolau um homem publico que entretem as mais uteis relações com seus irmãos pelo exemplo com que edifica. Quan-

do os superiores na religião querem restabelecer a disciplina que afrouxa em alguma casa da ordem, afrouxamento que traz comsigo o escandalo dos seculares, enviam-n'o a essa casa, para que o fermento de benção santifique toda a massa, para que a presença do homem de Deus reanime os amortecidos, como o contacto do corpo d'Elyseo reanimou o cadaver collocado junto d'elle. E na verdade, senhores, bastava vêl-o para immediatamente vêr o Evangelho em acção na universalidade de seus preceitos e conselhos; e a este espectaculo não ha peccador que resista. Só Nicolau não póde acabar de vêr em si mais do que um vaso de opprobrio, que cumpre a todo o instante lavar pela penitencia em banho de sangue e lagrimas, para tornar-se não de todo indigno de servir ao altar. Por unico alimento, ainda na doença, um pouco de asperas hervas sem condimento, os jejuns, as disciplinas, os cilicios, as cadêas de ferro..... Basta, basta, meu Santo! que o proprio Deus já se encarregou de fazer publica a vossa feliz predestinação pelo dom dos milagres, das prophecias.... Não basta: me parece ouvir-lhe responder; é preciso combater até ao fim, por quanto a graça da perseverança final é sempre incerta. Combateu pois até ao fim, e só parou, não como Pedro queria fazer ao vêr-se no alto do Thamas quando já não podia merecer mais e ao vêr-se nos tabernaculos da Jerusalem celeste; d'onde ainda continua a ser-nos util pela poderosa efficacia do seu patrocinio, mui particularmente dedicado áquelles que tomam a peito fazer honra á excellencia do templo christão, de que foi um ministro modêlo; excellencia do templo christão, em que passo a basear a congratulação devida á vossa louvavel piedade.

Não póde culto algum honrar a Deus — Precisará um

Deus dos nossos cultos? D'esta arte doutrina a escóla Voltairiana. Porém, illustres philosophos, apraza-vos por muita mercê dizer-me: que precisão tinha Deus de crear o mundo? que precisão tinha de crear o homem e creal-o dotado de entendimento e vontade? E se não foi indifferente creando-o racional e livre, poderá sêl-o em que a respeito do seu creador use o homem bem ou mal da razão e liberdade? Mas, dado que para a sua essencial gloria não precise Deus do nosso culto exterior, é ao menos certissimo que precisamos nós com extrema necessidade prestar-lh'o a Elle para o nosso unico e verdadeiro bem, que é a propria santificação. Daime um povo de philosophos que só admittam uma religião puramente espiritual e eu vol-os darei em breve atheus perfeitissimos, sem religião de qualidade alguma. O homem vive dos sentidos, e a acção dos signaes, que operam sobre os sentidos o impressionam mais vivamente do que as mais profundas meditações. O propheta, que tirando de sobre os hombros o manto, o dividiu em dez partes, lançando oito ás plantas de Jeroboão, descreveu a divisão do reino de Judá com mais energicas côres do que todas as com que poderia pintal-a o mais eloquente discurso. Entre os instrumentos ou meios que o culto exterior emprega, conta-se indispensavelmente o lugar em que os homens se reunem para prestar a Deus as homenagens que lhe são devidas; e isto é o templo. Nosso primeiro pae profanára o primeiro templo e foi d'elle expulso. Mas a bondade divina permittiu que outras aras lhe fossem erguidas; e d'aqui os altares que Noé, Abrahão e Jacob erigiram; d'aqui a arca enriquecida por Moysés com tudo o que a purpura, os metaes, e os diamantes tem de mais precioso; d'aqui o templo edificado por Salomão com tão extraordinarias despezas, com tão prodigiosa magnificen-

cia que o constituiu a maior maravilha do mundo. Mas que comparação póde dar-se entre o templo de Jerusalem e o templo christão, entre o lugar onde se immolaram rezes vis, e o lugar onde se immola o proprio Filho de Deus? Eu creio, senhores, não exagerar dizendo com S. Bernardo que o templo christão só comporta parallelo com o proprio céo, ficando aliás incerta a preferencia. E, com effeito, no céo Deus revela-se no caracter augusto de glorificador magnifico; no templo revela-se no caracter amavel de pae e salvador misericordioso: no céo as suas riquezas são mais brilhantes; no templo o seu poder é mais forte; lá eleva-se acima de todos os entes; aqui abate-se até vir habitar comnosco, e a sua omnipotencia ha mister de maior esforço para este abatimento do que para aquella elevação. Pasmai, ó céos, no aspecto dos ineffaveis mysterios que em nossos templos se celebram. Á voz de um homem a divindade é—eu não conheço, senhores, outra expressão mais propria—é como intimada a descer do seu throno, e desce. Á voz de um homem aquelle, cuja fronte está coroada de esplendor eterno, depõe o diadema e vem no estado de quasi aniquilação ser sobre os nossos altares victima por nós e alimento para nós. Sim, meu Deus, n'esse admiravel sacramento a vossa carne é-nos verdadeira comida e o vosso sangue verdadeira bebida. Esta palavra, porque vós a dissestes, não tem nada de dura aos vossos ouvidos, como teve aos d'alguns dos primitivos discipulos. Dignai-vos aceitar o protesto da nossa fé.

Recordemos agora a pompa do festim de Assuero. O sagrado texto refere que pendiam de todas as partes pavilhões de côr celeste e branca e de jacintho, sortidos de cordões de finissimo linho e de purpura, que passavam por anneis de marfim e se sustinham em columnas de marmore. Havia

tambem dispostos leitos d'ouro e prata sobre o pavimento, semeado de esmeraldas, e de marmore de Paros embutido com admiravel variedade de figuras. E os convidados bebiam por vasos d'ouro, e os manjares se serviam em baixella sempre differente. Mas que vale tudo isto a par com o que merece o banquete eucharistico em que o rei dos reis, julgando que tudo o que não fosse Elle proprio não era digno de nós, quiz (oh! ternura do melhor dos paes!) nutrir-nos da sua mesma substancia?! Ainda mais e continuando o parallelo entre o céo e a igreja. No céo existe o Unigenito investido de uma authoridade verdadeiramente divina: seu Pae lhe depositou nas mãos o julgamento das nações. Sabemos que no ultimo dia, abrindo-se os céos, virá Jesus Christo em todo o apparato da magestade e sentado sobre as nuvens, como juiz em tremendo tribunal de que não ha appellação, sentenciar os vivos e os mortos. Mas este tribunal já está erguido em nossos templos. É o tribunal da penitencia em que está sentado o mesmissimo Jesus Christo na pessoa do seu ministro. Mas que differença, fieis! Lá será somente julgador inexoravel; aqui é igualmente juiz, mas que não quer fazer uso do seu poder senão para perdoar; ou antes, mais do que juiz, é pae compadecido que sahe ao encontro do filho prodigo, pastor amoroso que toma sobre os hombros a ovelha desgarrada.

Então de qual honra não é digno o lugar onde se renova o sacrificio do calvario, o lugar onde se repete o banquete do cenaculo, o lugar onde se antecipa o julgamento do valle de Josaphat? e que por todos estes respeitos disputa preferencia com o proprio céo? Mas, para directamente nos recapacitarmos da honra devida ao lugar santo, recordemos o proceder de Jesus Christo com os que vendiam á porta do

templo de Jerusalem. Elle que é a mesma doçura, Elle que está disposto a soffrer sem o minimo queixume os insultos, os açoutes, a cruz, agora como que despede relampagos dos olhos, raios da fronte! Mas aquelles homens vendiam as rezes que tinham de servir aos sacrificios!... Não importa. A casa de seu Pae está sendo por elles desconsiderada; e é quanto basta para que o seu zelo se inflamme e castigue. E não se lhe falle já de empregar no castigo estranho braço. Serviu-se do ministerio de Moysés para abrir no Egypto sanguinolentas feridas; serviu-se do ministerio dos anjos para exterminar Sennacherib e abysmar Sodoma: mas para o crime de que se trata — contra a profanação do templo — fere em pessoa e é elle mesmo o arbitro e o executor da vingança. E transcurar a decoração dos templos não será concorrer para a sua profanação? Oh! tirai do palacio dos principes o apparato da grandeza e vereis bem presto desapparecer do palacio dos principes o respeito e a veneração dos povos. Eu bem sei (e o sei melhor do que o que vejo com os olhos da carne, porque o vejo com os olhos da fé) que alli, em volta d'aquelle throno estão myriadas e myriadas d'anjos, uns incensando com thuribulos d'ouro, outros entoando ao som d'harpas divinas: Hosanna! Hosanna! Mas longe de que um tal acatamento dispense o nosso, mais a elle nos obriga; porque se os anjos são creaturas, tambem nós, e menos perfeitas e mais dependentes.

O Senhor ameaça por S. Paulo que se alguem violar o templo de Deus, Deus o perderá — *Si quis templum dei violaverit, disperdet illum Deus* — Em boa dialectica esta ameaça envolve a promessa de que a quem honrar o templo de Deus, Deus o salvará. E a salvação é o unico bem real, porque tudo o mais é vaidade de vaidades, que se dissipam

como fumo á hora da morte. Ora, se quando um rei dá a algum dos seus subditos a promessa de agracial-o com mercê grande, todos os amigos e parentes se apressam a felicitar o venturoso espectante, receba a Illustre Mesa restauradora d'este templo, representada na pessoa d'aquelles de seus membros que foram reconduzidos, com, sem comparação, melhor cabimento e direito, mil cordeaes parabens, mil dedicados emboras de todos os seus irmãos pela fé, de toda a familia christã. Exultem santamente na misericordia do Senhor que lá do alto do seu throno os olhará complacente como aquelles a quem reserva para membros da sua côrte. Exultem santamente na caridade de seus irmãos, que ao verem a qualquer d'elles passar dirão: alli vai o homem de boa vontade que procurou solicito o decoro da casa do nosso Deus: saudemol-o com respeito. Eu não posso, senhores, deixar de associar-me á geral felicitação rendendo-vos um tributo de louvor, se não qual mereceis. . . Mas, ó meu Deus, paralysai-me o braço, arrancai-me o thuribulo, antes do que me escape em obsequio dos homens algum grão d'aquelle incenso, que só deve fumegar em vossa honra. Só Vós sois grande: só Vós digno de louvor. Mas se eu não devo na vossa presença elogiar o pó, a cinza, o nada, farei como ordenastes quando dissestes diante dos homens — que elles vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso pae que está nos céos. Bemdito, pois, louvado e adorado seja o vosso e nosso, Pae celeste, pela boa obra que estes filhos seus praticaram com tão evidente beneplacito e protecção de cima, que ao observar-se o quanto fizeram com tão escassos recursos é força exclamar: O dedo de Deus andou aqui! E pois que pela decoração do lugar santo vos confessam hoje em presença dos homens, confessai-os vós a elles no grande dia em presença de vosso

Pae. Não consintaes que estes que restauraram em tempo a vossa casa vejam na eternidade destruido em si o templo de que mais vos aprazeis, que é o fabricado pelo Espirito Santo no coração do homem. Abençoai a sua offerta como abençoastes as de Abel. E pelas entranhas da vossa infinita misericordia, vivificando as boas obras dos que remistes, levai-nos a todos ao templo da verdadeira immortalidade, onde com os anjos e archanjos, com os cherubins e seraphins, com toda a milicia celeste eternamente cantemos o hymno da vossa gloria.

Te deum laudamus — te dominum confitemur.

IX

SERMÃO

DE

SANTA CECILIA

> Tantum ergo Sacramentum
> ....
> Prestet Fides supplementum
> Sensuum defectui.

E por isso mesmo que a Fé presta supprimento ao defeito dos sentidos, importa que os sentidos prestem o seu testemunho, a fim de que seja supprido, quando fôr mister, pela authoridade da Fé.

Exc.^{mo} e rev.^{mo} snr. Deus gravou sensivelmente a demonstração do seu ser em cada peça da pasmosa fabrica do universo. Desde o grão d'arêa até ao astro do dia, desde o musgo até á palmeira, desde o polypo até ao homem (se não abdicou a razão) todas as creaturas unisonas proclamam: Existe uma causa primeira, um principio sem principio, que nos produziu e conserva: Existe um Deus!

Mas quanto é bello observar como no meio d'este collectivo pregão sobe de ponto e requinta a voz do homem, porque só ella exprime um verdadeiro cantico de admiração, respeito e amor á sabedoria, força e bondade infinitas do Creador universal!

Apraza-vos, senhores, acompanhar-me por um momento na rapida analyse da inspiração d'este cantico. E pois que os attributos divinos, que elle celebra, mutuamente se presuppõe e confirmam, para conciliar a escassez do tempo com a vastidão da materia, contemplemos um só, a sabedoria, revelada por só uma das suas manifestações — a harmonia.

A harmonia, considerada como caracteristico da sabedoria divina, na ordem da natureza, consiste em que todas as cousas gozem da plenitude da sua essencia e relações, por fórma que cada uma longe de contrariar as relações e essencia das demais, beneficiosamente as influa, e por ellas seja beneficiosamente influida, para a melhor existencia, tanto da minima parte, como do grande todo. Posto isto, desenrole-se o grandioso panorama; e attentemos.

O sol — Desde tantas dezenas de seculos, nem uma só vez ainda deixou, a ponto certo, este immenso luzeiro de accender-se para um hemispherio, apagar-se para o outro; succedendo-se assim, em harmonia perfeita, os dias e as noites; os dias para a vigilia e trabalho, as noites para o somno e descanço; alternativa indispensavel ao corpo e ao espirito. Segundo a ultima palavra da sciencia, vinte e nove corpos celestes percorrem harmonicamente as suas orbitas em torno do grande astro, animados (á semelhança da pedra que se faz girar na funda) de duas forças oppostas, a attracção e a impulsão. Se a primeira d'estas forças deixasse de ser contrabalançada pela segunda, precipitar-se-hiam n'aquelle ocea-

es de fogo planetas e satellites; se a segunda pela primeira, precipitar-se-hiam nos abysmos do espaço; demolindo-se em ambos os casos a machina do mundo. Se no sol houvesse desharmonia para mais em seu volume, ou para menos em sua distancia, relativamente a nós, abrasar-se-hia a terra, e dada a desharmonia inversa, gelar-se-hia.

A terra, se fôra menos densa, cedendo-nos ao peso não poderiamos n'ella sustentar-nos; se mais, resistindo-nos á cultura, não poderiamos sustentar-nos d'ella. Tudo envelhece, menos esta mãe commum, a quem jámais se esterilisa o seio para que nunca cesse a harmonia entre as necessidades e os recursos das gerações que vão passando. E se nem todas as regiões produzem absolutamente tudo de que necessita a vida humana, vêde aqui mesmo uma nova harmonia com a grande sociabilidade do genero humano; por quanto a precisão convida os povos a procurarem-se e conhecer-se.

O mar — Regular fluxo e refluxo, continuamente lhe agita as aguas; que esta harmonia se rompesse por um pouco de movimento mais, alagar-se-hiam as terras; por um pouco de movimento menos ficariam inaccessiveis as suas praias; que cessasse pela cessação do movimento, uma inundação de pestilentes miasmas destruiria todo o vivente, não menos mortifera do que o antigo diluvio das aguas superiores.

O homem, mundo abreviado — A harmonica variedade de seus orgãos fundamenta a unidade do seu individuo; e da harmonia das funcções d'esses mesmos orgãos resulta para elle o estado mais feliz, depois da graça, a perfeita saude.

Dos grandes phenomenos volvamos a attenção aos apparentemente pequenos. Uma simples ave, uma pequena flôr — Aquella, se dotada de garganta musica, domicilia-se cêrca de nossas vivendas campestres, para nos recrear com seus

cantos; se de voz sinistra, habita nas solidões de companhia com as feras: esta, a flôr, em meio á fresca e avelludada corolla guarda mimoso deposito de nectar que toda a arte do homem extrahir não sabe, e que a industria de um simples insecto colhe, para offertar-lh'o em geometricas urnas de cera, tambem obra sua.

Assim que ás meras vistas da observação philosophica o mundo physico é um templo immenso, de tantas aras, quantos os seres que o formam, d'onde perennemente sobe ao throno de Deus o incenso de innumeras harmonias, que só o mesmo Deus comprehende todas, mas de que o homem alcança bastantes para prostrado exclamar: Ó grande Espirito, louvai-vos a vós mesmo; que só este será louvor condigno, pela sabedoria infinita, com que em maravilhosa harmonia co-ordenastes todas as cousas.

Contemplemos agora o reverso da medalha fixando as vistas no quadro do mundo moral — Que differente espectaculo! Aqui, como predomina o peccado, que não é obra de Deus, predomina a desharmonia: desharmonia no avaro, escravo das riquezas, de que é Senhor: desharmonia no soberbo, gigante de bronze com pés de barro: desharmonia no invejoso, que se contrista, porque a seus irmãos alegra a Providencia: desharmonia no hypocrita, labios de mel, coração de fel, e que sendo tigre parece cordeiro: desharmonia no individuo, attestada pelo conflicto entre a consciencia e os appetites: desharmonia na familia, attestada pelas desallianças domesticas: desharmonia na republica, attestada pelas lutas civis: desharmonia nas nações, attestada pelas guerras estrangeiras. E será no meio d'esta confusão ruidosa, que o orador christão descobrirá melodia, por onde afine a innocencia das almas justas? Não, senhores: Babylonia

o conhece as musicas de Sião, nem a terra do exilio póde
'erecer as harmonias da patria. No céo, patria dos justos,
contrarei perfeições com que em suave accordo se ajusta-
o as virtudes de Cecilia, em quanto peregrina no exilio da
rra. Esguardando pois da altura, em que a Santa Igrèja
ol-a propõe á nossa veneração, vêl-a-hemos harmonisando
ela virgindade com os anjos, que d'esta são os prototy-
os; harmonisando pelo amor com os seraphins, que d'elle
ão os modêlos. Tal o argumento e a divisão do discurso.

Meu venerando Prelado, não possuo (bem o tereis nota-
lo já) os dotes do orador. Mas nem por isso totalmente des-
nimo ao ter de progredir em orar na vossa presença. Se
possuisse aquelles dotes, ficarieis satisfeito de mim (o que é
menos) pela perfeição do discurso; não os possuindo, fica-
reis satisfeito de vós (o que é mais) pelo dôce sentimento de
generosa indulgencia com que fio do vosso paternal coração
lhe perdoareis os defeitos.

Cecilia Santa! se outr'ora tão liberal fostes, na terra, de
ouro e prata para com os indigentes; hoje, opulenta, no céo,
de um thesouro incomparavelmente mais precioso — a vossa
poderosa intercessão junto ao manancial das graças — não
sereis por certo menos generosa. Permitti-me, que assim co-
mo nos, em que vivestes, difficeis tempos de perseguição á
greja, quem de si não dava garantia para ser bemvindo á
presença do Pontifice Urbano I invocava por fiador o vosso
nome, eu agora o invoque para aproximar-me em espirito
dos degraus do solio do Summo Sacerdote, segundo a ordem
de Melchisedech, Christo Jesus.

Senhor, é certo que vós mandastes, que vos louvassem,
e bemdissessem, não só a luz do dia, mas ainda as trevas da
noite. Eu desejo louvar-vos e bemdizer-vos na pessoa da

vossa virginal esposa, Cecilia santa; porque coroando os seus merecimentos coroastes os vossos proprios dons. Mas, Senhor, para que de algum modo o meu louvor se proporcione a vós, que sois o pae das luzes, á assembléa dos fieis, que são os filhos da luz, dignai-vos repetir n'este momento commigo um dos primeiros milagres da vossa omnipotencia. Dizei ás trevas da ignorancia, que pesam sobre a face do abysmo do meu nada: Faça-se a luz.

Senhores, a attenção não é cousa que se peça por favor, nem se dê de graça; é um tributo que se impõe, é uma divida que se satisfaz. Aquelle tributo, na conjunctura presente, de per si o impõe, não obstante a insufficiencia do panegyrista, o merito da heroina; que não precisa elle, para brilhar, dos estranhos enfeites da arte. Esta divida satisfazel-a-heis pontuaes; que não é de esperar menos, não só da piedosa devoção, mas até mesmo da christã urbanidade de tão distincta assembléa.

Já o disse e agora o repito do alto d'esta cadeira da verdade: nada mais pernicioso do que a desharmonia entre as vocações e os estados. Quem adoptar estado contra o proposito de Deus, difficilmente acertará com a porta do templo da bemaventurança. Que deploraveis quadros não offerece uma errada vocação!

Innocente donzella, Deus te chamava ao numero de suas castas esposas; eras a candida pomba, que o Senhor dispunha subtrahir, no retiro da clausura, ás garras das aves de rapina; queria alli apossar-se das potencias da tua alma, e adornando-a de seus preciosissimos dons exaltar n'ella ao zenith as mais sublimes virtudes christãs; apontava-te o monte de myrrha onde apascenta a sua mimosa grei,

ao qual se propunha dar-te o desejado osculo de suavidade ineffavel. Apesar dos attractivos da graça, os da fortuna, dos prazeres, da liberdade, triumpharão, e as tochas nupciaes vão accender-se: ao seu risonho fulgor só vês as pomposas galas que te ataviam, as flôres de que estás coroada. Mas se ao cahir o véo das illusões te vires em dissoluvel nó unida a um genio, a uma indole, mui diversa do que imaginavas?—obrigada para sempre a amar com veneração a um ingrato, a obedecer com amor a um deshumano?! Oh! que pesada cruz! Como porém essa foi a que escolheste, e não a que o Senhor te apparelhava, de quanta misericordia has mister para poder resignadamente abraçal-a e seguil-o! Como quizeste negociar a teu modo os talentos que o Senhor te distribuira, quem sabe se no dia da conta alcançarás ser chamada serva boa e fiel? A ti, pelo contrario, Deus te destinava a tecer aureos dias de ventura a um esposo; a conceber e crear para a virtude castos penhores de um thalamo fecundo. Tinha plantado em teu peito abundancia de ternura, que dedicada áquelle, por quem te mandava deixar pae e mãe, estava desde logo justificada. Preparava-te copiosas bençãos de prudencia, doçura e fidelidade, com que, santificando-te, santificasses tambem numerosa familia, de quem serias o anjo tutelar. Todavia projectos humanos, um primeiro movimento de leviandade ou despeito, cego transporte talvez de mal entendida piedade, arrancam-te do mundo, e lá vaes votar ao heroismo um coração naturalmente fraco. Insensata! o sacrificio que vaes fazer perante o altar rejeita-o Deus com horror. Hoje não fazes mais que cobrir de cinza um fogo perfido que para o diante estalará, e então vêr-te-has sem esperança agrilhoada á lagea do sepulchro; a imagem do mundo te seduzirá mais do que o teria feito a pre-

sença do mesmo mundo, cahirás mais vezes longe do perigo do que no meio d'elle cahiras; terias sido uma mulher forte, fizeste-te, ou fizeram-te, uma virgem fatua.

Como pois haver-se cada qual em sua esphera para evitar a funesta calamidade de uma vocação errada? Imitar Cecilia. Não quiz ella ser, quiz que Deus fosse o arbitro do seu destino: com inteiro rendimento do alvedrio proprio exora-o, depreca-o dizendo: Senhor, fallai, que a vossa serva escuta. Se para ir a vós me mandardes, como a Pedro, caminhar por sobre as ondas, não hesitarei. Esta humilde submissão aos oraculos do céo confere-lhe de algum modo direito ás inspirações do mesmo céo: e posto que um nome illustre a communicar, uma rica herança a transmittir, o verdor da idade, em que os sentidos despertam com ardor violento, as brilhantes qualidades pessoaes do mancebo que lhe solicita a mão, tudo pareça offerecer-lhe o colorido cinto dos desposorios, o anjo do grande conselho presenta-lhe o niveo véo da virgindade; e Cecilia á virgindade se vota. Parabem, coração heroico, alma generosa, que seguindo o dictame do Espirito Santo escolhestes a melhor parte — *Beatior erit si sic permanserit.*

Na verdade, senhores, para este predilecto vaso de eleição especial, que illuminada pela luz da Fé, quando as trevas do paganismo ainda envolviam Roma, sua patria, e a sua propria familia, renunciára sacrificar a idolos de pedra ou metal, se não eternos, duradouros; para Cecilia, digo, era pouco, muito pouco, negar-se a sacrificar a estatuas de carne, que breve gyro de annos tornaria cadaveres, isto é, carne votada aos vermes; para Cecilia era pouco, muito pouco recusar-se a ser o proprio idolo, vendo a seus pés um fanatico adorador, protestando-lhe que a sua vida, a sua sorte, a

sua felicidade, dependiam unicamente d'ella, proclamando-a a sua divindade; para Cecilia, finalmente, espirito superior, dotado das azas da aspiração ao bello, ao perfeito, ao celestial, tinha ainda um não sei que de terreno a simples castidade conjugal. Nova Sulamites mal podia attrahil-a outro que não fosse o purissimo, e sempre alcatifado de flôres, thalamo do verdadeiro Salomão.

Fieis, na Jerusalem triumphante triumpham muitos e grandes santos que não foram virgens; mas nem por isso fica menos certo, que a virgindade, estado de conselho, e não de preceito, é perfeição sublime, a que na casa do Pae celeste, onde ha mansões diversas, está reservada eminente mansão — *Eunuchis dabo in domo mea locum et nomen melius* — como dom superabundante, como obra de supererogação, que á sua parte aproxima o homem, quanto possivel, d'aquella perfeição suprema, que o divino mestre nos propõe por modêlo.

Cecilia renunciou ser mãe! (parece-me estar ouvindo aos echos de certa escóla repetirem lá ao longe) Cecilia renunciou ser mãe! eis ahi mais um ente perdido para a sociedade. Aquillo não é exacto. « Nada ha maior sobre a terra, exclama um philosopho insigne do seculo passado, do que o sacrificio, que o sexo delicado faz de sua belleza e juventude, e muitas vezes do seu alto nascimento e fortuna, para nos caritativos asylos da indigencia enferma, da infancia e velhice desvalidas, dos orphãos, dos expostos, prestar per si mesmo soccorro e consolação a esse acerbo de todas as miserias humanas, cujo aspecto tanto humilha ao orgulho, tanto offende ao melindre. » E podem por ventura (sêde vós os juizes) os cuidados domesticos, que o são de todos os dias e de todas as horas, dar á mãe de familias vocação para exer-

cer aquelles e muitos outros analogos actos de caridade heroica? Instar-se-ha: o celibato nem sempre se acompanha da continencia — Assim é, por infortunio. Mas verdadeiro amor para com o proximo, paciente, zeloso, incansavel, desinteressado, só o que assentar no amor para com Deus; e coração onde arder este divino fogo, é incompativel que prenda n'elle o fogo da concupiscencia.

A continencia portanto, longe de improductiva á sociedade, é como os raios do sol, que por um extremo prendem no astro em que bebem a luz e o calor, e pelo outro visitam a terra, a que communicam estes celestes dons. — Mas não é só para as obras grandes da caridade fraterna, que o consorcio impede a esposa, distrahindo-lhe o elemento material do tempo; o terno amor conjugal, o extremoso amor de mãe, n'ella disputam a Deus metade do coração, metade da alma, metade do pensamento; e Deus, pelo primeiro e maximo preceito, quer ser amado de todo o pensamento, de toda a alma, de todo o coração. Nem o elevado conceito da virtude que elogio, em quanto abnegação, é crença exclusiva da igreja. Desde toda a antiguidade, em todos os tempos e lugares, qualquer que fosse a idéa politica ou religiosa dominante, no juizo do moralista despreoccupado, uma tal força de temperança, que assim annuncia o imperio da alma sobre os sentidos, foi sempre objecto de admiração e louvor. E com razão; porque, se o vencimento das grandes paixões é a todas as luzes victoria superior, o vencimento da paixão maior não póde deixar de ser suprema victoria. O voto porém de Cecilia, já de si magnanimo, realçam-no sobre modo as circumstancias da época em que foi feito. É doutrina corrente, que em ponto de moral publica as praticas da religião, como base d'ella, e os exemplos dos ministros do culto, do impe-

rante e magnates, como seus principaes incentivos, influem grandemente nos costumes dos cidadãos. Que effeito moral devia produzir logo sobre os animos, nos dias e na patria de Cecilia, uma, assim chamada, religião que propunha á adoração de seus crentes deuses, cuja historia os descrevia protogonistas das mais escandalosas aventuras, um Jupiter incestuoso, uma Venus violadora da fé conjugal; e cujas solemnidades eram orgias de prostituição, quaes os mysterios de Ceres e Cybele, e as festas de Saturno e Baccho. O throno, e o cortejo, que o cercava, não emittiam então raios mais puros. Occupava-o (segundo a melhor chronologia) Heliogabalo. Este monstro, violando descaradamente todas as leis do pudor, que até Sodoma respeitaria, ousou consummar á face do mundo um consorcio... Não podem os labios do orador christão prestar-se á expressão de torpezas taes, que a ella se recusaria envergonhada ainda a penna, muito mais solta, do historiador profano. Baste dizer, que Heliogabalo excedeu em licenciosidade ao incestuoso Commodo, ao devasso Caracalla, seus proximos predecessores, que tinham já convertido em prostibulo o palacio dos Cesares. E era esta equivoca mistura moral de homem e bruto cumulativamente o chefe politico do estado, e o cabeça do sacerdocio! Quanto consola vêr a religião do virginal filho de uma Maria virgem, ainda quasi na infancia, oppor desde logo em contraste a tão desenfreado despejo, não o exterior recato da sacerdotiza de Vesta, de quem apenas se exigia a conservação da integridade physica, e que a mantel-a se obrigava por meros respeitos humanos; mas sim da virgem christã a perfeita incontaminação do corpo e espirito, melindrosissima joia, a que o mais leve contacto, o halito de um simples desejo consentido abate de estimação, e que ella vigilante defende por

agradar Áquelle que é a corôa das virgens. Quanto consola vêr sobre tão medonha cerração de infernal libertinagem assomar na pessoa de Cecilia uma como estrella da manhã, de candida-rosada luz, reflectindo a pureza do céo.

Sim, senhores; Cecilia é a preciosa perola que enterrada no limo do pego, de sua sordidez se não macula; é o florente lilio, que rompe donairoso d'entre os espinhos que o tentavam suffocar... Mas ah! que furioso tufão subito ameaça desfolhal-o! O pae de Cecilia, que sem a consultar empenhára a palavra de patricio romano, que era, na cedencia da mão de sua filha, intima-lhe que tem resolvido casal-a. Debalde a aterrada virgem se oppõe com lagrimas e com rogos; aquella vontade de ferro, armada do então illimitado poder paterno, é inflexivel. Que astucioso laço da serpente antiga, attrahindo ao reclamo da obediencia filial! Meu Deus, daime licença para que com a face no pó da terra, eu vos dirija agora em favor de Cecilia, analoga queixa á que antigamente vos dirigiu em favor de si o patriarcha Job: Pois não foram as vossas mãos, que a formaram toda em circuito, para vaso de ornamento, na perfeição da virgindade? Como então consentis, Senhor, que seja precipitada?!... Perdoai, ó Deus de bondade, o meu inconsiderado receio. Vós nunca permittis, que a creatura seja tentada superiormente aos auxilios, com que vos dignaes defendel-a. A provação é grande; mas em vossos immensos thesouros existem graças, ás quaes, sem annullar a liberdade do homem, resistencia não ha que se lhes tenha. Não temas, virgem christã! O grande rei, que com inviolavel fé te ha desposado, mostrará, que elle, e só elle, é o Senhor. *Sponsabo te in fide et scies quia ego dominus.*

Cecilia obedece a seu pae, e casa. Mas dirigindo-se para

logo ao nobre Valeriano, que vem de recebel-a por esposa, segundo o rito pagão, declara-lhe com resolução varonil que é christã; que consagrára ao Deus vivo, unico e verdadeiro que os christãos adoram, a integra pureza de seu corpo e alma; e que primeiro á violencia de golpes lhe arrancarão a vida, do que violará a-fé jurada. A influxos do céo, que a inspira, sua eloquente palavra é facho que illumina, iman que attrahe, cadêa que prende, raio que abrasa. Valeriano estremece e vacilla; Satan disputa a todo o transe a prêsa que lhe escapa; mas Cecilia reduplica os esforços, e a heroica virgem, ou antes a graça, que por ella combate, alcança prestes a mais completa victoria; porque Valeriano rende-se, converte-se, baptisa-se, e trocando o amor de esposo em amor de irmão, quer acompanhar Cecilia em seu voto de castidade perpetua. Oh! graça do meu Deus quanto és poderosa! Assim que aquella nova casa, onde o principe d'este mundo contava de ter, succumbindo Cecilia, mais um templo em que fosse adorado sob o simulacro vão dos gentilicos penates, constituiu-se casa de oração, na qual echoam, dia e noite, ao rei da gloria harmonicos canticos, que Cecilia acompanhava ao som de musicos instrumentos, em que era perita. Harmonicos canticos, disse. Eu não sei bem, senhores, se a musica religiosa d'aquellas eras seria ou não grata ao ouvido; mas attendendo á decorosa gravidade do culto, bem que singelo, dos primeiros seculos christãos, evidencia-se, que sem falta havia de ser harmonica — com o objecto, honrar a Deus — com o fim, inspirar sentimentos de piedade — com a letra, trechos dos livros santos — com o lugar, que representa o céo — e com os executadores, que exercem o ministerio dos anjos. A esta inviolavel harmonia ameaça de presente pervertel-a a temeraria intrusão do estylo das

musicas dramaticas ou theatraes. Tal abuso, além de que o censuram os mais respeitaveis padres da igreja, nomeadamente S. João Chrysostomo e S. Jeronymo; o concilio constantinopolitano de 692, o cloveshoviense de 747, o de Burges de 1584, e outros, expressamente o prohibem. E sendo certo, que ainda pelo só lado da arte, como em grandes mestres tenho lido, semelhante phantasia ou capricho de composição o é de muito mau gosto, e denota falsa cultura; vós, dignos membros da Corporação illustre, cujo filial affecto tributa a Cecilia os presentes, magnificos obsequios, que com tanto applauso da patria, d'esta boa terra de Portugal, que por seu céo vivificante, por seu solo inspirador, pelo genio de seus naturaes, parece devia ser a patria das bellas artes; vós, digo, que vos dedicaes ao progresso da talvez mais civilisadora de todas ellas; eia! purificai-a de tão feia mancha; com o credito de professores, com a authoridade de juizes reprovai aquelle erro, condemnai aquelle crime de lesa arte. O homem tambem honra a Deus, quando cultivando os talentos, com que o céo o ennobreceu, cria ou melhora as artes, que d'estes talentos são filhas.

Releve-se-me a digressão. Havendo a torrente do discurso trazido a reminiscencia de uma desharmonia, que sobre profanar o culto, deslustra a arte que a minha heroina cultivou, e de cujos cultores é protectora, não pude dispensar-me de protestar contra essa profanação, e appellidar contra esse deslustre os bons officios dos protegidos de Cecilia.

Prosigamos. A carne com seus naturaes estimulos, o demonio com sua astuciosa cilada, o mundo com seu contagioso exemplo, os tres archi-inimigos da virgindade, jazem vencidos, derrotados aos pés de Cecilia; porque apesar, e a despeito do mundo, do demonio e da carne, Cecilia perma-

leceu virgem. Ora se na sentença dos sagrados doutores, a astidade é quem fórma a essencia dos anjos — *Castitas anjelos facit* — se os anjos são as virgens do empyreo, no oraculo do evangelho — *neque nubent, neque nubentur* — quem desde já não sente uma harmonia suavissima entre Cecilia, visivel anjo da terra, e os anjos, mysteriosas virgens do céo? Mais: sendo em harmonia preferido o accorde da consonancia, no qual reina a differença de graves a agudos, ou a afinada concordia de discordes sons, á identidade dos unisonos, parece-me (seja dito sem offensa dos angelicos espiritos, antes para maior gloria de Deus, e, por tanto, jubilo d'elles) parece-me poder affirmar, que n'esta escala elevou-se Cecilia a nota mais alta; por quanto os anjos são virgens pela necessidade de sua natureza confirmada em graça; Cecilia foi virgem pela deliberada escolha de seu livre voto: os anjos são virgens em um systema de relações, ou situação de cousas que não admitte consorcio; Cecilia foi virgem no estado de matrimonio: os anjos são virgens a extra-alcance dos perigos e obstaculos; Cecilia foi virgem através dos obstaculos e perigos; em uma palavra, e para que diga tudo, a virgindade nos anjos é puro dom, em Cecilia tambem merito; n'aquelles felicidade, n'esta, virtude.

Tanta gloria não passaria comtudo de edificio, esplendido sim mas ruinoso, se Cecilia, virgem prudente não o edificára sobre a rocha viva do amor divino; amor pelo qual harmonisou com os seraphins.

Roma, armipotente metropole do universo, abre teus porticos ao novo embaixador, que vem annunciar-te a boa nova. Eil-o chega. É o pescador de Genesareth, é Pedro: ancião, tunica rasa e grosseira, sandalias, bordão, sem al-

forge, e no cinto nem pão nem dinheiro. Que missão nos trazes? figura-se-me desdenhosamente perguntar-lhe o altivo romano. Venho derrubar os vossos templos, quebrar seus idolos, extinguir seus sacrificios, e prégar-vos o Deus verdadeiro, unico em essencia e trino em pessoas; a Jesus Christo, homem-Deus que o vosso governador na Judéa, Poncio Pilato, entregou aos judeus para ser crucificado; que resuscitou, como disse; subiu ao céo, e no ultimo dia dos seculos virá com gloria julgar o mundo. E de que exercitos, de que thesouros, de que sciencia dispões para empreza tal? Sòu só; ouro ou prata é cousa que não possuo; letras não as sei, nem cogito como ou o que hei-de fallar, porque na hora opportuna me será inspirado. Voltam-lhe as costas, dizendo: É louco; falla paradoxos e crê visões; a cruz o espera como ao nazareno. E todavia, senhores, a promessa cumpriu-se á letra; porque o sceptro de canna do rei pacifico quebrou o sceptro dos imperadores; a loucura da cruz foi reconhecida a sabedoria verdadeira; e a tenra plantasinha do christianismo, regada com o sangue de Pedro, e dos demais campeões da Fé incorporado com o sangue da victima do calvario, vingou a arvore grande, a cuja sombra podem vir pousar as aves do céo. Mas quantos obstaculos a vencer para lograr radical-a em terreno ou tão de pedra, ou tão afogado em abrolhos! Pondo de parte o prestigio dos antigos preconceitos, os interesses da politica, e limitando-me á moral, e ao dogma, vêde. Marte, dizia o povo-rei, a nação togada, Marte, o numen da guerra, é o author de Roma; conduzidas por elle as nossas aguias voem á guerra, á conquista, e ai! dos vencidos — Jesus, o divino author da nossa Fé, respondia o povo baptisado, é o principe da paz, o cordeiro de Deus que tira os peccados do mundo: por elle, e em no-

me d'elle: Paz na terra aos homens de boa vontade, e clemencia para os desgraçados. Corôemo-nos de rosas, dizia o pagão, antes que murchem, porque depois da morte ha o nada. Corôemo-nos de espinhos, replicava o christão, para que depois floreçam no jardim do céo. A vingança é o prazer dos deuses, dizia o pagão. Ama ao teu inimigo, contradictava o christão, faze bem ao que te odeia, e ora pelo que te persegue e calumnia. Antes o primeiro, dizia o pagão, na mais abjecta aldêa, do que o segundo em Roma. Se alguem quer ser o primeiro, impugnava o christão, que seja o ultimo e o servo de todos. Pão, gritava a plebe romana, e a par com elle gladiadores no circo. São homicidios voluntarios, retorquia o povo de Christo, e o que fere, o que assiste e applaude são co-réos. Por parte da crença recrescia o contraste. O pagão duvidava sempre, temia algumas vezes, e jámais se dedicava. O christão cria, esperava, e amava. De um lado a luz, do outro as trevas; de um lado a verdade, do outro o erro. Este, intolerante sempre, mormente em materia de religião, não podendo convencer discutindo, cuidou vencer clamando: Christãos aos supplicios! christãos á morte! *tolle, tolle*. Ao brado exterminador uns, revestidos de indumentos resinosos, ardem ao theor de archotes durante a noite, outros são torrados sobre laminas em brasa; estes flagellados a açoutes de pontas de ferro até lhes apparecerem os ossos, e as entranhas; aquelles desnudados da pelle desde o vertice até ás plantas; deslocados nos equuleos; expostos ás feras; enterrados vivos; quem é dilacerada com pentes de ferro, quem retalhada a rodas de navalhas; e assim, e com ainda mais afflictivos tormentos são martyrisados centos e centos, milhares e milhares, milhões de victimas, de um e outro sexo; de todas as idades, de todos os estados, de todas as

me-ha elle a mim na presença de seu Pae. Sou christã — Obedece, ou te mandarei dar acerba morte — A morte do corpo não a temo; a do espirito essa não podes tu mandar-m'a dar. Não sacrifico. *Euge,* impavida confessora do nome de Christo! *Euge!* e ávante; que os anjos estão suspensos para te verem ultimar o triumpho, e o dragão infernal já morde de desespero a terra.

Vivente e sensivel, aonde está em Cecilia o natural horror dos tormentos, e da morte? mulher, aonde está n'ella a fraqueza do seu sexo? Que mascula coragem é esta? Quem transformou assim o flexivel vime em robusto carvalho que se não deixa dobrar? Seria o enthusiasmo da paixão? Mas como? se no coração e labios de Cecilia reina a paz evangelica. Seria a cegueira do fanatismo? Mas como? se no entendimento de Cecilia luz a evidencia do Verbo, cheio de graça e de verdade. Seria o orgulho da impassibilidade estoica? Mas como? se a fiel discipula de Christo é humilde, qual foi seu mestre. Quem pois operou tal prodigio? O amor divino, fieis; que onde imperar esta sobrenatural fortaleza a enfermidade da carne desapparece, e o espirito está prompto a todo o calix.

Dilectissimas em Jesus Christo, comvosco fallo. Promettem-vos total emancipação, ou perfeita igualdade de direitos entre os dous sexos, em nome de não sei que identidade de aptidões em ambos elles. Utopia! O peculiar organismo, e sobre elle gravada a sentença do eden manterá eternamente a justa desigualdade: alli, alli é que resplende o vosso grande brasão, a vossa prerogativa; e quasi ia a dizer superioridade. Não sou eu, homem ignorante, e sem espirito, que o invento; é a santa igreja, que o affirma, quando vos consagra o epitheto de sexo por excellencia fervoroso em

piedade, por excellencia dedicado ao amor divino — *Pro devoto femineo sexu.*

Mas não distraiamos por mais tempo as vistas de um dos mais formosos quadros, que a terra póde offerecer em espectaculo ao céo — a virgem christã perante o juiz idolatra.

Sophismas, declamações, promessas, rogos, ameaças, tudo é baldado. Cecilia é o rochedo no meio das ondas; investem-no, combatem-no; mas nem o submergem, nem o abalam, e tem de retirar desfeitas em espuma. Ao supplicio! brada o tyranno em seu impotente desforço — O céo t'o pague, acode aquella alma já bemaventurada; essa a graça unica, que eu podia supplicar-te, e tu concedes-m'a; e pois ella me descerra as portas da gloria, lá pedirei ao Senhor, que se amercêe de ti, que te illumine e te salve.

Fieis, pouparei a vossa sensibilidade, cifrando em brevissimas palavras a narrativa da catastrophe, mui gloriosa sim, mas consternadora. Lançam a Santa a um banho fervente, e como não perecesse n'elle, é degolada. Cahiram as paredes ao carcere corporeo, e o espirito immortal, ladeado de myriadas de Anjos, e nos braços d'aquelle que lhe fôra custodio, eil-o sobe de céo em céo. *Superius! superius!* o discipulo amado lá te está apontando o lugar; é sob o altar do cordeiro, em companhia dos que rubricaram com o sangue o testemunho do seu amor. Ahi para eterno, e ainda além, vive, reina, triumpha.

Ora se na apreciação da Verdade Eterna é maximo o amor d'aquelle que dá a vida pelo seu amado; se no sentir dos santos padres e expositores os seraphins são as pyras do maximo amor divino, ninguem deixar póde de perceber desde já uma delicada harmonia entre os seraphins e Cecilia,

que pelo divino amor deu a vida. Mais. Se a propria essencia do amor consiste na perfeita consonancia ou conformidade entre os que se amam — *amor e geminis concinnat amantibus unum* — se o exemplar maximo da maxima caridade é o divino martyr do Golgotha, n'aquella perfeição de harmonia foram os seraphins, impassiveis por natureza, excedidos de Cecilia, martyr por amor. Ainda mais. Amar, vendo, é um affecto acostado á presença do objecto querido; amar, sem vêr, é um sentimento de per si constante, preconisado em Moysés pelo apostolo; amar, vendo, é um genero de posse; amar, não vendo, é puro anhelo; amar, presente, é bemaventurança de quem ama, e amar, ausente, é magoada saudade de quem se ama; aquelle é o amor dos seraphins no céo, este foi o amor de Cecilia na terra. A quem te compararei ainda mesmo no céo, ó predestinada? O apostolo das gentes me ensina que ao proprio filho de Deus: Aos que Deus previo, esses predestinou, que fossem conformes á imagem de seu filho.

Oh quanta gloria! Anjo, ou mais, pela virgindade, seraphim, ou mais, pelo amor, consona com Jesus Christo... Espiritos celestes, decantai vós, que uma lingua mortal não póde tanto, ao som das empyreas harpas, em festivo epithalamio as virginaes nupcias de Cecilia com o cordeiro immaculado; decantai em jubiloso epinicio seu immortal triumpho sobre as legiões das trevas; effeitos tudo da dignação de um Deus admiravel em seus santos. Que ás acclamações do céo respondam os vivas da terra. Mas ah! que ao céo não chegam as vozes do louvor se não são acompanhadas, no dizer da aguia africana, do psalterio das virtudes. Alcançai-nol-as vós, Cecilia santa. Esposa virginal de Christo, pedi-nos para filhos do seu amor, e da vossa intercessão; trium-

phadora, pedi-nos para trophéo do seu sangue e do vosso; que sejamos, se não tão especialmente perfeitos como vós fostes, ao menos santos, como incumbe a todos ser, para que o hymno das divinas misericordias, começado na terra á sombra de tão amavel protectora, o vamos continuar comvosco em o céo por seculos sem fim.

Assim seja.

X

SERMÃO

DO

CORAÇÃO DE MARIA

Excelsa Imperatriz dos céos e da terra, á soberana Pre-
ença de Vossa Vice-divina Magestade envia-me a Portuen-
e Archi-confraria do seu SS. e Immaculado Coração a fim
le tecer o panegyrico de tão magnifico Titulo; e conjuncta-
nente expressar os vivos sentimentos de jubilo com que se
congratula pela Installação dos cultos da sua Augusta Pa-
droeira n'este sumptuoso Templo. Senhora, o Vosso divino
Filho dignou-se receber a felicitação da pobre mulher das
turbas, e essa felicitação era o vosso encomio.

Sirva-se Vossa Magestade de aceitar as tenues expres-
sões de louvor e acção de graças que respeitosamente vou
lepositar-lhe ás plantas, attendendo ser minha pura inten-
ção redundem todas em maior gloria d'Aquelle de quem
sois Mãe.

Nu, tiritando de frio, falto d'armas offensivas, e defen-
ivas; dotado d'olhos e não podendo ainda vêr; dotado de

ouvidos e não podendo ainda ouvir; já pungido pela fome, e sem vigor para sequer arrastar-se como o verme a procurar alimento, invocando com vagidos o auxilio de todos,... eis-aqui o homem no instante do seu nascimento. Imagem da miseria e da dôr! quem dissera ser o rei do universo que alli jaz! E todavia assim é!... Tirita de frio... pois virá um dia em que saiba prover-se do calor da Syria, no meio das geleiras da Syberia. Está inerme... pois virá um dia, em que alcance com a setta ou com a bala a aguia nas alturas do ar e aferre com o harpéo a balêa nas profundezas do pelago.

Não vê, não reconhece a meiga luz dos olhos da carinhosa mãe que formando-lhe dos braços um berço o cinge ao peito... pois virá um dia, em que lançando mão do telescopio reconheça por cujo é o fulgor d'innumeras estrellas situadas a milhões de leguas do planeta que pisa, erecto, com a fronte erguida, em attitude de quem impera. Não póde arrastar-se á mais limitada distancia... pois virá um dia em que apparelhando engenhosos artificios atravesse em todas as direcções o grande oceano, visite em poucas horas dilatados continentes e suba através da atmosphera até á região das nuvens. E' que aquella fragil porção de materia organisada, composta dos mesmos quatro principios elementares que os restantes animaes e algumas plantas, informa-a o espirito, sopro immaterial da divindade, substancia pensante, intelligente, e que só espera que o corpo se desenvolva para obrigal-o a servil-a. Obra das faculdades intellectuaes d'este espirito são pois fundamentalmente todas as maravilhas da industria humana: elle as inventa, o corpo não faz mais que executal-as. Comtudo não é ainda sobre os phenomenos da intelligencia que no homem assenta bem a sua co-

a de rei. Que assombroso talento não manifestam alguns racionaes guiados pelo só instincto! Vêde-me uma officina abelhas. Transcendente geometria, elegante architectura residindo á construcção de seus edificios; que são ao mesmo tempo domicilio, fabrica e repositorio; alli tudo está regulado com previdencia e equidade; a republica d'Athenas não era mais bem administrada e o systema de governo d'estes pequenos insectos, fundado na authoridade sem tyrannia e na obediencia sem servilismo, conserva-se ao abrigo dos estremeções e arrasamento das guerras civis. Vêde a viajeira cafila dos elephantes. Se a cultura da terra lhes denuncia estar proxima a habitação do homem, reunem-se em corpo d'exercito; dos mais experientes uns vão na frente guiando, outros na rectaguarda impellindo; os fracos, as femeas e as mães com suas crias marcham no centro entre filas de valentes, e assim ordenada a hoste atravessa incolume a passagem perigosa. As formigas abastecendo no estio os seus celleiros revelam que prevêem o inverno, e na escolha, transporte e arrecadação das provisões patenteam o trato e mutuo auxilio de uma familia amante, laboriosa e bem disciplinada. Aqui, vigilante sentinella, o cão guarda de noite a casa de seu amo, ronda de continuo e á mais leve desconfiança d'assalto com particular latido toca a alarma e avança para o ponto ameaçado; alli, feito pastor, guia, defende e protege a grei que lhe foi confiada, e para submetter á ordem os perturbadores da paz, ameaça mas sem colera, pune mas sem vingança.

Procedendo pois por exclusão de partes é de rigorosa inducção que nos actos da outra ordem de faculdades que a analyse psychologica distingue no espirito do homem, appareça o legitimo titulo da sua indisputavel realesa. Compõe-

se essa ordem de faculdades, das sublimes potencias, pelas quaes não já somente entendemos e discursamos das cousas, se não que nos affeiçoamos ou desaffeiçoamos d'ellas, denominando-as por isso a linguagem philosophica — faculdades affectivas, e aos seus actos affectos. E como o effeito physico do jogo de taes potencias se faça geralmente sentir no orgão central da circulação do sangue, a linguagem do gesto aponta a região do mesmo orgão para indicar-lhes a séde; e a linguagem do fallar commum chama-lhes — qualidades do coração. Assim, por exemplo, para designar o genio de uma pessoa em que predominam os affectos de bondade usa dizer-se — é de um coração bom. Nem d'esta accepção discorda o sentido biblico. O rei-propheta querendo significar que Deus conhece o escuro e intrincado labyrintho dos humanos affectos, diz — psalmo 7, v. 10, que Deus sonda os corações. Claro fica portanto serem os affectos da Immaculada e Santissima Alma da Virgem Mãe o thema congruente ao panegyrico do Santissimo e Immaculado Coração de Maria. — O panegyrico do Coração de Maria!! Quem poderá copiar ao vivo o esplendor do sol, posto que escuro reflexo do throno da divindade?... e o Coração de Maria fórma esse mesmo throno. Quem poderá retratar a formosura da natureza?... e o Coração de Maria é a formosura da Graça. Quem poderá medir o alcance da dextera do Excelso?... e o Coração de Maria é o maior esforço da omnipotencia divina. Aqui a quanto possa, a tanto se atreva a eloquencia dos Anselmos, dos Chrysostomos e dos Bernardos... não bastará. E onde os fortes não bastam menos indecoroso é aos fracos o atreverem-se; porque uns e outros tem de ficar vencidos. Mas sendo o Coração de Maria o inattingivel throno do Cordeiro, do throno do Cordeiro ouviu o Evan-

gelista sahir uma voz que dizia — Louvai ao nosso Deus todos os que o servis e temeis, pequenos e grandes. *Et vox de throno exivit dicens : Laudem dicite deo nostro omnes servi ejus et qui timetis deum, pusilli et magni.* Animada por esta voz, a minha pequenez propõe-se louvar ao Senhor não já n'esta ou n'aquella virtude d'este ou d'aquelle Santo, se não no mesmo que constitue a alma, a vida, o coração da Rainha de todos elles. Além de que se não podemos fitar o sol, podemos aproveitar-nos de sua luz e calor. Se impossivel nos é descrever o Coração de Maria, é-nos possivel lograr suas beneficas influencias. Praza ao céo seja este o fructo do presente discurso!

Senhora! não é a menor gloria da Religião do Crucificado o haver ella sido plantada em todo o mundo simplesmente á inerme palavra de doze rudes prégadores. Alcançai hoje para vós analogo trophéo, fazendo que a minha tosca lingua seja instrumento da dilatação do vosso culto. E para tal basta subscrevaes graciosa a rogativa que vou dirigir ao throno do vosso divino Filho.

Senhor! não vos peço um som alto e sublimado, um estylo grondiloquo e corrente; peço-vos uma scintilla do Vosso Espirito, lume dos corações que exhalando-se pelos meus labios entre no peito dos que me escutam e nos abrase a todos na mais terna devoção do Coração de Maria.

Senhores, pedir aos filhos attenção para escutarem os elogios de sua mãe, é cousa ociosa. Indulgencia, desculpa ás imperfeições do discurso... muito preciso d'ella e em nome da caridade christã vol-a peço.

A logica, applicada ao estudo do espirito do homem, dicta, como affirmei no exordio, ser nos affectos que devemos

encontrar os fundamentos da excellencia da nossa especie. Mas uma difficuldade aqui surge, que cumpre desde já aplanar. Pois que! dir-se-me-ha, quererás repartir com os animaes o sceptro de monarcha da creação que sómente ao homem pertence, ou não terão affectos os animaes? Oh! sim, tem: e até o sabio manda ao homem aprender com a formiga o amor do trabalho; e immediatamente por seus proprios labios Jesus Christo, como que referindo-se ao typo da ternura maternal, cita o amor de certa ave para com seus filhos. Vem, diz-me o anatomico, aos nossos amphitheatros e folheando com o escalpello, comparativamente, o cerebro nos diversos graus da escala zoologica, vê no homem o amor da prole e tambem nos brutos; n'aquelle a affeição á sociedade, e tambem em algumas especies d'estes; n'aquelle a tendencia á defeza do que é seu e tambem n'estes; n'aquelle o espirito da dissimulação e tambem n'estes; n'aquelle a inclinação ao ciume, á inveja, e tambem n'estes; e assim por diante. O homem não é pois mais que o primeiro dos mammiferos; um animal mais perfeito. Oh! por Deus, estudiosos naturalistas, não vos apresseis a tirar já a conclusão das vossas observações. Observai mais, vol-o rogo; e mostrai-me nos brutos da mesma sorte que eu vol-as mostro no homem, ainda da mais selvatica tribu, as manifestações do remorso, essa vibora que ainda que vamos esconder-nos no fundo do mar, como diz o propheta, lá irá dilacerar-nos com suas mordeduras; as manifestações da contínua aspiração a uma felicidade perfeita que na terra se não póde encontrar; em uma palavra mostrai-me em algum individuo das especies inferiores, da mesma sorte que eu vos mostro em todos os individuos da especie humana, o innato sentimento do justo e do injusto a par com o sentimento innato da existencia de

)eus; e então tirareis opportunamente a vossa, por ago-
ematura conclusão. Não podem, nem poderão jámais.
e n'estes sentimentos do coração, n'estes affectos é que
e a baliza onde termina a animalidade e começa a hu-
dade: n'estes sentimentos do coração, n'estes affectos
: consiste isso que propria e exclusivamente constitue o
:m. Assim que, ser susceptivel de affeição ao justo, ao
moral, á virtude; e de horror ao injusto, ao mal moral,
cio, e isto com respeito a um Ser Supremo que pune o
e recompensa a virtude, tal é a faculdade celeste, pri-
io unico da nossa especie. Não me digaes já, ó philoso-
, que o homem é apenas um animal racional; a vossa de-
ío é curta. O homem é um ser animado que tende a
pelo coração. Esta a ponte lançada sobre o tempo
: os dous abysmos — o nada e a eternidade; a linha de
ıcto entre o céo e a terra, o laço que prende a creatura
'eador. O coração... eis-aqui, ó homem, a tua corôa de
o universo e eis-aqui tambem a vossa corôa de Sobera-
)s anjos e dos homens, ó Excelsa Imperatriz dos céos e
rra. — Allucinado d'excesso de zelo pelo meu objecto,
eu de mais, senhores? Pois não é a Maternidade divi-
fundamento principal da elevação, gloria e grandeza de
a? Vejamos. Percorrei os fastos do orgulho; buscai a
ma gloria sobre o throno dos dominadores da terra, no
das ovações e victorias; exaltai a permanencia dos he-
reuni os titulos pomposos que a adulação, ou a verda-
quizerdes, ha prodigalisado aos grandes homens; que
)das as primazias humanas a par com a eminente quali-
de Mãe de Deus? Mas não nos limitemos ás solicitudes
:rra — elevemo-nos até ao céo; percorramos os diffe-
s graus que formam as jerarchias dos Espiritos bem-

aventurados... que vulto póde fazer a sua gloria comparada com a honra incomparavel de conceber sem concurso de varão o mesmo Filho que o celestial Pae gera da sua propria substancia — de dar o nascimento Áquelle mesmo de quem se recebeu o ser — de dar á luz do mundo Áquelle mesmo que tirou o mundo das trevas do abysmo? Ser Mãe de Deus! Logo Maria é mais que os anjos que são apenas ministros do Excelso. Ser Mãe de Deus!... logo formando-se o sangue do Salvador do sangue de Maria, devemos-lhe o preço da Redempção; é co-redemptora. Ser Mãe de Deus e isto por immediata intervenção do Espirito Santo!... logo Maria não é só como os outros santos a agraciada hospedagem dos dons do Divino Espirito — é o templo vivo da propria terceira Péssoa da Trindade. Beatissima Mãe de Deus!... logo Maria impera no mesmo Deus... Senhora, sois a Mestra dos Doutores, a séde da sabedoria; o primado e principado das Intelligencias celestes é vosso, e comtudo nem Vós mesma alcançaes a comprehender a dignidade que possuis no caracter de Mãe de Deus. Só Deus, diz Santo Anselmo, póde pesar e medir a grandeza de sua Mãe — *Solus Deus pensare sufficit et metiri magnitudinem matris suæ*. Perguntas qual é a mãe? diz Eucherio, pergunta primeiro qual é o filho. E como só Deus se póde comprehender a si mesmo, só Deus póde comprehender o que seja ser Mãe de Deus. Pois, fieis, apesar de tudo, a grandeza, gloria e elevação que provém a Maria da sua qualidade de Mãe de Deus, não é maior que a que lhe resulta das qualidades do seu coração. Não vos escandalise a proposição. Appello em sua defeza não simplesmente para o julgamento d'algum doutor da Igreja; mas sim para authoridade de muito maior esphera. Ouvi: Ainda o Filho Unigenito de Deus, nascido do Pae antes de todos os seculos,

não havia descido dos céos e encarnado, por operação do Espirito Santo, no seio da Virgem; ainda se não tinha realisado aquella grande maravilha da Omnipotencia Divina de na formosa vara do tronco de Jessé subsistir ao mesmo tempo a flôr da virgindade e o fructo da maternidade; ainda, em uma palavra, Maria não era em tempo Mãe de Jesus Christo, já Gabriel, o empyréo embaixador enviado a annunciar-lhe esta altissima dignidade que a espera, e antes mesmo de declarar-lhe o objecto da celeste missão, já, digo, genuflexo ante a presença da Senhora, proclamava o seu coração thesouro da plenitude da graça e habitação da divindade, saudando-a d'esta arte: Deus te salve, cheia de graça: o Senhor é comtigo. Mais. É n'esta plenitude de graça, já existente no coração da Virgem que o anjo assenta o motivo da futura dignidade que lhe annuncia, dizendo: Pois achaste graça diante de Deus, eis conceberás e darás á luz um filho que será chamado o filho do Altissimo. Se a authoridade de um anjo é pouco; se é preciso subir mais alto, invoco a sentença da propria Verdade eterna — Jesus Christo. Refere o Evangelho que em certa occasião uma mulher, transportada d'assombro á face dos milagres e doutrina do Salvador, lhe bradou d'entre o povo: Bemaventurado o ventre que te trouxe e os peitos que te crearam! E como se houve então o Salvador? Aceitou a saudação; mas aperfeiçoou-a dizendo: Mais bemaventurados são os que ouvem e praticam a palavra de Deus. Ora ouvir e praticar a palavra de Deus é ser docil ao ensino e fiel ao cumprimento da lei do Senhor: a lei do Senhor encerra-se toda nos dous preceitos — amar a Deus e ao proximo — o amor é acto do coração, é affecto; logo se Maria occupa no céo um throno só inferior ao da divindade, é porque tão alto a elevaram aquelles dous affectos do seu SS. e Immacu-

lado Coração identificado com o de Jesus Christo. Sim — sim tinheis razão, ó famoso doutor da Graça, quando exclamaveis — que Maria fôra mais feliz por trazer em seu coração o Rei da Gloria do que pelo encerrar no virgineo claustro de seu materno seio. *Felicius corde quam carne gestavit.*

Mas, senhores, não baste ainda. Assim como o ministro do altar ventila o thuribulo a fim de lhe extrahir novas ondas de perfume que envia ao céo, ventilemos nós tambem este ponto para d'elle extrahir novos louvores que dedicar ao Coração de Maria.

Não é de certo licito ao homem perguntar a Deus; porque o fizeste assim? mas é licito e até louvavel que a razão auxiliada da fé investigue os caminhos do Senhor para os adorar. Como, perguntou Maria ao archanjo embaïxador, poderá realisar-se em mim a maternidade que me annuncias, se eu me votei para sempre á virgindade?! A virtude do Altissimo, respondeu Gabriel, lançará sobre ti a sua sombra. E como, ousarei eu perguntar, fecundará a virtude do Altissimo esta virgem que vai tornar-se mãe sem que deixe de ser virgem? Fazendo-lhe, respondem os Padres, conceber em tempo, pela só obediencia do seu coração, o mesmo a quem gera o Eterno Pae desde ante todos os seculos pelo só conhecimento das suas perfeições. Logo o Coração de Maria não é já sómente a causa, é, mais, o meio, o plano, o expediente da maternidade divina — Não baste ainda, senhores; ávante, em louvor do Coração de Maria. Deus que para a formação do primeiro homem se não dignára associar a si o ministerio dos anjos — para a formação muito mais gloriosa do homem novo quiz associar-se o ministerio de Maria; mas respeitando a liberdade da pessoa que escolhera para mãe,

espera à sua deliberação, aguarda o seu consentimento; e só quando o Coração de Maria exhala aquella mesma boa palavra com que o Creador deu ser ao mundo — Faça-se — é que o Creador do mundo recebe nas entranhas de Maria um novo ser. Logo o Coração de Maria não é já sómente a causa e o meio, é mais a condição *sine qua non* da maternidade divina. Não baste ainda, senhores; ávante, em louvor do Coração de Maria. Após a augusta prerogativa de Mãe de Deus nenhuma outra mais gloriosa a Maria do que a de Mãe dos homens; porque dimanando-lhe esta de nos haver feito renascer para a graça, se pela primeira a unem ao Verbo encarnado as mais intimas relações de parentesco dando-o á luz, pela segunda a unem ao Redemptor as mais intimas relações de ministerio co-redimindo-nos. Desenvolvamos o pensamento. A injuria feita pelo peccado á Magestade infinita exigia ser reparada por uma satisfação de preço infinito; e para tal o universo inteiro offerecido em sacrificio expiatorio valia menos, immensamente menos do que um grão d'arêa para equilibrar o peso do mesmo universo. A humiliação de um Deus era a unica sufficiente a expiar o orgulho que revoltára o nada contra o proprio Deus. Para compensar condignamente a divindade ultrajada era mister que a profundidade do abysmo em que o Altissimo se precipitasse, correspondesse á altura da elevação a que o homem tinha temerariamente aspirado. A Encarnação do Verbo era pois indispensavel. Mas não bastaria ella só de per si, e sem a cruz? E se é preciso que a victima de propiciação pene e soffra, não bastam as lagrimas no presepe, e o sangue da circumcisão? Tudo o que procede de um Deus a titulo de satisfação não é de um merito infinito? Fieis, Deus é optimo em sua essencia, optimo em seus attributos, e optimo em seus

actos. Tudo o que Deus quiz fazer de um modo não podia d'outro modo ser melhor feito, porque não ha dous optimos. Este principio é mil vezes mais luminoso que quanto a razão possa oppor aos decretos do Omnisciente e Todo Poderoso. A obra da redempção não devia ser consummada se não a preço de tormentos, visto que a preço de tormentos foi consummada — Os açoutes, a corôa d'espinhos, a crucifixão... copioso calix d'amargura! mas ainda não bastante a saciar os desejos de um Deus sequioso de padecer por amor do homem. Podiam aquelles tormentos esgotar-lhe o sangue, tirar-lhe os sentidos; mas fazer-lhe estalar o coração de dôr, para tanto só um tormento tem força, e este não devia faltar a fim de que se cumprisse o oraculo — *replebor doloribus usque ad tenebras*. E que tormento será esse? É a vista de Maria, sua mãe, ao pé da cruz. Qual de nós não anteporia soffrer mil tormentos, e os maiores, a vêr padecer um só, e o minimo, aquella que nos trouxe em seu seio, que nos alimentou a seus peitos, que tantas vezes se negou ao somno por vigiar o nosso, para quem o incommodo de crear-nos era delicias, a protectora da nossa infancia, sempre paciente, sempre carinhosa e só enfadada com quem comnosco se enfadava? Que filho não sentirá infinitamente mais que os proprios os tormentos de sua mãe? E se assim o amor filial de um simples homem, que faria o amor filial de um homem-Deus? Este novo Isaac só devia succumbir ao golpe da espada que ferisse o coração de sua mãe. O doloroso coração de Maria junto á cruz é pois o complemento da paixão do Redemptor; e como tal o legitimo titulo da Senhora ao predicamento de co-redemptora. Ora é pela redempção que Jesus Christo é nosso pae, regenerando-nos, ou gerando-nos de novo a nós que tinhamos pelo peccado perdido o ser es-

al da graça. Logo no Coração de Maria, mediando e
rrendo com o de Jesus Christo para a Redempção, é
xiste o fundamento da sua gloriosa prerogativa de Mãe
omens. Maria, Mãe dos homens! Nós, filhos de Maria,
ie de Deus, da esposa de Deus, da Filha primogenita
eus; e isto não por cega ou involuntaria consanguini-
mas por adopção espontanea do seu Coração. Ó feliz
d'Eva que nos obtiveste ser filhos do coração de Ma-
Christãos, conhecei a vossa dignidade. Quando a insi-
do Christianismo nos não trouxesse outra excellencia
e a de filhos do coração de Maria, esta só era abundan-
compensa de todos os trabalhos dos desterrados filhos
imeira mãe. E se fôra sómente a honra! mas parallelos á
correm os beneficios de tão sublime filiação. Tudo o
levemos ás entranhas de misericordia do nosso Deus,
nol-o, em seu tanto, á ternura do maternal coração de
; porque, se de todos os beneficios é Deus o author, de
é Maria a dispensadora; e claro está que não deve o
oso a agua sómente á mina onde nasce, se não tambem
te por onde corre. *Quid retribuam?* Como lhe retri-
mos, particularmente nós os portuguezes tantas vezes
ecidos com especial protecção, e mais particularmen-
da os oriundos do antigo Portocalle, porção escolhi-
de mimosa predilecção? Tambem aqui, Portuenses
dito não com espirito de adulação; que nem o lu-
permitte nem o meu genio o consente, mas em pu-
sequio á verdade) tambem aqui é tudo já da Senho-
ento e vinte e sete annos antes da fundação da monar-
já em as armas do Porto campeava por brasão d'honra
ninio entre duas torres, com o moto — *Civitas Virgi-*
— a imagem de Maria sob a invocação de Senhora de

Vendôma; cópia d'aquella que D. Nonego, Bispo d'este identico titulo, em França, fez collocar sobre o arco que ainda hoje conserva o mesmo nome, e a qual trouxera comsigo quando em companhia de D. Sisnando e seu irmão D. Moninho Viegas, 3.º avô d'esse — para leaes vassallos claro espelho — o fiel Egas Moniz, viera com uma poderosa armada de Gascões reedificar esta cidade destruida e assolada de todo o ponto por Mahomad Almansor, famoso general de Sfem, rei de Cordova. E todas as terras que os novos restauradores conquistaram á intrusão mauritana, do Douro para áquem até Guimarães e para além até á Feira, as offertaram á Virgem, appellidando-as — Terras de Santa Maria. E eu julgo interpretar fielmente os sentimentos dos actuaes Portuenses quando hoje ratifico á Senhora, em nome d'elles, a doação que lhe fizeram seus Illustres Aborigines. Sim, Senhora; as casas e os seus habitantes, os campos e as suas producções, aqui tudo é vosso. Aceitai de novo, ó Mãe querida, a offerta dos vosssos filhos e com especialidade a d'este Templo em cuja posse sois hoje solemnemente investida. — Já houve quem não quizesse aceitar monumentos, receioso de que a volubilidade ou a ingratidão dos homens os deixasse cahir ou arrasasse. Talvez fizesse bem porque não tinha os fiadores que respondem por este. Este está entregue á filial piedade dos Portuenses; não ha que temer. Quanto é bello vêr que na mesma localidade em que outr'ora foram lidos os livros da lei e os prophetas pelos descendentes d'esse povo infeliz, que, errando o sentido das prophecias, não quiz reconhecer em Jesus Christo o filho de Deus reformador da lei — *num quid filius dei es tu?* — porque se lhe presentava sob as pobres apparencias do simples artista filho de Maria — *non ne hic est faber filius Mariæ?* — aqui n'esta mes-

ıa localidade recebe Maria os cultos de Mãe de Deus.

Todavia, fieis, ha um templo que a Virgem présa sobre ɔdos os templos de pedra; ha um culto que apraz á Virgem ıais que todas as pompas exteriores: esse templo é o nosso oração; esse culto é o nosso amor. E quem vol-o ha-de negar, ó Virgem Santa! Senhora, para Vós não serdes muito ımada de todas as creaturas não havieis de ser um mar de graças, um thesouro immenso de virtudes; um céo animado em que as perfeições são mais que no firmamento as estrellas; não havieis de ser sempre liberal com os necessitados; não havieis de ser Mãe, fonte de amor; em uma palavra, não havieis de ser Maria. Mas pois tudo isto sois, nós, posto que indignos, faremos chegar os nossos affectos até á altura do vosso coração e lhe prepararemos no peito um templo o mais adornado de virtudes que podermos. Não o rejeiteis, ó Virgem pura, por lhe notardes ainda maculas do peccado. Lembrai-vos que se não houvessem miseraveis peccadores, nem Vós serieis Mãe de misericordia, nem Mãe de Deus, nem Mãe dos homens, preclaros titulos de que tão justamente vos gloriaes. Por tanto esperamos do vosso amor como Mãe dos homens, confiamos no vosso poder como Mãe de Deus, nos alcanceis, como Mãe de misericordia, que em nossos corações, purificando-os a graça, a par com o de Jesus Christo, viva, reine, e triumphe o Coração de Maria.

XI

SERMÃO

DE

NOSSA SENHORA DA BOA NOVA

Deus te salve, ó nobre filha dos reis, mais formosa do que a aurora rociando os prados, dourando as ondas; mais pura do que o lilio recem-aberto ao sorrir da manhã; mais candida do que a neve das montanhas, mais engraçada do que a rosa, mais preciosa do que os rubis, mais casta do que os anjos! Deus te salve, soberana imperatriz dos céos e da terra, adoravel mãe de Deus e dos homens — Deus te salve, cheia de graça. — *Ave, Maria, gratia plena.*

Se os anjos annunciando aos pastores, em Belem, o evangelho ou boa nova de que já possuia o mundo o seu salvador, disseram que lhes evangelisavam um grande jubilo; eu não menos feliz do que aquelles celestes mensageiros, evangelisando-vos Maria annuncio-vos uma boa nova, que me atrevo a chamar credora de não inferior contentamento. Senhores, eu conheço que exagerar o panegyrico de Maria fôra enerval-o; conheço que fôra erro de idolatria tirar a Vir-

gem da classe das creaturas para collocal-a na esphera da divindade, e reconheço com a propria Senhora, que todas as grandezas que n'ella ha são obra do podêr de um Deus, que é unico — *fecit mihi magna, qui potens est* — mas nem por isso julgo dever retirar a minha proposição; por quanto, se os anjos annunciaram a boa nova do nascimento do Messias, essa mesma boa nova vos annuncio eu, evangelisando-vos aquella que o deu á luz; visto como dar á luz e nascer são factos não sómente co-relativos, inseparaveis; os anjos annunciaram — a boa nova de um redemptor; eu annuncio-vos — a boa nova de uma co-redemptora; os anjos annunciaram — a boa nova de um mediador para com o Eterno Pae; eu annuncio-vos — a boa nova de uma mediadora para com Jesus Christo; os anjos annunciaram — o novo Adão, melhor pae do genero humano; eu annuncio-vos — a nova Eva, melhor mãe de todos os homens. Mais ainda; os anjos annunciaram — a divindade abatida desde o seu empyreo throno até ao humilde presepe, na pessoa de Jesus Christo; eu annuncio-vos — a Maria exaltada desde a humilde casa de Nazareth até quasi junto ao empyreo throno de Deus, tão proxima, tão proxima que se a fé me não obrigasse, direi com o Areopagita, a crêr que ha um só Deus, eu por Deus a adorára. Em uma palavra, os anjos annunciaram — levante do sol da justiça; eu annuncio-vos — a aurora d'este divino sol. E posto que a aurora não seja mais que o reflexo dos refractados raios do astro do dia, de que é precursora, offerece ella todavia em si mesma um espectaculo encantador e magnifico. Começa de apparecer e para logo vão-se retirando em fuga as trevas da noite, as brisas pulsando as azas vão dissipando as exhalações da terra e purificando o ar, o horisonte cinge-se de purpurina faixa, as nuvens tor-

am-se véos de cambiante rosicler franjado de prata, a re-
urgida verdura das plantas esmalta-se das gotas do orvalho,
que semelham perolas sobre esmeraldas, e as avesinhas des-
pertando saudam, com mil salvas de harmonicos gorgeios, a
luz, imagem de Deus, alegria do mundo. Assim Maria, pos-
to que mero reflexo do divino sol da justiça, é ainda em si
mesma fecundo thema para alto encomio; posto que maxima-
mente grande, considerando-a como promessa de personagem
maior, é ainda elevada palma entre os cedros do Libano, con-
siderando-a como personagem promettida. Mais claro: Ma-
ria não sómente é nuncia da boa nova, mas já a propria boa
nova annunciada. Este o assumpto que escolhi, desejoso de
que um discurso da boa nova presentasse alguma novidade,
que boa será se a graça por mãos da Senhora d'aquelle bello
titulo vier em meu auxilio.

Ó Virgem mãe, pois que dizendo uma palavra — *fiat* —
a pró dos homens, ainda então não mais do que irmãos vos-
sos por natureza, fizestes nascer em vosso castissimo seio a
palavra da sabedoria increada, o Verbo por excellencia; fal-
lai agora a meu pró que sou vosso filho por adopção miseri-
cordiosa. Ó minha mãe de pulchra dilecção e santa esperan-
ça, fallai agora a meu pró e a palavra do Senhor nascerá em
minha alma e d'ella affluirá aos meus labios para gloria vos-
sa e piedosa satisfação dos que me escutam. *Dignare me
laudare te, virgo sacrata.*

Rogar aos filhos attenção benevola para escutarem os
elogios de sua mãe, pondo assim em duvida ou os meritos
d'esta ou o amor d'aquelles, não era pedir, era offender; pres-
cindo portanto do usual comprimento e desde já principio.

A primeira prerogativa de Maria é a de ter sido annunciada nas escripturas. Aqui é a vara d'Israel funesta aos reis idolatras — além é Judith que, depois de degolar o tyranno Holofernes, exclama: Não foram nem os nossos bravos soldados, nem os filhos de Titan, nem gigantes enormes, que o prostraram; elle foi morto ás mãos de uma mulher. David symbolisa-a na montanha de Sião que o Senhor habita com complacencia. Salomão decanta-a como a casta esposa pura e sem mancha cujo leito nupcial fica florido ainda depois do parto. Isaias a vê sahir da tige de Jessé como um ramo que devia brotar uma flôr divina. Quem poderá deixar de reconhecer Maria annunciada na pessoa das mães d'Isaac, de Sansão e de Samuel, ás quaes o anjo prometteu um parto miraculoso; annunciada nas Esthers e Deboras, illustres libertadoras do povo santo, e n'essa generosa mãe de que falla o livro dos Macchabeus, que viu com heroicos sentimentos de religião padecerem seus filhos doloroso martyrio e morte cruel? Até as mesmas cousas inanimadas se presentam algumas vezes no antigo testamento como figuras mui naturaes d'esta virgem admiravel. Essa sarça ardendo sem consumir-se, no meio de cujas chammas se occultava Deus; esse ramo miraculoso, que sem raiz, sem germen, sem seiva, floresceu comtudo no tabernaculo pela só influencia divina; esse vaso d'argilla que Moysés fez conservar contendo o manná celeste; essa arca ambulante que Deus enchia da sua presença; essa porta oriental do Sanctuario que Ezequiel viu vedada a todos os mortaes e pela qual o Deus d'Israel tinha passado sem a abrir; não são estas, carissimos, outras tantas imagens prophetisadoras de Maria — Virgem e Mãe, dando á luz o Salvador do mundo? Dai-me porém venia, ó sagrados prophetas, para com o devido respeito observar: Como assim?

ındo ao mundo a boa nova da futura existencia de Ma-
a, penhora-vos principalmente a attenção a sua divina ma-
rnidade? Pois em nome da Verdade eterna vos declaro
ue mais excellente é Maria pelos vinculos da santidade que
prendem com Deus, do que pelos vinculos do sangue que
prendem com Jesus Christo. Disse-o o Mestre: *Beatior qui
udit verbum dei et custodit illud.* É que presupposta a ma-
ernidade de Maria (parece me estão respondendo aquelles
atidicos varões) presupposta a maternidade de Maria, a sua
upereminentissima santidade não é já um effeito contin-
gente, é um effeito necessario, que como tal não pó-
le ser objecto de prophecia; é que a santidade de Maria é
ım clarão que deslumbra e apenas deixa lugar ou á mudez
lo assombro ou ao incompleto balbuciar da palavra. Enca-
remos portanto este deslumbrante clarão, já que não póde
ser em face, obliquamente; por outra, encaremos a santida-
de de Maria, já que não póde ser na conjuncta universalida-
de de seus dotes ou condições, ao menos na separada singu-
laridade de um só; e, porque me não afaste da letra do
bello titulo ou invocação, sob que são rendidos a Maria estes
magnificos cultos (louvavel empenho do devoto celebrante)
seja o dote ou condição de ser santidade nova. Annuncio-vos
pois, na santidade de Maria, uma nova tão peregrina, que
com a unica excepção de Deus, outra igual nunca foi nem
será jámais ouvida; tão boa, que entre as melhores é optima.

Santidade nova em sua origem. Maria não conhece es-
es fracos primordios ou como infancia de virtude por onde
assa ainda o maior justo para chegar por graus á medida
e varão perfeito; attinge do primeiro vôo o cume da per-
eição, e por primicias da graça recebe a plenitude d'ella.
Não ha graça, por abundante que seja, que possa comparar-se

áprimeira graça de Maria. Só esta é de uma ordem superior a quantas receberam os anjos, os patriarchas, os prophetas e os apostolos, e excede todas as que tem dimanado e dimanarão jámais do sangue de Jesus Christo, porque todas essas graças tendem a formar um santo, e a primeira graça de Maria tendeu a formar o santo dos santos.

Santidade nova em seu progresso. Que o justo n'este desterro, occupado continuamente em forçar as barreiras que lhe oppõe os inimigos da sua salvação, possa apenas caminhar lentamente na vereda da patria celeste; que o apostolo das nações, que o proprio S. Paulo gema sob o peso d'esse fundo de corrupção, que o curva a seu pesar para a terra; que o maior santo, em uma palavra, caia sete vezes ao dia, segundo o computo do sabio, e sua vida seja um fluxo e refluxo de força e fraqueza, de peccado e penitencia, Maria não tem a temer nem queda, nem peccado, nem vicissitude. Vastissimo e impetuoso rio, logo desde a origem, não perdeu nunca uma gotta unica de suas aguas e recebeu em seu dilatado curso mil torrentes que lhe affluiu ao seu seio, para não mais de lá sahirem: ou alteroso baixel servido de propicia corrente e amigos ventos, que sem que precise da cooperação da manobra, se engolfa nas ondas; e em cada indivisivel de tempo surge ávante em mais e mais longiqua distancia; e o nauta repousando á sombra da feliz monção, longe de temer os perigos do oceano, chama, em alegres cantilenas, o porto desejado: tal é a imagem do progresso da santidade de Maria.

Santidade nova em sua consummação. Onde achará limite a santidade de Maria, que assim presagia a nova, insolita, estranha, de não ter limites? Será talvez na encarnação do Verbo; porque então a união de Maria com Deus, fonte de

toda a santidade, é tão intima que a Virgem podia, com muito mais verdade, sem comparação, do que o apostolo, exclamar: Eu vivo, mas não sou eu que vivo; é Jesus Christo que vive em mim. Não, fieis; não é a carne ou o sangue que propriamente nos une a Deus, puro espirito; é a caridade; e este affecto proprio da mãe do crucificado, al não podia ser que um amor, como quando elle é maximo, de martyrio, de sacrificio, de cruz. Lá está pois a montanha do calvario onde quiçá se sustem os gigantescos passos da santidade de Maria. Parece-o, porque alli a conformidade em espirito de Maria com Jesus Christo é tão grande que, se um, ancioso de satisfazer á justiça do Eterno pae, vencendo a enfermidade da carne, se entrega ao sacrificio; a outra, a impulsos do mesmo affecto, suffocando a voz do sangue, não hesitaria em ser o proprio sacrificador; porque alli o martyrio, sello do perfeito amor, é tão grande em Maria, que S. Boaventura, com piedosa audacia, não duvída chamar-lhe maior que o de Christo — *hæc majorem dolorem habuit quam Salvator, qui tot sustinuit.* — Mas por ventura tem Deus olhos de carne, ou acaso vê Deus como vê o homem? Aprouve aos insondaveis conselhos da Providencia que esta innocente pomba não voasse, ao lado de seu filho, no dia da ascensão e ficasse ainda presa, por largos annos, á terra do exilio, para que, qual diamante em crystallização, sempre crescente subisse acima de toda a apreciação a montanha de luz da santidade de Maria. Qual novo occaso será o d'este refulgente astro? Será seu occaso a morte? Occaso! este astro não teve occaso. Morte! porém a morte é a pena do peccado e Maria nunca peccou. O amor, o amor inflammando cada vez mais aquelle coração ternissimo, torna-se forte qual a morte e quebrando por um ultimo esforço os

laços que a prendiam á terra, Maria não morre de dôr, como o resto dos mortaes, desfallece de amor divino. E ainda assim, fieis, se adormece no Senhor com apparencias de filha de Adão, é para resuscitar gloriosa, como o filho de Deus de quem é mãe. E só porque terminou a peregrinação e com ella o tempo de merecer, é que o refulgente sol da santidade de Maria, novo em seu oriente, novo em seu ascenso, tocou seu tambem novo zenith.

Ó santidade toda nova, ide ouvir a boa nova, que por bocca do Sabio vos annuncia o saudoso esposo: Levanta-te, apressa-te, amiga minha, pomba minha, formosa minha, já passou o inverno, passou tambem o tempo do cultivo, e o tempo da colheita chegou. Vem do Libano, esposa; vem, e serás coroada. Ide ouvir aos celestes cortezãos, bem que espectadores constantes das maravilhas do empyreo, dizerem-se uns aos outros, ao divisarem em vós uma maravilha tão nova: Quem é esta que da baixa região dos humanos vem fazer as delicias da cidade dos santos? Pois do fundo d'esses paizes aridos, que esclarece o sol, póde elevar-se uma creatura cheia de tão singular santidade?! Ide ser acclamada por todos os seculos — Rainha dos céos e da terra, Mãe de Deus e dos homens. Que boa nova, fieis! Maria não recebeu n'esta acclamação um titulo desprovido de poder. Maria, como mãe de Deus póde, como mãe dos homens quer fazer todo o nosso bem. Não desanime alguem: o viajeiro perdido no meio da noite, cercado de perigos; o navegante no meio da tempestade; o guerreiro nos combates; o enfermo no leito da dôr, o pobre nas garras da indigencia, o moribundo ás portas da morte; não desanime alguem, esperem todos a boa nova do deferimento de suas supplicas, se subirem pelas mãos de Maria. Deverão desanimar os grandes peccadores, como

u? Nem esses. Ser grande peccador é um titulo para invocal-a com mór esperança, por quanto como mãe compadecida ha-de compadecer-se tanto mais dos filhos que a implorам, quanto mais deploravel fôr o estado d'elles; com tanto que n'elles haja o desejo sincero de conversão.

Que boa nova em especial para vós, ó sexo piedoso; — uma mulher totalmente vossa igual por natureza, é mãe de um Deus — quem poderá já agora ter em pouco o vosso sexo? Que boa nova póde ao infiel annunciar em Maria o varão apostolico: bem, podéra dizer-lhe, professar uma religião tão amavel que colloca sobre os seus altares uma mulher com um menino nos braços; e este menino é Deus e tambem teu irmão por aquella mulher de quem é filho; e aquella mulher tua mãe por esse menino a quem, de exclusiva operação de Deus, concebeu e deu á luz. Que bóa nova a toda a humanidade exaltada na pessoa de Maria a um grau de elevação tal que o Verbo não se horrorisou de precipitar-se do seio do Eterno pae ao seio da Virgem — *non horruisti virginis uterum* —; honra, gloria, exaltação nova desde todos os seculos, e por todos os seculos, que Maria, para si e por si, para nós alcança por sua tambem nova santidade. Não sou eu, homem ignorante e sem o espirito de Deus, que o digo, é a santa igreja que o decanta — *Hujus sanctissimi cordis integritas — Coelo verbum rapit.*

Que boa nova pois em Maria de dignidade e protecção a todos os homens. Protecção! Percorrei os fastos do orbe catholico, por toda a parte achareis monumentos do patrocinio de Maria para com os homens e da agradecida devoção dos homens para com Maria. Cada paiz honra santos particulares; estranhos de algum modo ao resto do mundo e d'elles recebe favores que não se estendem para além das fronteiras

proprias. Maria recebe as homenagens de todos os reinos catholicos e todos os reinos catholicos são o theatro de seus beneficios. E Portugal? esse transcende tudo. Só até á segunda decada do seculo passado conta o Padre Fr. Agostinho de Santa Maria, em Portugal e seus dominios, 1756 santuarios publicos dedicados á Virgem.

Sim, ó Virgem gloriosa! de todos os homens vós sois mãe e mãe affectuosissima; mas esta piedosa nação, é para comvosco, qual para com Jacob, entre os demais irmãos, o seu Benjamin. E se taes são no tempo que passa, hão-de, na eternidade, que nunca finda, ser entre os anjos das trevas vossos sacrilegos blasphemadores, vossos encarniçados inimigos?!... Opponde-vos, Senhora, a tão grande calamidade; e quando lhes soar a terrivel hora da conta, acudi e correi, ó mãe piedosa; e, presentai-vos ao supremo Juiz; dignai-vos dizer-lhe: Filho, perdoai-lhes porque elles ignoravam o que faziam: e á sua alma prestes a partir baixará, a par com o sentimento de uma contrição perfeita, a boa nova da salvação.

XII

SERMÃO

DE

CORPUS CHRISTI

Ha quasi dezenove seculos que Jesus, o Filho de Maria, depois de ter no deserto multiplicado os cinco pães e dous peixes, disse ás turbas dos judeus, que haviam regressado a procural-o, junto ao mar de Galiléa: Eu sou o pão de vida que desceu do céo; o que come d'este pão viverá eternamente; e o pão que eu hei-de dar para ser a vida do mundo é a minha carne: o que come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e eu o resuscitarei no ultimo dia. Muitos dos seus discipulos ouvindo isto, disseram: Duro é este discurso; quem póde ouvil-o? e escandalisados se retiraram... Não assim nós, Senhor, não assim nós, a quem pela vossa infinita misericordia alumiou o facho da Fé: antes protestando contra a incredulidade e dispersão d'aquelles discipulos, vos pedimos licença para unir as nossas vozes terrenas ao som das empyreas harpas dos vinte e quatro anciãos e aos canticos celestes com que myriadas e myriadas

d'anjos prostrados em volta d'esse Real Throno vos acclamam dizendo: Santo! Santo! Santo! Senhor Deus Omnipotente! Digno é o Cordeiro que foi immolado de receber a virtude e a divindade e a sabedoria e a fortaleza e a honra e a gloria e a bençâo!

Sim, dilectissimos, o christão não necessita do testemunho dos sentidos para se convencer de que n'aquella Hostia consagrada existe real e substancialmente o corpo e o sangue e a alma e a divindade do Homem-Deus, tão verdadeiramente como está no mais alto dos céos, á direita de seu Eterno Pae; tem elle por onde o saiba com maior certeza; outro criterio mais infallivel lh'o assegura: Deus, verdade eterna, verdade por essencia, dignou-se revelal-o á sua Igreja; e a sua Igreja, depositaria e interprete da verdade assim o ensina. E eu, fieis, não hesito um momento em fazer-vos a devida justiça de acreditar que nenhum de vós duvidaria dar a vida, se preciso fosse, na defensão d'este divino dogma. Não ha portanto lugar a combater aqui d'antemão nem o incredulo que o nega nem o herege que o deturpa; e posso desde já compenetrar-me do espirito e intenções da Santa Igreja na celebração da presente solemnidade; espirito e intenções explicitamente declaradas na pulcherrima e devotissima (como lhe chama Santo Antonino de Florença) Bulla da sua instituição por Urbano 4.º Alli proclama o Oraculo do Vaticano que a Festa do Corpo de Deus é instituida para que os fieis christãos concorram n'este dia com devoção ás Igrejas, assim os ecclesiasticos como os seculares, e alegremente entoem canticos, offerecendo com ardentes corações plausiveis hymnos a Deus Sacramentado, cujo Triumpho cante a Fé, celebre a Esperança e festeje a Caridade —*tunc psallat fides, spes tripudiet, exultet charitas* — Á face pois

do Pontificio Diploma, confirmado por dous Concilios universaes, o de Vienna, e o Tridentino, a feição caracteristica e distinctiva da solemnidade que celebramos consiste em ser ella um verdadeiro e incomparavel Triumpho. E o angelico doutor S. Thomaz d'Aquino, na sublime Sequencia — *Lauda Sion Salvatorem* — da Missa que compoz para a mesma solemnidade, decanta que hoje se nos propõe um thema de louvor especial — *Laudis thema specialis* — *Hodie proponitur* — Indicar qual seja esse thema, que assim exalta do Sacramento o triumpho sobre todos os triumphos, eis o alvo que o presente discurso ousa fitar, a meta que deseja attingir.

Senhor, a aguia dos evangelistas bebendo inspirações no divino peito sobre que se recostava, ao reflectir nas grandezas que por nosso amor praticastes instituindo o Sacramento do vosso corpo e sangue adoravel, não pôde levantar o vôo mais alto que a dizer — que nos amastes até ao fim ou como lê a versão ethiopica, sem fim; e eu trevas na sciencia, regelo no affecto do vosso amor, unica fonte do estro santo, ouso ainda permanecer na tribuna evangelica e não desço sem detença a lançar-me aos pés d'esse luminoso throno, a fim de pedir-vos perdão da temeridade de haver a ella subido, intentando fallar longamente de um objecto para que o Evangelista achou apenas duas palavras que podessem dignamente corresponder-lhe!! É porque o preceptor com quem aprendi o discurso que me proponho repetir, é mais sabio que João, o filho de Zebedeo; sois Vós, Senhor. As vossas palavras, recolhidas pela vossa esposa, a Santa Igreja, ou a ella inspiradas, vão formar o essencial da oração, que d'esta sorte não será minha, mas de Vós, que sois o caminho, a verdade e a vida; de Vós, cujas sentenças são es-

pada de dous gumes que penetra até ao espirito e um rio de fogo abrasador que tudo lhe desapparece diante. E ainda assim, como sempre e em tudo, havemos mister nós todos da vossa graça, para que a semente da divina palavra não caia sobre nossos corações como sobre pedras ou espinhos. Confiadamente a imploramos porque nos dissestes que Vosso Eterno Pae vos depositára nas mãos todas as riquezas; e se nas mãos, não são ellas cofre para enthesourar, se não instrumento para distribuir. Distribui-nos pois, Senhor, a graça que deprecamos.

Senhores, a attenção não é cousa que se peça por favor e se dê gratuitamente; é uma distincção que se merece, é um tributo que se paga. Nenhuma duvida me resta que a palavra de Deus não obstante a impureza dos labios que vão proferil-a, semelhante á concha da perola, que enterrada no lodo do mar, de sua sordidez se não macula; a palavra de Deus, digo, merecerá á vossa piedade o devido tributo de religiosa attenção.

De todos os publicos festejos de que a historia guarda a lembrança, nenhum excedia em luzimento e apparato aos triumphos romanos. Vêde:

Em carro de marfim, á semelhança de torre, tirado por elephantes, lá sobe o Vencedor ao Capitolio; traja manto de purpura, recamado de perolas e pedras preciosas; empunha na direita um ramo de louro, na esquerda um sceptro, e aurea corôa lhe cinge a fronte altiva. Uma banda de clarins rompe o cortejo; cem alvos touros de douradas pontas, engrinaldados de festões de flôres, seguem ao sacrificio — após, retratos das nações e paizes conquistados; os opimos despojos conduzidos em ricas andas; coros de donzellas, dançando

accordes ao som das frautas, e logo os reis e os generaes vencidos arrastrando grilhões, trajando lucto. Fecha o sequito a Curia Senatoria, a tropa em alas, o povo em chusma. Os sete montes da capital do mundo repetem vivas ao heroe triumphante. — A quem assim rendeis honras divinas, ó Romanos? A esse? Insensatos! Attendei ao que a espaços lhe vai bradando o arauto que no coche o acompanha: Lembra-te que és homem! que é o mesmo que se lhe dissesse — Olha que não passas de um pouco de barro animado. Mais forte ou mais feliz prostrou no campo cinco mil victimas (que tantas eram necessarias para se alcançar o Triumpho Magno) irmãos seus, homens como elle! Digna grandeza da baixeza humana! Comparemos agora... Senhores, o parallelo seria até uma impiedade se o espirito humano tivesse outro meio de concluir que não fosse o comparar. Comparemos agora com aquelle o triumpho que hoje ostenta a Santa Igreja. Quem é aqui o heroe? É aquelle Senhor que com um — faça-se — tirou do nada o universo, e com um — desfaça-se — o volverá quando quizer ao nada d'onde o tirou; é aquelle Senhor que traja um manto de luz, em frente á qual a do sol é escuridão, e a cujos pés serve a terra de escabello; é aquelle Senhor que abrindo a mão semeou o céo d'estrellas, apontando com o dedo impoz ao mar barreiras e o mar vem reverente beijar nas areias o decreto do seu Creador; é aquelle Senhor, a cujo nome as mais altas montanhas tremendo inclinam a cerviz; é aquelle Senhor que com o madeiro da Cruz escalou o inferno, venceu a morte e resgatou o genero humano; é finalmente um Deus. Primeiro thema de louvor especial devido do Sacramento ao triumpho.

Jesus Christo pela sua infinita caridade não se contentou com remir o mundo; quiz mais, ser o Chefe e o Mestre

do Gremio Christão. *Vocatis me magister; sum etnim.*

Qual é pois a bandeira, que distingue a milicia d'este divino Chefe? o preceito que distingue a Escóla d'este Divino Mestre? Elle mesmo o declarou por occasião de instituir o augustissimo Sacramento. Dou-vos um preceito novo, disse então o Senhor — Amai-vos mutuamente como eu vos amei; como se se dissera, amai-vos sem accepção ou differença de judeu ou gentio, de grego ou barbaro, de senhor ou escravo, de amigo ou inimigo; mas formando todos em mim um só corpo, uma só familia. — *Mandatum novum do vobis ut diligatis invicem, sicut dilexi vos* —; preceito a respeito do qual S. Paulo não duvída affirmar que na sua observancia está o desempenho de toda a lei: *Qui diligit proximum legem implevit;* e S. João Evangelista perguntado porque incessantemente o recommendava, respondeu: porque é mandamento do Senhor, e se se cumprir, basta: preceito intimado nos termos mais terriveis; o Evangelho falla d'aquelle que não ama o proximo, aqui como de um assassino que tem a espada erguida para o degolar — *homicida est* — além como de um mentiroso cuja bocca está vendida á impostura — *mendax est* — umas vezes como de um impio que zomba de Deus quando diz que o ama — *Deum quomodo potest diligere?* — outras como de um réo votado á morte — *manet in morte* —; preceito que parece authorisar (quem se atreveria a dizel-o se o Espirito Santo não o insinuasse?) uma especie de preferencia da creatura ao Creador. Um Deus morreu por nós todos. Tirai vós mesmos, senhores, d'esta premissa a sua recta consequencia. Parece-me estar-vos ouvindo a cada um de vós responder-me: Pois que um Deus sacrificou por mim a sua vida, a minha vida lhe sacrificarei se fôr preciso: conclusão natural e digna da vossa pie-

dade; e todavia não é essa a que do mesmo principio tirou o Espirito Santo; mas sim est'outra: Por quanto um Deus morreu por vós, deveis, se fôr preciso, morrer pelos vossos irmãos.

Pois, fieis, a observancia do grande preceito da fraternidade universal, signal caracteristico dos discipulos de Jesus Christo, é o effeito do Augustissimo Sacramento, e este o signal caracteristico d'aquella. Nós todos, diz S. Paulo, formamos um só corpo, em que não deve haver divisão e cujos membros devem cuidar uns dos outros; nós todos que participamos do mesmo pão e do mesmo calix. Por isso o Augustissimo Sacramento se denomina tambem — Communhão — ou laço de amorosa união dos fieis entre si e com Jesus Christo. Novo thema de louvor especial devido do Sacramento ao triumpho!

Após aquelle grande preceito da fraternidade universal segue-se outro logo immediato em importancia: *Discite a me* — Aprendei de mim, diz o Senhor. Fallai, divino Mestre; e abaixo as cadeiras dos Doutores na lei. Aprendei de mim a ser como eu sou manso e humilde de coração. Ó santa humildade, com que justificado fundamento mereceste que o Salvador, modêlo de toda a santidade, privativamente se propozesse como exemplar teu! Com effeito, fieis, a humildade é, deixai-me assim dizer, o porquê das demais virtudes. O humilde crê, porque desconfia das suas luzes; espera, porque sabe que elle só nada póde; ama a Deus, porque reconhece que a este Senhor deve tudo, sem lh'o merecer; ama o proximo, porque o reputa superior a si em merecimentos; soffre, porque se julga digno de ainda maiores tribulações; ora fervorosamente, porque se considera muito feliz em que Deus o consinta a seus pés: em uma pala-

vra, onde houver humildade contai ahi com todas as virtudes. — *Ubi humilitas, ibi sapientia.* — Ora que o homem se humilhe, de que tem a ensoberbecer-se o pó e a cinza? Ao nobre que se ensoberbece por se aparentar com heroes, direi: A genealogia das fidalguias humanas traçou-a Job n'estas palavras: Eu disse á podridão — tu és meu pae; e aos vermes — vós sois minha mãe e meus irmãos: ao que se ensoberbece por sua intelligencia e talentos, direi: Salomão foi o mais sabio dos mortaes e é incerto se soube salvar-se; bem sabios eram os anjos rebeldes e perderam-se: á que se ensoberbece por sua formosura, direi: A estatua elegante, o quadro bem pintado fizeram-se a si? Esperai um pouco e os annos sacudirão o verniz ao vaso de barro: ao que se ensoberbece por suas riquezas, direi: que quem se desvanece por possuir ouro e prata, que são productos da terra, confessa que de si nada produz, de que possa gloriar-se: a todos os soberbos direi: Foste terra vil e lodo ascoroso; o que foste isso és; e o que foste e és, isso tambem serás. Mas que o Unigenito do Altissimo, Luz da Luz, Deus verdadeiro do Deus verdadeiro, teça todos os passos de sua vida mortal de abatimento e humildade e isto levado do amoroso desejo, da affectuosa caridade de animar-nos com o seu exemplo á pratica de uma virtude, a que segundo a sua palavra anda ligado o importantissimo bem do repouso d'alma; pasma o entendimento, enleam-se os sentidos ao contemplarem tal quadro. Comtudo, geralmente, nos grandes lances de abatimento e humildade da existencia do Homem-Deus sobre a terra, eu ainda vejo, eu ainda escuto grandiosas demonstrações revindicando a gloria do seu poder e magestade. No presepe, se jaz sobre palhas entre dous irracionaes, coros d'anjos o acclamam glorificando a Deus nas alturas e felici-

tando aos homens de boa vontade por haver nascido o Salvador do mundo: se o ferro da circumcisão lhe imprime o signal de peccador, este signal desmente-o e como que o apaga o proprio nome que ahi mesmo se lhe impõe — Jesus —, que quer dizer: Salvador. Se na apresentação no templo se resgata por cinco cyclos, como primogenito de Israel, o Unigenito de Deus, ahi mesmo o Justo Simeão o reconhece e proclama pelo Messias: se vai ao Jordão receber o baptismo das mãos do Precursor, como se fôra chamado á penitencia, ahi mesmo abrem-se os céos, desce o Espirito Santo em fórma de pomba sobre a sua cabeça, e a voz do Eterno Pae se faz ouvir dizendo: Este é o meu filho amado no qual tenho posto toda a minha complacencia: se permitte ser tentado no deserto, ahi mesmo ordena por fim ao tentador que desappareça da sua presença e vem os anjos servil-o: — até no Calvario, se expira em uma cruz entre dous facinorosos, o sol escurece-se, a terra treme, as sepulturas abrem-se, os mortos resuscitam e o véo do templo rasga-se d'alto a baixo. Mas no Sacramento do altar eu nada vejo, eu nada escuto que zele a gloria de um Deus, que se humilha ao ponto de esconder alli, não só os attributos divinos, mas o proprio predicamento de homem. Patriarchas da antiga lei, prophetas santos, vinde vêr o Senhor Deus dos exercitos que só se vos manifestava entre o pavor e o espanto e cuja voz só através dos relampagos e trovões a escutaveis; descendo obediente á voz de um homem do céo sobre o altar, como se morto estivera, quasi jazendo encerrado no tabernaculo, ou, no ostensorio, exposto a mil irreverencias, a mil desacatos, a mil profanações, e á maior d'ellas todas, a de ser collocado em um peito onde tem o demonio a sua séde, sujeitando-se a sahir a toda a hora do dia e da noite para visitar o ultimo dos homens que

seja, ainda no mais pobre albergue, em um hospital, n'uma cadêa —Vinde e pasmai. Assim que, o Sacramento do altar é por excellencia chamado o mysterio da humildade de um Deus. Novo thema de louvor especial devido do Sacramento ao triumpho!

O milagre é sempre um acontecimento contrario ás leis da natureza. Todavia por commum, ainda nos milagres do proprio Jesus Christo, dando ao imperio da sua voz, ou por um simples contacto, vida a mortos, ouvido a surdos, vista a cegos, movimento a paralyticos; acalmando as tempestades, andando em pé sobre as ondas, vê-se apenas contrariada uma ou outra d'aquellas leis. N'este a lei physica — n'aquelle a physiologica — aqui as clausulas da estructura organica, alli a norma das propriedades da vida, além a gravitação, acolá a affinidade. Porém na Eucharistia existem contrariadas e vencidas, não uma ou outra das leis naturaes, senão muitas e ao mesmo tempo. Existem os accidentes da côr, cheiro, gosto, e demais sem a respectiva substancia do pão e do vinho; existem divididas as especies na hostia e no calix, e não existe dividida a sacrosanta humanidade de Jesus Christo; alli o todo não contem mais que a parte, nem a parte menos que o todo. Nos outros milagres a omnipotencia divina altera as propriedades ou condições d'existencia dos seres creados liquefazendo os rochedos, consolidando os mares, tirando ao fogo o poder de queimar; aqui não só se alteram, quasi se reduzem ao nada os proprios attributos do Creador: o immenso limita-se ao breve espaço de uma hostia e ainda á mais pequena particula d'ella; e a vida por essencia jaz sob as apparencias da morte. Motivo porque os Santos Padres denominam a Eucharistia o milagre dos milagres; e o rei-propheta, prevendo-a, lhe chamou o compen-

dio das maravilhas do Senhor. Novo thema de louvor especial, devido do Sacramento ao triumpho!

Quanto temos de bom, a Deus o devemos. Devemos-lhe o beneficio de nos haver creado á sua imagem e semelhança, a vocação, a Fé, os influxos da graça, a companhia de um anjo para nos defender, o alimento, a saude e demais bens temporaes. Maior muito maior do que todos os dons da natureza e da Graça é o dom do Sacramento, porque nos mais Deus liberalisa ou cousas que não são Elle ou que tão sómente são emanações suas, e distributiva ou partitivamente; e no Sacramento dá por inteiro todos os seus thesouros, tudo o que faz a felicidade dos Santos no céo — dá-se a Si proprio. De sorte que sendo infinitamente rico mais que nos dar não o tinha; razão porque o Concilio Tridentino diz que no Sacramento como que esgotou as riquezas do seu amor — *Divitias divini sui erga nos amoris velut effudit.* — Novo thema de louvor especial devido do Sacramento ao triumpho!

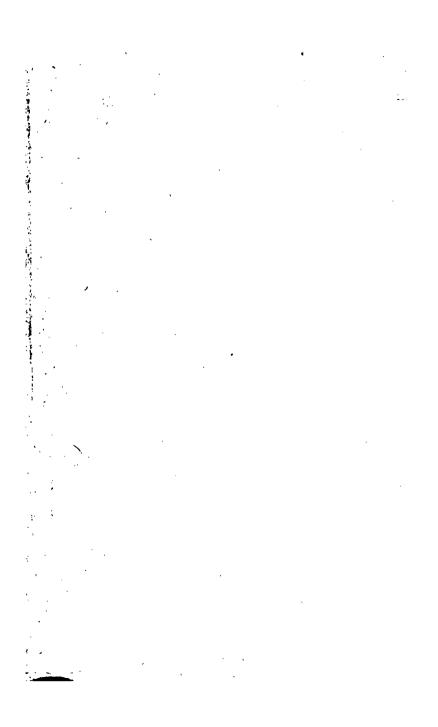
Não póde haver maior prova d'amor do que dar a vida por aquelles a quem amamos. Esta prova maxima deu-a o Salvador a nosso respeito no sacrificio do Calvario. Parece pois que não podia exceder a mais a sua ternura: e excedeu multiplicando no Sacramento o extremo a que chegára no Calvario. O sacrificio do Calvario foi um; e o do altar, que lhe é equivalente, tem-se repetido e repetir-se-ha innumeras vezes até á consummação dos seculos — Novo thema de louvor especial devido do Sacramento ao triumpho!

Todos os mysterios ou factos principaes da vida de Jesus Christo celebram-se na Eucharistia: celebra-se a Encarnação; por quanto a Eucharistia, no que dignamente a recebe, reitera a união da natureza divina com a humana — *In me manet et ego in illo.* Celebra-se o nascimento; por quanto na Eucha-

ristia o Verbo humanado nasce á voz dos sacerdotes sobre os nossos altares — *Quotidie nascitur* — Celebra-se a Paixão; por quanto a Eucharistia é um verdadeiro sacrificio, renovação do da Cruz. *Hoc facite in meam comemorationem* — Celebra-se a Resurreição; por quanto a Eucharistia é o penhor da nossa resurreição gloriosa, e a nossa resurreição gloriosa um effeito da de Jesus Christo — *Et futurae gloriae nobis pignus datur* — Celebra-se a Ascensão; por quanto, transformando-nos a Eucharistia no proprio Jesus Christo, por virtude d'ella subimos a sentar-nos com elle á direita de seu Eterno Pae — *Consedere fecit in caelestibus.* Celebra-se o Pentecostes ou descida do Espirito Santo, promettida por Jesus Christo; por quanto a Eucharistia é a fonte da plenitude d'aquelles dons que com o Paraclito desceram sobre os Apostolos no Cenaculo. *Aqua quam ego dabo ei fiet in eo fons aquæ salientis in vitam æternam.* De sorte que a Festa do Corpo de Deus é o complexo de todas as grandes Festas da Igreja e cada uma das grandes Festas da Igreja é uma Festa do Corpo de Deus. Novo thema de louvor especial devido do Sacramento ao triumpho!

A Theologia distingue em Jesus Christo dous corpos; um natural e outro mystico; o natural é a sua propria carne, a carne de que Elle se revestiu fazendo-se homem; o mystico é a Igreja ou Congregação dos fieis que Elle se uniu e encorporou a Si, segundo a doutrina de S. Paulo. Ora a Festa do Corpo de Deus não é sómente a Festa do Corpo natural de Jesus Christo, é por igual a Festa do seu Corpo mystico — a Igreja. Effectivamente, fieis, é pela presença e pela posse do Divinissimo Sacramento que a Igreja póde exclamar — não já simplesmente com o Povo escolhido:

ue nação ha tão grande que tenha os seus deuses tão proxi-
nos a si como o nosso Deus nos está presente; porém aliás
om muito maior soberania: — que outra assembléa de cren-
esha, a cujos membros não só assista, mas com os quaes tra-
e familiarmente e se identifique o Deus verdadeiro? Novo
hema de louvor especial devido ao Eucharistico Triumpho.

E aqui o amor da minha terra e da minha gente não me
ermitte calar que a Igreja Lusitana ha sempre sobresa-
iido no culto e devoção do Senhor Sacramentado. Seja-me
garante do que digo a existencia de Irmandades do Santissi-
mo em todas as parochias do reino; o estabelecimento do
Lausperenne nas duas grandes cidades, Lisboa e Porto; e
outr'ora em Alcobaça a fundação de Templos e Casas Reli-
giosas com a especial invocação do Sacramento, quaes o
Convento de Freiras de Santa Clara do Louriçal e o das Do-
nas de Corpus Christi em Villa Nova de Gaia; a magnifi-
centissima pompa da Triumphal Procissão — parte inte-
grante d'esta Solemnidade, a que incumbe concorrerem as
mais Illustres Personagens que na localidade existirem, e na
Côrte as mesmas Pessoas Reaes; achando-se presentemente
extinctas as exhibições que nossos maiores, com mais piedosa
intenção do que prudente conselho, praticavam entremean-
lo-a de danças, folias, mouriscas e autos. Se o Corpo da
Nação em geral assim se mostrou sempre zeloso na ado-
ração e culto do Sacramento, menor não tem sido tambem o
zelo de seus cabeças ou principes. — O Snr. D. João I, de-
pois de cingir a corôa pela famosa victoria d'Aljubarrota,
querendo vingar a injuria que os sectarios de Mafoma tinham
feito no reino de Valença ao Santissimo Sacramento, preparou
aquella formidavel armada que assustando a Europa lhe ren-
deu Ceuta; e fazendo converter em templo do Deus vivo a

XIII

SERMÃO

DO

TRIUMPHO DA SANTA CRUZ

Quanto são sublimes, Santa Igreja, as tuas solemnidades! Que bellas, que significativas as ceremonias do teu culto! A sêda e os metaes preciosos compondo a baixella dos novos agapes; as flôres, essas mimosissimas producções da natureza, alcatifando o thalamo nupcial da esposa sempre virgem; profusão de lumes, imagem da fé, luz espiritual dos crentes; o incenso levando envolto em suas ondas o tributo de nossa vassallagem ao Rei para cujo serviço todas as cousas vivem; o gemido de nossas preces ao Pae das misericordias; alternos côros, figurativos das celestes jerarchias, repetindo ao som de multiplices instrumentos o clamor do povo — *Kyrie, eleyson, Kyrie, eleyson*; emphatico enlace de vocabulos gregos na liturgia latina, indicante de que a religião a todos os povos falla, com todas as nações pratíca; o ancião, ou presbytero, revestido com o symbolo da circumspecção no amicto, da candura na alva, do poder na estola, da caridade

na casula, aos demais ornamentos sobreposta, como o dom que representa a todos os dons se sobrepõe e os comprehende; o sagrado presbytero, digo, entoando o genethliaco que os anjos começaram em Belem — *Gloria in excelsis Deo*... — Porém que observo! . . .

Sangue, espinhos, cravos, um patibulo, e d'elle pendente a victima. E áquelle espectaculo de lastima e lucto respondem festivos hymnos, alegres pompas! . . . Quem é logo o réo, cujo supplicio d'esta arte se solemnisa? O titulo da cruz o proclama; Jesus! A este nome, abaixo sceptros e bagos, abaixo corôas e tiaras. Jesus! A este nome, exultem anjos e homens e fujam espavoridos os espiritos infernaes. Jesus! A este nome, vinde todas as creaturas, que habitaes na terra e no mar, no céo e sobre as alturas, vinde e adoremol-o. Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber a virtude, e a divindade e a sabedoria e a fortaleza, e a honra e a gloria e a benção, por seculos de seculos. O sangue, os espinhos, os cravos provam a humanidade; eis alli o homem; seu nome, Jesus, quer dizer — Salvador — indica a divindade; eis alli o Deus. Mas foi pela cruz que o homem-Deus salvou no calvario o mundo — *sine sanguinis effusione non fit remissio* — foi por conseguinte a cruz, que antevista lhe imprimiu na circumcisão o nome — *vocatum est nomen ejus Jesus*. Explicado está pois o mysterio. A cruz é para o Salvador o throno do rei, a espada do conquistador, a bandeira da victoria, e para nós o penhor da redempção. Justos são portanto os teus jubilos, Igreja santa, em presença do Crucificado. A missão porém do Salvador ficára de algum modo incompleta, a limitar-se ao sacrificio do Golgotha. O sangue do cordeiro sim apagára a cedula da nossa escravi-

lão; a cruz, cingindo em seus braços a todos os homens, sim eprofundára seu pé até ao abysmo e o aferrolhára, sim erguera seu tope até ao céo e o abríra; mas através da escurilão do Egypto, quem atinaria com a vereda da terra promettida sem a conductora columna de fogo? em meio ao labyrintho dos erros da antiga Babylonia quem estaria certo le comprehender as doutrinas do novo Israel, se Jesus Christo se não sentasse na cadeira de Moyses a explical-as? E Deus, senhores, que formou o homem sem o homem, não quer salval-o sem elle — *qui fecit te sine te, non salvabit te sine te.* Convinha pois que o Verbo feito carne ao encargo de redemptor juntasse mais o ministerio de mestre, para que completamente preenchesse o caracter de Salvador, e justificasse de todo o ponto o seu nome de Jesus. Por isso o sagrado Concilio de Trento pronuncia anathema contra o que disser que Jesus Christo foi sómente redemptor e não legislador. Salvador pela doutrina, Salvador pela morte, estes os titulos do Filho do Altissimo e de Maria a possuir um nome, superior a todo o nome, que o Altissimo desde toda a eternidade e Maria lhe impoz no templo; estas as fontes das grandezas do nome de Jesus; e este em consequencia o alvo e a distribuição do discurso.

Senhor! eis-me constituido pregoeiro das grandezas do vosso nome. Ha sempre longitude infinita do creador á creatura, mas de Vós a mim nem póde ter nome a distancia. E com tudo eu não sei bem qual melhor fôra, se que a tribuna sacra estivesse agora occupada por um sabio e santo, se como está, por um ignorante e peccador: aquelle obtivera que xclamassem todos: — oração sublime! — Não era de esperar menos; e quasi que ficaria dividida a gloria entre Vós, e vosso panegyrista. Eu, se o Vós quizerdes, obterei que ex-

clamem — oh! quanto é poderosa a graça do nosso Deus, que assim faz do seixo inerte lingua eloquente! e tal gloria será maior e exclusivamente vossa. Praza-vos, pois, permittil-o por vossa exclusiva e maior gloria.

Senhores, a hedera humilde, que rasteja entre as urzes, se em seu vaguear encontra o elevado alamo, cinge-lhe o tronco, guinda-se-lhe aos ramos e os viçosos festões jogando ás auras, olha de longe o chão, d'onde se erguera. Eu sou a humilde planta, sêde-me o benefico esteio; que foi na vossa indulgencia, depois da graça, que fundei minhas esperanças.

Apesar, e a despeito da decantada revelação dos segredos da segunda iniciação de Pythagoras, da engenhosa intelligencia das obscuridades do Lyceu, e do effectivo descobrimento da triplice perfeição da escóla do Portico; os philosophos, antes do magisterio de Jesus Christo, haviam deixado o homem ou em erro, ou em conhecimento imperfeito ácerca do que devia a Deus, aos seus semelhantes e a si proprio. É certo que os mais sabios d'entre aquelles preceptores ensinavam a respeitar a divindade, a reconhecer a dependencia, que toda a creatura tem do Creador, e que cumpria agradar ao Ser Supremo pela pratica de boas acções e virtudes sociaes. Mas quando ensinaram elles jámais, que o primeiro e maior dos preceitos da lei é amar a Deus em espirito e verdade, sobre todas as cousas existentes e possiveis, mais do que a nós mesmos e com um amor que nunca diga — basta! Quando ensinaram jámais que se lhe deve ser fiel até sacrificar, se fôr preciso, em honra sua, amigos, parentes, patria, fama, fortuna e vida? que cumpre tomar com mão firme o calix das tribulações e esgotal-o até ás fezes para merecer o glorioso titulo de seu servo e seu discipulo? que não basta

obrar o joelho e queimar o incenso, releva offerecer em holcausto o coração inteiro? E na verdade, senhores, que oura dedicação inferior a esta seria condigno tributo de amor um Ente infinitamente perfeito e amavel? Ó homem, nasceste para o céo, contentar-te-hias da terra? Dotado de coração feito para voar, qual aguia, acima das mais altas montanhas, fixar-te-hias, qual verme, ás hervas do valle? ou aspirarias á Formosura divina, sempre antiga e sempre nova, com anhelo tenuemente superior ao com que aspiras a belldades humanas, que o são de um dia e apenas amortecidos raios d'aquelle sol?... Era a Vós, divino Mestre, que estava reservado ensinar ao homem a medida sem medida, por que deve amar o seu Deus.

As lições da sabedoria humana, respectivas aos nossos deveres para com o proximo, não passavam do complexo de certas maximas sobre os officios da amizade, da gratidão, e da affeição de familia. O desprezo das injurias era a obra prima, o heroismo da philosophia. Ella desconhecia o amor dos inimigos e no favor que prescreve a bem dos infelizes apenas se descobre, digamol-o assim, o instinctivo impulso da philanthropia, sanccionada por uma ordem de interesses meramente humanos. Quanto são superiores os documentos de Jesus Christo! Como Elle quer ser obedecido por motivos muito mais perfeitos e nobres. O Senhor quer que vejamos na pessoa dos necessitados a sua propria pessoa, e assim nos diz: Quando daes de comer aos que tem fome, quando vestis os nus, quando visitaes os enfermos e encarcerados; como feito a mim premiarei o beneficio, como feita a mim castigaria a recusa: rejeita a offrenda do que levar no peito a inimizade aos pés do altar: recommenda correspondamos com o abraço da paz ao abraço perfido que occulta o punhal; e que, lon-

ge de vingar-nos, paguemos perseguições com favores e dêmos bem por mal, a fim de sermos filhos do Pae celeste, que faz nascer o sol para bons e maus, e descer a chuva sobre justos e injustos. Que respondeis a isto, ó denominados sabios, que ensinaveis ser a vingança o prazer dos deuses? Que respondes a isto, tu mesma, ó Synagoga, que ensinavas ser permittido aborrecer os inimigos? Nenhum philosopho, nenhum propheta mesmo tinha ensinado jámais doutrina tão sublime, moral tão pura. Meditando-a, exclamava o author do Espirito das leis, cujo testemunho não passará por suspeito, que o Evangelho é o dom mais precioso que Deus tem conferido ao mundo.

Restava regular os deveres do homem para comsigo mesmo, para a sua propria santificação; e aqui principalmente é que a moral dos philosophos apparece defeituosa; e tanto, quanto a moral de Jesus Christo se mostra perfeita: Aquella, não tendo sequer idéa do que fosse humildade, podia apenas vestir-se da mascara da virtude; esta, indo procurar ao coração o merito das acções, reprova todas as exterioridades, que não tiverem por fim uma edificação necessaria; aquella não dispunha de outro recurso para attrahir á observancia de suas lições, do que prometter os applausos dos homens; esta quer que a mão esquerda ignore o bem que a direita pratíca e respira por toda a parte ameaças contra a ostentação. A sabedoria humana póde algumas vezes inspirar a seus sectarios o desprezo das honras e riquezas; o Evangelho faz mais: leva-nos a reconhecer nas honras e riquezas obstaculos quasi invenciveis á salvação. O estoico podia armar-se de coragem contra a dôr pelo medo da mesma dôr, por quanto esperava elle enfraquecel-a, desprezando-a; e procurava consolar-se de seus males imaginando-se objecto da admiração geral; o

christão faz melhor: instruido pelo Salvador, não sómente soffre sem vexame, mas até mesmo folga de soffrer; e beijando a paterna mão do Senhor, que o fere, pede-lhe a graça da resignação e paciencia para soffrer mais. A humildade, a temperança no gozo, se não a fuga, das prosperidades do mundo, o amor dos soffrimentos, a alegria no meio dos revezes, a abnegação de si mesmo... quem se não Vós, ó meu Salvador, podia trazer estas virtudes á terra? Quando pois não quizessemos, diz um celebre theologo do seculo passado, considerar a Jesus Christo mais do que como o author de uma grande revolução sobrevinda no mundo, como o legislador que dictou a moral mais pura e estabeleceu a religião mais sabia e santa, merecêra Elle assim mesmo occupar o primeiro lugar na historia, e ser reconhecido o maior dos homens. Esta comparação de Jesus Christo com os grandes legisladores-philosophos, Lycurgo, Solon, Socrates, Platão, ainda admitte que os codigos de moral meramente humana ensinem verdades e contenham maximas salutares em ordem á reformação dos costumes; mas a efficacia d'acção, a virtude, a força para as praticar, a graça, oh! isso é que jámais conceder-se-lhes poderá; por quanto a graça só podia dimanar do sangue de Jesus Christo e o sangue de Jesus Christo só podia cahir sobre o seu evangelho. Importava logo que o Salvador, depois de nos preparar as armas de uma doutrina celeste, as mergulhasse em seu sangue para dotal-as de tempera divina; importava que a salvação do mundo começada por palavras de vida fosse consummada pela mudez da morte; importava que Christo fosse Jesus pela redempção, como o tinha sido pela prégação.

A simples razão alcança que devendo a punição da offensa commettida no Eden recahir sobre a humanidade offen-

sora e ser proporcional á divindade offendida, debalde para a expiação se uniram de mundos a milhões milhões de mundos; a divida ficára perpetuamente insoluvel; era indispensavel a intima união da natureza divina e humana em uma só pessoa; porque só este admiravel composto constituiria a victima de propiciação propria e condigna. Comprehende-se portanto a necessidade da encarnação do Verbo a fim de padecer. Mas que para o completo sacrificio não baste uma lagrima só, uma dôr unica do homem-Deus! — que para lhe concluir a acquisição do nome de Jesus não baste o sangue que ao impor-se-lhe derramou na circumcisão, quando d'aquelle sangue a minima gotta é de valor infinito, e seja precisa a effusão de todo elle! que não baste ainda o padecimento do corpo, as varas, os espinhos, os cravos, e sejam precisos mais os tormentos do espirito, os insultos, as irrisões, as calumnias, as blasphemias. . . oh! altura dos divinos juizos! Religiosa assemblêa, Deus não é só optimo em seus attributos, igualmente é optimo em seus actos; e tudo o que Deus faz de um certo modo, é porque não devia ser feito de outro. Este principio é mil vezes mais luminoso do que quanto se podesse adduzir contra o supposto excesso da paixão de Christo. Nem a nossa fé vacille, christãos, ao aspecto da Cruz, loucura para o gentio, escandalo para o judeu. Aquelle Varão de dôres no qual, como diz o propheta, desappareceu a dignidade do homem e só se descobre o abatimento do verme; é aquelle mesmo Senhor que com uma palavra creou o mundo, que em dous dedos o sustenta, que no Sinai fez sentir sua presença ao clarão dos relampagos e ao ribombo dos trovões, e a quem no Thabor resplandecia a face como o sol e alvejavam as roupas como a neve; antes na Cruz a nossa fé o confesse maior; além empenha a omni-

tencia sobre a natureza, aqui empenha-a contra si proprio; e este esforço é superior; além move-o o serviço da gloria de si, aqui move-o o obsequio do amor de nós, e este lance é mais generoso. Fieis, se um Deus devia fazer-se homem para viver e morrer a fim de salvar os homens, era qual viveu que viver devia, era qual morreu que devia morrer. Na vida, maximo testemunho de sabedoria infinita, na doutrina que préga de palavra e exemplo; na morte, maximo testemunho de infinito poder aniquilando-se a si proprio até á cruz. Isto é ser salvador, isto é ser Jesus; e por isto — *propter quod* — lhe foi por seu pae dado um nome superior a todo o nome, para que em nome de Jesus dobrem o joelho todas as creaturas. *Propter quod donavit illi deus nomen, quod est super omne nomen, ut in nomine Jesu omne genu flectactur, cœlestium, terrestrium et infernorum.*

Nome superior a todo o nome, diz o apostolo, e com razão: superior aos nomes dos anjos; — Miguel, ou Quem como Deus — Gabriel, ou Força do Excelso — Raphael, ou Medico Divino — sobre serem apropriados a meras creaturas, são nomes tão inferiores ao nome de Jesus, quanto os titulos, ou qualidades que exhibem o são ao titulo e qualidade de Salvador; superior aos nomes dos patriarchas da antiga lei; Abrahão, ou Pae de muitas gentes; Jacob, ou Supplantador; Joseph, ou o que progride; Benjamin, ou o Filho da mão direita, além de incorrerem n'aquella duplicada censura, designam apenas simplices mortaes. E se o filho de Josedech, o primeiro summo sacerdote depois do captiveiro de Babylonia; se o filho de Syrach, o muito sabio author do Ecclesiastico, e outros illustres varões de Israel, tinham já tido o nome de Jesus, este nome só podia pertencer a taes personagens, não como enunciado de funcções proprias, mas

que a do Santissimo nome de Jesus? Não obstante, vós sabeis que ás virgens imprudentes foram fechadas as portas, porque se fiaram nas lampadas desprovidas d'oleo; quer dizer, porque presumiram poder seguir o esposo com o coração vazio d'amor: e vós, carissimos, igualmente não ignoraes, que o conviva, já sentado á mesa do festim, foi lançado nas trevas exteriores por carecer da veste nupcial, isto é, fallecer-lhe a caridade. E visto como tereis ponderado a terrivel sentença d'estas parabolas, comprazo-me de acreditar que a vossa piedade não é sepulchro branqueado por fóra e cheio de corrupção por dentro; mas sim pyra sagrada d'onde se eleva ao céo a chamma do culto que lhe é devido, e que esparge em torno o aroma do bom exemplo. Honra portanto e gloria... Senhor, arrancai-me o thuribulo, paralysai-me o braço, antes do que me escape em louvor dos homens algum grão d'aquelle incenso que só deve fumegar em vosso obsequio. Só vós sois grande, só vós digno de honra e gloria. Porém, Senhor, vós mandastes que a luzerna fosse posta, não debaixo do alqueire, mas sobre o candieiro, a fim de alumiar toda a casa; as bençãos pois, ó pae amorosissimo, d'essa mão soberana, sobre estes filhos, que assim dão a seus irmãos o edificante exemplo de glorificar o vosso nome. Imprimi-lh'o bem fundo no peito com o preciosissimo sangue que por elles derramastes, e o anjo exterminador, passando, os deixará incolumes. Concedei-lhes, e a nós todos, que na tremenda hora de partirmos a comparecer ante vós, que então empunhareis a cruz, como vara de juiz, possamos clamar com o amor da Magdalena e de Paulo, a impulsos de caridade perfeita: Jesus, acudi-nos! Jesus, valei-nos! Jesus, salvai-nos! E seremos salvos.

Assim seja.

XIV

SERMÃO

DA

RESURREIÇÃO

Que subita mudança, que estranha transformação se perou em Jerusalem!... Ainda ha pouco os principes dos icerdotes, e os senadores do povo se reuniram em conselho ara fazer capturar o novo propheta, que surgíra na Judéa, régando o advento do reino dos céos; ainda ha pouco o ontifice Caifaz, que lhe perguntára: és tu o Christo? ao ouir-lhe responder: Eu o sou, rasgando as vestiduras exclanava — blasphemou! — e o tribunal proferiu a sentença — réo de morte! Os eccos do pretorio tem apenas acabado de repetir os gritos de um povo frenetico bradando ao governador Poncio Pilato, que diligenciava livrar o innocente — crucifica-o! crucifica-o! se o não matas não és amigo do Cesar; os eccos do valle proximo tem apenas acabado de repetir as vozes dos que passando em frente á montanha denominada calva, ou sem verdura, diziam para o que entre dous idrões pendia crucificado por seductor do povo, desprezaor do Cesar e falso Messias: oh! tu que havias de destruir

o templo de Deus, e reedifical-o em tres dias, se és o filho de Deus, desce da cruz, e creremos em ti. Tudo respirava recente aquelle odio gratuito, de que fallára David, contra o Nazareno, e já os discipulos d'este, os quaes na proxima noite do decimo terceiro de Nissan o abandonaram todos, e cujo preconisado chefe, na madrugada da vespera do ultimo grande sabbado, o negou tres vezes; já, digo, os discipulos do Nazareno accusam, cara a cara, de deicidio na pessoa de seu mestre aos principes dos sacerdotes, aos anciãos, aos escribas, aos magistrados do templo, a todo o synhedrio, a todo o povo, e recusam-se formalmente a obedecer ao mandato de não fallarem mais nem ensinarem em nome de Jesus!!

O supremo conselho congrega-se. Que fará? Votar de certo á morte os indomaveis authores da tremenda accusação, os refractarios pregoeiros da ameaçadora doutrina. Nada d'isso. Limitam-se a votar com o doutor da lei, Gamaliel, que opinou, que se aquella missão era obra dos homens, de per si mesma se destruiria, e se era obra de Deus, não a podiam elles destruir e corriam perigo de combater contra Deus; e os apostolos são deixados livremente pelas praças e pelas ruas, no templo e nas casas annunciar Jesus Christo.

Quem transformou assim as timidas pombas em intrepidos leões, os encarniçados lobos em rapozas medrosas? que phenomeno operou tal mudança? que aconteceu?... Ó pavilhões de Israel levantados no campo inimigo, vossas bandeiras bem clara estão annunciando a victoria e publicando altamente o nome do triumphador!... Que aconteceu? Nós o sabemos, senhores. Mas não se perca esta solemne occasião de gozarmos as delicias, vós de o ouvir, eu de o proclamar. Resuscitou Jesus Christo; e a cruz escandalosa converte-se em throno glorioso, os mysterios da paixão em re-

velações de amor, a obscuridade das parabolas esclarece-se, o sentido das prophecias manifesta-se. Resuscitou Jesus Christo, e a sua missão fica authorisada, o seu ministerio reconhecido, as suas promessas cumpridas, a sua doutrina justificada, todos os seus trabalhos coroados. Resuscitou Jesus Christo, e a igreja sahe triumphante do tumulo do seu libertador, e ahi fica preparada a dualidade de todos os povos do mundo para a adopção de filhos seus, ahi ficam de antemão convencidos de contradicção ou de impostura todos os seus futuros inimigos. Resuscitou Jesus Christo, o Homem-Deus, e ao Homem quasi Deus por esta resurreição, as amarguras da vida são adoçadas, as lagrimas do exilio enxutas, a immortalidade garantida. Resuscitou Jesus Christo e está dito tudo. *Surrexit dominus, absoluta est res.* E eu, o tão incompetente a todos os respeitos, panegyrista da Resurreição, no meio de tantas grandezas, *quo me vertam nescio*, não sei dar-me a conselho na escolha d'aquella, com que deva entreter hoje a vossa piedade. N'esta incerteza tomarei o fio do discurso, que em identica festividade do anno proximo preterito tive a honra de recitar aqui mesmo, e continuando-o em giro acharei o fio para a oração actual. Então préguei a esperada resurreição da carne e a nova vida do futuro seculo á sombra e por influencia da Resurreição de Jesus Christo; hoje prégarei outra resurreição da carne ou do mundo, uma nova vida do mesmo mundo realisada nos passados seculos, á fecundante sombra da mesma influencia. Por outra, e mais claro. Pela Resurreição de Jesus Christo, regeneração dos homens que ha-de fazer-se, foi o assumpto do passado discurso; pela Resurreição de Jesus Christo, regeneração dos homens já feita, será o assumpto do actual.

Uma apprehensão de perigo, um certo presentimento de queda, um quasi terror que sabe apoderar-se de mim sempre que subo á cadeira dos prophetas, trocado o sinto hoje em alegre confiança, em tranquilla seguridade. Porque será?... Nova influencia do mysterio da Resurreição, que é um mysterio de esperança. Prégo na presença do Deus vivo: temeria, se não esperasse que pelo zelo da sua propria gloria illumine o meu entendimento e purifique os meus labios para constituir-me digno pregoeiro d'ella em um triumpho o maior dos seus triumphos, em um dia, que é por excellencia o seu dia. Prégo na presença de um perfeito varão apostolico, o vosso dignissimo pastor: temeria, se não esperasse que o fiel discipulo d'aquelles primitivos oraculos da igreja escute gostoso a repetição da doutrina de seus mestres, da qual me proponho extrahir toda a força do discurso. Prégo na presença de uma assembléa illustrada: temeria, se não esperasse que os recebidos favores me sejam como promessa do outorgamento de novos, por que o protector generoso é o primeiro interessado na boa fortuna do protegido docil e grato. Esperança, animadora filha da Fé, Resurreição de Jesus, glorioso triumpho, nascido do sanguinolento combate do calvario, a tuas celestiaes inspirações me entrego; e principío.

A morte veio por um homem, que foi Adão; e a resurreição vem por um outro homem, que é Jesus Christo. É doutrina expressa de S. Paulo e com elle de toda a igreja. O que crêr e fôr baptisado, será salvo, o que não crêr, será condemnado. É doutrina expressa do proprio divino Mestre. Mas quem ha-de crêr? O universo. *Ite in universum mundum, praedicate evangelium omni creaturæ.* Foi a missão

apostolica. E em quem ha-de crêr o universo? Em Jesus Christo; porque do céo abaixo nenhum outro nome foi dado aos homens pelo qual devamos ser salvos. É doutrina expressa do principe dos apostolos, e com elle de toda a igreja. De sorte que o universo, em quasi sua totalidade, idolatra á época da morte de Jesus Christo, deve resuscitar das mortaes trevas da idolatria á luz de vida melhor do que a da innocencia original pela crença e em nome de um certo, a quem os da sua nação, reputada geralmente uma corrompida colonia de egypcios ou bando de arabes beduinos, conheciam pelo artista de Nazareth, filho de Maria, e que fôra suppliciado em infame patibulo como réo de chefe de seita anti-politica, e anti-religiosa. Para devidamente apreciarmos a immensa desproporção, segundo os calculos humanos, entre aquelle effeito e esta causa, descrevamos, bem que em rapida analyse, parallelamente o que fosse o universo pagão e o que seja o universo christão.

De todas as nações pagãs a mais illustrada foram os gregos, de todos os povos da Grecia o mais culto foram os athenienses, de todos os cidadãos de Athenas os mais sabios foram Socrates e Platão; de sorte que Socrates e Platão representam a razão pagã em seu maior grau de força. Ora em referencia á maior e mais importante de todas as verdades, a existencia e natureza do ser supremo, Platão dizia: Quanto ao creador e pae d'este universo é difficil descobrir quem seja, e quando descoberto se haja é impossivel revelal-o ao povo. E seu mestre Socrates, na occasião mais solemne da sua vida, interrogado pelos magistrados não soube, ou não ousou explicar-se claramente sobre este ponto. A par, todo o povo christão repete no Credo: Creio em um só Deus, Pae omnipotente, Factor do céo e da terra, de todas as cousas vi-

siveis e invisiveis. E a esta protestação, a que não chegaram Socrates e Platão, cahem por terra os idolos do paganismo que mostravam bocca e não fallavam, mãos e não operavam.

É uma indubitavel verdade historica, attestada por insuspeitos testemunhos, entre outros, na antiguidade, por Suetonio e Tacito, e modernamente por Voltaire e Volney, que desde o começo do mundo todas as nações esperavam um rei, um legislador, um reparador de todas as cousas, um salvador. Este chega, está no mundo e o mundo não o conhece; vem á sua propria herança e os seus não o recebem, como diz o discipulo amado. A par, todo o povo christão repete no credo : Creio em Jesus Christo, Filho de Deus unigenito, o qual por causa de nós os homens, e por causa da nossa salvação desceu dos céos e encarnou, por obra do Espirito Santo, de Maria Virgem e se fez homem. A luz luziu nas trevas e as trevas do universo pagão não a comprehenderam, mas comprehendeu-a o universo christão, que são os filhos da luz e proclamam já vendo o Salvador.

Ponderando a imperfeição das sociedades, leis humanas, Confucio, Platão e Cicero imaginaram uma sociedade perfeita na qual Deus fosse o soberano monarcha, a sua palavra a lei suprema e todas as magistraturas e leis humanas subordinadas e assemelhadas a esta lei e soberania divina. Mas nem Confucio nem Platão, nem Cicero esperavam se realisasse uma semelhante utopia. Julgavam-na necessaria, mas impossivel. A par, todo o povo christão acclama, no Credo, existente aquella sociedade perfeita : Creio na igreja (e a igreja é a sociedade dos que professam a lei de Christo) uma, santa, catholica e apostolica ; uma em sua fé e em seu governo, santa em sua doutrina, em seu culto e em um grande

numero de seus membros; catholica, ou universal, isto é, abrangendo todos os tempos e todos os lugares; apostolica, isto é, que descende dos apostolos pela successão não interrompida de seus pastores. Creio na igreja e a igreja é a sociedade em que Christo é o monarcha, e em que a lei é a razão divina, a sabedoria eterna que creou o mundo e o governa; lei verdadeira, não enterrada em escriptura morta, mas viva e reinante pela palavra. Nem ha verdadeira sociedade senão esta porque só n'esta todos os espiritos existem unidos na mesma verdade, todos os corações no mesmo amor, todas as vontades na esperança dos mesmos bens, bens eternos, immutaveis, communs a todos e proprios de cada um, que todos e cada um podem possuir inteiros, e que para os possuir temos todos a mesma regra, singelissima mas efficacissima — amar a Deus e ao proximo — Comparadas com esta grande communhão humana, como dizia Platão em seus votos do que elle julgava um bello ideal, com esta sociedade universal, que unica tem por fim directo os interesses communs a todos os homens, as que se chamam sociedades dos povos e das nações como que nem se enxergam de pequeninas: e effectivamente não são mais do que associações locaes para a consecução de interesses particulares, e ainda esses meramente materiaes; e as suas leis, mudaveis segundo os tempos e as circumstancias, chamem-lhes, se quizerem, regulamentos, ou cousa assim, mas leis propriamente ditas, regras estaveis, só por lisonja, como disse Cicero, que por força de verdade não póde ser.

Para a constituição dos estados desejava o grande estadista romano, que venho de citar, uma fórma de governo que fosse nem o de um só puramente, nem o de alguns certos, nem o de todos, isto é, desejava a monarchia moderada pela aris-

tocracia e democracia. Ora tal é o governo da igreja catholica, no juizo dos mais authorisados doutores. Compõe-no um monarcha, eterno e invisivel, que é Christo; principes, chefes, mortaes e visiveis; da igreja universal e da particular de Roma, o Summo Pontifice, Pae commum dos fieis, e das demais igrejas particulares os bispos e seus immediatos os parochos. Mas grau nenhum da jerarchia ecclesiastica, nem ainda o simples sacerdocio, se herda. Todos os individuos para estas dignidades e poderes, derivados da dignidade e poder de Christo, se vão buscar á massa total, ao povo, que é toda a humanidade christã. O ultimo póde vir a ser o primeiro. Um pescador de Galiléa virá a ser o primeiro Papa, um Thracio o Papa Conor, o filho de um carpinteiro da Toscana o Papa Gregorio VII, e um pastorinho de Montalto, o Papa Sixto V. Assim que o que para o paganismo era tido por impossivel realisou-o o christianismo; o que para o paganismo era apenas objecto de desejar, é para o christianismo cousa possuida.

Que contraste entre o modo de ser e de sentir do universo d'antes e do universo d'após a morte de Jesus Christo! E com tudo o universo que era pagão converteu-se em universo christão! Mas que contraste ainda maior entre esta immensa peripecia e o nome quasi sem nome d'aquelle em cujo nome se operou! Talvez porém que á semelhança do regato que, pobre em sua origem, nem sequer submerge a relva, depois, já rio opulento pelas aguas que lhe affluiram, leva adiante de si choças e rebanhos, flôrestas e aldêas, os discipulos de um mestre, que, tendo as aves do céo seus ninhos, não tinha elle onde reclinar a cabeça, se tornassem poderosos para aquella grande façanha. Vejamos pelas forças e pela tactica do chefe, as forças e a tactica dos outros generaes d'este

novo exercito. Receberam todos as mesmas armas e as mesmas instrucções.

Roma, armipotente metropole do universo abre teus porticos ao novo embaixador que vem annunciar-te a boa nova. Ei-lo chega. É o pescador de Genesareth; é Pedro: ancião, tunica rasa e grosseira, sandalias, bordão, sem alforge e no cinto nem pão nem dinheiro. Que missão nos trazes? figura-se-me desdenhosamente perguntar-lhe o altivo romano. Venho derrubar os vossos templos, quebrar seus idolos, extinguir seus sacrificios e prégar-vos o Deus verdadeiro, unico em essencia e trino em pessoas; a Jesus Christo, homem-Deus, que o vosso governador na Judéa, Poncio Pilato, entregou aos judeus para ser crucificado. E de que exercitos, de que thesouros, de que sciencia dispões para empreza tal? Sou só; ouro ou prata é cousa que não possuo; letras não as sei, nem cogito como ou o que hei-de fallar, porque na hora opportuna me será inspirado. Voltam-lhe as costas dizendo: É louco; falla paradoxos e crê visões. E assim parecia, comparando na traça do commettimento a debilidade das forças com a valentia das resistencias. Pondo de parte o prestigio dos antigos preconceitos, os interesses da politica e limitando-me á moral e ao dogma, vêde: Marte, dizia o povo-rei, a nação togada, Marte, o numen da guerra é o author de Roma; conduzidas por elle as nossas aguias voem á guerra, á conquista, e ai dos vencidos! Jesus, o divino author da nossa fé, respondia o povo baptisado, é o principe da paz, o cordeiro de Deus, que tira os peccados do mundo; por elle e em nome d'elle: Paz na terra aos homens de boa vontade e clemencia para os desgraçados. Corôemo-nos de rosas, dizia o pagão, antes que murchem, porque depois da morte ha o nada. Corôemo-nos de espinhos, replicava o

christão, para que depois floreçam no jardim do céo. A vingança é o prazer dos deuses, dizia o pagão. Ama ao teu inimigo, contraditava o christão, faze bem ao que te odeia, e ora pelo que te persegue e calumnía. Antes o primeiro, dizia o pagão, na mais abjecta aldêa do que o segundo em Roma. Se alguem quer ser o primeiro, impugnava o christão, que seja o ultimo e o servo de todos. Pão, gritava a plebe romana, e a par com elle gladiadores no circo. São homicidios voluntarios, retorquia o povo de Christo, e o que fere, o que assiste e applaude são co-réos. Por parte da crença recrescia o contraste. O pagão duvidava sempre, temia algumas vezes e jámais se dedicava. O christão cria, esperava e amava. De um lado a luz, do outro as trevas, de um lado a verdade, do outro o erro. Este, intolerante sempre, mórmente em materia de religião, não podendo convencer discutindo, julgou vencer clamando: christãos aos supplicios! christãos á morte: *tolle, tolle!* Ao brado exterminador uns revestidos de indumentos resinosos ardem ao theor de archotes, durante a noite, outros são torrados sobre laminas em brasa; estes flagellados a açoutes de pontas de ferro até lhes apparecerem os ossos e as entranhas, aquelles desnudados da pelle desde o vertice até ás plantas; deslocados nos equuleos, expostos ás feras, enterrados vivos; quem é dilacerada com pentes de ferro, quem retalhada a rodas de navalhas; e assim, e com ainda mais afflictivos tormentos são martyrisados centos e centos, milhares e milhares, milhões de victimas de um e outro sexo, de todas as idades, de todos os estados, de todas as condições. A igreja logo em seu berço nada em sangue, qual o menino Moyses nas aguas do Nilo. Os algozes estão cançados, porém não fartos; revesam-se, restauram-se e voltam ao morticinio. Porque te embraveces,

ó nação? porque concebes projectos vãos, ó povo? Debalde o imperante se oppõe e os senadores se juntam em conselho contra o Senhor e o seu Christo, o Christo vencerá. E effectivamente, senhores, no seio dos alicerces d'aquella Roma que ostentava á luz do sol seus palacios e jardins, suas praças e amphitheatros, o Pantheon, o Foro, o Colliseu, existe já outra Roma subterranea, formada de cavernas e galerias de sepulturas; são as catacumbas, é a primitiva Roma christã, onde esses magnanimos heroes, de quem temos a incomparavel honra de descender pela genealogia do baptismo, estão tomando immediata vingança das crueldades da antiga Roma idolatra. Olhai: lá está a innocente grei do Crucificado, fugida á perseguição dos lobos, (porque lhe não era licito tentar a Deus expondo-se temerariamente ao martyrio) joelhos em terra, mãos elevadas ao céo, perante o signal da redempção, e rezam aquella oração divina, que o divino Mestre ensinou: Pae nosso — Não diz — meu pae. — Cada filho falla em nome de todos os seus irmãos. Quaes? Só os christãos? Não. Gregos, romanos ou barbaros, crentes ou infieis, circumcisos ou incircumcisos, em nome de todos os homens. — Seja feita a vossa vontade — Resignação sublime contra a mais injusta perseguição! — Perdoai-nos assim como nós perdoamos — Ó desaggravo, digno dos discipulos d'aquelle que sobre o Golgotha pediu perdão, desculpando-os, para os que o crucificavam! . . . Mas que combatentes são estes, cujas armas são as lagrimas e orações a pró dos inimigos?! Que campanha é esta em que os que morrem são os que vencem?! porque effectivamente o sceptro de cana do rei pacifico, manejado pelas debeis mãos de seus discipulos, quebrou o sceptro de ferro dos imperadores. Que talisman tem esta gente? Uma cruz ensanguentada, que propõe para

adoração e imitação!! Isto não se póde acreditar! Isto é impossivel! Sêl-o-hia, fieis, se Jesus Christo não tivesse resuscitado. Mas uma vez provado, como o foi e o está, á face dos mais severos criterios de verdade historica, que Jesus Christo resuscitou, Jesus Christo é Deus e a Deus nada é impossivel. Agora a antithese, o contraste entre a synagoga arrojada e os apostolos timidos, os apostolos arrojados e a synagoga timida — entre os discipulos fugindo e os discipulos presentando-se, entre Pedro que nega á denuncia de uma fraca mulher, e Pedro que confessa pregado em uma cruz; a antithese, o contraste entre a grandeza do effeito — a conversão do universo idolatra em universo christão, e a pequenez da causa que o produziu, o nome de um judeu crucificado — tudo se concebe, tudo se explica e o paradoxo torna-se axioma. Realisou-se a grande prova da divindade de Jesus Christo, verificou-se o prodigio do novo Jonas sahindo após tres dias do ventre do sepulchro e a Cruz attrahiu tudo a si, como estava prophetisado pelo Salvador.

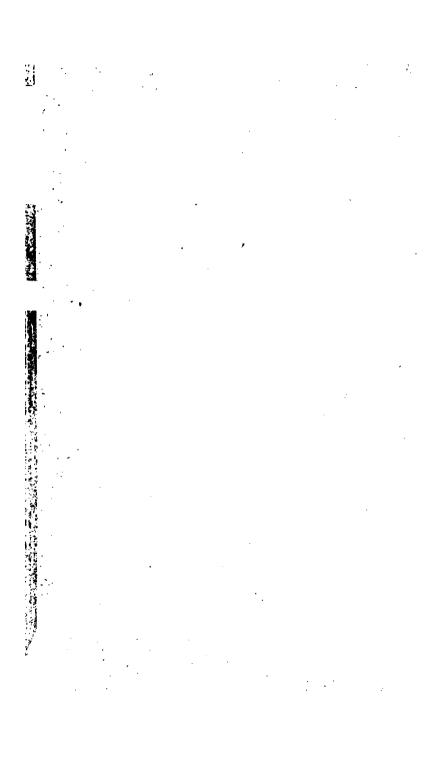
Senhores meus, o christão deve crêr cegamente, porém não ás cegas, porque se os objectos da Fé são incomprehensiveis (e que tem de contradictorio a incomprehensibilidade com a essencia de Deus que é incomprehensivel?) se os objectos da Fé são incomprehensiveis, os seus motivos comprehendem-se, analysam-se, provam-se. Senhor, exclamava David, os vossos testemunhos são perfeitamente criveis! — *testimonia tua credibilia facta sunt nimis*. Não obstante porém que prégando os discipulos de Jesus Christo o facto da sua Resurreição, prégavam um facto de que podiam convencer pela evidencia de uma certeza moral mais solida do que a certeza metaphysica produzida pela mais rigorosa demonstração mathematica, é certo, que depois de convencido o en-

tendimento, nada mais efficaz a mover o coração á persuasão d'aquelle dogma do que a promessa da immortalidade que elle afiança. Jesus Christo, diriam os primeiros pregoeiros da boa-nova, resuscitando-se verdadeiramente a si proprio, provou-se verdadeiro Deus. Deus é a verdade summa, a summa fidelidade; pois foi Jesus Christo que disse e prometteu que todo o que n'elle crêr, viverá depois da morte. Que alvoroço não devia causar esta doutrina?! presupposta sempre a uncção da graça indispensavel para toda a emoção boa.

E com effeito, que dôce balsamo ás tribulações da vida! Ó homem, padeces fome, nudez, total desconforto, e sobre elle as dôres da enfermidade — esse é o preço do reino dos céos. Consola-te, dizendo com o Santo Job: Creio que o meu Redemptor vive, e que no ultimo dia hei-de surgir da terra para eu mesmo, e não outro, o vêr, com os meus proprios olhos. Esta esperança está depositada no meu peito. Ó tu, que lutas nas vascas da morte, com o anjo da Resurreição te digo — *Nolite expavescere:* não temas. A morte é a entrada, a porta da vida celeste. Todos os santos tem amado a morte. S. Paulo dizia: Desejo morrer para ir viver com Jesus Christo; e Santa Thereza em seus admiraveis extasis repetia: Morro de não poder morrer. Dize tu com o rei-propheta: Os meus dias se esvaecem como a sombra, e eu desappareço como a herva do prado; mas vós, Senhor, viveis eternamente. Eu não sou nada, mas vós sois tudo; espero em vós; e não serei confundido para sempre. Terna esposa, extremosa mãe que choras sobre um tumulo, para que buscas entre os mortos a quem está vivo? Teu esposo, teu filho, foram julgados por um pae amorosissimo que deu todo o seu sangue pelos salvar: é proprio da sua infinita misericordia que estejam no céo. Consola-te e espera ir reunir-te a elles.

Graças ao argumento da Resurreição de Jesus Christo; graças á promessa, a ella ligada, da immortalidade, a barca de Pedro aporta todos os dias a praias novas, mareada pelos apostolicos enviados das Missões estrangeiras — e a Cruz bate ao mesmo tempo ás portas de Constantinopla e á muralha da China e ao mesmo tempo atravessa os sertões da Africa e da America e se arvora nas ilhas da Oceania. E se ao vosso sexo, dilectissimas em Jesus Christo, cabe a distinctissima honra de que foi a mulheres que o Senhor se dignou apparecer primeiro depois de resuscitado — de que foram mulheres os primeiros publicadores da sua Resurreição gloriosa, de que foram ainda mulheres, a muito amante Magdalena, e a solicita Martha, sua irmã, apostolos da Provença na Gallia meridional, dos primeiros missionarios que introduziram o christianismo na Europa, como ultimamente demonstrou um doutissimo antiquario; esta honra, esta distinctissima honra não a tem o vosso sexo desmerecido nos nossos tempos. Lá vão essas mulheres a quem não ouso chamar heroinas, anjos da terra, seraphins humanos, com receio de dizer muito menos do que ellas valem e lhes chamarei pelo seu proprio nome; lá vão as irmãs da caridade a paizes barbaros, inhospitos, empestados, acompanhando as missões, cooperar no cultivo da vinha do Senhor não menos utilmente do que os principaes obreiros, os prégadores; porque se estes ensinam o evangelho, ellas exemplificam-no no edificante exercicio de todas as obras de misericordia. Ó sexo, a quem á vista d'estes exemplos me não atrevo já a chamar fraco, mas a quem chamarei com a Santa Igreja — sexo por excellencia piedoso —, compensai, elevando-vos por estes e equivalentes rasgos de amor de Deus, a dependencia, a vassallagem, a que a primeira mulher vos submetteu no paraiso.

Mas, fieis, se todos havemos de resuscitar, nem todos ai de mim! resuscitaremos gloriosos. E assim como para resuscitar é preciso ter morrido, da mesma sorte a fim de resuscitar para a gloria é preciso ter morrido para o peccado. Antes pois que chegue o dia incerto de pagarmos o estipendio do peccado, que é a morte, acabe-se sem demora em nós esta vida de offensas e ingratidões para com o nosso bom Deus, vida sempre dilacerada de remorsos, sempre tomada de terrores, que só por uma grande miseria é que qualquer pessoa de são juizo quererá conservar-se em tal vida. Só o que pelejar será corôado. Com Jesus Christo á frente, que para nos dar o exemplo quiz merecer a gloria, que era sua, por premio de combate, combatamos nós contra os inimigos da nossa alma; e provando já desde a terra um antegosto do céo no banquete eucharistico, identificados com o corpo e sangue do Homem-Deus, peçamos-lhe humildemente, sim, mas cheios de confiança, que em desempenho da sua indefectivel palavra nos resuscite gloriosos em o novissimo dia.

XV

SERMÃO

DE

ACÇÃO DE GRAÇAS

Ao Rei dos seculos — Immortal — Invisivel — honra gloria por toda a eternidade!

Oxalá que o meu coração fôra corações sem numero pa- ı todos vos sacrificar em holocausto de louvor e acção de raças!

Te Deum laudamus:
Te dominum confitemur.

Um facto deshumano em si mesmo, horrivel em suas elações, horribilissimo em suas possiveis consequencias — ispensai-me de o nomear — acaba ha pouco de lançar a onsternação e ameaçou de lançar o lucto sobre toda a nação erica. Portugal, seu como irmão, pelos laços da origem, a quasi identidade de lingua e costumes, da visinhança, da ligião e do systema politico, apressou-se a formular, pela oz dos seus Representantes, perante o mundo inteiro, o

solemne testemunho da sua dôr sobre o sacrilego attentado, e a fervorosa expressão de seus votos pelo prompto fenecimento do barbaro effeito d'elle. Estes votos estão preenchidos. O regicidio mallogrou-se. A Rainha Catholica está salva. Louvemos e bemdigamos o Senhor. Dêmos e recebamos mutuas felicitações.

Eu talvez devesse terminar aqui o discurso e descendo do pulpito ir em significativo silencio abraçar-vos. Mas parece-me estar lendo em vossos semblantes que mais algum desenvolvimento e amplificação de mim se exige. E com razão, senhores! No coração de um portuguez ateou-se o santo enthusiasmo de vir com presurosa diligencia no meio de seus intimos pelo parentesco, de seus intimos pelo instituto — a archi-confraria por excellencia — de seus intimos pelo baptismo e pela patria, nós todos portuguezes, vir, digo, render as devidas graças do assignalado beneficio Áquelle Senhor que é só quem manda as saudes a Jacob e as faz habitar em casa de Zacheo. E o pobre principiante no ministerio da palavra — eu — de nenhumas forças intellectuaes, mais nullas ainda, se é possivel, pela escassez do necessario preparatorio tempo, aceitei a missão de ser o interprete d'estes piedosos sentimentos de gratidão. Eu! Que revoltante contraste com a magnitude do objecto — com o pomposo apparato da solemnidade! E comtudo, senhores, não foi impulso de vaidade — Deus o sabe — que me arrojou á empreza. — Larga experiencia de adiantados annos me tem desenganado assás de para quão pouco presto. Foi uma confiança ardente n'aquelle Senhor, que se apraz de esconder aos sabios as cousas do seu reino e revelal-as aos ignorantes; n'aquelle Senhor que disse aos que mandava fallar em seu nome: Não premediteis o que haveis de dizer. E eu disse então, no se-

gredo do meu peito, o que em alta voz repito agora no santuario do Deus vivo: Senhor, quem jámais confiou em Vós que ficasse confundido?

Principe da Igreja, qual filho pediu nunca a seu pae (e tão affectuoso como Vós) o pão da benevolencia, que recebesse a pedra da repulsa? Eu peço, eu supplico a vossa paternal indulgencia, e esperanço-me de alcançal-a.

Senhores, são-vos extremosamente caros, porque os professaes do intimo seio d'alma, os sentimentos que me proponho expender. O amor fará o seu costumado effeito — por encantado na belleza do original não attenderá ou desculpará as imperfeições da cópia no quasi improvisado discurso que principío.

O orador christão não sabe theorias politicas — não conhece outra doutrina que não seja o Evangelho, outro modêlo que não seja Jesus Christo. Consultemos aquelle Codigo, contemplemos este modêlo; e esguardando por tão indefectivel mira, feriremos, sem temor d'errar, o nosso alvo.

O que para ti não queres não o faças a outrem; até aqui já o tinha dito a lei natural. Fazei aos outros o que quereríeis que elles vos fizessem; até aqui já o tinha dito a moral pagã. Porém amai aos vossos proprios inimigos — fazei bem a quem vos faz mal, eis aqui o mandamento nono, cujo desempenho quer Jesus Christo que seja o signal caracteristico de pertencer á sua grei. Amai-vos uns aos outros, recommenda o divino pae em seu testamento, por ultima vontade e como se fôra a mais instante de todas, amai-vos uns aos outros, como eu vos amei. Ah! christãos, e de que modo nos amou Elle! Nasceu, viveu, padeceu e morreu em uma cruz por nós.

Este preceito do universal amor do proximo vejamol-o em particular referencia para com a pessoa dos Principes, de todos os que exercem authoridade e estão revestidos de poder. E instrua-nos ainda o mesmo divino Mestre.

Apenas vindo ao mundo, acha-se o Salvador ameaçado de ser envolvido na mortandade dos meninos de dous annos e d'ahi para baixo, decretada pela temida tyrannia d'El-Rei Herodes. E o Senhor da vida e da morte que podia com um aceno reduzir o impio monarcha ao nada d'onde o tirára, foge, para prover á segurança propria. Se os phariseus lhe propõe capciosas questões sobre os direitos do Imperador romano, mostra-lhes a effigie d'elle gravada na moeda e diz-lhes: Dai a Cesar o que é de Cesar. Se Pedro levado de um transporte de zelo fere a um dos commissionados pelo Summo Pontifice para prender a Jesus, Jesus não tarda em sara-o e diz ao precipitado Apostolo: Mette a espada na bainha. Nem se cuide que esta doutrina encaminha á escravidão dos povos. O seu divino author é o mesmo que diz aos Imperantes pela bocca do Sabio: Guardai-vos de exceder os limites da vossa authoridade; é o mesmo que diz a Cyro: Escolhi-te para pastor do meu povo; respeita os teus juramentos; governa-o segundo as suas leis, porque eu serei o seu implacavel vingador. Oh! como é bella esta doutrina que assegura ao mesmo tempo a authoridade e a submissão; esta doutrina que diz: ha no céo um Deus que deve punir igualmente os attentados contra a segurança do governante e o bem-estar dos governados! Ora se o preceito do universal amor do proximo, e do respeitoso amor ou filial obediencia para com os que sustentam as redeas do poder não exclue ou dispensa pessoa alguma, com que força obrigará os que o Senhor institue por luz do mundo e sal da terra,

[u]elles a quem particularmente recommenda que não aca-
[b]em de partir a canna meio rachada; e que ao entrar em
[qu]alquer casa digam primeiro que tudo: Paz seja n'esta casa.

Encare-se agora (já que não é possivel subtrahir-me a
[e]ste penoso dever) encare-se agora, ao luminoso facho da dou-
[t]rina e exemplos de Jesus Christo, o tenebroso facto a que
[d]esde o principio do discurso alludi. Um assassinato, aleivo-
[s]o e traiçoeiro, contra a pessoa de uma Senhora e Rainha,
[n]o recinto do seu proprio Paço, quando no meio de sua au-
[g]usta Familia e Côrte vinha de presentar no templo ao Se-
[n]hor o suspirado fructo de suas maternaes entranhas!! E o
[b]raço que descarregou o golpe matricida... porque não o di-
[r]ei? no Collegio de Christo houve um Judas; e nem por isso
[f]icou manchada a jerarchia dos discipulos do Senhor — o
[b]raço que descarregou o golpe matricida foi o braço de um
[s]acerdote!! Ó meu Deus, que lição! Se o cedro do Libano,
[f]ortalecido com o oleo da graça do sacerdocio, assim se dei-
[x]a tomar da corrupção, quem poderá contar-se por preser-
[v]ado? Senhor, que não negastes o osculo da paz, e déstes o
[t]erno nome de amigo a Judas, já depois do demonio haver
[e]ntrado n'elle e ter-vos vendido, que pelas entranhas da vos-
[s]a infinita misericordia houvesseis piedade com a alma d'a-
[q]uelle desventurado, pois que á justiça do mundo lhe não
[f]oi possivel perdoar!

O regicida não deixou proselytos — tenho fé: que, se os
deixasse, eu desejára clamar-lhes: Vinde cá, homens desvai-
rados sim, mas comtudo meus irmãos, vinde cá e dizei-me
— Dado mas não concedido que fosse licito praticarem-se
cousas essencialmente más para se conseguirem bens, quan-
do pretendeis justificar a violencia dos vossos meios com a
supposta relevancia dos fins que prometteis, tendes a certe-

za de que esses fins serão conseguidos? Tendes calculado, previsto, adivinhado todas as contingencias e eventualidades que a mão do Senhor póde suscitar? Ahi tendes, não já o Evangelho, a historia; respondei-me á face d'ella. Todos os historiadores são accordes em que Octavio Augusto promettia, pelas suas façanhas militares no triumvirato, vir ao depois no Imperio a ser um Conquistador. Porém a mão do Senhor toca-o improvisamente com a enfermidade, e eil-o um soberano pacifico. Como vingariam os projectos que se houvessem baseado no presupposto de seu genio bellicoso? Lançai os olhos pela historia contemporanea, um pouco acima das ultimas duas decadas. Que vêdes? Os gabinetes do Norte, tão ciosos da estabilidade de seu systema governativo, da conservação de seus principios dynasticos, deixam passivos campear-lhes á porta um movimento que affronta aquelle systema e estes principios!! É que em seu seio appareceu de repente um medonho phantasma, um gigante de mil braços, a cholera epidemica, que cortando vidas sem conto aterrou-os em seus lares domesticos e fez suspender a acção de sua influencia internacional. Como vingariam os projectos que se houvessem baseado sobre a expectativa d'esta influencia? Não vos convenço provavelmente com as minhas razões, ó espiritos que vos denominaes fortes. Paciencia; ide em paz; que eu não tenho outras armas, se não estas da palavra, e orar por vós. Tão sómente vos digo que se me trouxerdes um codigo que afiance a felicidade social melhormente que o Evangelho, o qual condemna os vossos expedientes, dar-vos-hei licença para vós fabricardes uma estatua com os meus proprios ossos.

Se houvesse uma ambição tão immoral que não duvidasse aceitar por historica insignia de origem de novo modo

de existir politico o punhal ensanguentado do regicida, que não duvidasse assentar a cadeira do poder de uma nova fórma de governo sobre o cadaver da innocente Rainha, que fructos se poderiam esperar de arvore com tal raiz e que reinado seria o de semelhante poder? Fructos de maldição — o reinado da anarchia. E a guerra civil visitaria de novo a nação visinha tão digna de gozar dourados dias; a guerra civil, essa furia do abysmo que arma irmão contra irmão, pae contra filho, espanca do coração as leis do sangue, as maviosas leis da natureza, que facilita á ambição do estrangeiro a execução de seus planos de conquista! Garante me sê tu, antigo Egypto, quando o soberbo rei de Babylonia, aproveitando a desunião das forças, na civil guerra de Amasis contra Apries, do norte ao sul de Magdole, a Suna te destrue, te devasta e te escravisa. E lavrando no reino visinho a peste da anarchia, contagiosa pelo exemplo, quão de perto estava ameaçado o nosso Portugal! De que catastrophes pois nos salvou a mão do Senhor, salvando a Hespanha! E a lembrança d'este beneficio suscita a outra da relevante mercê ao céo devida de que no meio das nossas dissensões domesticas, ainda as menos favoraveis ao throno, nunca a vida da Rainha dos Portuguezes correu perigo entre os seus portuguezes. Nem ha-de correr, ó meu Deus, porque a vossa divina graça não ha-de jámais abrir mão d'este reino que plantou mais longe que nenhum outro o trophéo da vossa religião, o estandarte da cruz! E que a nação hespanhola exulte de haver extinguido as sombras d'aquelle individual attentado aos luminosos raios das mais energicas demonstrações de fidelidade nacional! É assim que os mephiticos vapores da terra elevados ás altas regiões das nuvens baixam depois convertidos em chuveiros salutares. Portanto pelo

beneficio recebido, pelos damnos evitados louvemos, christãos, o nosso bom Deus — Vinde todas as creaturas que habitaes na terra e debaixo do abysmo e sobre as alturas, vinde servir-nos de linguas para clamar:

Te Deum laudamus:
Te Dominum confitemur.

XVI

SERMÃO

DO

MANDATUM

Mandatum novum do vobis: ut diligatis invicem, sicut dilexi vos.
S. João: Cap. 13 v. 34.

A historia politica dos tempos anteriores ao Evangelho resume-se n'esta idéa moral — amor da patria — Até Jesus Christo o mais sublime grau de virtude consistia em morrer defendendo o pequeno canto da terra, onde se havia recebido o berço. As instituições civis eram as unicas, que marcavam os deveres do individuo e da sociedade, a moral prendia no culto tão sómente pelos interesses materiaes — nada unia o homem a Deus. Apparece o divino legislador e assim promulga ao genero humano: — A vossa patria é o céo — o vosso pae é Deus — todos os homens são irmãos — amem-se mutuamente, como eu os amei. E esta doutrina, simples,

quanto sublime, feita para o homem, pois que seu coração a abraça, logo que seus ouvidos a escutam, como se fôra a reminiscencia de um sentimento já alli gravado, remedeia com um só traço a insufficiencia da moral, sem religião, dos philosophos, e a fatalidade da religião, sem moral, dos pagãos — *Mandatum novum do vobis ut diligatis invicem sicut dilexi vos* — Mandamento imposto pelo divino legislador com certo indicio de predilecção. A caridade reciproca, diz o Senhor, é um preceito de que eu tenho gloria em ser o author; e quero que a observancia d'elle seja o signal caracteristico dos meus discipulos. Mandamento preferido, depois d'aquelle do amor divino, a todos os outros. Lê-se na primeira Epistola de S. Pedro, que primeiro que tudo — *ante omnia* — devemos amar o proximo, como se o Apostolo dissesse: sêde temperantes — sêde humildes, sêde pacientes, cumpri todos os preceitos, mas primeiro que tudo — *ante omnia* — tende um coração terno para vossos semelhantes. S. Paulo não duvída affirmar que o amor do proximo é o desempenho de toda a lei — *Qui diligit proximum, legem implevit* — E S. João Evangelista perguntado porque incessantemente recommendava aquelle amor, respondeu: Porque é preceito do Senhor, e se se cumprir, basta. Mandamento intimado nos termos mais terriveis. O Evangelho falla d'aquelle que não ama o proximo, aqui, como de um assassino que tem a espada erguida para o degolar — *homicida est* — além, como de um mentiroso, cuja bocca está vendida á impostura — *mendax est* — umas vezes como de um impio, que zomba de Deus quando diz que o ama — *Deum quomodo potest diligere?* — outras como de um réo votado á morte — *manet in morte* — Mandamento, que parece authorisar (quem se atreveria a dizel-o, se o Espirito Santo não

o insinuasse?) uma especie de preferencia da creatura ao creador — Um Deus morreu por nós todos — Tirai vós mesmos, senhores, vol-o rogo, d'esta premissa a sua recta consequencia. Parece-me estar-vos ouvindo responder-me — pois que um Deus sacrificou por mim a sua vida, a minha vida lhe sacrificarei, se fôr preciso — Conclusão natural e digna da vossa piedade! e todavia não é essa a que do mesmo principio tirou o Espirito Santo; mas sim est'outra — pois que um Deus morreu por vós, deveis, se fôr preciso, morrer pelos vossos irmãos — Mandamento, cuja instantissima recommendação o mais affectuoso dos paes guarda para a noite da despedida, para o momento da maior fineza do seu amor — a dadiva perpetua de seu corpo e sangue — Mandamento finalmente que lhe merece fazer d'elle especial menção no testamento, que parte hoje a rubricar com seu sangue e confirmar com seus ultimos suspiros. E posto que o divinissimo Sacramento da Eucharistia, tambem hoje instituido, seja pelos Santos Padres denominado por excellencia Communhão, ou laço de amorosa união dos feis entre si e com Jesus Christo e a Santa Igreja lhe chame — memorial das maravilhas de um Deus de misericordia e compaixão, ministrando como tal optimo thema para o Sermão do preceito da caridade universal, ou por antonomasia do Mandato, comtudo em razão de que a mesma Santa Igreja quiz escolher outro dia para celebrar exclusivamente a memoria d'aquelle grande mysterio, por cujo meio ella se nutre, fortifica e aperfeiçoa, cingir-me-hei á consideração d'outros factos e doutrina, que o Senhor se dignou praticar e expender no mesmo lugar e tempo da Sagrada Cêa, offerecendo-se á nossa imitação como exemplar de caridade fraterna — *Sicut dilexi vos.*

Senhor, a aguia dos Evangelistas, bebendo inspirações n'esse divino peito sobre que se reclinava ao reflectir nos extremos que hoje vos dignastes praticar para modêlo da caridade com que querieis nos amassemos, não pôde levantar o vôo mais alto que a dizer — que nos amastes até ao fim, ou como lê a versão ethiopica — sem fim. E eu, trevas na sciencia, regelo no affecto do vosso amor, unica verdadeira fonte do amor do proximo, ouso ainda permanecer na tribuna evangelica e não desço sem detença a lançar-me aos pés d'esse luminoso throno e pedir-vos perdão da temeridade de haver a ella subido, intentando fallar longamente de um objecto para que o Evangelista achou apenas duas palavras que podessem dignamente corresponder-lhe!! É porque o preceptor de quem tomei a oração que me proponho repetir é mais sabio que o filho de Zebedeo, sois vós, Senhor! Os vossos actos, as vossas palavras na noite e sermão da Cêa formarão o constitutivo do discurso, que assim não será meu porém vosso; vosso que sois o caminho, a verdade e a vida; vosso cujas sentenças são espada de dous fios que penetra até ao espirito, e um rio de fogo abrasador que tudo lhe desapparece diante. E ainda assim, Senhor, havemos mister como sempre e em tudo, nos assistaes para que a semente da vossa divina palavra não caia em nossos corações qual a que cahiu sobre pedras ou espinhos, que, quando nascida, ou seccou á mingoa de humidade e raiz ou a suffocaram os abrolhos que com ella nasceram, mas para que sejamos mais que ouvintes observadores da mesma divina palavra, assemelhando-nos ao homem prudente que edifica sobre rocha viva e não sobre arêas. Esta graça vos imploramos, e com tanto maior confiança, por ser hoje o dia em que explicitamente declarastes que vosso Eterno Pae vos depositára nas mãos to-

das as riquezas; e se nas mãos, não são ellas cofre para enthesourar, senão instrumento para distribuir. Distribui-nos pois, Senhor, a mercê que humildemente vos imploramos. — Senhores, a attenção não é cousa que se peça por favor, nem que se dê de graça; é uma distincção que se merece, é um tributo que se paga. Nenhuma duvida me resta que a palavra de Deus, não obstante a impureza dos labios que vão proferil-a, semelhante á concha da perola que enterrada no lodo do mar se não contamina de sua sordidez, a palavra de Deus, digo, merecerá á vossa piedade o devido tributo de religiosa attenção.

Não é possivel compulsar o veneravel codigo das verdades eternas — a sacrosanta Biblia — sem que a cada pagina se nos depare irrefragavel testemunho da caridade de um Deus para com os homens. O ingrato Adão desobedece e rebella-se, e o Senhor, em vez de mandar intimar-lhe por um de seus angelicos ministros que não ouse nem sequer levantar os olhos para o céo, é Elle proprio quem o chama á sua presença com umas palavras que respiram mais clemencia que furor. — Onde estás, Adão? — E se este desgraçado em lugar de desculpar-se com a seducção da esposa tivesse confessado o seu crime e pedido perdão, immediatamente, diz S. Gregorio Papa o alcançaria. O céo e a terra clama vingança contra a execravel Sodoma, cuja abominação tinha chegado ao seu cumulo. E que acontece? Descerei e examinarei, diz o Senhor — *descendam et videbo*. É um pae, a quem se presentam queixas contra seus filhos, e que não as ouve senão com repugnancia, que não as acredita senão com restricções — que as examina com lentidão, que quizera poder illudir-se, que duvída sempre em quanto a evidencia o

não fórça a convencer-se. A par d'estes, centos e centos, milhares e milhares de factos de identico amor que a necessidade de ser breve me constrange a omittir. As palavras e promessas do Senhor, tão infalliveis como os proprios factos consummados, authenticam por igual aquelle amor. Jerusalem, diz o nosso bom Deus pela bocca de Isaias, nação adultera e perfida, eu quero esquecer as tuas perfidias, quero lançal-as para traz das costas, quero até precipital-as no fundo do mar para melhor perder a sua lembrança. Casa de Israel, tu te obstinas em perder-te, e porque? Eu não sou o teu inimigo, eu sou e quero ser o teu Salvador. Não por ficticia imagem poetica, mas indubitavel inducção philosophica devemos representar-nos que apenas o vil bichinho da terra, chamado homem, tem o incrivel atrevimento de offender o seu Creador, para logo todas as outras creaturas indignadas conspiram a sua perda, e vão offerecer seus braços ao Senhor para vingal-o. A terra diz: Senhor, por cujas mãos fui fundada, quereis que me abra em boqueirões para tragar o atrevido, que vos desacatou? O mar diz: Senhor, cujo sou, quereis que o sepulte vivo em meus abysmos? O ar diz: Quereis que me recuse a entrar no peito d'esse sacrilego e lhe tolha a respiração? Não, responde o Senhor pela bocca de Ezequiel; é a sua salvação e não a sua ruina que eu pretendo; eu quero que elle se converta e viva — *Nolo mortem peccatoris sed ut convertatur et vivat* — Dôce e consoladora palavra, posta ainda em saliente relêvo, na parabola do prodigo e do bom pastor.

O filho prodigo, á força de importunas instancias obtem de seu condescendente pae que este lhe anticipe a legitima que lhe tocava, recebe-a e parte para uma terra muito distante em paiz estranho: ahi vivendo á mercê das paixões bem

depressa dissipa toda a sua fortuna. Succede haver uma grande fome n'aquelle paiz; e eis o dissoluto mancebo obrigado a servir no rasteiro mester de guardar vis animaes, negando-se-lhe até o grosseiro alimento que a estes se distribuia; até que entrando finalmente em si, disse: Quantos jornaleiros ha em casa de meu pae, que tem pão em abundancia, e eu aqui pereço á fome. Não, eu não posso supportar por mais tempo esta dura servidão. Sahirei sem demora d'esta terra maldita — *surgam* — Mas aonde quereis ir, filho rebelde? A quem ides pedir asylo? Vou ter com meu pae. Meu pae é o unico bem que me resta: irei lançar-me a seus pés e implorar a sua compaixão — *ibo ad patrem meum* — Porém vêde que quasi lhe extorquistes metade de seus bens e os dissipastes depois em loucas despezas. Tendes coragem para vos apresentar na sua presença? Como esperaes ser recebido? Procurai ao menos alguma protecção, algum empenho. Não, não. *Ibo ad patrem meum*. Vou direitamente ter com meu pae. Offendi-o, é verdade, porém elle é meu pae; o seu coração fallará mais alto em meu favor que todos os empenhos alheios, e ainda que todos os meus proprios crimes. Foi com effeito. E que aconteceria? Encontraria ao menos alguma frieza? Receberia algumas exprobrações? Nada d'isso. Ainda elle vinha ao longe, viu-o seu pae, move-se de compaixão, corre a sahir-lhe ao encontro, lança-lhe os braços ao pescoço, abraça-o e beija-o. O prodigo diz: Pae pequei contra o céo; e diante de ti; e o pae: Trazei depressa um vestido digno do seu lugar e nascimento. Pae, diz o prodigo, já não sou digno de ser chamado teu filho; e o pae: Trazei sem demora o annel que lhe destinava e vesti-lh'o no dedo. Pae, diz o prodigo, contento-me de que me deis um lugar entre os vossos criados; e o pae: Prepa-

rai um festim esplendido a que seja convidada toda a familia, porque este meu filho era morto e reviveu, tinha-se perdido e achou-se. Bella e tocante imagem!

Mas, senhores, qualquer que seja a energia e pathetica expressão dos alludidos factos, promessas, e imagens, nada póde comparar-se ao rasgo de amor que a finda ceremonia acaba de commemorar. Vejamos.

Chegada que foi a hora da Cêa paschal, sentou-se Jesus á mesa, e com elle os doze apostolos, e disse-lhes: Tenho desejado anciosamente comer comvosco esta paschoa antes da minha paixão — e um pouco depois — Filhinhos, ainda estou comvosco por algumas horas: a paz vos deixo, a minha paz vos dou: eu não vol-a dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem fique sobresaltado. Já vos não chamarei servos, porque estes não sabem os segredos do seu senhor; chamar-vos-hei amigos, porque tudo o que ouvi a meu pae vos manifestei.

Que um Deus para salvar os homens permitta ser accusado de réo de chefe de seita, preso, escarnecido, flagellado, e morto entre dous ladrões em um infame patibulo, lance é este de caridade que só quem o póde praticar o saberá comprehender; e todavia, depois que o Verbo não duvidou precipitar-se do seio do Eterno Pae e entrar sem horror no materno seio de uma mulher, depois do mysterio da Encarnação, já me não assombra tanto o mysterio da paixão, porque do horto ao Calvario decorrem passos, e do throno celeste á casa de Nazareth vai uma distancia infinita. Mas que o Filho de Deus, Deus elle mesmo, não quizesse saciar o ardente desejo de remir os homens sem d'elles se despedir tão ternamente... oh! eu não posso deixar de exclamar aqui — que se o empenho da caridade de Jesus Christo era morrer por nós,

as delicias do seu coração eram viver comnosco. Ó meu bom Deus, e de quem levaes saudades! — de uns ingratos, dos quaes um vos ha-de negar, outro vender, e todos abandonar!

Estando Jesus á mesa com seus discipulos turbou-se todo no espirito. Como! pois não havia ha pouco dito o Senhor: Eu devo ser baptisado em um baptismo de sangue. Quanto me tarda recebel-o! E agora a perspectiva de sua paixão o aterra? Não, christãos, não é este o motivo da sua perturbação. O Evangelista amado o declara. Estando Jesus á mesa com seus discipulos turbou-se todo no espirito, protestou e disse: Em verdade vos digo, que um de vós me ha-de entregar. Propheta do Senhor, Isaias Santo, vinde vêr o manso cordeiro de quem tinheis vaticinado que caminharia á morte sem abrir a sua bocca, coberto de tristeza e manifestando o seu sentimento! Tanto mais pesada do que a cruz lhe foi a ingratidão do discipulo traidor! Eu sei, senhores, que ao leão da tribu de Judá converteu-o hoje o amor em cordeiro de Deus que tira os peccados do mundo, e por isso não temo exhale seu justo resentimento em rugidos de vingança; porém talvez ao menos se permitta aquella sentida queixa que em seu nome outr'ora fez David: Ainda se fosse um homem de quem eu tivesse merecido o odio que conspirasse contra a minha vida, tel-o-hia soffrido com menor dôr, mas o companheiro dos meus passos, o objecto da minha amizade, um dos meus convidados! *Quoniam si inimicus meus maledixisset mihi sustinuissem utique, tu vero homo unanimis qui simul mecum dulces capiebas cibos!* N'esta queixa, posto que justissima, repara-se mais na injuria do offendido do que no damno do offensor; e hoje como que ao Senhor lhe praz preferir a nossa felicidade á sua gloria, o nosso bem aos seus direitos, e por isso outro é o estylo do seu queixume:

17

Ai! exclama o piedosissimo Pae, coitado d'aquelle por quem o Filho do homem ha-de ser entregue! Melhor lhe fôra não ter nascido. O espantoso vaticinio entristecera grandemente os discipulos; cada qual quer saber se será elle o desgraçado; e o precito, dissimulando qual outro Caim, atreve-se tambem a perguntar — por ventura sou eu, Mestre? Infeliz, pois queres que comece a executar-te já a divina justiça apontando-te com o dedo á execração dos teus companheiros no apostolado?! Serás contente. Tu o disseste, responde o Senhor. Que é isto? O sagrado Collegio fica silencioso e immovel! Não ha quem ao menos com uma palavra desaggrave a honra de seu divino Mestre e castigue a perfidia do falso discipulo! É que o Senhor respondeu a Judas em tão submissa voz que os demais apostolos o não ouviram. Oh! duplicado lance de caridade! Avisa e não infama; indica o peccado e poupa o credito do peccador. Este sois, ó meu Deus, para nosso exemplo. Nas obras, nas palavras e até no silencio, tudo caridade e caridade em tudo.

Como o Senhor, por occasião de instituir o divinissimo sacramento de seu Corpo e sangue adoravel, houvesse manifestado que bem depressa ia deixar o mundo e que o seu reino estava proximo, começaram os discipulos a disputar qual d'elles occuparia o primeiro lugar n'esse reino de seu Mestre. Jesus porém querendo corrigir-lhes a falsa idéa que se tinham formado do reino de Deus, depõe a vestidura exterior que trazia sobre a tunica inconsutil, cinge-se com uma toalha e dispõe-se a lavar-lhes os pés. Que o homem se humilhe, de que tem a ensoberbecer-se o pó e a cinza? *Quid superbit pulvis et cinis?* Ao nobre que se ensoberbece por se aparentar com heroes direi — a genealogia das fidalguias humanas traçou-a Job n'estas palavras: Eu disse á podridão —

tu és meu pae; e aos vermes — vós sois minha mãe e irmãos. Ao que se ensoberbece por seus talentos e intelligencia direi: — Salomão foi o mais sabio dos mortaes e é incerto se soube salvar-se. Bem sabios eram os anjos rebeldes e perderam-se. Á que se ensoberbece por sua formosura direi — a estatua elegante, o quadro bem pintado fizeram-se a si? Esperai um pouco e os annos sacudirão o verniz ao vaso de barro. Ao que se ensoberbece por suas riquezas direi — que quem se desvanece por possuir ouro e prata, que são productos da terra, confessa que nada produz de seu, de que possa gloriar-se. A todos os soberbos direi — fostes terra vil e lôdo asqueroso — o que fostes isso és — e o que fostes e és, isso tambem serás. Mas que o Unigenito do Altissimo, consubstancial ao Pae, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro teça todos os passos de sua vida mortal de abatimento e humildade e isto levado do amoroso desejo, da affectuosa caridade de animar-nos com o seu exemplo á pratica de uma virtude, a que segundo a sua palavra anda ligado o importantissimo bem do repouso d'alma, pasma o entendimento, enleiam-se os sentidos ao contemplarem tal quadro. Com tudo nos dous grandes lances de abatimento e humildade da existencia do homem-Deus sobre a terra, o presepe e o calvario, o nascimento e a morte, eu ainda vejo, eu ainda escuto grandiosos signaes revindicando a honra de seu poder e magestade — no presepe coros d'anjos, que o acclamam; no calvario o sol que se escurece, a terra que treme, as sepulturas que se abrem, os mortos que resuscitam. Mas no cenaculo eu nada vejo, eu nada escuto que zele a soberania de um Deus, que se humilha ao ponto de ajoelhar aos pés dos homens. É que todo empenhado em extremos de caridade, que é a sua essencia, parece ter-se esquecido do attributo do seu poder in-

finito, ou que o seu infinito poder, empenhado todo nas manifestações da sua ternura, preferiu a estas as manifestações de si proprio. Cingido o Senhor com a toalha, lança agua em uma bacia e encaminha-se a lavar os pés em primeiro lugar, segundo a opinião de Santo Agostinho e de S. João Chrysostomo, ao traidor que já o tinha vendido, a Judas. Ah! Senhor, em desafogo do meu assombro permitti-me que eu lançado por terra e com a face no pó ouse dizer-vos: — Por que todos os vossos attributos são para infinita gloria e nenhum offerece nem póde offerecer cousa sobre que recaia o abatimento, por isso o Apostolo das gentes disse não que vos tinheis abatido a servo, mas a tomar a fórma de servo; e assim ainda fica salva a gloria dos vossos attributos. Mas agora, Senhor, se ides ajoelhar aos pés de Judas — perdoai, perdoai, parece-me que transcuraes as vossas proprias palavras e as vossas proprias acções! O demonio está no coração de Judas; e Vós que nas tentações do deserto, havieis permittido, sem repulsal-o, que o dragão infernal vos propozesse, ora que convertesseis as pedras em pão, ora que vos lançasseis do pinaculo do templo, ao propor-vos que lhe ajoelhasseis, mandastes como quem ereis que desapparecesse da vossa presença — *Vade Satana* — e agora... Ainda que o mundo todo fôra do demonio e não do Senhor e aquelle lh'o podesse dar como lh'o promettia — *haec omnia tibi dabo* — em muito mais que o mundo avalia o Redemptor a salvação de uma alma; e assim, foi, ajoelhou, lavou e beijou os pés a Judas: Anjos do céo que velaes os acontecimentos do universo — homens de todas as épocas que haveis presenciado os mais extraordinarios successos, vinde e dizei-me se vistes jámais caso tão novo?

Estando pois o Senhor ajoelhado aos pés de Judas, diz

S. Boaventura que de quando em quando erguia seus divinos olhos ao ingrato discipulo. Invocando e adduzindo os lugares parallelos das sagradas letras representa-se-me, que aquelle mudo gesto está dizendo: Amigo, quanto me custa perder-te! Companheiro predilecto e do numero dos doze que chamei para principes do meu reino! Ovelha escolhida do meu rebanho, que te veja nas garras do lobo, deseje salvar-te e que tu não queiras! Eu nunca te offendi, mas se queres por força maltratar-me, pisa-me, fere-me, tira-me a vida, que menos é matar-me do que vender-me; e este menor peccado endurecer-te-ha menos, dará lugar ao arrependimento e salvar-te-has — Compro-te com meu sangue, e tu me vendes por trinta dinheiros! Que escravo se deu jámais por tão vil preço! Vês? sei tudo de teus projectos contra mim; e debalde se estendem as redes á vista das aves — arrepende-te, que ainda é tempo. Repara que é sacrilego pensamento começar a guerra pelos signaes da paz — vender o amigo com um abraço e um osculo, que são prendas da amizade! Repara que reflectindo no que has feito te parecerá crueldade tão deshumana, que vingarás em ti mesmo a minha innocencia! Tudo é perdido. Judas mais sanguinolento que Caim, mais descomedido que Canaan, mais enganoso que Joab, mais traidor que Architofel, mais desagradecido que Absalão, fica obstinado! Não creio que houvesse demonio no inferno, se fosse capaz de mudança, a quem não domassem tão extremosas diligencias, e Judas fica impassivel! Santo Deus! quanto temos para vêr no dia de Juizo! Lá então saberemos de que modo uma alma humana póde chegar a tal grau de perversidade!

Senhores, o tempo urge; cumpre cedel-o a ministerios mais altos. Do que dito fica assás se deduzem as notas cara-

cteristicas do amor com que o nosso bom Deus hoje nos manda que mutuamente nos amemos, offerecendo-se a si proprio em modêlo. *Mandatum novum do vobis, ut diligatis invicem, sicut dilexi vos.* E de mais dito está para confirmar em seus sentimentos de caridade e misericordia uma Corporação que a professa por instituto e regra. Nada ha mais glorioso no orbe catholico, exclama o padre Vasconcellos, historiando os fastos da vossa Congregação, ou se attenda á parte piedosa, ou á parte util, do que as Irmandades da Misericordia, conhecidas unicamente em Portugal — Mas se á efficacia, sobre todas poderosa do exemplo geral de Jesus Christo, é preciso que eu junte motivos que nos sejam pessoaes a cada um de nós, e que, a par com o interesse da felicidade eterna, eu pondere o interesse da felicidade temporal, dizei-me: Se aquelle Senhor, alli existente tão real e verdadeiramente como está nos céos, se dignasse agora tornar-se visivel aos nossos olhos corporaes, qual de nós se não lançaria a seus pés a offerecer-lhe sem reserva tudo o que possuimos, tudo o que valemos, havendo-nos por excessivamente engrandecidos de que houvesse por bem aceitar alguma cousa da nossa mão. Pois bem! segundo a sua palavra temos em cada um de nossos irmãos infelizes um outro elle. Quando prestamos ao desgraçado o soccorro que podemos, é ao nosso Salvador a quem remediamos, é ao nosso Salvador a quem limpamos as lagrimas, é ao nosso Salvador a quem matamos a fome e a sêde, é ao nosso Salvador a quem vestimos a nudez, é ao nosso Salvador a quem encarcerado e enfermo visitamos. Enthusiastas do seculo, cessai de me gabardes os vossos prazeres! De todos os deleites que se possam saborear no mundo, é este o mais delicado. Se todos nos amassemos como Je-

sus Christo hoje nos mandou e exemplificou, figurai-vos quaes seriam então os encantos da vida.

O meu proximo se desvelaria em favorecer-me, eu me desvelaria em ajudal-o; elle lamentaria as minhas desgraças, eu applaudiria as suas fortunas; não mais litigios, não mais inimizades, não mais odios, não mais vinganças, não mais guerras. Unidos todos pelos dôces laços da caridade, a paz reinaria nas familias, a subordinação nos Estados, a probidade no commercio — os credores seriam satisfeitos, os devedores poupados, os indigentes soccorridos, perdoar-se-hia aos inimigos ou antes não haveriam inimigos — todas as nações formariam um só povo, e todo o universo uma mesma patria, ou antes um unico paraiso. Mas porque desgraça da fatalidade não é assim? Porque não cumprimos o preceito, nem imitamos o exemplo que Jesus Christo hoje nos deu. *Mandatum novum do vobis ut diligatis invicem, sicut dilexi vos.* Senhor, amereceai-vos da nossa loucura, que apaixonados admiradores dos grandes homens nós os estudamos, nós os copiamos, ás vezes ridiculamente até nos seus defeitos, e a Vós o mais perfeito dos filhos do homem, o Santo dos Santos, desprezamos de imitar. Amereceai-vos da nossa loucura, cuja falta de caridade faz da associação de homens um monstro cujos membros irregularmente articulados nem podem separar-se nem estar unidos.

Dai-nos, Senhor, efficaz graça, para que em espirito e verdade vos possamos dizer: Por vós, Senhor, pelo vosso amor, amo a todos e cada um dos meus proximos como a mim proprio. Retracto tudo aquillo em que por pensamento, palavra ou obra offendi a qualquer dos meus irmãos. D'este affecto de caridade a ninguem excluo, nem os que me forem ingratos, nem os que são meus inimigos; a todos geralmente abra-

ço e metto no seio do meu coração, porque vós, dulcissimo Jesus, meu Mestre e meu Senhor, assim o mandastes; e se mandasseis que amasse aos mesmos demonios, até aos demonios amaria, porque vós o mandaveis; mas só a estes aborreço porque só estes são vossos inimigos obstinados e nunca o poderão deixar de ser. O' Senhor, vós sois o remedio de todos e a todos podeis e desejaes fazer bem. Se eu sirvo para instrumento vosso n'esta obra, eu me offereço de todo o coração. Trazei á luz da vossa fé os gentios, á união da vossa igreja os dissidentes, ao fervor da vossa caridade os tibios, ao lume da vossa gloria a todos, especialmente as almas que penam no purgatorio e d'estas, com preferencia, as que lá estiverem dos nossos infelizes patricios, victimas do recente lastimoso naufragio. Em desconto do que padeceram os seus corpos, alliviai as suas almas — levai-as bem depressa a descançar no vosso seio — e que tambem as nossas, quando fôr da vossa divina vontade, lhes vão fazer companhia perpetuamente.

XVII

SERMÃO

DE

NOSSA SENHORA DA GRAÇA

O primeiro livro que Deus mostrou aos homens, para hes ensinar quem Elle era, antes de todos os patriarchas e rophetas, antes de toda a revelação, foi o maravilhoso qua- lro da natureza. Compulsemos, senhores, algumas paginas l'este magno volume; e para isso ergam-se ao alto os olhos.)ue magnificencia! De dia, um oceano de fogo, o sol, 93 nilhões de milhas distante de nós, derrama ás torrentes luz calor por sobre toda a natureza, vivificando-a, fecundan- o-a, creando tudo: de noite, milhares de mundos lumino- os, as estrellas, percorrendo com seus passos de 40 milhões e leguas por hora, sem confusão, nem desvio, a immensi- ão dos céos, aformoseam as trevas, alegram a escuridão. 'olvamos as vistas á terra. Que thesouro! Após tantos secu- os de ter ministrado subsistencia, conforto e regalo a mi- iares de gerações, ostenta-se tão opulenta como no primei- o dia de suas liberalidades. Tudo envelhece menos ella, a

quem cada anno remoça uma primavera nova. Esguardemos os mares. Que maravilha! Balanceamento perpetuo, fluxo e refluxo continuo lhes agita as aguas. Se parassem, corrompendo-se, uma inundação de pestilentes miasmas destruiria todo o vivente, não menos mortifera do que o antigo diluvio das aguas superiores.

Um pouco de movimento mais, e alagar-se-hiam as terras; um pouco de movimento menos, e ficariam inaccessiveis as suas praias. Contemplemos agora esse mappa abreviado da natureza, por cujo obsequio foi feito tudo o que n'ella foi feito. Sim, por quanto, com que intuito seriam creadas tantas maravilhas, se não houvesse uma creatura intelligente, que soubesse comprehendel-as, admiral-as, e a quem ellas em si mesmas narrassem a gloria d'Aquelle, que as fez subitamente apparecer do nada, a um simples — Faça-se. — Esta creatura é o homem. Em posição vertical, com a fronte erguida, na attitude do commando, elle visita os tres reinos do imperio da natureza; visita o reino mineral, e lá arranca das entranhas da terra o ouro, o ferro, mais util, mais necessario que o ouro; visita o reino vegetal, e alli aperfeiçoa e multiplica flôres e fructos; visita o reino animal, e aqui propaga e transporta de uns a outros climas as especies uteis, reduz e desterra as nocivas; e este punhado de barro animado, este atomo imperceptivel na mole do universo, sobe aos astros, desce aos abysmos sem sahir de si mesmo; e, ora na lida da officina das artes, faz sahir de suas mãos os prodigios da industria; ora no remanso do gabinete das sciencias, revelando as leis pre-estabelecidas para a existencia das cousas, parece ter sido o confidente da divindade nos dias da creação. Quem pois ao lêr registrado no grande livro do espectaculo da natureza o nome do seu author, po-

derá deixar de exclamar com o rei-propheta: *Quam magnificata sunt opera tua, domine!*

Mas, senhores, se tal magnificencia resplende nas obras da natureza, que são como o escabello dos pés do creador, qual brilhará nas obras da graça, as quaes como que lhe fabricam o throno? Se na ordem das cousas visiveis scintilla assim a virtude do omnipotente no que é apenas longiquo reflexo do seu poder, que será na ordem das cousas sobrenaturaes no que é participação immediata da sua propria natureza? Se um tenuissimo raio da intelligencia divina dest'arte constitue o homem um verdadeiro prodigio, de que prodigios se comporão aquelles que Deus formou para escolhidas urnas do seu amor? Se tal é o exilio, qual será a patria? Se tal é o escravo desterrado no valle das lagrimas, quaes serão os cidadãos e os dignitarios da côrte celeste, e superiormente a todos, qual será a mãe e filha e esposa do proprio rei, qual será Maria, ultimo empenho da graça?... Impossivel, absoluto impossivel é a lingua humana explical-o. Porém se na ordem da natureza só foi dado ao mortal descrever phenomenos, de tudo ou quasi tudo ignorando a origem, por uma disposição inversa na ordem da graça não póde a palavra descrever os effeitos, e póde a razão, ajudada da fé, assignar-lhes as causas. Ao clarão d'este facho, acceso na terra a scintillas do céo, descobre-se, que as prerogativas, os fóros, as grandezas de Maria derivam todas, unica e exclusivamente, da graça, ou consideremos a Mãe de Deus como objecto, ou por medianeira da mesma graça. Tal será, senhores, o argumento e a divisão do discurso, tendente a provar a excellencia do titulo de Senhora da Graça, sob que n'este templo é invocada, como sua Padroeira, a Vir-

Senhor, Vós não vos julgarieis assás glorificado, se conjuntamente comvosco glorificada não fosse Maria, por quanto a gloria d'um filho não é só commum, é a mesma que a gloria de sua mãe. Espero e confio pois, que do alto d'esse throno me vejaes com benignos olhos render minha tenue, sim, mas sincera homenagem Áquella que foi sempre e eternamente será o objecto querido das vossas mais ternas complacencias. Mas, Senhor, sem o auxilio da vossa graça, que efficaz impressão poderão deixar as minhas vozes no animo dos que me escutam? Menor do que a que deixa no ar a vibração do bronze que por um momento sôa, ou a que deixa nas ondas a quilha do navio que passa. A vossa graça pois, a vossa graça; para que a minha ignorancia e tibieza não esterilise o fructo da palavra santa. Mas ainda, ó meu Jesus! permitte-me, que com o vosso servo Bernardino de Senna vos diga, que se vos dignasseis deixar á minha escolha receber a graça que imploro, ou immediatamente de Vós, ou por mediação de Maria, eu com a face no pó da terra humildemente vos pedíra que pelas mãos de vossa Mãe m'a concedesseis, pois julgo acertar pensando ser do vosso maior agrado, que desçam ao mundo as graças por intervenção d'Aquella que deu ao mundo o author de todas as graças.

Portuenses, com justificado fundamento vos gloriaes de filhos dedicados de Maria; honorabilissimos senhores, revestе-vos a distincta honra de representardes esta religiosa cidade, por antonomasia a cidade da Virgem. E se aos ouvidos de filhos bem nascidos são sempre bem vindos os elogios de sua mãe, que acontecerá logo em taes filhos, e a respeito de tal mãe? Estes os penhores por que me esperanço nas vossas benevolas attenções.

Posto que o verdadeiro merito não seja patrimonio que se transmitta em herança, e haja por tanto de ser proprio, pessoal, e não transmittido o legitimo direito ao elogio que lhe cabe, é certo que são tão intimas as relações de paes a filhos, que o esplendor do nome d'aquelles não póde deixar de reflectir luz sobre o d'estes. Tanto assim que os rhetoricos authorisaram a ascendencia por fonte de louvor, e oradores mestres em seus panegyricos modêlos a ella recorreram frequentemente. Observo porém, que nos evangelhos nem uma só palavra se lê ácerca dos progenitores de Maria, sendo que de outras personagens alli se mencionam os paes, muito e muito inferiores, aliás, em jerarchia e santidade aos da Senhora. Notavel silencio e ainda mais notavel contraste! Mas silencio eloquentissimo, e contraste sublime para a gloria da Virgem. É como se os sagrados chronistas no que deixaram de dizer assim dissessem: A par com uma descendencia divina não deve mencionar-se, por elevada que seja, alguma ascendencia humana; e nós proclamamos a Maria por Mãe de Jesus Christo — *de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.* Optimamente ao intento S. Bernardo nas seguintes palavras: Maria, Mãe de Deus, foi reverentemente conservada pela natureza — *Maria Mater Dei est a natura reverenter conservata* — Reparai, senhores, que não diz o mellifluo doutor — foi produzida — mas sim — foi conservada. E com razão, porque Maria é mais producção do céo do que da terra, é antes filha da graça do que da natureza. Para celebrar esta sobrehumana genealogia, que, como diz um santo padre, começa na divindade e acaba na humanidade de Jesus Christo, é que a santa igreja põe nos labios da Virgem aquellas palavras do cantico de Salomão: Ainda não haviam os abysmos, e eu estava já concebida; ainda as fon-

tes das aguas não tinham rebentado; ainda se não tinham assentado os montes sobre a sua pesada massa; antes de haver collinas, era eu dada á luz. Exaltai agora, ó filhos dos homens, a nobreza do sangue que vos circula nas veias, a preciosidade da purpura em cujo regaço nascestes; nascestes no peccado, sois anathema desde o ventre de vossas mães, e não passaes ao vir á luz de vis escravos, como o infimo dos filhos de Adão. E se nos demais humanos a graça póde apagar-lhes a mancha da culpa original, em Maria, uma anticipação, unica, exclusiva, da mesma graça a preservou de tal mancha. Assim foi, senhores; nem podia deixar de assim ser. Pois havia de gabar-se o inferno de que a filha primogenita de Deus Padre, a mãe natural de Deus Filho, a esposa legitima de Deus Espirito Santo fôra primeiro escrava do... Eu não me atrevo a acabar a expressão.

As semanas de Daniel vão terminar, a expectação dos justos, os votos dos patriarchas, os oraculos dos prophetas vão realisar-se, o Messias promettido vai finalmente apparecer. Um archanjo de primeira ordem desce de junto ao solio da divindade, a uma cidade de Galiléa chamada Nazareth; e entrando á presença de Maria, genuflexo lhe annuncia ser ella a destinada para mãe do Salvador; que conceberá em seu seio, sem concurso de varão, e dará em tempo á luz aquelle mesmo filho que o Eterno Pae gera da sua propria substancia, desde toda a eternidade, o mesmo Deus com elle e com o Espirito Santo. Pasmai, ó céos, sobre tal grandeza! Ser Mãe de Deus! logo Maria é mais que os anjos, que são apenas ministros do Excelso. Ser Mãe de Deus! logo formando-se do sangue de Maria o sangue do Salvador, devemos-lhe tambem o preço da redempção; é co-redemptora. Ser

Mãe de Deus! logo Maria impera no mesmo Deus. Senhora, sois a mestra dos doutores, e séde da sabedoria, o primado, e principado das intelligencias celestes é vosso; e comtudo nem vós mesma alcançaes a comprehender a dignidade que possuis na qualidade de Mãe de Deus. Só Deus, diz Santo Anselmo, póde pesar e medir a grandeza de sua Mãe. Perguntas qual é a Mãe? diz Eucherio, pergunta primeiro qual é o filho. E como só Deus se póde comprehender a si mesmo, só Deus póde comprehender o que seja ser Mãe de Deus. E d'onde provém a Maria tal excesso de grandeza? Da graça. O archanjo embaixador expressamente o declara: *Invenisti gratiam apud deum; ecce concipies in utero et paries filium.*

De que dadivas pois enriquecerá um Deus omnipotente a creatura feliz que se propõe privilegiar a semelhante ponto? Collocar-lhe-ha sobre a cabeça a corôa dos reis de Judá, de quem descende? Offerecer-lhe-ha os cofres d'ouro e prata de Salomão? Não, senhores. Por ventura tem Deus olhos de carne, ou acaso julga Deus como julga o homem? A insignia do poder do pó sobre o pó, o proprio pó, que d'isto não passam as corôas e preciosidades da terra, seriam presentes dignos de um Deus? Não, mil vezes não. Maria viveu sempre na obscuridade, confundida entre o vulgo das mulheres da Judéa, em Belem não pôde offertar ao seu recem-nascido filho melhor camara que um presepe, melhor berço que umas palhas; e no calvario nem de seu teve um lençol para amortalhal-o. Virtudes, sobrenaturaes dons da graça, estas as dadivas dignas do poder do agraciador, e da dignidade da agraciada. Senhores, primeiro acabaria de enumerar as flôres dos prados, e as estrellas do céo do que as virtudes que matizaram, ou antes urdiram a preciosissima téla da existen-

cia de Maria. Indicarei pois uma na qual se concentram todas e que á Virgem communicou uma união com Deus, não menos intima que a da maternidade divina. Não vos escandalise a proposição. Não sou eu que temerariamente a affirme. Foi a propria verdade eterna, Jesus Christo, quem a estabeleceu, quando estendendo a mão para os seus discipulos, disse: Todo o que fizer a vontade de meu Pae que está nos céos, esse é meu irmão e irmã e mãe. D'onde rectamente se conclue, que se Maria, segundo a natureza, é pelas leis do sangue verdadeira mãe do Homem-Deus; segundo a graça, por sua maxima obediencia ás vontades do Pae celeste, não menos proximo parentesco a liga ao Verbo feito carne, commum filho d'ambos. Que vontades pois, ó Pae celeste, que resoluções apraz á vossa ineffavel providencia intimar á obediencia da mãe do vosso filho, que a distingam de todas as mães e a tornem bemaventurada entre todas as mulheres? Ah! christãos, a mãe do legislador do evangelho, que é o caminho estreito, alastrado d'abrolhos, que leva á bemaventurança, não devia ser conduzida pela estrada larga, juncada de flôres, que vai dar á perdição. A mãe de um Deus obediente até á morte, e morte de cruz, não podia deixar de ser submettida ás mais duras provações. Oh! quantas e quão grandes! Virgem tão amante do candor da pureza, que por ella, dizem os santos padres, renunciaria ser mãe de Deus, importa se sujeite á purificação, a que, segundo a lei de Moysés, eram obrigadas as israelitas, que tinham usado do matrimonio: esposa inviolada do Espirito Santo, importa que seja reputada ordinaria consorte de um simples homem: verdadeira mãe de Jesus Christo, importa que o mesmo amantissimo filho, em uma occasião solemne, como que não queira reconhecel-a por tal, quando perante a assembléa das nu-

as de Canaan lhe diz: mulher, que parentesco ha entre ? Os discipulos Pedro, Thiago e João são convidados ao abor, onde fruem assomos da Gloria; para Maria reserva-o Calvario com todos os seus horrores. O Calvario... que pectaculo! Quem é alli a victima? Em Jesus Christo mais pplicios e tormentos; em Maria mais amarguras e angus-s; Jesus Christo quer morrer, e morre; Maria quer mor-, e não póde; Jesus Christo morre victima do seu amor ra com os homens; Maria quer morrer victima do seu mor para com Jesus Christo, e é condemnada a sobreviver-e. Milagre novo! exclama S. Bernardo. Problema de diffi-resolução! quem soffreu mais no calvario, se a mãe se o ho? Mas para Jesus Christo ainda houve de refrigerio as lavras do bom ladrão que o proclamam Deus: Senhor, mbra-te de mim quando entrares no teu reino. Para Maria só pelo contrario a austera expressão de seu proprio filho, dicando-lhe para o substituir um simples homem: Mulher, s alli o teu filho. Oh! estranhos rigores do maior amor ontra a maior innocencia! Impenetravel segredo entre o fi-io e a mãe, entre o céo e Maria! Não, senhores, já não é se-redo. O apostolo das gentes o revelou, quando disse, que, orque Christo se fez obediente ás severissimas vontades de eu Eterno Pae, este o exaltou, e lhe deu um nome superior todo o nome: assim Maria, porque a todos os tragos de um ongo calix de amargura não teve em seu coração e labios ou-ros sentimentos e palavras do que as de Christo no Horto: Pae, faça-se a vossa vontade; por isso Deus a exaltou sobre odas as jerarchias celestes, e lhe deu um nome só inferior o seu proprio nome.

Venerando celebrante, dignissimo Reitor d'este real col-legio, dignai-vos ceder-me por um momento a vossa authori-

dade, a fim de endereçar a parenese do discurso á docil grei que pastoreaes; exhortando-a a prestar á Virgem, mais ainda que de respeito, um culto de imitação, por sua obediencia ás vontades do Pae do céo, que vós lhe representaes na terra... Mas que preceito, ou conselho estará por inculcar, e com inimitavel persuasão, áquelles que tem a dita de vos ter por chefe?! Diversa deve pois ser a minha allocução; uma que o cadeado de modestia com que o Senhor tem cingidos os vossos labios não vos permitte dirigir-lhes — Ó vós, que gozaes ainda d'essa feliz idade, que mereceu que o divino mestre reprehendesse os discipulos, por estes repellirem alguns meninos, que tentavam aproximar-se-lhe, dizendo: Deixai os meninos, e não embaraceis que elles venham a mim, porque d'estes taes é o reino dos céos. E os abraçou, impoz-lhes as mãos, e lhes deitou a benção. Meus amabilissimos meninos, a angelica saudação, com que todos os dias fazeis comprimento a Maria, repeti-a mais uma vez de agradecimento á Senhora, por vos haver alcançado, como medianeira de todos os bens, um tão bom pae, um tão douto mestre, um tão verdadeiro amigo, na pessoa do exemplar sacerdote que vos rege.

Maria, medianeira da graça.

Rainha dos céos e da terra, faltaria muito á gloria de Maria se, aquelle grandioso titulo não fosse acompanhado de equivalente poder: Mãe de pulchra dilecção e santa esperança, não o seria se não se compadecesse dos trabalhos e miserias de seus filhos: superabundante de felicidades, seria incompleta a sua dita, se d'ellas não repartisse comnosco. Mas porque o póde, o quer e o faz, é que a santa igreja lhe chama Virgem poderosa, Virgem clemente, saude dos enfer-

mos, refugio dos peccadores, consoladora dos afflictos, mãe de misericordia, vida, doçura e esperança nossa. Mas porque o póde, o quer e o faz, é que a mesma santa igreja figura ao Salomão da lei da graça, dizendo a Maria o que o da lei escripta dissera a Bethsabé: Pedi, minha mãe, o que quizerdes; que me não julgo permittido recusar-vos cousa alguma. *Pete, mater mea; neque enim fas est, ut avertam faciem meam.* Que não possa eu, senhores, pela escacez do tempo, repetir-vos aqui os fastos religiosos de todo o orbe catholico no alludido ponto! A simples historia faria muito melhor o elogio da protecção de Maria, que todos os recursos da eloquencia. Limitando-me pois aos annaes patrios, vêde. Cento e vinte e sete annos antes da fundação da monarchia já em as armas do Porto campeava por brazão de honra e dominio, entre duas torres, a imagem de Maria, com o moto — *Civitas Virginis* — Na fundação do reino, o nosso primeiro rei o torna feudatario á Senhora, tomando-a por Padroeira, e na restauração do mesmo, o senhor D. João 4.º ratifica solemnemente em côrtes o tributo e a homenagem. Até á segunda decada do seculo passado conta o padre Frei Agostinho de Santa Maria, em Portugal e seus dominios, mil setecentos cincoenta e seis santuarios publicos, dedicados á Virgem; de sorte a poder dizer-se que as terras portuguezas formam um continuado templo de Maria. Mas para que sahir do recinto em que estamos? Este templo, o seu collegio, aquella imagem dão brilhante testemunho da confiança e reconhecimento de nossos maiores á protecção de Maria. Este templo foi primitivamente a capella, que a santa rainha D. Mafalda, mulher do senhor rei D. Affonso Henriques, mandou edificar pelos annos de 1150, como voto de agradecimento á Senhora, por cuja intercessão reconhecera, haver-se frustrado o si-

nistro que n'esta mesma paragem, então chamada o monte do Olival, occorreu, quando suas reaes senhorias seguiam da cidade de Coimbra para a villa de Guimarães, que era a côrte. Aquella imagem, a mesma que a rainha, ao tempo, trazia de companhia comsigo, como sempre usava em suas jornadas. E finalmente este real collegio é gloriosa fundação do benemerito cidadão do Porto, da antiga freguezia de S. Pantaleão, hoje de S. Nicolau, o insigne varão Balthazar Guedes, o qual prometteu á Senhora que se alcançasse patrimonio para ordenar-se sacerdote, a despeito da decadencia de seu pae, negociante que fallira de bens, e não podia fazer-lh'o, se consagraria a capellão da sua ermida. Obtida a invocada mercê não só o cumpriu assim, anadio porém mais a nova clausula de comsigo hospedar junto á capella alguns ecclesiasticos pobres; clausula que ao diante commutou na de instituir um collegio, onde mantivesse e educasse meninos orphãos desamparados; e ao qual deu o titulo de collegio de Nossa Senhora da Graça. Á sombra da protecção da Virgem a tenra planta vingou por fórma, que até ao presente dia este gremio ha visto sahir do seu seio 1467 alumnos, os mais d'elles para o estado clerical e religioso, e para a profissão do commercio; subindo dos primeiros, seis á suprema jerarchia de bispos, não poucos á categoria de conegos dos principaes cabidos, e muitos ao cargo de prelados de religiões e outras dignidades. Os instrumentos de que a Senhora se tem servido para exercer a benefica influencia de Padroeira a pró do seu collegio, hão sido principalmente as Camaras do municipio, á tutella das quaes está entregue, e a proverbial philanthropia de seus habitantes. Illustres membros do corpo senatorio, nobres cidadãos do Porto, este padrão de verdadeira gloria, este legado de honra, que vos deixaram vossos

paes, não póde, não deve, e tenho fé que não ha-de florescer menos nos presentes tempos do que floresceu nos passados. É certo que pela descontinuação do magestoso edificio da Real Academia de Marinha e Commercio, que a munificencia do senhor D. João VI decretou, com o fim principal da educação dos orphãos, sobre a utilidade da cidade e provincias do norte, falhou uma grande fonte de proventos; por quanto o piedoso soberano destinára para a sustentação dos collegiaes os redditos das lojas e andares inferiores do edificio predito; as despezas de cuja fabrica, bem como as do pessoal da academia, eram custeadas pelo rico e poderoso banco da Companhia da agricultura das vinhas do Alto Douro. Mas paciencia, não importa; que a tudo ha-de supprir a protecção da Virgem, inspirando e movendo a vossa caridade. E sendo, como é, indubitavel que esta officiosa virtude a ninguem fecha as portas do coração, não o é menos que outra virtude, a prudencia, deve presidir á distribuição dos seus beneficios. Oh! que bem empregados elles aqui são! Quem me dera agora, que os limites do discurso permittissem expôr-vos os fructos de benção que este campinho produz, e podia em muito maior abundancia produzir! Mas entrai, lêde os seus providentes estatutos, observai como exactamente se cumprem, notai a educação religiosa, civil e litteraria, que a infancia aqui recebe; a infancia, que é o penhor de felicidade da geração futura; informai-vos de tudo, e reconhecereis, que este é o torrão abençoado onde a semente da esmola dá cento por um.

Urge terminar. Demonstrado, qual fica, que as prerogativas e os merecimentos de Maria provém inteiramente da graça, infere-se por consequencia necessaria que o titulo de Senhora da Graça é o mais excellente de todos os titulos da

Virgem; como aquelle, que unico lembra a causa unica de toda a sua grandeza. Que resta pois? felicitar a Maria, como objecto da graça; invocal-a, como medianeira da mesma graça.

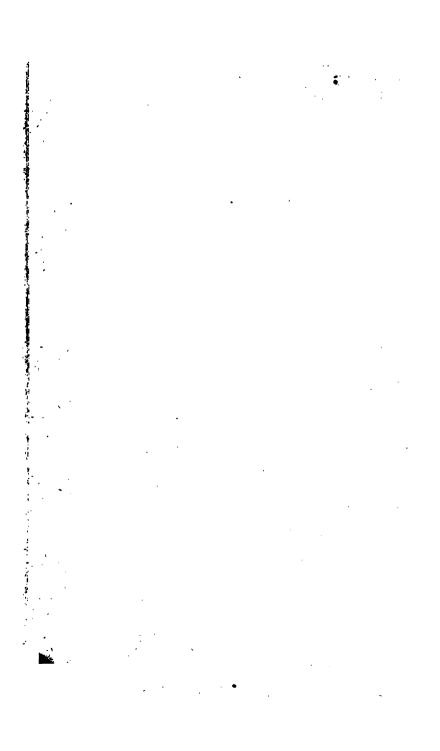
Dilectissimos irmãosinhos em Jesus Christo, vinde em meu auxilio; recolhendo em vossos innocentes corações as minhas desvalidas palavras, para que purificadas n'elles se tornem dignas de subir, qual grato perfume de louvor e prece, á presença de Maria.

Senhora, nós vos felicitamos, e muito do seio d'alma vos damos o parabem, de que tenhaes sido concebida em graça; e que desde o primeiro até ao ultimo dos vossos dias em graça tenhaes subido, sempre mais e mais até ao galarim, na presença de Deus. Nós vos felicitamos de que o Senhor seja comvosco, não só como é com os demais justos pela sua graça santificante, com a igreja pela sua presença real, com os bemaventurados pela sua visão clara; mas de que seja comvosco por incorporação effectiva da sua propria natureza, recebendo por nove mezes a vida da vossa propria vida. Nós vos felicitamos de que tenhaes sido, sejaes, e eternamente sereis a unica entre todas as mulheres ao mesmo tempo virgem e mãe. Nós vos felicitamos de que o vosso corpo apenas tenha sido entregue á morte como deposito, não como victima; e de que sem demora resuscitasseis gloriosa para ir no céo occupar um throno logo immediato ao da divindade; effeitos tudo da graça d'Aquelle, que é bemdito fructo do vosso virginal ventre. — Ave Maria cheia de graça o Senhor é comvosco, bemdita sois vós entre as mulheres, e bemdito é o fructo do vosso ventre, Jesus. Senhora, orai por nós, que fomos concebidos em peccado, e andamos continuamente em perigo de cahir n'elle; orai principalmente pelos desgraçados,

que são presa sua; lembrai-vos de que se não fosse o peccado, nem Deus se fizera homem nem vós foreis Mãe de Deus. Orai (vol-o rogamos por esse adoravel menino, que nos braços de Simeão annunciou a ruina de muitos, mas que nos vossos braços annuncia a salvação de todos) orai, Senhora, por nós, agora, sempre e muito principalmente na hora da nossa morte.... Ó Mãe Santissima, pois ha-de perder-se algum dos que ajudastes a remir? ha-de o infernal dragão, cuja cabeça victoriosamente pisastes, roubar-vos um só que seja dos vossos filhos? Não o consintaes, Senhora; alcançando-nos a todos a graça final. Santa Maria &c.

XVIII

SERMÃO

DO

CORAÇÃO DE MARIA

Salve, Nobre Filha dos Reis; mais formosa do que a aurora rociando os prados, dourando as ondas; mais pura do que o lilio recem-aberto ao sorrir da manhã; mais candida do que a neve das montanhas; mais engraçada do que a rosa; mais preciosa do que os rubis; mais casta do que os anjos... Salve, Soberana Imperatriz dos céos e da terra, Adoravel Mãe de Deus e dos homens! A Vossa Vice-divina Magestade, sob a invocação amorosa do Seu Santissimo e Immaculado Coração, e por mãos da devota Archi-Confraria d'este titulo, humildemente consagro, dedico e offereço a seguinte Oração laudatoria.

Que são para o homem todos os interesses do mundo comparados com o só interesse de conhecer-se a si proprio! Que é pois o homem? Ensinai-m'o, vol-o rogo, ó vós, oraculos da philosophia que pomposamente se define — a sciencia das

cousas divinas e humanas—; ó vós, que vos proclamaes, em nome da razão, por mestres e alumiadores do genero humano. O homem, respondem os que menos lhe degradam o ser, é o rei da creação, ao qual fabricam a corôa as duas maximas potencias — Entendimento e Vontade. Oh! mas eu estendo os olhos pelas maravilhas da escala zoologica, e vejo a ave medindo o vôo pelo alcance do tiro; a rapoza, com suas astucias sempre novas, transviando e illudindo a matilha do caçador; eu vejo, aqui diques construidos pelo castor, alli palacios edificados pela abelha, acolá.... « É instincto — respondeis.» Questão de nome, que não altera a natureza do facto. Observai ainda commigo. É o desvelado mastim, o fiel guarda do rebanho, que offereço á vossa contemplação. Vêde-o todo olhos, todo ouvidos, attendendo ao pastor para lhe obedecer, á grei para a commandar. Ha cousas que elle permitte a seus subordinados, outras que lhes prohibe: distingue a seara, que deve ser poupada, do pastio que póde ser concedido; traça entre uma e outra divisoria linha que faz respeitar, e reconduzindo sempre á ordem a multidão avida e ignorante, ora contém os temerarios com vozes e movimentos que os aterram, ora castiga os obstinados para quem um primeiro aviso não foi bastante. Que vos parece, sabios naturalistas? É ainda instincto, dizeis. Será. Mas o animal distinguiu, escolheu, admoestou, puniu, obedeceu, mandou, recebeu ordens que executou, outras que transmittiu; tudo com rapidez, rectidão e discernimento: e o senso commum chama a isto — entender e querer. E depois; se se aniquilassem no homem as faculdades que elle tem em commum com os animaes, que se aniquilava? Um animal mais perfeito, isso sim; todo o homem, isso não. Ficava ainda essa consciencia energica, esse preceptor severo, que censura as

paixões más, se regosija de as vêr abatidas, e lhes envenena com o amargor do remorso seus falsos prazeres; que absolve, e que condemna; que atira ás galés, segundo o espirituoso dizer de Tacito, a alma atroz de um Tiberio, em quanto seu corpo avulta no throno; que traz Nero espavorido no silencio da noite pelos salões do seu palacio, após os assassinatos de sua esposa e de sua mãe, em quanto o incenso fumea sobre os altares em honra d'estes attentados: ao passo que faz dizer ao valente campeão da Fé, já em caminho para o supplicio, dirigindo-se ao seu barbaro juiz: « Vou morrer mais contente que tu vives; põe a mão sobre o meu coração para que vejas, que elle está mais tranquillo do que o teu.» Ficava ainda o sentimento do infinito, que o tempo e o espaço não podem satisfazer. Ficava ainda o sentimento de um bello, de um perfeito, cujo typo se não acha em parte alguma do planeta que habitamos. Ficava inda a ancia da felicidade, que todos os bens da terra não podem saciar... Senhor, que o formastes, dignai-vos revelar-me o que é o homem. Já está revelado. Havendo Deus tirado do nada o céo e os astros, a terra, as plantas e os animaes, disse: Façamos o homem á nossa imagem e semelhança, para que elle presida ao universo. Agora, sim, que fallou o Omnisciente, e Aquelle que não póde enganar nem ser enganado. O que é o homem? Eu vol-o digo, ó sabios do mundo; eu espirito fraco, intelligencia curta, mas illustrado pela revelação. O homem é a singular e unica das creaturas sublunares feita á imagem e semelhança de Deus. Mas que raio de luz é esse que projectando-se do centro de toda a luz, Deus, reflecte no homem para n'elle copiar a imagem e semelhança da Divindade? São os sentimentos moraes, as emoções affectivas, que o peccado de origem não perverteu totalmente. D'esta fonte é

que deriva a idéa do justo e do injusto, do bem e do mal, do vicio e da virtude; idéa absoluta, necessaria, natural, innata, independente da vontade, dos lugares e dos climas, da educação e das instituições, das paixões e dos interesses; que poderão sim modifical-a ou fazel-a desconhecer por algum tempo; porém jámais extinguil-a; idéa em virtude da qual o homem limitou voluntario desde a origem a sua propria liberdade, forçando-a á obediencia, por regulamentos e leis, primeiro na familia, depois na tribu e ultimamente no Estado. E aqui, por este affecto de ordem e de moralidade se assemelha o homem, do possivel modo, á Eterna Rectidão e Justiça. É d'aquella fonte, os sentimentos moraes, as emoções affectivas, que deriva o horror da aniquilação, o desejo da immortalidade. Tudo passa no mundo como a sombra no quadrante. Resaltando lá do seio do abysmo em catadupas a rolar sobre os mundos té sumir-se da eternidade no espantoso golfão, a torrente do tempo nem recua, nem pára; o actual instante já presente não é, e o que vem sêl-o, ei-lo passou, fugiu, e mais não torna. Assim o passado feneceu, o presente desapparece e o futuro não é mais do que uma esperança. Uma esperança! Ó mortal, eis-aqui a tua grandeza. No meio d'este mundo de destruição, na presença da morte, quando tudo acaba em torno de ti, tu esperas uma vida que não ha-de acabar. Ao aspecto da eternidade não recuas, avanças para ella, animado pelo sentimento do infinito. A cadêa da tua existencia, começada na terra, não se parte, vai perder-se no céo. E aqui, por este horror da aniquilação, por este anhelo de uma vida sem limites se mostra o homem do possivel modo, semelhante a Deus; por quanto esse horror e esse anhelo o chamam e convidam a participar por graça da mesma eternidade que a Deus pertence por natureza. Pois, dile-

ctissimos, é para significar os sentimentos moraes, as emoções affectivas, de que fallo, que a Sagrada Escriptura multiplicadas vezes emprega a palavra coração—N'esta accepção é que o Rei-propheta diz — psalmo 7.º v. 10 « que Deus sonda os corações. » É n'esta accepção que se entende a passagem do Evangelho de S. Matheus, capitulo 6.º v. 21 na qual se lê « onde está o teu thesouro ahi está o teu coração. » É ainda finalmente (para não accumular mais textos) no mesmo sentido que no Livro 1.º dos Reis, capitulo 13.º v. 14 se attribue a Deus, coração; dizendo-se alli a respeito de David, que Deus escolhera um homem segundo o seu coração. Á propria linguagem vulgar e ainda philosophica dos idiomas que conheço, não é estranha esta expressão figurada; que se fundamenta em que o phenomeno do contra-golpe dos abalos da sensibilidade interior, ou affectos, experimenta-se n'aquella região do corpo reputada séde do que os gregos chamavam phrenes os latinos — *animus* — e nós chamamos sentimento; a qual é a região do coração. Assim que, segundo os dous grandes criterios divino e humano, a Escriptura e as linguas, fallar do Coração de Maria deverá ser fallar dos affectos e sentimentos da Virgem. Ora o humano coração não póde ser susceptivel se não de vicios ou virtudes; e dos vicios e virtudes é o coração a fonte, o receptaculo e a officina. Por isso os antigos no retrato da virtude usavam collocar-lhe um sol sobre o peito, como querendo indicar, que do coração é que parte a luz que a abrilhanta, o calor que a vivifica. Fallar pois do Coração, quer dizer, dos affectos e sentimentos da Virgem cheia de graça desde o primeiro instante de sua existencia e deverá forçosamente ser fallar das virtudes de Maria. E que lingua será sufficiente para tal panegyrico? Nem a dos anjos; porque ainda todo o ouro da

eloquencia de um seraphim não passaria de pequena porção de argilla em comparação d'aquellas virtudes — *omne aurum in comparatione illius arena est exigua* — E todavia, eu, pobre mortal, sem sciencia, sem arte, e sobre tudo sem aquella inspiração do alto que dá azas e olhos d'aguia á fraca mente humana para remontar-se sobre a região das nuvens e encarar os fulgores celestes, não recusei a empreza. Ainda mais: aquella razoavel apprehensão do perigo; aquelle tremor que usa de mim apoderar-se sempre que subo á cadeira evangelica, não me amesquinha agora; sinto-me possuido, sim, do respeito que inspira a santidade do lugar e do culto, e a gravidade do auditorio; mas corajoso, contente, como aquelle que se contempla no posto de honra, a que o seu dever o chamou. Não se escandalise, senhores, a vossa modestia, presuppondo-me deslumbrado de louca vaidade. Attendei-me e concordareis commigo. Todos os beneficios da graça e da natureza os recebemos por mediação de Maria. Deus não exigia do povo escolhido, como symbolo da solução da divida da sua gratidão, as producções melhores, mas as primeiras: nas dividas de primor todas as conveniencias chamam á solução primeira o devedor mais generosamente favorecido; e o devedor mais generosamente favorecido será sem duvida aquelle que menos merecesse os beneficios que recebeu. Dizei-me agora se eu tenho ou não razão para persuadir-me que estas primicias do primeiro panegyrico do Coração de Maria, que á Senhora se tributam na sua predilecta cidade, no Porto que lhe é consagrado, era a mim que incumbia pagal-as não obstante toda a minha insufficencia.

Mas, Senhor, que póde sem Vós o homem, ainda quando se propõe o cumprimento do mais religioso dever? Di-

gnai-vos pois, dispensando no impedimento que minhas culpas lhe oppõe, realisar em mim a promessa, que fizestes de assistir aos que evangelisam a vossa palavra. E é por vossa interferencia, ó Dispensadora dos bens do céo, que me esperanço de obter a implorada graça. Ah! quanto a minha alma folga de vos ter por medianeira! Atrevo-me a dizer com S. Bernardino, que se o vosso divino Filho pozesse em minha escolha receber seus dons, ou immediatamente de suas mãos, para que só a Elle os devesse, ou por intermedio das vossas para que tambem a Vós vos ficasse devedor, eu prostrado com a face em terra instantemente lhe pedíra que por vossa intercessão m'os concedesse; por quanto este é sem duvida o seu maior agrado, descerem as graças á terra pelo mesmo caminho por onde á terra desceu o author de todas as graças. Senhora, Vós sois a mulher forte, em quem deve confiar, diz o Espirito Santo, o coração do esposo; e, se o coração do esposo, com quanto maior razão o coração do filho!

Mostrai que sois minha mãe,
E entregai minha oração
Áquelle que déste ao mundo
Do mundo p'ra redempção.

Rainha dos céos, Vós não precisaes das dadivas da terra; mas, Coração benigno, aceitaes com igual indulgencia a sêda e o ouro, as perolas e os diamantes, ou as singelas flôres, com que pia devoção vos adorna as aras. Não desprezareis pois por ser pobre a minha offerta; que vão a par com ella os mais ardentes desejos de que todas as arêas do oceano, todos os atomos do ar, todas as folhas do campo, todas as es-

trellas do céo fossem mundos cheios de corações para amar e linguas para engrandecer o Vosso Santissimo e Immaculado Coração.

Rogar aos filhos attenção benevola para escutarem os elogios de sua mãe; pondo assim em duvida ou os meritos d'esta ou o amor d'aquelles, não era pedir, era offender. Portanto, prescindo do usual comprimento, e desde já principío.

Na formação do primeiro homem não se dignou o Creador associar-se o ministerio dos anjos, ou repartir com elles da sua gloria. Façamos o homem, disseram mutuamente entre si as tres divinas Pessoas, e o homem foi feito. Mas para a formação muito mais gloriosa do homem novo, para o Verbo se fazer carne, as tres divinas Pessoas dignam-se tratar com Maria, enviando-lhe um anjo da primeira ordem, a fim de obter o seu consentimento. Maria delibera sobre o maximo designio do Eterno, e, em quanto não resolve, pendem de suas mãos os destinos do mundo; retarda, por assim dizer, a execução do decreto lavrado nos conselhos do Altissimo; e os obstaculos que a sua humildade profundissima e a sua inviolavel virgindade lhe suggerem, teriam por algum tempo conservado, como suspensa e em duvidosa expectação, a Trindade mesma, se a Trindade podesse duvidar da filial obediencia de Maria. Oh! prodigio de authoridade de uma creatura na execução da maior obra da omnipotencia divina! Que não pare aqui, senhores, a nossa admiração. Esta authoridade de Maria sobre a Encarnação do Verbo, é um dom á Senhora concedido em vista de sua futura maternidade, e pelo qual Deus se honra a si proprio, honrando a liberdade com que uma vez enriquecera a sua creatura. Mas

apénas realisada aquella maternidade divina, Maria entra na posse de todos os direitos de uma authoridade natural, não já sobre a obra de Deus, mas sobre a Pessoa mesma de Deus. O Unigenito do Eterno, consubstancial ao Pae, e a quem louvam os anjos, adoram as dominações, e de quem tremem as potestades, obedece a Maria. — *Erat subditus illis.* — Que assombro! exclama aqui S. Bernardo. Qual é maior? a submissão do filho, ou o imperio da mãe? a humildade de um Deus, que obedece a uma mulher, ou a grandeza de uma mulher, que domina em um Deus?

Pois, dilectidissimos, por immensa que seja a altura a que elevou a Maria a sua divina maternidade, a maior fastigio de gloria a subiram os affectos de seu Santissimo e Immaculado Coração, isto é, as suas virtudes, a sua santidade. Não sou eu, homem ignorante e sem o espirito de Deus, que o digo; não é algum respeitavel Padre da Igreja; não é ainda a mesma Igreja, Mestre da doutrina de Jesus Christo; é o proprio Jesus Christo. Bemaventurado o seio, em que andaste, e os peitos que te crearam! exclama uma mulher da turba arrebatada das torrentes de sabedoria, que vê diffundiremse dos labios do Salvador! E que lhe responde o Salvador? Mais venturosos ainda são os que ouvem e praticam a palavra de Deus. De sorte que segundo o testemunho da Verdade Eterna, mais digna de felicitações é Maria por sempre trazer a Deus em seu Santissimo e Immaculado Coração do que pelo haver trazido nove mezes em seu castissimo seio. Ainda mais. Foram as virtudes d'este Coração Santissimo que lhe attrahiram a gloria d'aquella maternidade divina. Tambem não sou eu que o digo, é a Santa Igreja, que em festival hymno o decanta:

Hujus castissima
Cordis integritas,
Hujus santissima
Cordis humilitas
Collo Verbum rapit

Ó altura, ó amplidão das virtudes de Maria, alma da sua alma, coração do seu coração, como descrever-te? Descrevendo-as todas? Impossivel: a algumas? Onde tudo é optimo, quem poderá julgar-se authorisado para dizer: isto é melhor. *Quo me vertam nescio.* Um expediente me occorre. A formula de dizer abstracta exclue completamente a sua adversa; por isso S. Paulo não chamou a Christo, santo, mas a propria santidade. *Qui factus est pro nobis justitia et sanctificatio* — querendo com este termo generico significar a negação de toda a culpa. Ora ao Coração da Virgem nunca maculou ainda a mais leve sombra de peccado, nem actual, nem original. Portanto direi sem temor de errar, que o Coração de Maria foi por graça o que o Coração de Jesus por natureza, isto é, não só santissimo, mas a propria santidade. Fallarei pois da santidade do coração de Maria generica e abstractamente; e se alguma virtude commemorar em particular ou concreto será aquella que a torrente do discurso trouxer e não a que a escolha preferir.

A santidade do Coração de Maria é toda singular: singular em seu oriente, singular em seu ascenso até tocar o zenith, singular em seu occaso — não — que o não teve; em sua translação para mais sublime systema; em sua consummação. Aquelle Coração não conhece esses estados que como degraus tem a subir ainda o maior justo, antes que at-

nja a ultima perfeição e a que os mysticos chamam primei-
) — purificativo, em que o coração anda purificando-se de
rimes e desterrando vicios; segundo — illuminativo, em que
coração por estar já purificado das maiores trevas vai rece-
endo illuminações do céo e plantando virtudes: terceiro —
initivo, em que o coração já rico de virtudes procura unir-
e com Deus pela quanto possivel semelhança e perfeita
esignação em sua divina vontade. O Coração de Maria toca
lesde o principio o mais elevado grau de perfeição e por
primicias da graça recebe a plenitude d'ella.

Nenhuma graça, por abundante que seja, póde comparar-
se com a primeira graça de Maria. Esta só primeira graça é
muito e muito superior a todos os dons liberalisados aos an-
os, aos patriarchas, aos prophetas e aos apostolos. Esta só
primeira graça excede quantas tem dimanado e dimanarão
ámais dos merecimentos infinitos do sangue de Jesus Chris-
o; porque todas essas graças param na formação de um
anto, e a primeira graça de Maria tende á formação do San-
) dos Santos. Aqui não se tratava já da construcção do ta-
ernaculo para n'elle se collocarem o candelabro d'ouro, os
ães da proposição, o altar dos perfumes, a arca da alliança;
ão se tratava já da construcção do propiciatorio, no qual,
)bre as azas de dous seraphins, pousasse a nuvem, em que
Senhor fizesse sensivel a sua presença; tratava-se da for-
nação d'aquelle orgão que devia dar o impulso ao sangue
'onde se formasse a sacro-santa humanidade do proprio Je-
us Christo... aquelle orgão, disse eu; pois que?! não só-
nente no sentido figurado, mas ainda no proprio; não só-
nente como symbolo dos affectos, mas ainda como parte
onstitutiva do Corpo da Virgem chamarei a seu Coração,
antissimo? Fieis, o pulpito deve ser a tribuna da verdade;

e eu espero da divina misericordia que primeiro me ferirá de mudez os labios do que permitta que eu o profane com mentiras. Nem a minha heroina deixaria de repellir com indignação um elogio fabuloso. Ouvi e julgai vós mesmo se eu exagero. Refere o Genesis que quando Eliezer, mordomo de Abrahão, foi por este enviado á Mesopotamia a fim de trazer d'ahi esposa a Isaac, disse o Santo Patriarcha ao seu servo: Põe a mão debaixo da minha coxa para eu te fazer jurar. Respeitavel Pae dos Crentes, permitti vos observe: não seria mais congruente mandar a Eliezer pôr a mão sobre o altar dos sacrificios? Não, responde Santo Agostinho. O altar dos sacrificios não era, a mesma arca da alliança não seria mais santa para sobre ella se jurar, do que a carne de Abrahão, da qual, no correr dos seculos, havia de provir a carne do Salvador. Dizes-me agora se eu exagero quando nomeio — santissima a propria carne do coração de Maria? Maria de cujo organismo proveio immediatamente a sacro-santa humanidade de Jesus Christo.

Santidade do Coração de Maria singular em seu ascenso até tocar o zenith. Continuemos. Que pequenissima cousa é o homem vogando no mar da vida á mercê das ondas e das ventanias de suas paixões! E como esta fragil creatura se sacrifica todos os dias pelo ridiculo e vão capricho de seus affectos! Que idéa ficaria formando de nós um ente superior á humanidade que contemplasse lá da sua alta esphera estas pequenas formigas da terra disputando-se encarniçadamente alguns monticulos da mesma, devorando-se reciprocamente para se decidir quem ha-de gozar a vaidade de governar por alguns momentos outros vermes como elle; curvando-se em adoração perante o que teve a industria de accumular maior carga de uma terra amarella chamada ouro! Por pou-

co que se reflicta na immensidade d'esta natureza que nos cerca, na grandeza dos céos e dos astros que giram na amplidão do firmamento, forçosamente concluiremos que o homem não é mais do que um ponto no espaço infinito, destinado a passar na terra uma vida imperceptivel de dous dias, e esses cheios de muitas e inevitaveis miserias: e todavia afadigamo-nos por encurtal-a como se fôra de seculos, e, em quanto não termina, por mais e mais envenenal-a como se fôra tecida toda de verdadeiras delicias! Fatal loucura! Desgraçada cegueira!... Cegueira... não disse bem. Dentro em nós ha uma luz que nos mostra o abysmo e d'elle nos repulsa; trevas que nol-o encobrem, e a elle nos impellem. Estes estranhos combates que o homem experimenta dentro em si levaram Platão a reconhecer na alma humana duas partes; uma sublime, collocada como na summidade de um olympo, á qual ficam subjacentes as nuvens e as tempestades; outra rasteira, selvagem, agreste, feroz, obedecendo como os brutos aos appetites, revolvendo-se no lodaçal dos vicios, batida pelas tempestades da colera, da inveja, do odio, de todos os ruins affectos, amollecida por vergonhosas delicias, ou lançada por terra debaixo da ferrea planta da dôr. É a este como homem duplicado que existe dentro do homem unico que allude S. Paulo quando diz: Eu não approvo o que faço; porque não faço esse bem que quero; mas o mal que aborreço, esse é que faço. Com a capital differença que d'este facto reconhecido pelo pagão e pelo apostolo é absurdo tirar com aquelle a consequencia de que o Creador formou o homem como por folguedo ou passatempo; e racionavel attribuil-o com este á lei da carne; effeito do peccado de origem; que combate continuamente contra a lei do espirito, reliquia da innocencia primitiva. Se o Doutor das gentes, o

terna, o amor dos homens de quem vai tornar-se Co-redemptora, dicta-lhe que aceite. E quem vence? Vence a obediencia, vence a submissão á divina vontade: *ecce ancilla domini.* O sombrio descontentamento de seu casto esposo, o Patriarcha S. José, em quanto não sciente do mysterio da Encarnação, descontentamento que as mais vehementes apparencias motivam, mal póde occultar-se aos olhos da Virgem, já mãe por virtude do Altissimo. O santo temor de se vêr suspeitada, perdida, repudiada, senão morta a golpes de pedras, sendo seu proprio esposo quem devia, segundo a lei, lançar a primeira; o santo temor de produzir o escandalo, o santo desejo de tranquillisar o Varão justo, a cuja tutela Deus a confiára, dictam-lhe que publique a gloriosa embaixada do anjo — oppõe-se a modestia dictando-lhe que esconda a elevação a que foi sublimada. E quem vence? Vence a resignação total nas disposições da Providencia, á qual entrega o cuidado de defender sua innocencia. Abandona tudo a Deus e o seu coração fica em paz. No calvario, os insultos, as blasphemias, a nudez, o titulo posto por escarneo, a corôa d'espinhos, os cravos... ai! que justificados estimulos á piedade materna para que ao menos peça á justiça do Eterno Pae que poupe se quer um de tantos tormentos ao Filho innocentissimo — oppõe-se o zelo da honra de Deus que devia ser desaffrontada e d'aquelle modo — *opportuit sic fieri* — E quem vence? Vence a submissão aos divinos beneplacitos, altamente expressa n'aquelle silencio com que permanece firme junto da Cruz — *stabat* — silencio de resignação em que se estão lendo as palavras do rei-propheta — *Paratum cor meum, Deus: paratum cor meum.* Ó Deus, o meu coração está prompto a obedecer-vos! Esta sim que é a ver-

dadeira philosophia que nos ensina o segredo de sermos felizes ainda no meio das maiores adversidades.

Santidade do coração de Maria, singular na sua consummação. Onde parará esta enchente de graças e merecimentos que inunda o coração de Maria? Que margens e que leito para limites a este rio; que vasto, immenso logo desde a origem, em sua longa carreira nada perde das aguas primitivas, antes recebe o tributo de mil outras que em seu seio vem derramar-se. A divindade é incommunicavel; é esta uma verdade de Fé; todos a reconhecemos; mas igualmente se não póde deixar de reconhecer que em quanto o Verbo repousou no seio purissimo da Virgem, desde a Encarnação até ao nascimento de Jesus Christo, é indispensavel recorrer á mesma Fé para não confundir a santidade de Maria com a santidade de seu proprio Filho. É a Maria e só a Maria a quem então cabem com exactidão plena as palavras do Apostolo: Eu vivo; mas não sou eu que vivo: é Jesus Christo que vive em mim. Uma santidade assim excede a esphera humana — é quasi divina; parece que não poderia subir mais alto. E subiu. Não é a carne e o sangue que nos une a Deus, fonte de toda a santificação; é o sentimento maximo do coração — é o amor. Em quanto o Verbo humanado não encetou a carreira de sua vida exterior toda juncada de soffrimentos, Maria ama com affecto; mas desde aquelle momento, ama com paixão. Partilhando os padecimentos de seu Filho, sobe á quinta essencia do fino amar que é padecer pelo objecto amado. A pobreza do presepe, os trabalhos da fuga para o Egypto e regresso para Nazareth, a contradicção da cidade ingrata, as traições dos principes dos sacerdotes, a paixão, a morte do seu Jesus, quantos e quão profundos golpes n'Aquelle terno Coração! mas golpes que, semelhan-

pede o divino Filho de Maria? Pasmaes, ó céos, sobre tal excesso de bondade! É o nosso coração. *Praebe, fili mihi, cor tuum mihi.* Meu filho, diz o Senhor, dá-me o teu coração. Offerecer pois em holocausto a Jesus a incruenta victima que elle solicita, sobre a pyra do Coração de Maria, Ethna do amor divino, julgo-o o tributo de que mais se pague o Filho e portanto o mais agradavel á Mãe. Assim o entende o caritativo espirito da piedosa Associação do Santissimo e Immaculado Coração de Maria. Oh! que pathetico e magestoso espectaculo offerece agora a meus olhos a santa pratica de seus espirituaes exercicios! Não são os exercitos dos soldados da Cruz, que marcharam outr'ora á Palestina a fim de libertar o sepulchro de Christo. São legiões de combatentes de nova especie que cobrem hoje toda a superficie do mundo conhecido, desde a policiada Europa até ás incultas ilhas, ao sueste e leste da Asia. Que pendão hasteam? O do Coração de Maria. Em que campo ferem a peleja? No templo, aos pés do altar da Virgem. Qual é o seu grito de guerra? Por Maria; e á conversão dos peccadores. Que armas empunham? As da oração. Que enthusiasmo os anima? A Fé na divina promessa — Tudo o que orando pedirdes vos será feito: — e a confiança no valimento d'Aquella cuja intercessão tem força de dobrar a propria vontade de Deus, como aconteceu nas bôdas de Canaan; porque o Senhor tinha dito que ainda não era chegada a hora dos prodigios; e todavia fez o milagre que Sua Mãe lhe pedira. Oh! que pathetico e magestoso espectaculo! Em volta dos altares do Coração de Maria, hoje quasi innumeraveis, tantos joelhos em terra, tantas mãos erguidas, tantos olhos em lagrimas, tantos corações enlevados em oração, um e outro sexo, todas as idades, todas as condições,

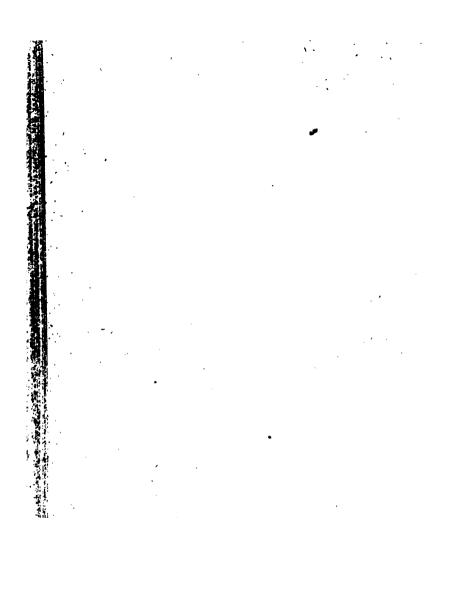
todos os estados. Aqui é uma mãe christãmente extremosa que diz á Virgem: Senhora, Vós sois mãe, e quem melhor que Vós avalia o amor materno! acudi a meu filho, a quem as paixões da juventude arrastaram á perdição. Convertei-o. Alli é um mancebo litterato que pela intercessão de Maria já sabe dar a preferencia á sciencia da salvação sobre todas as sciencias; ora, dizendo: Senhora, Vós sois a séde da sabedoria: illuminai aquelles de meus amigos e companheiros de estudos, a quem uma falsa philosophia cegue. Acudi-lhes. Convertei-os. Acolá é um encurvado ancião que, fiando-se nas promessas do mundo, correu toda a escala de seus chamados bens, em busca da felicidade; mas em vão; que só a veio encontrar aos pés de Maria; tambem ora, dizendo — de tantos que meus maus exemplos d'outr'ora corromperam, por desgraça alguns digam — ainda não é tempo para a emenda; outros — já não é tempo; e a todos ameace a morte eterna! Acudi-lhes, Senhora. Convertei-os. Olhai: E não pedem só por seus parentes, amigos ou patricios; pedem por pessoas, que nunca viram, nem conheceram, por estranhos de remotos climas; pelos proprios inimigos. Oh! Caridade christã como és bella! Oh! Communhão dos santos como serás efficaz! Oh! Religião divina do Crucificado! qual outra nos mostra em Deus um pae tão amoroso, que quando se vê obrigado a punir seus filhos folga de que a Mãe compadecida lh'os venha tirar das mãos?! Orai, orai, combatei, combatei, soldados da Virgem, sem desfallecer — *opportet orare et non deficere* — e triumphareis. E n'esse dia, no dia de cada conversão que imploraes e obtiverdes, dareis ao coração de Maria maior prazer do que, quando prevista na Mente Eterna, assistindo ás obras da Creação viu resaltar a luz do seio das trévas; por que crear foi grande maravilha; mas

salvar é ainda maior rasgo da omnipotencia e amor de seu Filho. E se um coração conquistado para o céo é o brazão mais glorioso com que adornar-se podem as bandeiras d'esta Guerreira pacifica; a imitação de suas virtudes é o mais grato incenso de louvor, é o mais pomposo epinicio com que possamos applaudir suas victorias. Oh! quão formosos e dignos de ser seguidos são os teus passos, ó Filha do Principe! Corações, que arrastraes as cadêas do rei das trévas, e viveis privados da nobre liberdade de filhos de Deus e de Maria, não tendes razão alguma que para tal vos justifique. Fallo especialmente comtigo, coração meu! que razão allegas? Que a salvação eterna é uma felicidade remota que não cabe debaixo do alcance dos sentidos? Pois bem: argumentar-te-hei com as proprias fortunas temporaes. Dize-me, não é a paz a primeira d'ellas? E quem jámais resistiu a Deus e gozou paz? —*Quis Deo restit et pacem habuit?* Não é a saude logo o segundo dos bens da terra? Olha o que diz o Rei-propheta—*Non est sanitas in carne mea, a facie peccatorum meorum.* Os peccados afugentaram do meu corpo a saude. Olha o que diz o Apostolo escrevendo aos de Corintho: Esta é a razão (o peccado) por que entre vós ha muitos enfermos e sem forças, e muitos morrem prematuramente. Se a intensa luz do Sol de justiça, que é Christo, deslumbra os olhos do peccador; se teme não poder seguir de perto os seus passos por que são os passos gigantes de um Deus, Maria é a Estrella do mar que com seu reflectido fulgor encaminha e orienta para o porto da salvação o navegante errado. Senhora, lançar-nos-hemos aos vossos Pés, para nos abraçar com seus vestigios, e d'ahi nos não levantaremos sem que nos deiteis a vossa benção; signal de predestinação. Santo Anselmo nos segura que assim como é impossivel salvar-se quem não

ôr vosso devoto, impossivel é perder-se quem o tiver sido. Nós protestamos na presença do Deus Vivo, que queremos ser muito devotos do vosso Santissimo e Immaculado Coração, para que na hora da morte n'elle nos escondaes da ira do Supremo Juiz. Ó Mãe Santissima, pois ha-de gabar-se o demonio de que prevaleceu contra Vós, roubando-vos um só que seja dos vossos filhos?! Não o consintaes, Senhora. Para o vosso divino Filho dever ser por nós amado com todo o coração, bastava ter-nos em Vós dado uma tão boa Mãe; e todavia aos vossos proprios olhos, em vossos proprios braços temos crucificado aquelle manso cordeiro. Oh! ingratidão atrocissima! Assim é, assim é. Nada temos que allegar em nossa defeza se não que não ha-de tornar a ser assim. Quando o Vosso divino Filho expirando na Cruz inclinou a Cabeça para Vós, foi o mesmo que dizer-vos que em Vós ficava o nosso refugio: não temos outro. Lembrai-vos, ó piedosissima Virgem, que jámais em seculo algum se ouviu dizer que fosse desprezado quem recorreu á vossa protecção, quem implorou o vosso soccorro, quem pediu os vossos auxilios. Animados com esta confiança a Vós clamamos: Ó Refugio dos peccadores, orai por nós. Santissimo e Immaculado Coração de Maria, acolhei-nos em vosso seio.

XIX

SERMÃO

DO

TRIUMPHO DA SANTA CRUZ

Um triumpho! Igreja santa, esposa do Cordeiro, mãe la evangelica paz, tambem te encostas á columna bellica?! ambem te corôas de louros ensanguentados?! por ventura és u raio da guerra, ou acaso são teus alumnos os heroes da spada? Mas onde o eburneo carro, tirado a leões, que hae conduzir ao theatro da acclamação o triumphador? onde s reis vencidos, cobertos de luto, carregados de ferros, que ɜm de seguir o prestito? quem o orador incumbido da apoɪeose do heroe? a qual deverá todavia, por indispensavel ɪrmula, terminar com esta humilhante clausula — Lembraɜ de que és um puro homem... Oh! que allucinação a miha! Cuidei estar em presença da triumphal ovação de alum novo Alexandre ou Cesar; e perscrutava com os olhos da arne os espectaculos sobrenaturaes do céo. Longe, para em longe tão indigno parallelo. Aqui o triumphador é Jeus Christo: está dito tudo, para desde logo se concluir que

em seu triumpho tudo será novo, unico, incomparavel. Aos triumphos precedem as victorias, ás victorias os combates, por inevitavel encadeamento. Nos combates da terra que se observa? Mil agudos ais, mil longos suspiros, que não encontram piedade, abafados a intervallos pelo rouco troar do canhão e sibilante zunido da mosqueteria; nuvens de fumo e pó, rios de sangue,

> Cabeças que p'lo campo vão saltando,
> Braços, pernas, sem dono e sem sentido,
> E d'outros as entranhas palpitando,
> Pallida a côr, e o gesto amortecido.

Espectaculo credor de ser, como o é, fulminado pela maldição das esposas e das mães. Nas victorias da terra que se observa? O tributo do sangue e do ouro sobre os vencidos; a conquista da terra alheia: no triumpho, quando muito, a inauguração d'uma estatua, que, não poucas vezes, primeiro que o tempo a gaste, a nova geração a apêa.

Jesus Christo combate na cruz, vence no sepulchro, triumpha na ascensão. Na cruz, morre, e é morrendo que mata os inimigos que combater viera. No sepulchro, vence resuscitando-se a si e a nós com elle. Na ascensão, triumpha subindo por virtude propria ao céo para ao céo nos subir após si. No combate, não desfecha golpes, é elle que os recebe. Na victoria, não usurpa; recobra-nos o que nos dera e nós perderamos — a graça.

No triumpho, não sobe ao cume de algum elevado monte para offerecer transitoria hecatombe de grosseiras rezes, cujo sangue não dealbava, sobe ao alcaçar da divindade para se offerecer a si proprio, Homem-Deus, como perenne victi-

ma de expiação que tira os peccados do mundo, aferrolhar os alçapões do abysmo e abrir-nos as portas do empyreo. Com razão a santa Igreja exclama que a presente festividade instaura um jubilo novo.

Solemnis hæc festivitas
Novum instaurat gaudium;

por quanto novo é tambem o triumpho que o motiva. E onde acharei eu termos igualmente novos para descrevel-o? quando os apostolos, presenciaes testemunhas da maravilha que celebramos, nem novos, nem antigos encontraram que podessem tanto. Sem embargo, para do possivel modo tecer o epinicio da ascensão de Jesus Christo, ou antes, para que, collocados em espirito á raiz do monte Olivete, enviemos a pequena e opaca nuvem do incenso da nossa adoração e louvor a sotopôr-se á grande e luminosa nuvem que serviu de aligero plaustro ao Senhor; á semelhança do que calcula a elevação do monte inaccessivel pela sombra que elle projecta, diligenciarei formar conceito da grandeza do presente triumpho, não já pelo arduo do combate travado contra satan, o peccado e a morte; assumpto, com que em identica festividade do proximo preterito anno e n'este mesmo lugar tive a honra de entreter as vossas benevolas attenções, mas sim, e como para complemento d'aquelle outro discurso, pela grandeza da felicidade que Christo subindo ao céo e sentando-se á direita de seu eterno pae, nos preparou — *Christus scandens in æthera — Sedens patris in dextera — Jugem parat laetitiam.* No primeiro discurso apreciei o triumpho pelo seu antecedente, o combate no calvario; n'es-

te apreciaf-o-hei pelo seu consequente, o premio d'esse combate, a gloria no céo.

Qual o diamante que não precisa para refulgir ajudar-se do lavor do annel, em que está engastado, a doutrina dos livros santos não depende para attrahir de que a insinue, ou recommende o credito da voz que a propõe. E com tudo os mestres da eloquencia prescrevem ao orador sagrado o preceito de conciliar a attenção de seus ouvintes. É que lhe presuppõe um auditorio menos piedoso do que este a que tenho a dita de fallar. Se me não obriga porém o empenho de suscitar a vossa applicação a escutar-me, cumpre-me, o que menos não é, corresponder-lhe: e bem deviso eu o religioso affecto que vos inflamma o peito, traduzindo-se no posto que silenciosa, energica expressão do rosto estar-me dizendo: Interprete das promessas divinas, ministro da palavra do Senhor, apressa-te a repetir-nos as instrucções do christianismo, com respeito ao mysterio d'este dia, sobre a relevante materia que nos propozeste. Que virtuoso desejo, que santo voto este, ó meu bom Deus! E não colherá elle fructos de benção? Nenhuns, se fôr eu e não vós quem prégue; copiosissimos, se fordes vós e não eu. Que os meus labios pois se movam, mas seja o vosso espirito que dite, aquelle divino espirito, luz beatissima, que quando prestes a ir para o Pae promettestes de enviar aos que fallassem em vosso nome. E, para receber esta graça, as disposições que em mim faltam, suppram-nas os meritos que superabundam n'aquella que instituistes medianeira de todas as graças.

Senhora, a saudação de Gabriel (que ora vou dirigir-vos por prece), annunciando, que em vós se consummaria a encarnação do Verbo, recorde-vos que desde esse momento ficastes constituida em mãe de Deus e dos homens. Mostrai

go que sois minha mãe, expondo como vosso o meu rogo, ue certo irá assim de acolhel-o quem para elevar-se hoje até direita de seu eterno Pae houve de descer primeiro ao vosso rginal seio. Por esse adoravel menino (que, se nos braços e Simeão annunciou ruina para muitos, nos vossos braços boa nova para todos) e a fim de que condignamente eu aplauda a triumphal solemnidade d'este dia, dignai-vos alcanar-me uma porção d'aquella divina graça de cuja plenitude archanjo embaixador vos proclamou possuidora, dizendoos: *Ave, gratia plena.*

Existir, conhecer e amar; eis aqui a essencia do homem; onhecer para amar, amar para docemente sentir que existe; is aqui a essencia da sua felicidade. Na terra participamos a existencia, do conhecimento e do amor; mas como? imerfeitamente; só no céo, onde se completará a plenitude do osso ser, attingiremos a perfeição da nossa felicidade.

O novo ser quando existe, é certo, no seio materno; mas sentimento da vida é alli para elle como se não fôra; méra lanta parasita, não se apercebe cognoscitivamente dos phenomenos que se passam em si e na tige a que adhere. O réo condemnado á morte, quando já no oratorio e com a alva vestida, existe, é certo, mas o sentimento da vida recebe-o apenas pelo temor do fatal momento que vai terminar-lh'a. Pois, fieis, sob todo e qualquer estado em que cada um de nós se considere, a sua posição é sempre igual a uma d'aquellas. No somno, que nos leva não pequena parte da vida, dá-se um existir semelhante á existencia no seio materno; na vigilia a impressão que por toda a parte nos assalta é, como no padecente, a de que marchamos para a morte. Os proprios alimentos de que nos precisamos nutrir, não entram para o nos-

so interior, sem advertir-nos de que perteneceram já a corpos vivos, que morreram, como nós morreremos; as mesmas roupas, com que nos precisamos vestir, em cada attrito ou pressão, identica recordação nos fazem. Esta terra que habitamos já foi a habitação de milhares de gerações semelhantes á nossa; e que vêmos d'ellas? nada na realidade, e, na imaginação, um immenso sahimento ou enterro estendendo-se ao longo da duração de 5860 annos. Eu sei que avaliamos differentemente os annos vividos e os a viver. Grosseiro engano! — estes fugiram com a mesma velocidade com que os outros desappareceram. Lá do seio do nada, resaltando a torrente do tempo em catadupas a rolar sobre os mundos té sumir-se da eternidade no espantoso abysmo, nem recua, nem pára; o actual instante já presente não é; e o que vem sêl-o, eil-o, passou, fugiu e mais não torna. Se tivesseis vivido, diz Santo Agostinho, desde os primeiros dias da creação até ao presente dia; ficarieis assombrados de que a vida fosse tão curta. E com razão; peço eu licença de acrescentar, porque, para quem nasce com o desejo de viver sempre, ainda a duração de milhões d'annos seria como a gotinha d'agua para saciar a abrasada sêde do hydropico. Homem, tu edificas, mas para os outros; começas e não acabas; falta-te o ser quando principias a gozar-te de ser. Obras magistraes dos sabios, decantados systemas dos philosophos, ensinai-me onde encontrar a plenitude da minha existencia, uma vida immortal, sentida pelo estimulo de impressões gratissimas; visto como não sentir é o existir da pedra, e sentir dôr o lento extinguir-se da vida? Nos elysios, responde a theologia pagã. Ahi, n'esses mesquinhos jardins onde sombras errantes conservam ainda saudades das mofinas venturas da terra? A perpetuidade de tão miseravel estado seria a sua maior miseria.

ío paraiso do alcorão, responde o mahometano — Ahi, on-
e não entra a mais sensitiva metade do genero humano, vo-
ıda pelo vosso propheta á aniquilação como os brutos, e a
utra metade se embriaga em sordidos prazeres, só bons para
atisfazer paixões brutaes? Fabulas ridiculas e indignas são
ssas; refujamos d'ellas — Não assim a vossa lei, ó meu Deus;
allai pois vós, e emmudeça toda a terra. Eu sou o que sou,
iz ó Senhor, quer dizer, o ser por essencia, o que foi, o que
e o que será. Perante elle milhões e milhões de seculos que
ouvessem passado seriam menos do que para nós o dia de
ontem; milhões e milhões de seculos que tenham de passar
erão menos do que para nós o dia de amanhã: alpha e ome-
a, primeiro e ultimo, principio sem principio, fim sem fim
e todas as cousas, vê immutavel do centro da sua eternidade
omeçar tudo, tudo fenecer; e, quando já não houver que co-
nece nem que feneça, existirá ainda por todo o sempre, como
lesde todo o sempre existiu. Tal é o eterno existir de Deus,
or natureza; tal será por communicação a nossa immortal
xistencia, sentida no céo, não saboreando nectares ou am-
rosias, mas pela fruição do summo bem. *Cum apparuerit,
similes dei erimus, quoniam videbimus eum.*

Existir para conhecer — segundo ponto.

A avidez de saber é a mais forte tendencia com que o ho-
mem nasce. Vêde-a actuando energicamente logo desde a in-
fancia. O menino pergunta incessantemente a sua mãe o no-
me de tudo, o prestimo de tudo, a explicação de tudo; as
descripções de objectos que nunca viu, as historias de factos
que nunca presenciou. Oh! isso ama elle logo após os cari-
nhos maternos; e a impulsos d'esta innata curiosidade, facil
então de satisfazer, aprende talvez em um dia mais do que
poderá depois aprender n'um anno. Os antigos philosophos

limitavam ao minimo até as primeiras necessidades da vida, porque lhes restasse mais tempo de entregarem-se ao estudo, e submettiam-se a duras provas para obter a admissão aos altos graus da sciencia. Pythagoras de si confessa que experimentava delicias inexprimiveis em achar a relação dos numeros; no sentir de Platão o soberano prazer do espirito consiste em contemplar as relações dos phenomenos, e o douto vate de Mantua colloca a felicidade no conhecimento da razão ou causa das cousas. Este diz ao mestre que o tratava asperamente — dá, mas ensina: aquelle porque subito lhe apparece a luz de uma verdade, sahe alheado do banho e atravessa como estava as ruas da cidade, bradando — achei, achei. Perguntai ao poeta, ao musico, ao orador se existe cousa alguma comparavel ao prazer de que gozam quando compõe os seus versos, as suas harmonias, os seus discursos: perguntai ao medico, ao jurisconsulto, ao mathematico, que o sejam antes por vocação que por officio, qual precisão os punge mais, e satisfazer a qual mais os recreia; se a do alimento, se a do estudo de suas faculdades. E todavia d'entre esta gente que é o que obtem aquelle que mais consegue? apossar-se de um limitadissimo arco do immenso circulo das sciencias e das artes — no centro nenhum levanta cadeira; — e da serie d'esses poucos problemas que resolve, d'essas poucas difficuldades que vence, sempre lhe ficará no fundo uma questão por decidir, uma objecção por dissolver. A final, quem é d'entre os que sabem o que mais sabe? aquelle que melhor souber quanto lhe falta a saber. E para tão pouco fructo que penosissimas fadigas no cultivo! É uma miseria, diz Santo Agostinho, jazer na ignorancia; mas é igualmente outra miseria ter de sahir d'ella por meios tão laboriosos. Essa completa sciencia, mais preciosa que o ouro

e as perolas, que os diamantes e as esmeraldas, após a qual o homem corre e que, a despeito de todos os esforços, não alcança, onde existe? pergunto eu com um dos mais antigos livros da escriptura. O abysmo responde — não está em mim; o mar responde — não a conheço; o inferno responde — ouvi fallar d'ella. Onde existe? no céo. Que cousa póde haver, exclama S. Gregorio, que não vejam e conheçam claramente aquelles que veem a Deus? *Quid non videbunt, qui videntem omnia vident?!* E se o Espirito Santo disse que a alma do varão santo ainda cá na terra descobre algumas vezes as verdades melhor do que sete vigias assentados sobre um posto eminente, o que estiver collocado de assento na eminencia da luz da gloria, o que não descobrirá? Lá com maior razão do que no cenaculo aos apostolos poderá o Senhos dizer aos escolhidos — Já vos não chamarei servos, se não amigos; porque ao servo não dá parte seu senhor do que faz, e a vós manifestei todas as cousas que me communicou meu Eterno Pae. Se um estado merecesse ter por governante a qualquer d'estes sabios, que differentes dictames, que encontradas politicas se veriam n'elle praticadas! Se pela infinita misericordia de Deus tivermos a incomparavel felicidade de sermos uns dos bemaventurados, que juizo formaremos das cousas tão differente do que ora formamos!

Aqui a sciencia das sciencias é a fé; mas a fé assemelha-se áquella columna que guiava os israelitas no deserto; luminosa por uma face, tenebrosa pela outra; e por isso aqui crêmos, sim, com a certeza maxima; mas, por isso mesmo que crêmos, não comprehendemos o osculo, ou vinculo da justiça e misericordia, a unidade na trindade e a trindade na unidade, a união hypostatica da natureza divina e humana na pessoa de Jesus Christo, a concordancia da presciencia di-

vina, graça e livre arbitrio e demais mysterios; no céo, não creremos já, comprehenderemos todos os mysterios da graça e da natureza, de Deus e do homem, por isso que, vendo a Deus, veremos a luz perpetua, sem aurora e sem occaso, da omnisciencia divina — *In lumine tuo videbimus lumen.*

Conhecer para amar — terceiro ponto.

Ainda que ao homem tivesse sido permittido comer o pomo da arvore da sciencia; ainda que lhe fosse possivel possuir a sciencia universal, de que lhe servira se não amasse? adejaria em céo mais limpo de nuvens, mas não tivera onde repousar o coração, porque o lugar do coração é o amor — *locus animæ in dilectione* — Ha no homem tão grande tendencia a amar, que elle quereria, diz um grande e religiosissimo sabio, perder tudo, até a propria consciencia, antes do que não amar cousa alguma. Que amareis pois? a opulencia? as honras? Olhai, a arêa sobre que ides edificar ensopada está no suor, nas lagrimas e talvez no sangue dos que tentaram em vão edificar ahi. Mas dêmos que conseguis, incolumes, levantar fabrica, com que vos achareis de mais? com o inquieto temor de perder esta e com o roedor desejo de levantar outra maior — *quam diu hæc?* — *bibit et sitit* — Amareis um outro vós? — É obvio que me não refiro ás amizades que a consciencia reprova e a religião condemna. — Amareis um outro vós? Vêde que se vos esperançaes em deparar ahi com a felicidade, ides enganados. Para receber a felicidade da mão d'aquelles que amamos seria preciso estar bem certos de sermos correspondidos; certeza quasi impossivel de conseguir porque não vêmos o espirito através da fronte, não vêmos o coração através do peito, não vêmos o interior; e a superficie póde mentir. Mas dêmos por conseguida esta mais que rarissima certeza, que se seguirá? o que se segue

em tudo o que já se não deseja, porque já se possue — a indifferença e depois da indifferença o enjôo. É isto o que acontece, e eu atrevo-me a affirmar que é isto mesmo o que devia acontecer. O coração do homem tomou o gosto, deixai-me exprimir assim, á divindade, nas mãos de Deus que o formou, mal podia contentar-se com idolos de barro. Reparai que me limitei a fallar das affeições, em quanto descrevem a orbita que lhes é propria e natural; que diria se quizesse fallar das suas aberrações, a ingratidão, a infidelidade, o abandono, o desprezo!! Mas dêmos ainda que encontrastes esta nova pedra philosophal, um coração amigo para agora e para sempre, constantemente com o mesmo querer e o mesmo não querer que o vosso, e tão unido com elle que mais unidos não estão dous ramos que a enxertia converte em um; perdel-o-heis na morte, ou porque vós partis, ou porque elle parte... Que tormentosa despedida! sobreleva com muito excesso todos os prazeres que da união tivessem provindo. Onde pois encontraremos esse perfeito amor tão essencial á vida da alma, como a alma é essencial á vida do corpo; tão essencial ao bem da nossa existencia moral, como ao bem da nossa existencia physica é essencial o ar e o calor?... onde? no céo. E oh! maravilha das maravilhas! ahi o encontraremós, não como affecto, ou sentimento, não como acto ou exercicio de faculdade, mas como ser subsistente, como pessoa distincta. Quem é? É esse Espirito ineffavel, que sem ser procreado pelo Pae nem procrear o Filho, procede d'ambos, e Deus como o Pae e o Filho constitue o laço que os une sem os confundir — é o Espirito Santo — *Deus charitas est* — Na posse d'este amor viveremos alli todos por um só coração, uma só alma, porque Deus, que é unico, será o coração e a alma de todos. E assim como, porque o Eterno Pae e o Ver-

bo divino conhecem a sua perfeição e formosura, espiram o Espirito Santo, que é um impeto do amor eterno e indefectivel, com que o mesmo Pae e Filho se abraçam, e por este abraço que é a sua essencia una e trina, se immergem no mar sem fundo e sem praias da felicidade divina; assim o bemaventurado conhecendo pelo entendimento a perfeição e formosura de Deus, rompe em um acto d'amor accendidissimo e sempre continuado, que, transformando-o na essencia divina, o torna participante da divina felicidade — *Similes dei erimus.*

Ó céo, onde, e sómente onde, encontrarei a plenitude do meu existir, conhecer e amar, e portanto a unica felicidade capaz de fazer-me dizer: basta, quero aqui permanecer; conserva por um pouco abertas as portas que franqueaste ao ingresso do rei da gloria, para que eu directamente contemple e venha annunciar depois como é a felicidade dos santos. Ah! fieis, se em quanto viador eu alcançasse, como S. Paulo, a incomparavel dita de encarar a divindade sem que succumbisse opprimido pela magestade da sua gloria, que vos poderia eu dizer acima do que nos diz o apostolo arrebatado ao terceiro céo? E que nos diz esse presencial testemunho da bemaventurança celeste? Tudo para fazer desejal-a, nada para fazer conhecel-a. Os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem jámais veio ao coração do homem o que Deus tem preparado para aquelles que o amam.

No encantado theatro da phantasia debuxai um espectaculo superior a todos os espectaculos, de que a historia nos encarece a pompa; ornai-o de tudo o que a opulencia tem de brilhante, de tudo o que a magestade tem de apparatoso; juntai-lhe tudo o que os seculos tem produzido de mais excellente nas maravilhas da natureza, nas obras primas da

arte. Será isto o céo? Não, diz S. Paulo; os olhos não virão. Mais: animai este espectaculo d'esses concertos deleitosos, cujo encanto sempre variado e sempre igual ora agita o espirito pela vivacidade dos sons, ora o serena pela doçura das harmonias, mantendo sempre os sentidos, enlevados, suspensos, estaticos. Será assim a musica do hosanna eterno? Não, diz S. Paulo; — os ouvidos não ouvirão. Mais ainda: traçai o plano de uma felicidade, que encerre tudo quanto seja capaz de satisfazer os votos da mais insaciavel ambição; que varie sem interromper-se; que variando não tema a inconstancia da fortuna, complemento dos desejos sem o ardor das paixões, objecto da admiração de todos sem provocar o ciume de ninguem. Será isto o céo? É já mais do que a terra; mas ainda não é o céo. Jámais veio ao coração do homem, diz S. Paulo, o que Deus tem preparado para aquelles que o amam. Que é pois o céo? insinai-m'o vós, ó divino mestre. É um estar incessantemente embebecido na face do pae celeste. Ah! Senhor, perdoai-me como muitas vezes perdoastes aos apostolos a temeridade de querer antes de tempo saber os vossos segredos — que cousa é estar incessantemente embebecido na face de vosso pae?... Nenhuma voz se fez ouvir. Com a face em terra adoro e aceito esse mysterioso silencio. Dilectissimos, se o homem em quanto viador podesse comprehender a felicidade do céo, não fôra a felicidade do céo bastantemente digna do homem formado pelas mãos de um Deus, remido com o sangue de um Deus. Bemdito seja e louvado e magnificado para sempre o vosso nome; que assim magnificastes o homem, que de uma felicidade em cuja comprehensão não póde na terra entrar, entra de posse no céo — *intra in gaudium domini tui.*

Eis aqui, senhores, entrevisto apenas pelo que não é es-

se melhor paraiso, onde a essencia do homem consistente no existir, conhecer e amar, mutilada pelo peccado original, no terreal paraiso recobrará muito mais perfeita sua primitiva integridade; conhecendo a propria verdade — *ego sum veritas* — amando o proprio amor — *Deus charitas est* — vivendo a propria vida — *ego sum vita* — no gozo do proprio Deus: felicidade, a unica perfeitissima, para que fomos creados. E eis aqui tambem a acquisição, a conquista immensa por onde se mediu do conquistador o triumpho, em sua gloriosa ascensão; triumpho que a par nascer de uma virgem, e resuscitar d'entre os mortos, fórma a terceira d'essas maravilhas, mais prodigiosas, do que a propria creação do universo, e maior do que qualquer d'ellas não ha a esperar outra da propria omnipotencia de Deus. Não sou eu que o digo, é o grande doutor da Igreja, Santo Agostinho; triumpho, em que o novo Mardocheu, cingindo, não uma corôa d'ouro, mas o diadema da immortalidade; trajando um manto, tecido não de sêda ou purpura, mas de outra luz mais brilhante que a do sol; cercado de myriadas d'esquadrões d'anjos; do cortejo das almas dos patriarchas e prophetas que libertára do limbo; no meio de acclamações sem numero e sem fim, sobe a tomar posse, como homem-Deus, para sua sacro-santa humanidade, e por ella para nós, como filhos de Deus; d'essa gloria que foi o premio de seu combate até ao ultimo sangue — *propter passionem mortis gloria et honore coronatum*, e que se nos propõe por premio da nossa cooperação com esse sangue — *perennis felecitas proponetur in premium*.

Do alto do empyreo throno, a que subiu, melhor que do cume da montanha de Galiléa em que prégou, eu ouço a Jesus Christo dizer:

Ó vós que choraes, ó vós a quem injuriam e perseguem e contra quem dizem todo o mal, mentindo, folgai e exultai, porque o vosso galardão é grande, no céo, em que acabo de entrar triumphante, para que n'elle tambem vós podesseis entrar. Vinde a mim todos os que, por effeito não menos da minha justiça do que da minha misericordia, versaes em trabalhos e gemeis sob o peso d'afflicções, e aqui sereis indemnisados com uma compensação tão grande, que o é condigna d'estas chagas e d'esta cruz, que são o maior brasão do meu triumpho. Oh! paraiso, paraiso! deixai-me exclamar aqui com o meu amabilissimo patriarcha S. Philippe Neri; oh! paraiso, paraiso! Quão formosos serão os seus tabernaculos! Quem me déra azas de pomba para voar e descançar n'elles! Ó vida morta, acaba já de morrer para que eu comece a viver a vida viva! Ó Deus das nossas esperanças, nossa origem, nosso centro, e nosso fim, desejamos, Senhor, subir á nossa origem, encontrar o nosso centro, e attingir o nosso fim. Ó summo bem para que fomos creados, a vós clamamos, por vós suspiramos, desde este profundo valle de miserias — pela vossa admiravel ascensão levai-nos ao céo, onde por vós e comvosco vivamos e reinemos eternamente. Assim seja.

XX

SERMÃO

DA

RESURREIÇÃO

Falleceu: aqui jaz: —Falleceu, diz, para evadir a agru-
a da verdadeira expressão, que seria — morreu — Aqui
az: o que? cinza, corrupção, ossos e vermes. Eis ao que se
eduz o tumulo dos heroes da terra. — Uma campa removi-
a, um sepulchro vazio, sobre elle sentado um anjo e por epi-
aphio este pregão do paranympho celeste: Resuscitou: não
stá aqui. Eis o mausoleo de Jesus Christo.

Principes dos sacerdotes, Senadores do povo judaico, que
feito do cadaver do Nazareno? Ou o roubaram os discipu-
os, ou resuscitou.

Se o roubaram, como não convenceis de falsarios, de se-
uctores do povo e de sacrilegos profanadores do sagrado das
epulturas a esse joven, e a esse velho, ainda ha pouco —
m, tão timido que fugiu na montanha das Oliveiras; outro,
io cobarde, que negou seu mestre á fraca voz de uma serva;
agora tão intrepidos que vos accusam em face de terdes

crucificado o Filho de Deus? como consentis que seja o segundo erro, conforme dizieis, peor que o primeiro, deixando-os em liberdade? Olhai; á primeira prégação do pobre pescador do lago de Genesareth, tres mil dos vossos se convertem, e, á segunda, cinco mil.—Se resuscitou, ahi tendes o milagre que se vos prometteu, quando pedieis um milagre para acreditar — o verdadeiro Jonas sahindo após tres dias do ventre do sepulchro.

Ou não ha no mundo verdade historica, nem certeza moral; ou sem recurso tem de confessar-se que a Resurreição de Jesus Christo é a verdade mais certa. O testemunho dos apostolos rubricado com seu sangue; a tolerancia, inexplicavel sem aquelle facto, da hostil Synagoga; a voz de Deus fallando pela realisação de um acontecimento predito, de ha seculos; a voz dos povos fallando por seu geral assentimento; todos os grandes criterios de verdade... Mas, graças a Deus! eu tenho a ventura de fallar a uma assembléa verdadeiramente christã; e portanto não preciso de compulsar perante ella as peças do processo da veracidade da Resurreição de Jesus Christo. Sim, meu adoravel Salvador; esta porção escolhida da vossa grei, representada agora no indigno orador, sem a hesitação previa de Thomé, cahe desde logo aos vossos pés, clamando como elle: Meu Senhor e meu Deus!

Resuscitou! Quanto é dôce repetil-o! e por virtude propria — que grandeza! e para mais não tornar a morrer — que gloria! Rainha do céo, cessem as lagrimas da soledade, porque Aquelle, de quem merecestes ser mãe, resuscitou, como disse —*alleluia!* Grei nova, progenie eleita, sacerdocio real, povo christão, n'este dia que o Senhor fez para depois dos dias do opprobrio, que é o grande dia do Senhor, exultemos e alegremo-nos n'elle, porque n'elle gloriosamen-

te se magnificou; com vestes de gala sentemo-nos ao banquete dos azymos da sinceridade, porque é nossa paschoa Christo resuscitado. Na antiga lei a paschoa recordava a libertação de um povo — a passagem dos hebreus do Egypto para a terra promettida; a paschoa dos christãos recorda a libertação da humanidade. Parabens a todo o genero humano. *Alleluia! Alleluia!*

É certo, senhores, que o sepulchro de Christo resuscitado é como fóco immenso de luminosa gloria, que desde o valle de Josaphat dissipou de um jacto as apparentes trevas de ignominia, que cobriam a montanha da crucifixão. Mas eu observo que a Santa Igreja, nossa mãe e mestra, não é, tanto em relação á propria e immediata glorificação do Senhor, como em respeito ao nosso beneficio, que celebra o culto deste dia. Já o vosso venerando pastor — que dita vos coube em sorte! — a quem posso n'este lugar, do qual exoro ao Deus da verdade antes me expulse ao encontrão de um raio do que permitta eu o manche com a mais leve mentira; a quem posso aqui chamar verdadeiro sal de preservação, verdadeira luz posta no alto da cidadella... Eu emmudeço já, venerando mestre e pae, pois bem deviso estar-me a vossa modestia impondo silencio; mas eu não posso deixar de em vez do insipido regalo da minha deficiente saudação, offerecer-vos um tributo de louvor tão inevitavel, que não podereis suffocar-lhe a voz, e tão deleitoso que Santo Agostinho lhe chama o paraiso da terra: é o testemunho da vossa propria consciencia; ella vos falle por mim. Já o vosso bom pastor, sagrado ministro do incruento sacrificio, cantou na collecta — Ó Deus, que no dia d'hoje, pelo vosso unigenito vencida a morte, nos abristes a *nós* as portas da eternidade! — e logo cantará no prefacio — Christo, morrendo, destruiu a *nossa*

*

morte, e resurgindo, reparou a *nossa* vida. E na verdade, senhores, nos applausos do que ha de pessoalmente honorifico para o Salvador, em sua triumphante resurreição, nos podem os anjos exceder, porquanto são intelligencias superiores; mas nos applausos do que n'ella ha de fructifero, não; porque nós e não elles, podemos apresentar-nos como objecto ou sujeito d'este triumpho — *resurrexit propter justificationem nostram*. Seguindo pois, como sempre diligencio fazer, o espirito da Santa Igreja, applaudirei a triumphante resurreição de Nosso Senhor Jesus Christo, publicando um de seus fructos; e será ainda o mesmo que a Santa Igreja preconisa — *vitam resurgendo reparavit*. Christo resuscitando resuscitou-nos com elle; por outra, a triumphante resurreição de Christo é o penhor da nossa resurreição gloriosa. Este o sujeito do discurso.

Senhor, em um dia de tão justificado jubilo que a vossa esposa convida seus filhos aos canticos, ao espiritual festim e á santa exultação; em um dia de tantas graças que nem o discipulo incredulo deixou de ser favorecido, só eu me retirarei dos ágapes triste, envergonhado por me não desempenhar da honrosa missão de acclamador do vosso triumpho?! Não o permittaes, Senhor; não por mim, que bem sei que nada mereço; mas por vós, por vossa accidental gloria e satisfação da piedade dos que me escutam.

Senhores, a usança, o velho estylo de pedir attenção ao auditorio, não tem, não póde ter agora cabimento aqui. Attentos vos observo, nem de congresso tal outro proceder tinha a esperar a evangelica palavra. Mil graças pois, mil bençãos sobre vós, em nome d'ella.

Antes da resurreição de Jesus Christo, a philosophia, não devo negal-o, como que entrevia e balbuciava o dogma da immortalidade da alma. Se a alma fosse corporea, diziam os philosophos, deviam os seus actos ser regidos pelas leis do movimento; mas as leis do movimento longe de explicarem, até repugnam aos phenomenos da intelligencia e volição; logo a alma não é corpo, e portanto não póde caber-lhe o destino d'este, que é a decomposição, e sobreviver-lhe-ha. O homem, continuavam, sente gravado no fundo do coração, pelo dedo do Factor supremo, o horror da aniquilação, o desejo de viver immortal: como então Elle, o Factor supremo, que por sua essencia não póde deixar de ser bom, quereria atormentar gratuitamente o homem com uma esperança esteril, inspirando-lhe um sentimento que não havia de satisfazer? Não obstante, estes argumentos nunca tiveram força para que a crença da immortalidade da alma fizesse parte da religião do estado nas grandes nações; nenhuma lei tornava sagrado este dogma importante, que podia alli admittir-se ou rejeitar-se sem consequencia e sem perigo. E não só a moral publica indica que prevalecia a doutrina de Epicuro, a qual proclamava — depois da morte, nada; e nada a propria morte —; mas até expressamente Juvenal refere que na culta Roma, mestra do mundo, a despeito das lições de Platão e Cicero, ninguem, excepto as creanças, acreditava na fabula de uma vida futura. Tartaro e Elysios eram machinas poeticas. A humanidade reclamava para instruil-a um mestre mais authorisado que os philosophos. Jesus Christo apparece e annuncia a vida eterna. Não tendes vós lido, responde Elle aos Saduceos, que lhe argumentavam com sophismas contra o dogma da resurreição; não tendes vós lido que Deus vos disse: eu sou o Deus de Abrahão,

de Isaac e de Jacob? e elle não é o Deus dos mortos, mas dos vivos. Entretanto, será aquelle um oraculo divino? Fieis, permitti-me que eu por um momento me figure entrado da duvida, espirito tentador que mais de uma vez nos apostolos motivou sua pouca fé. Será aquelle um oraculo divino? Toda a vida de Jesus Christo não me offerece mais que o contraste de fraqueza e força, de gloria e opprobrio. Eu vejo em Belem um menino, nascido na mais indigente penuria; perseguido depois e proscripto; vejo em Nazareth um mancebo consagrar os mais bellos annos a uma arte mechanica; vejo, é certo, em Jerusalem e na Judéa, este mesmo homem assignalar seus passos com prodigios... mas pôr que poder os operará elle? serão prestigios como os dos magos de Pharaó? Glorifica-se de ser filho de Deus; mas será uma nova idolatria que o demonio queira estabelecer na terra? Esperemos e vejamos qual o fim d'esta personagem extraordinaria. Termina a sua carreira em um patibulo. Será aquelle supplicio o justo castigo dos crimes que lhe imputava a sentença? — seductor do povo, desprezador do Cesar e falso Messias? Jesus expira e seu corpo é encerrado em um sepulchro fechado com os sellos da authoridade publica. Eu, fluctuando entre o temor e a esperança, caio desfallecido em frente d'aquelle sepulchro. O varão cujo cadaver alli descança comprometteu-se perante os seus discipulos, perante os seus proprios inimigos a resuscitar, como prova das provas da sua divindade — *destruam templum dei et in triduo reedificabo illud* —; se aquella pedra se não levanta, se aquelle sepulchro se não abre, se Jesus Christo não resuscita, de encontro a essa pedra vão ficar em pó todos os seus prodigios; pois que em pó no sepulchro ficará o seu corpo; a minha crença no crucificado será loucura e deverei envergonhar-

me do escandalo da cruz. Com a respiração suspensa espero a minha sorte d'aquelle tumulo; se d'elle não assoma Jesus Christo resuscitado, adeus para sempre esperanças de vida eterna. Não posso já, senhores, conservar-me por mais tempo n'esta, posto que figurada posição. Eil-o — resuscitou! Agora tenho na minha fé mais certeza do que n'aquillo mesmo que vejo com os meus proprios olhos e palpo com as minhas proprias mãos. Agora clamarei com o Apostolo: O poder que resuscitou a Christo, que foi o seu proprio poder, me resuscitará a mim com elle. Effectivamente, senhores, presupposta a resurreição de Christo, que ha de impossivel na nossa? Aquelle que no captiveiro do tumulo pôde arrancar-se a si proprio d'entre os braços da morte, não poderá na soberania da sua gloria abrir as nossas sepulturas, e reanimar as nossas cinzas? Presupposta a resurreição de Christo, que ha, não digo já de impossivel, mas de duvidoso na nossa? Se o poder de nos revocar á vida não póde faltar áquelle que o teve de se revocar a si proprio, faltar-lhe-ha a vontade de o fazer, a elle todo caridade, todo amor, todo beneficios? Não, fieis; Jesus Christo está nos céos á direita de seu eterno pae; Jesus Christo é a cabeça de um corpo de que nós a humanidade somos os membros, e os membros devem estar unidos á cabeça que lhes pertence; Jesus Christo é o primogenito d'entre os mortos e seus irmãos devem resuscitar depois d'elle. Além de que, quem o prometteu assim? Jesus Christo acaba de provar pela sua resurreição que é verdadeiro Deus, e as promessas de um Deus são infalliveis. Sim: Resuscitaremos: não morreremos para sempre; para sempre viveremos! Resurreição do meu Jesus, tu és a causa, o instrumento e o penhor d'esta ventura — *Dominus surrexit vere et nos omnes resurgemus.* Immortalidade, ins-

tincto celeste, voz do coração, tu não ficarás desmentida: esperança, filha da fé, mãe do amor, serás coroada no céo.

Portas do inferno, estremecei ao rugido de satanaz e seus anjos; não vos abrireis mais se não para o insensato que de livre vontade vos quizer entrar. Ó homens, *nolite expavescere*. A morte já não tem nada de horrivel para quem a encara com os olhos da fé. A alma n'esse momento sahe do corpo, seu carcere, para entranhar-se por todo o sempre no seio da divindade. Agora já o ministro da religião, que assistir ao agonisante pusillanime, lhe póde dizer, com a mãe dos Machabeus: anima-te, ó filho, que aquelle Senhor, que fez a origem e o nascimento do homem, te tornará a dar a vida. Agora já podemos dizer á terna esposa, á mãe extremosa, ao amigo fiel que choram sobre a lapida do saudoso objecto de suas affeições: consolai-vos; tornal-os-heis a vêr. Que a minha carne caia e se corrompa em uma cova, que me importa? se a melhor parte de mim vôa ao céo, eu entrego sem pesar esse vil pasto aos vermes, visto como esta chamma que me anima, este espirito que me vivifica volta para o Senhor d'onde veio. Ó morte, já d'aqui insulto a fouce com que tão de perto me estás ameaçando: se te não deixo mais nas mãos por despojo que um insensivel cadaver, onde está o teu estimulo, onde está a tua victoria? Mas que digo eu?! Os nossos corpos nem mesmo são uma presa, são apenas um deposito que a morte restituirá até ao minimo cabello em o novissimo dia. Assim será e assim devia de ser. O homem não consiste em uma só substancia, compõe-se de duas, corpo e alma; é no corpo que residem as condições materiaes ou pyhsicas, sem a intervenção das quaes as potencias da alma não podem passar a acto. Os sentidos são os instrumentos das sensações; e sem os instrumentos, que poderia fazer o ar-

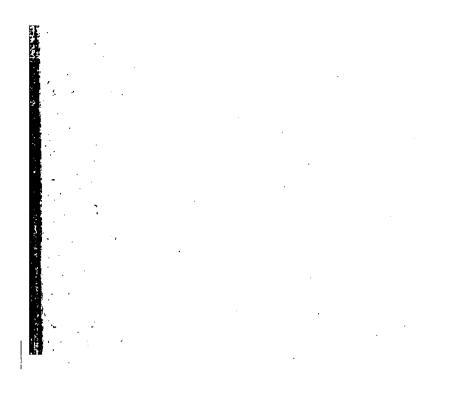
tista? Não é pelo ministerio dos sentidos que a alma goza dos dons da natureza, das riquezas do universo? Não são os membros que realisam os prodigios artisticos que o espirito concebe? E a palavra, essa pujança do homem sobre o bruto, não reclama indispensavelmente o serviço de um orgão? O corpo e a alma, pois, companheiros no desterro, deviam sel-o na patria; companheiros nos trabalhos, deviam sel-o no descanço; coherdeiros dos bens temporaes, deviam sel-o dos eternos. Oh! que felicitações tão alegres mutuamente se renderão estes dous antigos companheiros ao abraçarem-se de novo no dia da resurreição! Poderá a alma dizer: ó corpo, antigamente nada, depois argilla, logo cinza, e agora sol, como estás melhorado e ennobrecido com os dotes da claridade, ligeireza, subtileza e impenetrabilidade! E o corpo á alma: quanto estás formosa, amiga minha, esposa minha, como aquella em quem reflecte a formosura divina! já te appareceu o Senhor; gozas de sua beatifica visão; és semelhante a elle, és deusa — *cum apparuerit similes ei erimus, quoniam videbimus eum*. Que gracioso par! que bello composto aquelle? De cada um dos individuos que o formam se póde dizer aquillo do Ecclesiastico: que é como o arco celeste entre nevoas de gloria, como a rosa nos dias da primavera e como as açucenas á margem do regato. Acabaram-se já para o corpo o frio, a fome, as doenças, os annos, a morte; e para a alma as amarguras, as inquietações, as tristezas. Cá, nem paz cada um comsigo mesmo — lá, todos unidos entre si com Deus e Deus com todos pelos vinculos da mais estreita caridade. Cá, escravos carregados de ferros — lá, reis coroados no palacio do rei dos reis. Cá, ignorancia e erro — lá, sciencia e verdade. Resurreição do meu Jesus, este o teu preciosissimo fructo: — *vitam resurgendo reparavit.*

E quem seria o feliz mortal que mereceu a distincção de vêr primeiro a Christo resuscitado e primeiro annunciar como presencial testemunha tão feliz nova? Atendo-nos á letra do Evangelho, foi a Magdalena. Dilectissimas em Jesus Christo, applicai agora, vol-o rogo, toda a vossa attenção. Os apologistas do vosso sexo tentam fundar a emancipação da mulher na igualdade de seus direitos, e esta na equipollencia de suas faculdades, em relação ao sexo opposto. Póde ser que tenham razão: não sou competente para discutir e muito menos julgar essas philosophias. Mas o que eu e todo o mundo póde affirmar é que tal doutrina não corre tão axiomatica que por parte de muitos sabios se lhe não offereçam gravissimas objecções.

Na religião, na religião é que encontrareis verdadeira e clara garantia dos vossos fóros. O Genesi refere que Deus tirou da substancia corporal de Adão a esposa que lhe deu, a fim de que n'ella elle visse uma porção de si mesmo: deu-lh'a para companheira e auxiliar, e não para escrava. Ao encaral-a, Adão exclama: eis-aqui a carne da minha carne; e por isso deixará o homem seu pae e sua mãe, e se unirá a sua mulher e serão dous n'uma mesma carne. S. Paulo diz: em Jesus Christo não ha distincção entre homem e mulher; todos vós sois um em o Senhor. Estas as columnas em que está escripto o titulo da vossa justa, e, por isso mesmo, regrada liberdade, e contra ellas partir-se-hão eternamente as cadêas, com que o sexo forte e por vezes oppressor, pretenda agrilhoar-vos. Mas o facto do privilegio concedido á Magdalena nobilita por modo o vosso sexo que, se perante a religião podesse correr o pleito de qual dos dous mais excellente, em vista d'aquelle facto não sei que se podesse deixar de vos decretar o triumpho. Ora, posto que o Senhor dê de graça as

suas graças, é certo, que, segundo as vias ordinarias da sua providencia, exige da creatura disposição para recebel-as. Qual disposição pois seria a da Magdalena correspondente a tão subida prerogativa? Não podia ser outra senão aquella mesma que lhe obtivera em casa de Simão, na cêa de Bethania, sobre o perdão de suas passadas fraquezas, o mais inapreciavel elogio da propria bocca do Salvador, em que este lhe prometteu um renome universal. Ella praticou, disse o Senhor—contra os que a censuravam de desperdicio por haver derramado sobre sua sagrada cabeça e pés uma redoma de balsamo feito de nardo puro, de grande preço—ella praticou uma boa obra para commigo; e onde quer que fôr prégado este evangelho, que o será em todo o mundo, será tambem contado o que esta fez para memoria sua. A disposição, carissimas, que o Salvador, n'essa mesma occasião, declarou attender na Magdalena foi — amar muito — *quia dilexit multum*. Muito amou; despertou cedo para ir ao sepulchro — *valde mane* — e o muito amor dorme pouco — *parum diligis si multum quiescis*, diz o divino Platão. Muito amou; não a esfria a ausencia, porque o amor grande, o amor-amor é fogo, e o fogo sim poderá apagar-se e então deixa de ser fogo, porém em quanto fôr fogo não poderá esfriar — *nunquam et nusquam potuit non amare qui amor est* —, diz S. Bernardo. Muito amou, porque amou ainda receando amar sem fructo; a impossibilidade de remover a campa mal podia deixar-lhe a esperança de abraçar o Senhor, e não desiste; e se o amor qualquer, como diz o mellifluo doutor, não busca fructo, — *amor non quærit fructum* — quanto mais se é grande! Muito amou; não teme a authoridade de Pilatos, o odio da Synagoga, a resistencia dos guardas; não teme a morte, porque o amor grande, que se chama dilecção, é forte

como a morte e não teme arrostrar-se com ella — *fortis est ut mors dilectio* — diz o Sabio. Muito amou, porque amou ainda quando de todo lhe falleceu a esperança de tornar a vêr o objecto amado; vai ao sepulchro, acha-o vazio e fica derramando amorosissimas lagrimas; e toda a gala do amor, diz o celebre orador jesuita portuguez, é a sua venda, porque quando não tem uso dos olhos então se descobre o amor. Muito amou, porque amou constante, apesar de serem as mulheres accusadas de inconstancia; e constante, o que mais é, na adversidade dos discipulos, que gozaram as delicias do Thabor, só um appareceu no calvario no dia do deicidio e todos estavam hoje escondidos no cenaculo; a Magdalena esteve então junto á cruz e hoje junto ao sepulchro vazio; e o verdadeiro amor, nunca, em tempo algum, quer no prospero, quer no adverso, deixa de o ser; porque se alguma hora deixa de o ser, é porque nunca o foi — *si autem descerit, nunquam vera fuit*, diz Salomão. Muito amou, porque amou com essa especie d'amor o mais fino e extremoso, que, por offerecido ao sacrificio, se chama devotado ou de devoção. Ora esta especie d'amor, carissimas, é o distinctivo, com que a Santa Igreja caracterisa o vosso sexo — *pio devoto foemineo sexu* — Desnecessario será acrescentar que vos considera empregando o coração no unico objecto digno d'elle, que é Deus. E, se segundo os oraculos da religião, sois a porção do genero humano mais apta aos extremos do amor divino, não fique morto este celeste germen; brote, pullule, floresça e derrame-se em copiosos fructos de benção e seja um d'elles propagal-o ao sexo opposto; as mães aos filhos, as esposas aos consortes, as mães de familia a seus famulos. Á semelhança do alabastrino vaso d'aromas, com que a Magdalena ungiu o Senhor, impregnai toda a casa do suavissimo perfu-

me d'exemplos d'amor divino. Oh! que na muda eloquencia d'este apostolado sereis invenciveis. Amantes pela natureza, tornai-vos amadas pela virtude. Quaes a magnete, que em certa lingua com muita propriedade se denomina amante, attrahi a ferrea dureza dos corações rebeldes ao amor do nosso bom Deus; e derramareis no seio dos vossos lares, e d'aqui no seio da nação, a caridade christã, a paz evangelica, que o Salvador resuscitando offereceu á terra. Permitti-o assim, ó meu Deus, para que amigos todos, todos irmãos em vós e por vós, sejamos dignos de acompanhar da vossa resurreição o triumpho, coroados dos louros da victoria que sobre a morte pela vossa morte nos alcançastes, trajando as purpuras da graça com que pelo vosso sangue nos vestistes, sustentados nas azas da esperança de pelos meritos da vossa resurreição gloriosa, gloriosos resuscitarmos tambem um dia e clamando todos a uma voz — abaixo as triumphaes corôas dos Alexandres e dos Cesares, exterminadores da humanidade! Viva o triumphador que morrendo matou a morte e resuscitando restaurou a vida; viva, reine, e triumphe por seculos de seculos e além da eternidade! Disse.

XXI

SERMÃO

DE

NOSSA SENHORA DAS DÔRES

Stabat Mater dolorosa
Juxta Crucem lacrymosa,
Dum pendebat Filius.

(Da Sequencia da Missa do presente dia.)

N'aquelle tempo, já pelas ruas de Jerusalém reboava o sacrilego pregão, que segundo authentica tradição local dizia n'estes termos: « Jesus de Nazareth — seductor do povo — desprezador do Cesar — e falso Messias, como está provado pelo testemunho dos anciãos da sua nação, seja conduzido ao lugar ordinario do supplicio, e ahi crucificado entre dous ladrões; com o irrisorio titulo de rei. » Quantas accusações, tantas mentiras!... Lá caminha, com tardo pé, o lugubre prestito através da porta judiciaria... Suspendei, par-

ricidas! Povo da Judéa, vossas leis (segundo as quaes vos foi concedido que corresse este processo — *accipite eum vos et secundum legem vestram judicate eum* —) vossas leis vos permittem fazer sustar até cinco vezes a execução, já em caminho, de um condemnado, se alguem apparece que falle a seu favor. Esse reputado réo é o Justo por essencia, que conforme as promessas de que sois depositarios, os céos haviam de chover. — Soldados Romanos, o vosso Proconsul lavou as mãos do sangue d'esse Justo; e protestou que não achava fundamento algum para condemnal-o — *ego nullam invenio in eo causam* — Bem longe de desprezar o Cesar, mandou respeitar-lhe a effigie, pagar-lhe o tributo... Caminham; não me attendem. É indispensavel que se cumpram os decretos do Eterno. E ai de mim! ai de vós! ai de todo o genero humano! se a iniqua sentença se annullasse. Já o verdadeiro Isaac, curvado ao peso do lenho do sacrificio, chegou ao cume da montanha da oblação; e ahi, despojam-no de seus vestidos, lançam-no sobre o madeiro d'infamia e n'elle o cravam: e a Cruz tirada por cordas e sustentada pelos hombros dos algozes, vai lentamente erguendo-se sobre seu pé, e cahindo de golpe na escavação que lhe estava apparelhada, eis fica o Filho do Homem arvorado qual estandarte á vista das nações infieis: E lacrimosa — Junto da Cruz — Em que pendia — O seu Jesus — Estava Maria — Mãe Dolorosa. — É este, o grande espectaculo de dôr, que aquelle altar representa, e para que a Santa Igreja convida hoje seus filhos. Espectaculo de dôr, disse eu! Mas como assim, se as paredes do templo, se os altares, em vez de desnudados ou cobertos de lucto, os vejo enriquecidos de suas mais festivas galas?! se as abobadas do sanctuario, em vez de feridas pelos sagrados Levitas, cobertos de cinza e cingidos de cilicio, com as lamen-

tosas elegias: A quem te compararei, ó Filha de Jerusalém; é grande qual o mar a tua dôr — repercutiram ha pouco as alegres melodias do hymno de gloria?! Estranha discordancia!!... Ah! senhores, permitti que eu retire sem demora esta inconsiderada expressão, que a primeira impressão dos sentidos involuntariamente me arrancou. Não ha discordancia alguma. A Santa Igreja, nossa mãe e mestra, doutrinada por seu santissimo Esposo, que, em caminho do Calvario, voltando-se para as piedosas mulheres que o seguiam lançando lamentos, lhes ensinou, que subissem com os olhos da Fé acima do que os olhos da carne viam de lastimoso n'aquelle espectaculo; a Santa Igreja, digo, convida tambem hoje seus filhos a considerarem as dôres de Maria de um ponto superior aos simplices sentimentos da natureza, e ás meras combinações da razão. A Co-Redemptora do mundo, ao passo que sente traspassarem-lhe o coração de mãe — e tal mãe! — espadas de dôr pela paixão e morte de seu unigenito filho — e tal filho! — sente com intimo jubilo que por essas mesmas dôres vai tornar-se a verdadeira mãe do genero humano. Não contra, mas acima da natureza; não contra, mas acima da razão, baseada na Fé, Maria estava firme junto á Cruz de seu filho. Este o espirito da Santa Igreja na hodierna solemnidade; desenvolvel-o, o objecto do presente discurso.

Ó arvore da Cruz, decorosa, fulgida, e qual nenhuma floresta a produz em folhas, flôres e fructo, a teus pés se ajoelha o meu coração. Não é dos mestres da eloquencia, mas de ti sómente que invoco agora lições. Para interpretar as dôres de Maria não solicito ter outra sciencia que não seja Jesus Christo crucificado. Mas eu não ouso erguer os olhos a teu cimo, ó Lenho sagrado, porque, se ahi me offereces um

pae tão amoroso que em teus braços por mim se sacrifica á morte, tambem me presentas o Juiz terrivel que empunhando-te como vara me ha-de julgar; e a teus pés só encontro uma advogada, uma medianeira, uma mãe, sempre clemente, sempre piedosa, sempre mãe. Ó Mãe amorosissima, a Vós me acolho. Se no presepe de Belem déstes sem penalidade á luz do mundo a Jesus, vosso filho por geração e nascimento, na montanha do Calvario nos produzistes á luz da graça, como filhos de adopção, a preço de tantas dôres! Por ellas vos peço que me alcanceis um raio d'aquella luz, que baixando sobre Vós e os apostolos no Cenaculo, fez dos indoutos discipulos eloquentissimos pregoeiros do mysterio da Cruz, que é tambem o mysterio das vossas dôres. E peço-vos tanto, não porque tanto seja mister para persuadir o illustrado e piedoso auditorio, tão vosso devoto, que me escuta; mas porque de não menos necessita a dureza e rudeza do indigno prégador que lhe falla. Vós bem sabeis ser verdade que multiplicadas vezes ahi fui perante o vosso altar pedir-vos licença para desistir da empresa que temerariamente aceitára; e outras tantas brado interno me dizia — por isso mesmo que te faltam todos os dotes do orador, maiormente sobresahirá o patrocinio d'Aquella que é a fortaleza dos débeis. De quem jámais se ouviu dizer que, confiando em Maria, ficasse confundido? Confia em Maria, e não ficarás confundido. Senhora, eu confio em Vós; agora, aconteça como fôr do vosso agrado. Principe da Igreja, a quem o Senhor exaltou á plenitude do sacerdocio, á suprema dignidade de successor dos apostolos; a altura dos montes inaccessiveis mede-se pela sombra com que abrigam os humildes valles; além do que, quanto sou no ministerio ecclesiastico, sem meritos alguns da minha parte, a Vós o devo. Delicia-me publicamente confessal-o. E

se o bemfeitor generoso costuma sentir-se attrahir com particular affecto para aquelle a quem beneficiou, protegei mais uma vez a obra das vossas mãos; sêde indulgente. Manifeste-se mais uma vez vossa grandeza na generosa complacencia de me attenderdes benevolo. Senhores, quantos de vós, n'este mesmo templo, em identico dia colheriam mil primores de eloquencia, affluente dos labios dos benemeritos filhos do grande Thaumaturgo da Italia, o Illustre Patriarcha S. Philippe Neri! e hoje outro filho, posto que indigno, do mesmo pae irá offuscar a aureola de gloria de seus irmãos pelo instituto, e superiores pela dignidade. Porém, de que serve a perola no fundo leito dos mares? de que serve o ouro no seio da escondida mina? de que serviria a virtude se lhe faltassem occasiões de exercer-se? Depara-se-vos opportuna occasião de serdes benignos, relevando as imperfeições do discurso que principio.

O amor de mãe é dos amores da terra o unico perfeito amor; é mais forte que a dôr, é mais forte que o tempo. Em quanto, geralmente, o que padeceu grave incommodo, occasionado pela presença de um corpo em seu interior contido, se a natureza vem a expellir, ou a arte extrahe esse corpo malfazejo, ou de despeito o não quer vêr, ou de raiva lhe lança mãos violentas; a mulher, não obstante as penalidades da gestação e do parto, apenas dado á luz o seu recem-nascido, e ainda torturada pelas dôres, immediatamente o deseja contemplar; e posto que não a convide nem o attractivo das fórmas, nem a doçura da voz, para logo lhe lança braços de protecção e carinho; agasalha-o, achega-o ao peito, e cobre-o de mil osculos. Talvez se me diga, que pouco mais ou menos, iguaes demonstrações de affecto se observam nas espe-

cies irracionaes. Assim é. Mas nos irracionaes o maternal amor não é duradouro, não é permanente. Logo que os filhos deixam de precisar das mães, as mães abandonam os filhos; aquelle sentimento tão forte, tão terno, tão sublime, extingue-se na mais completa indifferença. No mesmo dia, de manhã, ainda aquella mãe combateria furiosamente e com denodo muito superior a suas forças em defeza da sua prole, de tarde, já não a conhece. E na mulher o maternal amor só fallece quando ella acaba; não é como no bruto um sentimento puramente instinctivo, é um sentimento moral, que participa d'essas aspirações do infinito, que sobrevivem a tudo; e por isso, elle, o maternal amor, na mulher é quem procria e conserva a sociedade nas familias e nas nações. Já me não admiro de que o insigne pintor Thimantes, no seu famoso quadro do sacrificio de Iphigenia, achando tintas para exprimir na linguagem das côres, a dôr dos parentes, dos amigos, de todos que a estremeciam, para exprimir a dôr da mãe da victima não soubesse fazer melhor do que cobrir-lhe o rosto com um véo. Mas para que recorrer a este ou semelhantes exemplos? O livro grande, o livro unico, o livro dos christãos, obra do Espirito Santo, não precisa de que venha em seu auxilio alguma das linguagens dos miseraveis humanos. Os Evangelistas S. Matheus, S. Marcos e S. Lucas nem uma só palavra dizem a respeito da presença de Maria no Calvario; e o Evangelista S. João limita-se a dizer: Estava, junto á Cruz de Jesus, sua mãe. Oh! quanta eloquencia n'aquelle silencio e n'esta simpleza! É como se os sagrados chronistas dissessem: Houve um *amargamente* para qualificar as lagrimas de Pedro; mas para descrever o lance de Maria sobre o Golgotha não ha palavras nas linguas dos homens, e seria attenual-o tudo o que não fosse referir

nuamente o facto. Porém se as dôres de Maria no Calvario são impossiveis de descrever, talvez possam imaginar-se. Nem isto! A dôr, que compadecemos pelos tormentos do objecto amado avalia-se pelo grau de affecto que lhe votamos: ora, sendo o amor de Maria para com Jesus Christo muito e muito superior ao dos proprios seraphins, por isso que muito e muito excedeu sempre a Senhora todas as Intelligencias angelicas no conhecimento das perfeições infinitas de seu divino Filho; e não podendo nós outros, simplices creaturas humanas, formar conceito de um sentimento que excede a esphera das creaturas celestes, segue-se não podermos tambem imaginar a vehemencia de uma dôr proporcional a esse mesmo sentimento, que nos é impossivel comprehender. E todavia, fieis, traspassada por uma dôr tão vehemente que não ha palavras para a descrever nem ainda idéas para concebel-a, a Mãe do Crucificado não foge como Agar, ou ficando, não delira, não desfallece, não succumbe, não morre!! antes permanece firme junto ao patibulo de seu filho!! Qual será o escudo adamantino que assim impenetravel rebate o golpe ás dôres de Maria? Será a natureza?... Será a razão?... Vejamos.

Ensinam os doutores competentes que o organismo da mulher, mais sensivel que robusto, mais activo do que forte, ao passo que se reveste de aptidão summa para se impressionar das causas de destruição, carece das forças correspondentes para resistir á acção das mesmas causas. É do sentimento intimo d'esta fraqueza que na mulher deriva a sua ingenita disposição a identificar-se com os fracos e desvalidos, a sua natural tendencia á compaixão, e caridade; é por isso que jámais a supplica da criança, do orphão, do pobre e do enfermo deixará de encontrar echo em seu coração terno.

Todos os desgraçados lhe pertencem, diz um respeitavel phisiologo moralista; votada aos opprimidos, partilha suas afflicções, encarrega-se de suas dôres; e não lhe offerecereis em retribuição de seus sacrificios outra mais dôce recompensa do que ser estimada. Uma compleição assim, tal natureza, bem longe de amortecer, conspirava a tornar mais vivas as dôres de Maria. Vejamos se a razão prestar-lhe poderá melhores auxilios. Em virtude do innato sentimento do justo, como que experimentamos uma especie de lenitivo á condolencia das penas alheias, e ainda ao padecimento das proprias, quando a razão nos mostra que são merecidas; porque então reconhecemos n'ellas a sancção da lei, sem a qual esta não fôra mais que um conselho, uma exhortação vazia de força para obrigar. Tambem, se os males são inevitaveis, encontra-se fundamento d'allivio na mesma necessaria força do acontecimento, porque então fica ao menos salva aos olhos da razão a responsabilidade da consciencia. Igualmente, se o sacrificio, a preço do qual nos propomos conseguir um grande bem, é o menos penoso dos sacrificios capazes de conseguil-o, esta ponderação adoça-lhe o amargor, porque então verifica-se a melhor sorte dos humanos destinos que é padecer dos males o menor, Mas ah! que d'estas tres fontes de raciocinio não póde dimanar consolação alguma ás dôres de Maria; em primeiro lugar, porque o objecto das suas dôres, o filho bem-amado de suas ternissimas entranhas, que vê feito um homem de tormentos, desde o vertice da cabeça até ás plantas dos pés, é a mesma innocencia por natureza; não foi Elle, fomos nós que merecemos aquellas penas; depois, porque nenhuma necessidade o podia submetter á cruz, só sim o seu independentissimo querer, a sua infinita caridade; e ultimamente, porque sendo, como é, certo que tudo o que

proviesse de um Deus a titulo de satisfação seria de preço infinito, fica indubitavel que a justiça do Eterno Pae podéra ter exigido menos do Salvador para a redempção dos homens. Qual será pois o escudo adamantino que assim impenetravel evite o golpe ás dôres de Maria; porque a Virgem delicada, a Mãe extremosissima, superior á natureza e á razão, permanece, firme, (que tal é a significação d'aquelle — *stabat*) junto á Cruz de seu Filho? Qual será? É aquella virtude omnipotente, que dará força a quem a possuir, ainda no minimo tamanho de um grão de mostarda, para dizer aos montes — passai-vos d'aqui para acolá, e elles hão-de passar — é a Fé, christãos; é a Fé. Vejamos.

Subindo um pouco acima dos ultimos dezoito seculos e lançando em redor a vista sobre o vasto theatro da terra, observa-se no primeiro plano, Roma, a despotica princeza de quanto alumia o sol, rodeia o mar, dominada pelo gravemente cruel, malvadamente avarento, e torpemente libidinoso Imperador Tiberio, a quem seu mestre definia um pouco de lodo amassado com sangue; Roma, digo, erguendo todavia templos a Tiberio, adorando seus crimes, achando em suas ferocidades o typo dos heroes, em suas depravações os attributos de um Deus; e o universo inteiro, seguindo o exemplo de Roma, abysmando-se com ella n'esta abjecção. Nenhuma união moral entre os povos, a terra feita um mercado de escravos, as nações entregues ao ferro dos soldados, os direitos do homem desconhecidos, os direitos da sociedade violados, um povo privilegiado e todos os outros barbaros, os vencedores dizendo sempre — desgraça aos vencidos! os philosophos, repellindo a esperança, dizendo sempre — morte ao infeliz! o povo ignorante e opprimido regosijando-se, não de ter perdido a liberdade, porém de vêr a

ruina de seus antigos oppressores, e avido de um futuro que não conhece, comprazendo-se de augmentar o numero dos miseraveis e de pedir hoje a morte dos tyrannos que adorára na vespera; o sangue humano correndo sobre os altares para aplacar os idolos, em quem se não acredita, e nos espectaculos publicos para recrear uma populaça tão vil como os seus deuses. Em uma pequena secção d'este panorama vê-se o povo judaico, idolatra não, mas carnal, desconhecendo já o verdadeiro sentido das promessas e aguardando um Messias na unica esperança de que elle quebrará como conquistador os ferros da nação; os phariseus pagando o dizimo da hortelã e da arruda e desprezando a justiça e o amor de Deus; e os doutores da lei sobrecarregando os homens de obrigações que estes não podem desempenhar, sem que elles com um dedo lhes alliviem a carga. Tal era em rapido esboço o aspecto do mundo á época do sacrificio do Homem-Deus. A prudencia humana, preoccupada da significação politica d'este quadro, lançando as vistas de seu criterio sobre a scena do Calvario, exclama — a Cruz é escandalo, a cruz é fraqueza, a Cruz é loucura! Como sacrificio de reparação é muito humiliativo para um Deus; como elemento novo de sociedade, onde estão para plantal-o os estadistas com seus estratagemas, os exercitos com suas armas? como religião, onde estão os oradores mais facundos que os d'Athenas e Roma para propagal-a? A Cruz é escandalo, a Cruz é fraqueza, a Cruz é loucura! Brado aterrador, que partindo, qual medonho trovão, de todos os angulos da terra, retumba no coração de Maria e ameaça de abalar sua constancia. Mas o anjo dos divinos oraculos, a Fé, acudindo prestes desenrola aos olhos do seu espirito o brilhante painel do complemento dos vaticinios, e ahi lhe mostra os patriarchas, ou reis justos, e

os prophetas inclinando-se perante a Cruz, como os feixes de trigo dos filhos de Jacob perante o mysterioso feixe de seu irmão Joseph; Moysés e Aarão abdicando aos pés da nova Arca da alliança o Racional, a lamina d'ouro e o ramo de amendoeira, symbolos do sacerdocio hebreu, cuja missão ia terminar, porque o livro dos sete sellos já estava aberto aos pés do Grande Pontifice segundo a ordem de Melchisidech, que succedia aos Aaronitas; — o colosso da idolatria formado de todos os imperios do mundo, cahindo em pedaços ao toque da Cruz, como a estatua de Nabucho ao golpe da pedra despedida sem mãos da montanha; porque o Senhor tinha dito: Eu abolirei os nomes e até a memoria dos idolos, e as nações idolatras saberão um dia que sou eu que abati o lenho elevado, e elevei o lenho baixo e vil na apparencia; — as orgulhosas escólas dos philosophos, emmudecendo ao pregão da nova philosophia do amor de Deus e dos homens, do perdão das injurias, da caridade universal, porque o Senhor tinha dito: Eu confundirei a sabedoria dos sabios e reprovarei a prudencia dos prudentes; — os imperantes, as nações, toda a carne revoltando-se contra um codigo que condemna as suas paixões; até no pensamento consentido, mas revoltando-se em vão, porque o Senhor tinha dito: De que serve ás gentes bramirem e aos povos meditarem cousas vãs? Debalde os reis se ligam contra o Senhor e o seu Christo; — todas as nações finalmente ajoelhadas aos pés da Cruz, abaixando a cabeça para receber o baptismo, erguendo os braços para receber o Evangelho e clamando a uma voz em mil idiomas diversos — Venceu Christo! A Cruz é gloria — a Cruz é poder, a Cruz é sabedoria infinita! Maria crê, e sua alma se fortalece, Maria crê, e a Fé torna-a aquella Mulher forte que Salomão não pôde encontrar. Mas outro im-

mediato choque mais rijo que de ariete tenta dissipar a muralha de fortaleza d'esta nova filha de Sião?!

São os que passam, que movendo a cabeça por escarneo, dizem para o crucificado: ó tu que havias de destruir o templo de Deus e reedifical-o em tres dias, se és o filho de Deus desce da Cruz; — são os soldados que dizem: se tu és o rei dos Judeus salva-te; — são os principes dos sacerdotes, os escribas e phariseus quando dizem: salvou aos outros, e a si não póde salvar-se; é Christo, rei d'Israel desça da Cruz e acreditaremos n'elle. Pedem um milagre e não o vendo concluem que o novo Sansão não póde quebrar os seus ferros. O maternal amor, nascido da carne e do sangue, quereria aqui clamar com o propheta: Ó meu Deus, não emmudeças, porque a bocca dos peccadores e falsarios está aberta sobre ti e te desacreditam: o maternal amor quereria aqui que o Senhor confundisse os blasphemos com as mesmas armas e no mesmo campo para que o provocaram; mas o anjo dos divinos oraculos, a Fé, inspira a Maria estas consoladoras verdades: Bem longe de dever descer da Cruz por ser o Filho de Deus, é por isso mesmo que elle não desce. Seria da dignidade de um Deus aceitar o injurioso desafio de alguns malvados quando lhe viram praticar tantos milagres como elles proprios confessam — *alios salvos fecit* — e não acreditaram? Um Deus teria a fraqueza de regular o uso da sua omnipotencia pelos insultos dos seus inimigos? de mudar, em seu obsequio, todo o plano da religião, toda a economia da lei? de desmentir, para satisfazer uma vã curiosidade, todas as prophecias, um sacrificio começado desde toda a eternidade no seio do Eterno Pae, continuado em teu seio, ó Virgem Mãe, e prestes a consummar-se no Calvario? Essa raça de viboras pede um milagre; ahi o tem no impio atrevimento de

suas blasphemias porque estavam vaticinadas; pede um milagre de poder, ahi o tem de maior esphera, ahi tem o milagre dos milagres d'amor. Escute. É o Senhor que ora a seu Eterno Pàe dizendo: — Pae, perdoai-lhes porque elles não sabem o que fazem — Tambem estava vaticinado — *Pro eo ut me diligerent, detrahebant mihi, ego autem orabam.* Maria crê, e sua alma se fortalece; Maria crê, e a Fé torna-a aquella Mulher forte que Salomão não pôde encontrar. Eis que novo clamor se faz ouvir, agora tanto mais pungente ao coração de Virgem quanto não parte este já da bocca da philosophia incredula ou impiedade blasphema, porém sim da bocca de seu proprio filho. Meu Deus, meu Deus, clama Jesus com uma voz grande, porque me desamparaste? Até este momento já no Senhor, as faces de lividez roxeada — as fontes encovadas — o nariz afilado — as palpebras entreabertas — os olhos embaciados — o tremor dos labios — o estertor da garganta — o descompassado arfar do peito — a dilaceração das carnes — as deslocações dos ossos — o escorrer do sangue por tantas feridas — a corôa d'espinhos — os cravos — tudo indicava assás o immenso padecimento do corpo; não excluia porém a idéa consoladora de que talvez o espirito, por effeito de superior conforto, estivesse tranquillo, mas agora aquelle brado annuncia que o espirito tambem nadeja em um mar de tribulação. E que a Mãe extremosissima não possa valer-lhe! Oh! que dôr tão acerba, que não sei se lhe chame inconsolavel, insoffrivel desesperança! Sel-o-hia, se o anjo dos divinos oraculos, a Fé, não inspirasse dest'arte a Virgem. A primeira pena do peccado, o abandono de Deus, não a experimentará em sua humanidade o que tomou sobre si todos os peccados dos homens? O calix que lhe deu seu Pae não o esgotará até ás fezes, que são esse terrivel

abandono? E aquella voz grande com que bradou, exhalada no meio da extrema fraqueza pelo esgotamento do sangue e das forças, não é a prova de que morre porque quer; cumprindo-se assim a sua palavra: Eu tenho poder para deixar a vida e para tornal-a a tomar!? Maria crê, e sua alma se fortalece; Maria crê, e a Fé torna-a aquella Mulher forte que Salomão não pôde encontrar. Mas ai! Virgem dolorosissima, que novo golpe se vos prepara! Uma voz, a cujo echo vão estalar de sentimento as pedras, em que estado de ruina deixará o vosso maviosissimo coração? Os soldados, porque o Senhor dissera: Tenho sêde — ensopada em vinagre uma esponja e atando-a a um hyssopo, lh'a chegaram á bocca. Jesus porém havendo tomado o vinagre, disse — Tudo está consummado; e inclinando a cabeça, rendeu o espirito. Se podiamos até aqui exclamar com o doutor da Igreja S. Boaventura: — Buscamos a Mãe de Deus e encontramos espinhos e cravos; buscamos a Maria e encontramos feridas e açoutes, agora poderemos dizer mais — buscamos a Virgem das dôres e encontramos um cadaver. Não, fieis; porque o anjo dos divinos oraculos, a Fé, antecipa-se e descreve-lhe toda a significação d'aquellas palavras. Tudo está consummado. Tudo o que estava escripto do Messias no frontispicio do grande livro dos decretos divinos, está fielmente cumprido — os votos dos patriarchas e dos prophetas estão preenchidos, a plenitude dos tempos chegou. Tudo está consummado. A lei antiga está abrogada — a nova lei estabelecida. D'ora ávante haverá uma oblação mais pura, um sacerdocio mais santo, um povo mais fiel, ceremonias mais nobres, sacramentos mais efficazes, templos mais augustos, leis mais perfeitas, graças mais fortes, uma melhor alliança; reinará a adopção filial em vez do temor ser-

Tudo está consummado. A sentença da condemnação dos
ıens foi apagada no sangue de Jesus Christo; as suas di-
ıs d'elles estão pagas, o mundo ficou remido. Tudo está
›ummado. Jesus Christo conquistou o seu reino, destruiu
ıperio do demonio, aferrolhou o inferno, venceu a mor-
Que gloria! Que triumpho! Tudo está consummado. E
), em seu tanto, se vos deve, ó Virgem de ao pé da Cruz;
ȷue ao pé da Cruz consummastes aquelle: Faça-se em mim
ındo a tua palavra — que dissestes em Nazareth ao anjo
aixador; consentimento sem o qual não teria o Verbo
ırnado e o Homem-Deus remido com seu sangue o mun-
Maria crê, e sua alma já não só se fortalece, exulta. Maria
e a Fé já não só a torna aquella mulher forte que Salo-
não pôde encontrar; ostenta-a a mulher invencivel de
n o mesmo Deus vaticinára que esmagaria a cabeça da
ente traidora. Oh! que gloria! Oh! que triumpho! Como
fica bem esse diadema de rainha dos martyres, lavrado
s dôres do Calvario! Senhora, deixai-me dizer: Felices
s, que vol-o mereceram! Foi grande qual o mar a vossa
, porém mar que, a despeito dos rios de tribulação que
ıtraram, nunca perdeu a serenidade de suas aguas.
nto mais os desencadeados tufões de uma e outra e
dôres vos combatiam, firmando n'elles proprios as azas
Fé, qual aguia generosa, mais alto vos remontaveis.
ndo contemplo... (Digne-se Vossa Magestade descul-
me, se por ainda pouco versado na lição das belle-
das obras dos Santos Padres, seus panegyristas, fo-
as minhas expressões menos delicadas e mimosas do
convem a tão excellente Senhora) quando contem-
essas espadas de dôr que vos penetram o peito, es-
agrimas tão ternas que vos inundam os olhos e se des-

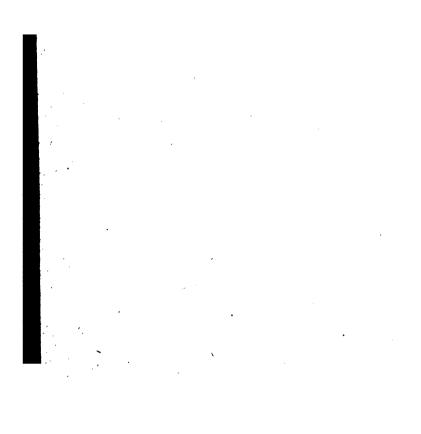
lizam pelas faces e vos vejo tão formosa e authorisada em razão d'ellas, lembraes-me a vide que ferida pelo gume da fouce, sim verte lagrimas, mas para se adornar de viçosos pampanos e enriquecer de copiosos fructos; lembraes-me a bandeira victoriosa que quanto mais lacerada tanto mais bella e respeitavel; lembraes-me... cale-se a minha fraca imaginativa e dê lugar a pensamentos mais altos. Ao grande Chrysostomo parecestes no Calvario o rochedo no meio do mar, que, por isso mesmo que soffreu constante o embate das ondas, se vê depois coberto de perolas que as aguas arrojaram na turbulencia da tempestade; assim, a preço das vossas dôres (*dat pretium vulnus*) vos vistes adornada e enriquecida ainda cá na terra, e maiormente depois no céo, de innumeraveis prerogativas. As minhas entranhas folgam de que as gozeis por toda a eternidade e ainda além.

Entre tantos e tão grandes beneficios á Virgem das dôres devidos, como Co-Redemptora nossa, eu não posso, eu não devo omittir um que exclusivamente vos pertence, ó sexo piedoso. É a vossa completa emancipação. Debalde o psychologista tinha demonstrado essencial identidade de faculdades em um e outro individuo, masculino e feminino, da especie humana; debalde o jurisperito tinha d'aqui deduzido mutua igualdade de direitos em ambos; esta base não era sufficientemente forte nem larga: não vinham quebrar-se contra ella as duvidas e objecções de muitos sabios e não abarcára o assentimento de todos. Mas desde o momento em que a Religião do Calvario diz: Uma Mulher foi Co-Redemptora do genero humano! as duvidas cessam, as objecções desapparecem e os grilhões cahem dos pulsos ás que são por natureza totalmente iguaes a Maria, como outr'ora cahiram os muros de Jericó ao mysterioso som das sacras tubas. Deixai agora

que ainda vos excluam de todas as situações de apparatosa representação no Estado; adornai-vos com o escapulario de servitas ou escravas (esta sim que é honrosa escravidão) d'aquella Soberana Senhora, e cheias de um santo brio perguntai ao sexo opposto: Por este exclusivo privilegio nosso, que dar-nos poderieis das vossas preeminencias sociaes? Mas, dilectissimas em Jesus Christo, tão particular beneficio está exigindo particular reconhecimento; e nenhum mais apropriado do que dilatar com o exemplo e com a doutrina aquella Fé que vos emancipou, esta devoção que vos ennobrece. Dilatal-as uma e outra com o exemplo, bem está; quanto á primeira, a Fé, é preceito rigoroso; quanto á segunda, a devoção, é conselho salutar; ambos mui possiveis. Mas tambem com a doutrina?! Sim tambem com a doutrina. Não me arrependo de o haver dito, porque em minha consciencia entendo que para tal é vosso, especialmente vosso, o mais efficaz magisterio. Quando ao tenro menino ensinaes a pôr as mãos e dizer: Pae Nosso que estaes nos céos; e finda esta, a principal das orações, logo a sua immediata em valor — Ave Maria, cheia de graça; oh! que então lhe gravaes na alma os primeiros sentimentos de religião para nunca mais se extinguirem, e despertarem sempre, quer na dôr, quer no prazer, aos dôces echos da voz materna. Christãos, todos nós recebemos este angelico ensino. Não o desmintamos jámais; não reneguemos pelas obras da Fé que professamos no baptismo e cujas primeiras lições nossas mães nos deram. Que! se dos verdugos que crucificaram a Christo com serem tão inhumanos, não consta que faltassem ao respeito á Senhora, não lhe tocando nem ainda levemente nas vestiduras, será possivel haver christão, mais intractavel do que elles, que se atreva a feril-a na parte mais sensivel da sua alma, que é a

honra do seu Filho? Derivando do sangue de Maria aquelle preciosissimo sangue que para nosso resgate foi derramado na Cruz, será possivel haver um tão ingrato christão que se anime a renovar as dôres da Virgem, tornando pelos peccados a derramal-o? É preciso estar louco ou ter degenerado em féra para commetter tão monstruosos procedimentos! Pois, caros ouvintes meus, aqui tendes o louco ou a féra que os commetteu. Com horror de mim o confesso, mas não posso nem quero negal-o. Ó Refugio dos peccadores, não me repulseis da vossa adoravel Presença! Vós intercederieis pelo proprio discipulo traidor, se Judas não desesperasse e tivesse querido converter-se. Eu bem sei que sou inda peior do que elle; mas tambem sei que maior, muito maior que os meus crimes, com serem tantos e tão grandes, é a misericordia do vosso Filho, da qual sois dispensadora clementissima. Veja Vossa Magestade se ha algum remedio para que eu não a tenha offendido na Pessoa do seu querido Jesus; porque, se o ha, e eu posso ministral-o, aqui estou prompto. Se é preciso que eu perca já a vida, perca-se embora; se é preciso que eu seja precipitado já nos abysmos — que o seja embora; sómente vos peço, não permittaes que eu lá blaspheme nem do nome de Jesus nem do nome de Maria. Mas bemdita seja a misericordia do meu Deus que me está dizendo: Eu não quero a morte do peccador; quero que se converta e viva. Agradecei-lhe Vós, Senhora; que só Vós o podeis dignamente fazer, por mim e por todos os peccadores, tal excesso de bondade. E, para de algum modo corresponder-lhe, alcancai-nos a graça de nunca mais offendel-o, não sómente por ser o nosso Deus, mas tambem por ser o vosso Filho. Em quanto vamos peregrinando por este deserto do mundo, cobri-nos com a vossa benção contra os ataques do leão; que ru-

ge em torno de nós, procurando devorar-nos; e lá na hora terrivel do passamento... ó Mãe Santissima, pois ha-de perder-se algum dos que ajudaste a remir com as vossas dôres?! Não o consintaes, Senhora! e quando as nossas almas estiverem para ser apresentadas no tribunal divino lançai-lhe uma lagrima das que chorastes no Calvario, e esta lagrima, qual novo baptismo, afugentára o inimigo nosso accusador, avivará o sangue do cordeiro e seremos salvos.

Assim seja; assim seja.

XXII

SERMÃO

NO

ANNIVERSARIO DO NAUFRAGIO

DO

VAPOR PORTO

Funeral-Cenotaphio, emblema da morte erigido no templo do Deus vivo, com que energia em tua mudez estás clamando: *Statutum est hominibus semel mori*—Nem juventude nem robustez, nem opulencia nem grandeza, nem genio nem talentos, nem formosura nem virtudes—nenhumas excellencias da vida valem a paralysar o braço da morte quando o Senhor da vida e da morte diz a esta: Chega e fere; e áquella: Esvaece-te como um sôpro. Fieis, só Deus vive, e só as obras suas permanecem. O homem, em quanto existe, não vive, é precipitado de morte em morte até completamente fenecer, e as suas producções de ruina em ruina até se aniquilarem. O Eterno, o Ente a se é agora, foi sempre e por todo o sempre será. Ao revez, aonde estavam antes de nascerem esses heroes, que o mundo chamou depois deuses da terra? No abysmo do nada. E hoje que é feito d'elles? Passaram como a sombra no quadrante; e sua talvez nem

reste uma resequida mumia ou uma pedra que diga: Aqui jaz.

O Senhor manda — e eis que brilha na immensidade do firmamento, cercado de seus satellites, como um rei sentado no throno em meio da sua côrte, o astro do dia. Debalde seculos sobre seculos se accumulam: dos raios de luz e calor, que por toda a parte e sem cessar esparge, o diluvio immenso não lhe enfraquece a força. Tão novo o encontrará o momento em que o Senhor lhe mandar que se extinga, como o encontrou o momento em que lhe mandou que luzisse. Appareçam agora as obras colossaes da mão do homem. Onde está Memphis, Troia, Babylonia, Carthago, esses antigos emporios da grandeza humana? D'alguns nem bem se sabe o sitio; dos outros apenas o indicam montões de ruinas. Fieis, só Deus vive e só as obras suas permanecem. Nós e as nossas cousas somos devidos á morte, estipendio do peccado, como lhe chama S. Paulo. Mas oh! bemdita seja, mil vezes bemdita a misericordia do nosso bom Deus que assim nos está dizendo: Eu sou a resurreição e a vida. O que acredita em mim ainda que morra viverá. Se no Eden trovejou o anathema: — Morrerás! — no Calvario não só resoa implorando graça uma supplica equivalente a um decreto: Pae, perdoai-lhes! — escuta-se já uma sentença de perdão: Hoje estarás commigo no paraiso.— Que o incredulo, pois, não veja na morte mais que a aniquilação, o nada —*post mortem nihil, ipsaque mors nihil* — lamentemos e condoamo-nos de sua infeliz cegueira. O christão vê no termo da existencia o principio da immortalidade; e aos olhos da Fé, a morte que pelo peccado de Adão era a cratera do abysmo, pelo sacrificio de Jesus Christo ficou sendo a porta do céo. Ora a alegria do céo, a felicidade do empyreo con-

siste na plenitude de dilecção com que Deus e os Bemaventurados reciprocamente se amam. Não ha porém nem póde haver perfeito amor sem completa união ou antes completa unidade dos corações amantes — *amor e geminis concinnat amantibus unum* — Como poderia pois no seio da Gloria identificar-se com Deus, pureza, santidade summa, uma alma, posto que em graça, a quem maculasse todavia ainda a mais leve sombra ou de peccado venial ou de divida de pena temporal no presente mundo não paga? Aqui de conseguinte a necessidade do Purgatorio; lugar e estado de tormento e esperança; profundo mysterio de justiça e misericordia, pelo qual o mesmo Senhor que pune quer ser exorado para que cesse de punir. Oh! e que sublime espectaculo se offerece agora a meus olhos! Eu vejo uma mystica escada lançada no templo entre o céo e o carcere de purificação; e os anjos da paz subindo áquelle com os vossos suffragios, descendo a este com o resgate das almas. Se lá na Roma pagã — Dignissimo Vice-Presidente, Snrs. Directores e demais Socios da Real Sociedade Humanitaria — se lá na Roma pagã o principe dos oradores exclamava que por nenhum meio se podia o homem assemelhar mais aos deuses do que salvando a existencia a outro homem, que incumbirá dizer ao orador christão, quando observa, que ao passo que solicitaes pela industria humana o temporal salvamento d'aquelles de nossos irmãos a braços com as grandes calamidades do mundo — os naufragios, as epidemias, as inundações, os incendios e semelhantes — correis n'este dia ao Templo a solicitar pelas orações e sacrificio do Altar a salvação eterna dos que succumbiram! Honra, louvor e gloria... Meu Deus, reconheço e proclamo que só vós sois grande, só vós digno de gloria, louvor e honra. Mas, Se-

nhor, seja-me licito na presença de Vossa Divina Magestade louvar uma Instituição, humana sim, mas que tem por espirito a Caridade; e a caridade é um dom da vossa graça, a caridade sois Vós. Assista-me a Vossa inspiração para dignamente o fazer. Augusta Padroeira d'esta Humanitaria Associação, Senhora da Caridade, pedi por mim; que áquelles por quem pede a Mãe, defere o Filho.

Senhores, não se arreceie a vossa modestia de que eu vá fazel-a córar, rasgando-lhe o véo com imprudentes insinuações a nomes ou pessoas; que seria isso desconhecer quanto desejaes, cumprindo o evangelho, que o bem que pratíca a mão direita o ignore a esquerda. Perante uma assembléa christã, perante uma sociedade humanitaria advogo a causa de quem pena e pede soccorro: não é preciso mais para que me anime a esperar attenção benevola.

A morte, diz o racionalista do seculo, é uma cousa muito natural, e d'ella sem razão nos queixamos. Todos os sêres vivos tem de subsistir uns á custa dos outros. Os mesmos animaes que chamamos feras só pream pela necessidade de viver. Nós somos mais ferinos do que elles; pois que não contentes de arrancar a vida ao manso cordeirinho e ao boi prestadio levamos a destruição ao proprio reino vegetal. Quantas vidas d'animaes e plantas immoladas á sustentação da só vida de um homem! Entremos pois complacentes nas vistas e plano da natureza. Ella não é cruel; se sacrifica á morte os individuos é para manter a vida das especies. Prescindindo do que esta doutrina tem de menos orthodoxo e concedendo mesmo que tal seja o dictame da razão, tal não é por certo a voz do natural sentimento. Ao meditar na morte, dentro da esphera das emoções da carne ninguem ha que deixe de ex-

clamar: Ó morte quanto é amargosa a tua lembrança. Consultai-me o ancião decrepito. Arrastra elle com mal seguros passos um tronco já inclinado para a terra, que em breve o ha-de encerrar; tremulas as mãos e sem vigor, mal sustem o bordão em que se apoia; nem cãs lhe guarnecem a fronte; seus olhos a custo distinguem os objectos; seus ouvidos deixam passar desapercebidos a maior parte dos sons; sua voz está quasi extincta; a memoria gasta, a imaginação lethargica; despreoccupado das illusões da vida, estranho ás impressões deleitosas, isolado do tracto dos homens, busca por conforto unico ao fogo do lar o calor que seus orgãos não preparam; é quasi um tronco: o homem, o que propriamente o fazia pertencer á sua especie está já morto. Pois n'este lastimoso estado ainda a vida lhe é cara, ainda a imagem da morte o aterra. Consultai-me o campeador impavido. Carlos V onze vezes passou e mediu os mais arriscados mares, sempre animoso, sempre invencivel; mas ao encarar a barra da eternidade tremeu, desmaiou. Que muito! se nem Vós, meu Deus, porque quizestes tomar sobre a vossa humanidade sacro-santa as enfermidades todas dos filhos de Adão, deixastes de temer o calix da morte.

Sendo pois que o lance do passamento ainda para o mais forte e para o mais desenganado é cruel, só de encarar; que fará de sentir? A angustia, que passa lá dentro d'alma no periodo da ultima agonia não podemos cabalmente explical-a os vivos, porque nos falta a experiencia; comprehendel-a-hemos todavia d'alguma sorte observando o que se passa no exterior do corpo do moribundo. Vêde. Que perturbação! que mudança! A face tinge-se de uma pallidez livida, as fontes encovam-se, os olhos embaciados pasmam ou convulsivamente se reviram, os lagrimaes humedecem, o nariz afi-

la-se, a bocca espuma, a respiração apressa-se, o pulso some-se, as extremidades esfriam e todo o corpo se cobre de um suor viscido. É o reflexo da luta entre a vida e a morte; é o echo da separação de dous amigos tão intimamente unidos, o corpo e a alma.

Então, se o transe da morte deve de ser terrivel ainda para aquelle a que os carinhosos desvelos de uma familia dedicada, os auxilios da religião e os esforços da medicina suavisam o padecimento do corpo e a tribulação do espirito, que fará para o infeliz a quem tudo aquillo falta, como soe de acontecer nas urgentes conjuncturas das inundações, dos incendios, dos naufragios... Os naufragios! oh! estes não constituem apenas um acontecimento desgraçado, são em si mesmos uma iliada de desgraças, a qual mais lamentavel e de mais prolongada agonia. Por isso é tambem contra elles que particularmente converge a tutelar missão da Real Sociedade Humanitaria. Assim que a expensas do horror de semelhantes catastrophes mal poderei dispensar-me de esboçar-lhe o quadro, a fim de collocar em seu mais alto nivel a importancia da dextera salvadora que se estende ás victimas, a benemerencia da Illustre Corporação que louvo.

O espirito humano perfectivel sempre, estudando talvez a engenhosa construcção de um pequeno peixe ou ave aquatica, descobre a navegação. Avança; e da tosca fabrica de uma simples jangada vai por graus subindo até á complicada edificação de alteroso vaso. Avança mais; e um ferro magnetisado, cujas extremidades por irresistivel attractivo buscam os polos, a bussola, vem servir de fanal, ou antes de longe-videntes olhos, ao navegante no meio dos aquosos desertos do oceano. Por ella Colombo e Vasco da Gama revelam ao mundo antigo dous mundos novos; e milhares e

milhares de casas fluctuantes, em que apenas a grossura de uma taboa separa seus habitadores do abysmo, se cruzam do norte ao sul e do meio dia ao septentrião, conduzindo a todas as regiões os productos dos mais distantes e oppostos climas. O espirito humano avança ainda, e ultimamente a applicação do vapor á nautica accelera-lhe as derrotas e torna-a até certo ponto independente das monções dos ventos e correntes — Que o racionalista não veja aqui mais que o amor do lucro especulando com a satisfação de necessidades facticias, ou a avidez de conquistas, porque me não será permittido a mim vêr a Providencia inspirando a mente humana para que, vencidas as distancias com que os mares separam os povos, todos os povos venham um dia a ser cidadãos da mesma patria? Mas que digo! A Providencia, impellindo o homem a que aproxime pela navegação as regiões separadas pelos mares, não quer sómente prover ao nosso bem temporal proveniente da associação. Um fim mais alto a dirige. Cumpria, ó meu Deus, que todo o mundo vos conhecesse e adorasse; era indispensavel que a vossa palavra se cumprisse — *Et predicabitur hoc evangelium in universo orbe, in testimonium omnibus gentibus.*

Talvez que o homem, semelhante á planta ás vezes melhor tornada no clima alheio, em o novo elemento que soube conquistar-se, encontre amiga hospedagem. Nada menos. Em quanto não sahir do valle das lagrimas, em qualquer ponto d'elle que respire, cingil-o-ha sempre uma atmosphera hostil, um ambiente de morte. Matam as nuvens com os raios, o ar com as pestilencias, a terra com os tremores, o fogo com os incendios, as ondas com os naufragios. Mata a fome e a saciedade, o riso e a melancolia, as feras e os ho-

mens... Ah quanto é veridico o epiphonema em que prorompeu o egregio cantor das glorias lusitanas:

> No mar tanta tormenta e tanto damno,
> Tantas vezes a morte apercebida,
> Na terra tanta guerra, tanto engano,
> Tanta necessidade aborrecida.

Na multidão, porém, das calamidades da vida uma existe que as excede a todas; são os naufragios. Nas outras ha por commum um inimigo só a combater; n'esta sempre muitos. Se não, vêde.

Lá vai sahir barra fóra aquelle galhardo baixel: soltam-se as vélas, alam-se os cabos, sobem as ancoras, restruge o apito de partida, despedem-se os amigos; e, com quanto seja penoso este abraço, adoça-o a esperança do regresso. Boa viagem! lhes bradam, e ficam rogando todos os corações que se interessam pelos que lá vão entregues á inconstancia das ondas. Eil-os já engolfados no alto oceano. Céo e mar, nada mais se descobre desde aquelle ponto negro que o navio representa no meio de tamanha immensidade; espectaculo sublime, de suspensão e surpreza ainda para os que o tem contemplado muitas vezes. De repente, espessa cerração escurece o dia; desencadeiam-se os ventos furiosos; moles immensas de pardacentas nuvens desatam-se em torrentes de chuva; — é um mar cahindo em diluvio sobre outro mar — retumbam dos trovões as bombardadas; a chamma dos relampagos, e o fogo dos raios, incendiando os ares, semelha volcões desabando dos polos; serros de vagalhões encavalgados ora guindam o baixel acima das nuvens, ora escachando o despenham nas entranhas do profundo; já reina a confusão

nos mareantes; ao mar! ao mar! grita um; arribemos! replica outro; amaina! amaina! diz este; orça e não amainar! contradiz aquelle; alijar toda a carga, é a voz que domina. Alija-se tudo; lá vai o patrimonio de tantos que ficam orphãos, o dote de tantas que ficam viuvas, a subsistencia unica de mil infelizes. Ao sopro dos tufões as vélas rasgam-se e voam, a mastreação desarvora; ao peso d'agua o leme indocil recusa de obedecer ao timão, e forçado parte-se; uma guinada emprôa o lenho ás voragens do mar, para ahi o afundir; outra aos rochedos da costa para ahi o despedaçar. Debalde as bombas laboram, o mar entra a seu sabor por todas as partes. Vê-se de quando em quando um clarão, e logo após escuta-se um estrondo surdo através do fragor da tempestade — são tiros de peça pedindo soccorro. Desgraçados! quem vos valerá! Perdidas estão já todas as esperanças nos meios humanos: o espirito sente a necessidade de bater á porta do céo, e clamar — misericordia! Estrella do mar, Consoladora dos afflictos, Mãe, acode-nos que perecemos! Ai! quantos consternadores espectaculos patentêa então de bombordo a estibordo aquelle pequeno recinto! Aqui — vê-se ajoelhado e com as mãos erguidas para o céo um terno filho a quem soçobra inda mais que o aspecto da morte, a idéa do golpe que no coração da idolatrada mãe vai desfechar a noticia do seu tragico fim: alli — um amoroso pae abraçado com as innocentes filhinhas... Acolá — robusto africano, a quem a sorte, ou antes a tyrannia dos homens outr'ora fizera escravo, mas a quem nobilitára a natureza, dando-lhe o coração de um Tito, esmorece, desanima. E todavia pouco se lembra de si! Quizera por mais tempo a vida para por mais tempo solver, com espontaneos serviços, uma divida que jámais lhe parece ter pago — a do seu generoso resgate. Inda aquella alma

beneficente espreita o ensejo de ser util a algum de seus tristes companheiros d'infortunio; e esmorece e desanima porque não póde vencer o impossivel de sêl-o. Mais além... Basta. Esta generica pintura iá sem o querer copiando scenas do naufragio occorrido á foz do Douro na funestissima noite de 29 de Março do anno proximo preterito: e eu creio que sobre inutil seria altamente inconveniente, inurbano até, renovar feridas ainda mal cicatrizadas. Assás dolorosas foram ellas para que se temam e evitem outras iguaes. Não é porém mister luz de cima para prophetisar que os naufragios continuarão aos cardumes, a persistir o facto de lesa humanidade de deixar em imprevidente abandono paragens perigosas e inhospitas dos nossos rios, barras e costa. Que coração pois haverá tão ferreo que recuse alistar-se n'esta cruzada de beneficencia que a Real Sociedade Humanitaria teve a gloria de primeira entre nós levantar? Vistes vós já como o bom general maneja os recursos todos do valor e da arte para recuperar os seus batalhões escolhidos, que o inimigo envolvêra e aprisionára? Vistes vós já como a aguia se debate para defender os filhos das garras do abutre? assim ou inda mais, o genio bemfazejo d'esta Real Sociedade se interessa e trabalha a pró de todas as victimas das grandes calamidades — designadamente dos naufragantes — Engenhosas machinas e aprestes, já para abordar a embarcação que periga, já para estabelecer-lhe communicação com a terra; asylos de soccorro aos submergidos em que reste a minima esperança de vida, para ahi se restituirem e convalescerem... Que grata recordação aqui se me desperta! Dizei-me se sabeis de scena tão sensivel e edificante qual essa que presenciamos no edificio do — *Salva-vidas* — de Novembro ultimo? Alli vimos distinctas damas prestando os opportunos soc-

corros aos naufragados tripulantes do hiate — *Aurora Liberal,* que se despedaçára e afundíra á barra. Com que carinho! com que desvelo os trataram! como se na pessoa de cada um d'aquelles desventurados lhes padecêra um pae — ou um esposo — um filho ou um irmão. Era que outro titulo não menos valioso lh'os recommendava; outro amor não menos energico as impellia — a caridade. Sexo piedoso, cultivai, cultivai um dom com que o céo vos privilegiou; porque (seja dito, não para fomentar vaidade, sim para inflammar zelo santo) só vós sabeis os segredos de uma compaixão ao mesmo tempo activa e meiga; só vós sabeis a arte de filtrar nas dôres balsamo de refrigerio que se insinue até ao coração.

Relevai-me a digressão. Ao lado da vereda que ia trilhando ostentava-se viçosa palma, afastei-me a colhel-a para a dedicar a quem tão de justiça é devida. Asylos de soccorro, dizia, aos submergidos — instrucções praticas sobre os primeiros cuidados a prestar-lhes, publicadas e profusamente distribuidas; auxilio e protecção ás familias necessitadas dos que perecerem; estabelecimento de sociedades filiaes em diversos pontos do litoral; premios pecuniarios — premios honorificos ás almas de fina tempera que não temem expôr a vida propria para salvar a alheia... Oh! e que bem merecidos são elles! Afigura-se-me vêr um d'esses animos fortes não podendo reprimir o impulso de compaixão que lhe ferve no peito; eil-o se atira sem hesitar ás ondas, investe-as, atropella-as, vence-as, e conduz são e salvo ás praias o misero naufrago. Que acção tão grande! Vinde, magnanimo heroe, receber a corôa civica que a Real Sociedade Humanitaria vos decreta. Que delicado prazer não deve inundar-lhe o peito ao recebel-a! A mim parece-me que o Imperador Ale-

xandre, da Russia, sentiria maior jubilo ao receber a corôa que a Sociedade Humanitaria de Londres lhe distribuiu por haver este monarcha salvado um naufrago, do que sentiria por ter ganho uma batalha.

Urge terminar. Baste o dedo, para se inferirem as dimensões do gigante; o capitel, para se conhecer a ordem da columna; pois que não é dado encerrar nos limites de um discurso os vastos e variados horisontes dos humanitarios fins a que se propõe esta Real Sociedade.

Mas, dilectissimos, por espantosas que sejam as calamidades da presente vida contra as quaes se arvora o escudo da vossa beneficencia, que parallelo tem ellas ou podem ter com as penas do Purgatorio em que talvez jazam as almas dos infelizes que adoptastes para protegidos na vida e na morte? As penas do Purgatorio são taes que S. Thomaz não duvída affirmar que a menor d'ellas é maior que todas as do mundo junctamente; e Santo Agostinho, S. Gregorio e o Veneravel Beda declaram que não tem palavras para lhes explicar a violencia. Que será com effeito um tormento a que o Omnipotente encarrega de desaggravar a sua gloria! Justos são, Senhor, aquelles castigos, e tão justos que se Vós não as condemnareis a elles, a elles as proprias almas se condemnariam. Mas, solícito pastor, são as vossas ovelhas, sagrado esposo, são as vossas esposas, pae amantissimo, são os vossos filhos e nossos irmãos que penam: fazei cessar o seu tormento e o nosso lucto. São-vos devedores, é verdade, e já não podem pagar por si: mas aqui estamos nós para pagar por elles: thesouro para muito mais nos deixastes; é o vosso preciosissimo sangue que acabou de correr sobre o altar. Consenti, Senhor, que elle penetre até áquelles abysmos e os seus fogos se extinguirão.

Principe da Igreja, Pontifice Sagrado, que vos praza descer do Augusto solio, a que tantos merecimentos vos subiram; e vir envolver a urna funeral em nuvens d'incenso, que se elevarão ao céo como symbolo das nossas orações; aspergil-a com a agua santificada, symbolo de que o sangue do Redemptor aspergindo as almas por quem intercedemos as dealbará acima da neve; cobril-a das bençãos absolutorias, symbolo dos votos da Igreja; para que desatadas áquelles angustiados captivos as suas cadêas de fogo, lhes conceda o Senhor descanço eterno e lhes faça brilhar a luz perpetua.

Requiem æternam dona eis, domine; et lux perpetua luceat eis.

XXIII

ORAÇÃO FUNEBRE

NAS

EXEQUIAS DA RAINHA

A SENHORA D. MARIA II

A expensas de tantas e tão evidentes demonstrações ainda parece um sonho, ainda o coração repugna a deixar-se persuadir da existencia do funesto caso! Mas o entendimento, a convicção não póde negar-lhe a realidade fatal. Sim, é certo — ai! que catastrophe! — é desgraçadamente certo. A Rainha Fidelissima, a adorada Soberana dos portuguezes, a Muito Alta e Poderosa Senhora D. Maria Segunda já não existe. *Siccine separat amara mors?* Pois assim a amarga morte nos separa de tão caro objecto? — Adoramos, Deus justo, e misericordioso, os decretos da vossa Providencia, quando mesmo nos parecem demasiadamente severos. Reconhecemos que, para com um exemplo terrivel admoestar as nações, feris ás vezes de prematura morte os bons Imperantes, que as regem. Assim vos aprouve deixar inopinadamente os portuguezes orphãos da sua Rainha. Vós nol-a tinheis dádo, Vós nol-a levastes. Seja bemdito o vosso nome.

Qualquer que fosse a elevação da Personagem que a morte restituiu á terra, o seu elogio funebre recitado á face das aras christãs seria uma apotheose pagã, profanadora do templo do Deus vivo, se o espirito e intenção que nos reune aqui não fôra o catholico desafogo de filial saudade; porque este sentimento, que a natureza inspira e a razão approva, santifica-o a Religião quando formulado em pios suffragios pelo descanço eterno d'aquella alma querida que se partiu.

Já trinta e quatro vezes o astro do dia afugentou as trevas da noite depois de recebido o acerbissimo golpe, e comtudo a ferida persiste tão viva e a commoção tão forte como no primeiro momento. Não espereis pois de mim nem imaginação para o colorido dos quadros, nem memoria para a fixação das datas, nem critica para a escolha dos termos e muito menos fleuma para a escrupulosa observancia dos rhetoricos preceitos. Um coração atribulado não tem tino para achar, não tem forças para dispor d'estes recursos. A dôr sente, não discorre, e a linguagem da paixão não comporta estudo. Talvez até fosse mais adequado entregar á eloquencia das lagrimas todo o discurso. E que discurso mais pathetico do que as lagrimas de todo um povo? Só um chefe superiormente amavel obtem o epicedio que a Escriptura consagra ao heroe Machabeo — *Fleverunt eum omnis populus Israel.* Este voluntario tributo jámais se pagou á memoria dos maus Principes: antes na sua morte os espiritos comprimidos pela ferrea mão de um poder oppressor como que se dilatam ouvindo sahir d'entre o fragor das ruinas do colosso o echo do santo dogma da igualdade — *Nudus egressus sum de utero et nudus revertar illuc* —; como que se indemnisam de uma supremacia violenta achando no mundo este ponto de contacto, este paradeiro commum á opulencia

e á miseria, á soberba e á humildade, ao sceptro e ao cajado. Na morte porém que deploramos o lucto que externo cobre a todos os portuguezes, cobre outro mais pesado interno lucto. Comtudo a vossa expectação não se contenta com estas silenciosas expressões; exige de mim palavras; e manda-me que renove a dôr infanda. Profundos mysterios do coração humano! As grandes amarguras comprazem-se de ruminar o absintho que as produziu. Mas oh! sublimidade maior dos thesouros da Religião. É justo, é conveniente recordar as virtuosas qualidades que adornavam a quem perdemos, porque n'essas qualidades assenta a consoladora esperança de que o Deus das misericordias, mediante os merecimentos infinitos da Victima do Calvario, lhe trocaria este transitorio valle das lagrimas pela eterna mansão dos ineffaveis gozos. Fallarei pois. Mas, senhores, negocios do mundo, segredos dos gabinetes, interesses dos partidos, razões d'estado, não conhece de tal o orador evangelico. O pulpito não é a tribuna da censura politica: d'aqui não ha senão uma palavra a dirigir ás diversas escólas da theoria da governação dos estados. Disputai, disputai muito embora ácerca dos meios da vossa temporal felicidade, visto como Deus entregou o mundo á disputa dos homens, mas sem quebra da caridade fraterna, porque d'esta está dependente a vossa felicidade eterna. Presupposto isto; e pois que a lampada da verdade já está accesa, porque já bateu a hora d'ella, que é a hora da morte, vamos ao seu fixo clarão vêr não longo epitaphio de sonhados meritos, mas breve quadro de provadas virtudes.

Principe da Igreja, que sois uma prova viva de quanto a finada Imperante sabia conhecer o solido merecimento e aproveital-o a bem dos seus subditos, propondo-vos da Portucallense Igreja ao Pontificio Solio, que tão dignamente oc-

cupaes — Conspicuo Senado, Dignissimo Representante da sempre leal cidade, a cujos gloriosos titulos juntou a remuneradora rectidão da Soberana o titulo gloriosissimo de Invicta — Portuenses, os amigos de D. Pedro por excellencia, e cujo valor restituiu á Rainha pela conquista o throno que seu pae lhe dera pela abdicação — Senhores, no musico instrumento bem afinado, embora menos habil mão lhe fira as cordas, ellas resoam em harmoniosa toada; suppra por igual theor no ponto sujeito a delicada susceptibilidade dos vossos sentimentos quanto falte de pericia ás minhas vozes ao fazel-os vibrar.

Nasceu Sua Magestade Fidelissima, que Deus haja em Santa Gloria, a Senhora D. Maria Segunda, a 4 d'Abril de 1819 — do fausto consorcio do Principe Real do então Reino Unido de Portugal, Brazil e Algarves, o Snr. D. Pedro d'Alcantara, com Sua Alteza Imperial, a Archi-Duqueza d'Austria, a Senhora D. Leopoldina Josepha Carolina. Os fortes procriam os fortes — Parece que da Europa as duas mais nobres Casas Reaes ou Dynastias se deram as mãos para produzirem um fructo que deslumbrasse em grandeza de nascimento toda a grandeza conhecida. Embora, muito embora aos olhos do nivelador social uma arvore genealogica, de cujos ramos pendam ainda os mais illustres brazões, não passe de um phantasma vão e ridiculo; em quanto no mundo se der culto á honra, aos olhos do philosopho moralista uma nobre origem será sempre preciosa acquisição de quem a recebe, como estimulo a imitar as façanhas de gloriosos antepassados. É por esta politica que na antiga Roma se usava collocar no atrio do paço dos Grandes as imagens ou retratos dos benemeritos de quem provinham. A Senhora D.

Maria Segunda encontrou, ao nascer, na historia dos seus maiores, larguissima cópia d'exemplos do mais subido primor em toda a ordem de heroicidade. Segundo a linha paterna, encontrou uma serie de varões illustres que a impulsos da Fé e do patriotismo dando ao mundo antigo dous mundos novos, levaram desde o tumulo do sol até ao berço da aurora, desde o Tejo até para além do Ganges, a bandeira das Sagradas Quinas, e com ellas o Christianismo e com elle a civilisação. Encontrou em D. Diniz um rei sabio, protector das artes e sciencias; em D. João 1.º um rei patriota, legislador, e communicativo com os seus subditos; em D. Manoel... Basta. Não suspeite alguem que do esplendor do nome dos avós quero reflectir luz para sobre o nome da Neta. A Senhora D. Maria Segunda não necessita de gloria alheia. Além de que esta Augustissima Princeza mostrou claramente em si apreciar muito mais a pureza dos costumes do que a pureza do sangue — que muito mais se gloriava do renascimento pela virtude do baptismo do que do nascimento segundo a economia das graduações sociaes.

Não foi só a graça ou dom de uma origem que sob o aspecto de illustre nada lhe deixava a invejar, a quem quer que fosse, o dom ou graça com que o Céo preveniu a pessoa da Rainha. O temperamento de que a natureza (e a natureza que outra cousa é senão o braço visivel da Divindade?) o temperamento de que a natureza dotou a Sua Magestade, não posso deixar de encaral-o como um relevante privilegio da Providencia, attentos os altos destinos para que a mesma Providencia a chamára. Em uma assembléa tão illustrada mal póde ser desconhecida a estreita relação e dependencia do physico e moral do homem; mal póde ser ignorado o axioma physiologico de que os temperamentos ou compleições do

corpo influem grandemente sobre a esphera da intelli;
e sobre o caracter ou indole dos sentimentos. A Rainl
receu ao Céo um temperamento composto de disposiç
postas que, contrapesando-se mutuamente, produziam
licissimo equilibrio: uma compleição em que a e
sensibilidade, de uma parte, é contrabalançada pel
impassibilidade da outra, a presteza das impressões pe
dade dos sentimentos, a imaginação pelo juizo, e na l
gem dos antigos, o calor do sangue pela frieza da p
compleição a mais idonea áquelle que tem de punir
miar, ser justo mas clemente, pae mas juiz, pacific
guerreiro; em uma palavra, áquelle que tem de ser rei
sultados os caracteres historicos que avultam na galer
reis não ficará desmentido o que assevero.

Nem esqueceram á Providencia os dotes exteriores n
fecção d'este amavel composto. A Rainha tambem era
Eu não fallo aqui d'essa frivola belleza, flôr que murcl
lampago que desapparece, ephemera douradura do v
argilla que a mão do tempo sacode, fallo da belleza
da pelo sabio que disse: Bello é aquelle cujo rosto a
com o agrado e contem com o respeito — *aspectu sim*
cet et terret — Nascimento, compleição, belleza...
dons do cego Acaso! Oh! isso ninguem dirá; porque nir
de bom senso e de boa fé admitte Acaso. Gratuitos d
Providencia! isto sim; pois que outra cousa não é
que temos de bom. Mas attendendo á fidelidade christ
que foram correspondidos taes dons, porque não acres
rei eu — antecipada recompensa das previstas virtud
Rainha?

Mas debalde o campo é fertil, debalde mesmo baix
céo as beneficas influencias das chuvas, calor e luz, s

a industria d'habil cultivador, solicito na escolha da semente e no acerto e actividade dos lavores, os fructos serão pêcos, descorados, sem gosto e sem aroma. A Rainha foi duas vezes filha de Sua Alteza Imperial, a Snr.ª D. Leopoldina — uma pelo parentesco do sangue, outra pela cultura do espirito. A Rainha teve por Mestra a Sua Augusta Mãe. A Sua Alteza Imperial reconhecia-a a opinião publica pela do seu tempo mais instruida Princeza até nas altas sciencias; e, quanto a predicados affectivos, conquistou ella um renome do que o qual não ha, não póde haver, outro mais glorioso, não estampado em bronze ou marmore, mas nos corações. Não temo errar quando affirmo que no Brazil até á ultima geração as mães transmittirão no leite aos filhos sentimentos d'affeição e respeito á memoria da Imperatriz e os anciãos das familias, ensinando aos netos a repetir com amoroso acatamento o seu nome, lhes dirão: A primeira Imperatriz da nossa patria chamava-se D. Leopoldina, por antonomasia — a Santa.

Com tal Preceptora o superior espirito da Alumna em breve se tornou apto para receber as impressões da verdade, nobre para se elevar acima das paixões e dos interesses, avido de saber, prompto em conceber as materias mais árduas, e feliz em exprimil-as; discernindo o bom do mau, e ainda o bom do melhor, dotado em fim de uma sabedoria tão profunda quanto precoce. As Côrtes da Nação o reconheceram por tal, quando dispensando nas regras ordinarias da idade declararam a Sua Magestade — maior — aos quinze annos. Se houve n'isto accidental conveniencia politica, o essencial fundamento da declaração foi o que deixo dito.

N'outra escóla porém não menos instructiva devia aperfeiçoar-se a Rainha — era na adversidade. Monarcha e Ci-

dadã de Portugal, viu-se privada do throno e da patria, precisando aceitar por asylo as terras do estrangeiro; Senhora delicada e mimosa, curtiu os rigores de longas e tempestuosas viagens; Coração dedicado ao santo amor da familia, arrebatou-lhe a morte, em estreito gyro d'annos, Mãe, Pae, Esposo, Filha e Irmã; Mãe mais do que Soberana dos seus subditos, foi por vezes constrangida a vêl-os dilacerarem-se uns aos outros em guerras fratricidas. A prosperidade seduz, a desgraça aconselha, a prosperidade ensoberbece, a desgraça corrige a presumpção que se julga infallivel; a prosperidade faz-nos esquecer de Deus e reputarnos deuses; a desgraça chama-nos ao nivel do nosso nada e absoluta dependencia d'Aquelle que é tudo. Por isso o Divino Mestre exclamou: Ai! dos que riem! e em outro lugar — Bemaventurados os que choram. A Snr.ª D. Maria Segunda aprendeu praticamente no infortunio as virtudes que elle ensina, designadamente a compaixão para com os outros infelizes. A Rainha de Portugal podia com verdade dizer aquellas palavras que o Vate de Mantua fingiu nos labios da Rainha de Carthago — *Non ignara mali miseris succurrere disco* — na desgraça aprendi a ser piedosa. Refere-se de Sua Augusta Bis-avó, a Snr.ª D. Maria Primeira, que em certa occasião, ao desembarcar do coche, teve lugar de pela primeira vez vêr um mendigo coberto dos seus andrajos. « Oh! desgraçado, exclamou a bondosa Senhora ao pôr-lhe os olhos: Este é certamente um d'aquelles infelizes, de quem me dizem que não tem mais de duas iguarias para cada refeição. Já remedeiem-no por modo que não precise mais de pedir. » Comparai agora. Quando em Inglaterra, e sendo ainda a Rainha de mui verdes annos, como chegasse um dia á janella do palacio em que se hospedava, divisa uma multi-

dão de emigrados portuguezes que alli estavam esperando para terem o gosto de a vêr e saudar. Viu — ou figurou-se-lhe vêr, em alguns, symptomas d'escassas commodidades. Manda immediatamente chamar o Ministro dos Negocios do Brazil junto á Côrte de Londres, encarregado pelo Imperador de prover ás despezas da Casa de Sua Magestade Fidelissima, e diz-lhe: « Marquez d'Itabayana, eu já tenho presenciado que cousa é padecer necessidades. Não quero que os meus emigrados as soffram e para isso não reserve d'hoje ávante para mim além de um schellin por dia — tudo o mais que seja para elles. » De outra vez, constando-lhe que as prestações aos emigrados experimentavam atrazo, mandou novamente chamar o funccionario predicto e apresentando-se-lhe com o cofre das suas joias nos tenros braços, fallou-lhe n'estes termos: « Ou mande já vender estas joias para se pagar aos emigrados ou nunca mais na minha vida trajarei joias. » E depois de Rainha Reinante, bem que não podesse dispor (muito longe d'isso) de sommas iguaes ás que possuia Seu Augusto Avô, o Snr. D. João 6.º, da numerosa multidão d'infelizes a que este bondoso Rei soccorria com pensões do Real Bolsinho, a nenhum despediu, a todos continuou de estender a mesma valedora mão. Quantas não serão agora as lagrimas d'esta pobre gente na perda da sua Bemfeitora.

Até aqui em rapido esboço as inestimaveis qualidades da Rainha, considerada *in individuo* ou singularmente; apreciemol-a agora em especimen não menos breve — (não só pela estreiteza do tempo mas até porque nunca se diria assás por mais e mais que se dissesse) apreciemol-a agora já como Chefe do Estado ou Mãe da portugueza familia; já como Chefe de familia ou Mãe dos Principes portuguezes. Qual precioso thesouro era a Snr.ª D. Maria Segunda com relação aos seus

subditos de boa vontade? Era a segurança, a fiadora da cessação de muitos males — oh! quantos e quão grandes! Bastem estas poucas palavras para que a vossa penetração lhes comprehenda todo o alcance. Era o penhor da realisação de muitos bens e a promessa fidedigna de muitos outros. Era o palladio da liberdade — a consolidadora... e consolidar não vale menos que instituir — era a consolidadora da obra do Grande Pedro — Não se obscurece a gloria do Pae dando-lhe a Filha por competidor — eram dignos um do outro. Era o iris de bonança, o anjo de paz que conjurava as nossas desallianças domesticas: e quando o incontestavel poder dos acontecimentos tolhia que lhes evitasse a irrupção, lá estava a clemencia do seu coração maternal para lhes suavisar os effeitos. Perseguição aos vencidos foi palavra de vingança que nunca sahiu dos labios da Rainha; ao revez — perdão, esquecimento, amnistia.

Preciosa nos era ainda a Snr.ª D. Maria Segunda pelo quanto nos custou collocal-a em seu throno constitucional. Custou-nos muita lagrima derramada, muito sangue vertido, muitas fortunas arruinadas, muitas privações padecidas. Eu trago á memoria estas cousas apenas para exclamar: Mil vezes bem empregados sacrificios que um tal thesouro nos obtiveram!

Senhores, eu não desconheço nem rejeito a celebre maxima de que, no systema representativo, o Rei reina mas não governa; comtudo e ainda no rigor theorico d'este principio, julgo não poder negar-se que ao Rei constitucional pertence uma grande parte nas medidas governativas que se tomam em seu nome, já pelo veto com que póde oppor-se á sua promulgação, já pela faculdade de regular antes d'este do que d'aquelle modo a execução das mesmas elegendo li-

vremente os principaes agentes do poder; já n'um e n'outro caso pelo prestigio da Corôa, com que lhes realça a sancção. E certo fica outro sim que, por essa grande parte que aos reis constitucionaes cabe na legislação do paiz, evidentemente se revelam as suas tendencias politicas ou pensamento governamental. Senhores, eu não posso mencionar aqui todas as leis d'este actuoso reinado — *ex digito gigas* — apenas indicarei algumas. As tendencias politicas, ou pensamento governamental da Rainha revela-se — na lei da liberdade da imprensa; principio fecundo, capaz de quasi per si só levar a sociedade á maxima perfeição possivel e cujos desgraçadissimos abusos longe de desmentirem, confirmam-lhe a excellencia, visto que quando a corrupção é pessima é signal de que o que se corrompeu era optimo.

Revela-se — nas leis protectoras do espirito d'associação que unico é capaz de crear essa força prodigiosa, triumphadora até dos obstaculos que a propria natureza oppõe á realisação dos gigantescos projectos com que a ousadia do homem busca satisfazer as necessidades sempre crescentes da sociedade actual. Revela-se — nas leis protectoras da industria fabril e da agricultura, que, como transfundindo sangue vivificante n'um corpo moribundo, nos ergueram da ultima decadencia n'aquellas duas forças do Estado ao consideravel vigor que hoje temos.

Revela-se — na abolição de monopolios que opprimiam o commercio e empeciam a industria.

Revela-se — na reforma do systema administrativo dando maior independencia e preponderancia ao municipio, que em boa razão se deve considerar uma pequena republica, governada segundo os seus interesses peculiares no que não vá offender os interesses geraes; porque só assim é que

um povo se póde dizer verdadeiramente livre, nutrir amor á terra em que nasceu e desvelar-se por tornal-a prospera.

Revela-se — na reforma da instrucção publica pelo immenso incremento que se lhe deu — aperfeiçoando os methodos antigos, instituindo ramos novos, augmentando o numero das cadeiras e principalmente creando o ensino pratico agricola e industrial, cujas immensas vantagens são obvias.

Revela-se — na confecção dos codigos, administrativo e criminal, levada já a effeito e no zelo com que do civil se diligenciou o conseguimento. Os codigos são a clareza do direito, a certeza da justiça, e consequentemente a protecção do individuo e a segurança da sociedade. Não ha paiz civilisado sem codigos.

Revela-se nos cuidados relativos ao melhoramento da viação publica — nas differentes tentativas para o realisar e no muito que a tal respeito se tem conseguido já, se quizer attender-se que, em objecto de tanta necessidade e de tão reconhecida vantagem, principiar é tudo. Revela-se em fim nas muitas leis com que Sua Magestade diligenciou medrasse entre nós o systema constitucional, fazendo-o amar pelos gozos moraes e materiaes beneficios de que é fonte.

Vimos a Constitucional Legisladora do Estado, passemos a vêr a Regia Legisladora da Familia.

Com razão disse um philosopho antigo: Dos homens as virtudes ou os vicios, attribuí-os ás amas que os criaram, isto é á primeira educação, á educação domestica. Toda a educação que não tem por base a idéa religiosa é incompletissima; poderá, quando muito, conseguir aperfeiçoar um animal naturalmente mais intelligente do que os outros, mas nunca formar, dirigir um espirito innatamente dotado da no-

ção do justo e do injusto, do bem e do mal moral; um espirito que, qual planeta aberrante da sua orbita, corre de passagem por estas regiões da terra para ir fixar-se em mais alto firmamento para que foi creado. O homem só é verdadeiramente homem e só completa a sua essencia pelas suas intimas relações com Deus. Fóra d'aqui eu não vejo, eu não sei que alguem possa vêr n'elle mais do que um pouco de barro organisado para alguns dias de duração. Alumiai esta estatua com a luz da philosophia, que como cousa da terra tende para os centros sublunares, verá talvez um pouco em torno de si, mas nada, absolutamente nada, para além da campa: e o homem tem horror á aniquilação; quer, anhela viver depois da morte. Isto, quanto á crença: e quanto á moral — qual é a fonte de todos os crimes? o egoismo, o exclusivo amor de nós mesmos: que remedio oppor-lhe? o amor de Deus e do proximo — a Religião. As maximas divinas da Cathequese Christã foi a Rainha quem n'ellas instruiu a seus Augustos Filhos, não se limitando a exarar-lh'as no papel ou explicar-lh'as aos ouvidos, inspirando-lh'as ao coração com aquella suave influencia de que só uma mãe póde dispôr e gravando-lh'as alli para sempre com o exemplo. O Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa ouvindo de primeira confissão ao Principe Real — hoje Rei — e ao Snr. Infante D. Luiz, Duque do Porto — ficou tão maravilhado da extraordinaria proficiencia dos Reaes Jovens nas doutrinas da Fé — que chegou a dizer — prouvera ao céo que todos os parochos da sua diocese as soubessem assim. Talvez porém que a educação de um principe, mirando as alturas do throno, não possa achar a sua base no lar domestico e tenha de ir buscar na sciencia dos doutores, nas lições dos cathedraticos, não já sómente o seu desenvolvimento, porém até mesmo o seu alicerce. Erro

— illusão! A Verdade Eterna dignou-se ditar aos reis o peculiar fundamento da grande arte de reinar — *Et nunc, reges, intelligite* — Escutemos. — *Servite domino* — servi ao Senhor. E a mesma Verdade Eterna declara que, para saber levar este suave jugo do serviço do Senhor, convém ao que ha-de chegar á idade de varão que se costume a tomal-o desde a mocidade — *Bonum est viro portare jugum ab adolescentia sua* — desde a mocidade, que a educação materna affeiçoa como o oleiro affeiçoa o barro.

Se o ramo, em quanto vergontea flexivel, não fôr obrigado a curvar, quem ha-de depois dobral-o quando já rijo tronco? Quem ha-de conseguir que obedeça á lei aquelle a quem é tão facil persuadir que nasceu para mandar — que não tem superior sobre a terra, se desde os verdes annos não fôr doutrinado na obediencia ao poder paterno? Esta obediencia inoculou-a S. Magestade por modo no animo dos Principes que se tornou proverbial, e o espelho que todas as mães apontavam a seus filhos. — Senhores, para de uma vez dizer tudo — a solicitude de S. Magestade em multiplicar os meritos de seus augustos filhos só era proporcional á modestia com que evitava occasiões de alardeal-os. Em prova do que digo referirei um facto. Havendo o Principe Real redigido certa composição latina, seu respectivo mestre achou-a de tanto valor que instantemente supplicou á Rainha permittisse dar-se á estampa. «Não, respondeu a Soberana; supponde mesmo que haja sido imparcial no juizo que formou da producção litteraria do Principe, ainda é cedo para que se elle apresente como author.»

É esta exemplar educação que, junta aos nativos talentos explica a pasmosa proficiencia dos Principes nos estudos maiores. Senhores, Portugal não póde hoje, a varios respei-

tos, disputar preferencia com muitos Estados que outr'ora deixava após si; mas, quanto ao esmalte da Corôa na perfeição intellectual e moral da Regia Prole, não tem ahi que ceder a nação alguma.

Fundadas esperanças alimentavamos de que o magestoso sol que assim desparzia vida pelos céos da patria muito distava ainda do seu occaso. Oh! do homem confiança vã se se fulcra n'um braço de carne. A aguia generosa, quando mais alta se remontava, eis cahe improvisamente ferida de setta mortal. Morreu! tão joven — tão vigorosa! Perder a vida por ter dado a vida! Fugir-lhe a luz por ir dar á luz! Obstetricia, princeza das artes, tu, potente por tuas armas, laureada por teus triumphos, eia salva-nos a Rainha e te ergueremos obeliscos! Que vale o poder do homem contra o querer de Deus? A sentença está lavrada, ha-de infallivelmente executar-se. Mas quem se animará a incumbir-se da funebre intimação? Não foi preciso recorrer á voz de um propheta estranho para dizer á Rainha como a Ezequiel — Tu vaes morrer — Sua segunda Mãe, a Augusta Viuva do Imperador, teve a coragem de prestar-lhe este melancolico mas caritativo officio: e, nas duas varonís Senhoras, a amorosa dedicação de uma viu-se correspondida pela heroica resignação da outra... heroica resignação, digo eu? valor christão! Contrastando a impressão dos seus tormentos; e a propria dôr sopeando, porque nos outros doe; sobre os que desfeitos em pranto, de joelhos, lhe cercam o leito da morte derrama compadecidas vistas: como os anjos, talvez, do empyreo, olhando as sotopostas espheras, contemplam com piedade a terra quando espantosos os raios a fulminam. Recebe com fervente fé os sacramentos; e reclinada nos braços do Esposo — que desfallece de dôr — d'elle se despede com affectuosas ca-

cias. Lembram-lhe os idolatrados filhinhos e acena que lh'os chamem. Antecipou-se o anjo da morte e brandindo a espada pronuncía a palavra solemne: a cinza á cinza torne; solte-se o espirito que do céo ha vindo: e descarregou o golpe. Ouviu-se um brando suspiro — foi o ultimo — expirou.

Senhores — dai-me por finalisada já a minha agra missão; e permitti-me que descendo do pulpito um silencioso abraço de pezames seja o remate d'ella... Porém não, esgote-se o calix até ás fezes.

Lá parte do Regio Alcaçar o funebre sahimento. Ao longo d'aquellas mesmas ruas que tantas vezes atravessára entre acclamações e vivas, radiante de formosura, juvenil verdor e pomposas galas — agora

> Assim como a bonina que cortada
> Antes de tempo foi, candida e bella,
> Tal morta vai a pallida Senhora,
> Seccas do rosto as rosas, e perdida
> A branca e viva côr co'a dôce vida.

Além dos caracteres officiaes acompanham espontaneamente o prestito deputações litterarias — artisticas — do commercio — em uma palavra, de todas as entidades sociaes que tem na capital fórma collectiva. Nem ainda faltam authorisados representantes do gremio politico para quem todavia o symbolo da Realeza é outro — São monarchistas-portuguezes-cavalheiros... não era de esperar menos. Guarnecendo o longo transito, de um lado e outro, alas de militares — armas em funeral, fumo no braço — alas de cidadãos, em rigoroso lucto, descobertos e empunhando brandões accesos. ma. passar o real athaude, a continencia do estylo, a inclina-

ção profunda com que viva a cortejavam, agora para os seus restos mortaes parece reverencia pequena: de todos se dobram os joelhos até ao solo e em lacrimosos suspiros lhe mandam o ultimo — adeus. Acompanhemos, senhores, mentalmente os habitantes da capital n'esta cruel despedida. — Augusta Neta dos nossos Reis, *vale*: Heroica Filha do mais heroico pae, *vale*: Extremosa Mãe do nosso novo Rei e de todos os portuguezes, *vale*, *vale* — *vale*. Eil-o entra, o feretro, os porticos do Templo e observados os officios ecclesiasticos, lá é depositado no jazigo eterno. Acabou-se tudo! Tudo, não: Restam ainda, os epitaphios, os mausoléos, a historia. Mas de que podem servir á sua alma estas honras posthumas? Suffragios, estes os obsequios de que ha mister. Sim, eu cuido vêl-a n'esse lugar de expiação onde os espiritos plenamente se purificam antes de voar a identificar-se no céo com Aquelle que é a perfeição por essencia; eu cuido vêl-a estendendo as vistas para as regiões do seu Portugal, como que querendo implorar-nos... Falla; falla, Espirito bem amado, em que podemos ainda obedecer-te? — Parece-me ouvir-lhe — « Ah! quão severa é a conta que Deus pede a um que foi rei. N'estas trevas esmoreço á espera do resgate. Ó vós, a quem eu chamava com tanta complacencia os meus portuguezes, de mim vos condoei, que vol-o mereci e o necessito. A vossa piedade, Filhos meus, apresse a hora do meu livramento — pagar-vol-o-hei no céo pedindo tambem por vós. » Sim, sim, ó querida Mãe, ó amada bemfeitora, tu não bateste ás portas de corações ingratos e endurecidos... Fieis, por irreprehensivel que fosse, como foi, a vida da Rainha, não é menos certo que só da misericordia divina póde ainda o maior justo esperar a sua remissão. Se pois não foi illusão da minha phantasia aterrada o quadro que se me figurou: se effectivamen-

te a alma da Rainha ainda jaz em penas, ó portuguezes vamos centuplicar os suffragios — e permitti-me que de tantas boas obras que podemos como taes offerecer — depois do sacrificio do altar, eu vos proponha uma. É a extincção dos odios politicos — Se por impossivel houvesse entre nós um homem, tão brava fera, que invadindo o jazigo dos nossos Reis em S. Vicente de Fóra e ousando espedaçar o caixão que contém o Real Cadaver da Soberana lhe arrancasse a Corôa, rasgasse o Manto e lhe cuspisse no Rosto, que dirieis d'este monstro? Pois, portuguezes, maior crime do que profanar os restos mortaes da Soberana que representou a patria, é dilacerar as entranhas da mesma patria aos feros golpes das guerras civis. Quando o Genio mau da discordia vos tentar armar a dextra de ferro matricida, figurai-vos o magestoso vulto da adorada mãe que perdemos, que ajoelhando ante vós vos diz: — Paz a teus irmãos, que tambem foram meus filhos.

Portuguezes, vamos renunciar sobre aquelle sarcophago os odios que divorciam a Familia Portugueza — E que este christão sacrificio, hostia pacifica banhada no sangue do Cordeiro, impetre do nosso Bom Deus se digne conceder presto á alma da Rainha o eterno descanço e a luz perpetua.

FIM

INDICE